



- A HEGEMONIA DE LAVENDER -

Lucca Prestes Bordin

—

# Sinopse:

*Entre espadas, lanças e arcos, muitos seres destas terras preferem usar suas próprias garras e sua brutalidade como armas para rasgar seus inimigos e provar seu valor neste mundo impiedoso e ambíguo.*

*Com a humanidade dizimada, outras raças de origem posterior herdaram o dever de compreender os primórdios do mundo de Mayah e como suas diferentes religiões e políticas poderiam estar, de alguma forma, interligadas.*

# Agradecimentos:

*Este é um mundo que nunca teria sido escrito se eu tivesse seguido o caminho que outras pessoas escolheram para mim. Se dependesse de alguns amigos e familiares, este livro não existiria, assim como, se dependesse apenas de mim. Este universo é fruto do esforço das melhores pessoas que conheci exercendo o que fazem de melhor.*

*Obrigado especial aos melhores players de RPG que eu poderia pedir: Victor Tacine, José Roberto, Guilherme Barbosa, Paulo Mello e João Vitor Bertin.*

*Aos revisores empenhados: Bernardo Mello e Guilherme Gaia.*

*E aos artistas sem igual: Giovanna Rosa(@greencube6) e Lucas Gabriel (@HelloKyo).*

*Mayah não conta a história de heróis, mas sim, é desenvolvida por.*

## Capítulo 01 - Novos Rumos

**Ano 280 - Noite 15 ▪ Salos - Capital de Ártemis**

O céu noturno e estrelado cobria a grandiosa cidade. Salos, reconhecida como a capital do povo élfico, era também renomada por suas diversas inovações cotidianas. A arquitetura de toda cidade era composta por altos prédios retangulares, lojas sofisticadas com vitrines e postes de luz abastecidos com pedras de energia que iluminavam as calçadas.

A cidade era moderna mas também existia equilíbrio com a natureza. Diversas árvores podiam ser encontradas em praças populares próximas ao centro da cidade, juntamente de estátuas e monumentos históricos que complementavam a experiência cultural de quaisquer raças diferentes que visitassem o lar élfico.

Salos possuía harmonia, mas, naquela noite em especial, tudo parecia estar mais feliz do que o normal. Tudo estava de fato diferente. Com a presença de menestréis que entretiam a audiência com poemas e histórias élficas, um grande evento se iniciaria na metrópole. Por mais que diversas lojas e barracas tivessem sido montadas para a divulgação de uma grande notícia, muitos dos melhores guardas estavam presentes para a contenção de quaisquer infortúnios inesperados. Seria a primeira vez em mais de uma década que um vampiro pisaria em território élfico.

Após muitos anos de cartas compartilhadas entre Keen, o Rei elfo e Lavender, a Rainha vampira, um novo acordo se formou. Tendo em vista explorar novos continentes e terras juntos, ambos os povos aceitaram fazê-lo como uma só nação. Muitos viam o acordo como uma forma de redenção dos vampiros pelos males que causaram ao mundo no passado, pois muitos os apontam como culpados pela extinção da raça humana. Porém, outros constataavam o proposto por Lavender como uma armadilha. Fumaça para uma nova guerra que traria a ascensão de uma nova era onde os vampiros, finalmente, reinariam sobre lycans e elfos.



Divididos por dúvidas e conspirações, o evento principal em Salos aguardava a chegada de Aradia, a grande general vampira, que havia sido enviada por sua Rainha para dar luz ao plano de união inter-racial. Os melhores guerreiros elfos de Ártemis estavam a seu aguardo e, mesmo com um grande número de civis na capital, tudo estava já planejado pelo exército élfico para uma possível declaração de guerra caso fosse da vontade da vampira.

A capitã da guarda, Laerdra, estava apreensiva. A elfa era uma das poucas mulheres altas e fortes de sua raça. Sua armadura metálica era pesada, porém, compacta. Seus longos cabelos loiros estavam quase sempre presos em um coque baixo. Seus olhos azuis e demais traços faciais delicados eram ofuscados por uma enorme cicatriz que cruzava do canto esquerdo de sua testa em formato diagonal até o fim de seu queixo. Contudo, o ferimento adquirido durante a última guerra que participara não diminuía seu número de admiradores.

*“Se ela tentar qualquer coisa, eu juro que serei a primeira a atacar.”* - Diz Laerdra em dialeto élfico; - *“Eu já disse que acho isso uma péssima ideia?”* Pergunta ao Rei enquanto termina de puxar as cortinas que cobriam o palco durante a ausência de Aradia.

O Monarca era um homem sério. Seus cabelos eram longos, lisos e negros com poucas ondulações. Seus olhos fundos e acinzentados demonstravam nítida dor e luto por sua falecida esposa. A vestimenta que a figura real costumava usar em público era uma compacta armadura de metal escuro e pouco reluzente. Ele sempre estava armado.

*“Aradia é uma vampira. Sabemos suas fraquezas, e, mesmo que ela discorde dos ideais de sua Rainha, creio que não seria tola a ponto de nos desafiar de tal maneira.”* - Keen observava o fluxo de civis, imaginando o pior cenário possível em que a cidade poderia se encontrar; - *“Eu entendo seu desejo de vingança pela cicatriz deixada em seu rosto, porém, acredito que, se o que Lavender diz for verdade, talvez você nunca tenha a oportunidade de retribuir o ataque de Aradia.”* O Rei passa seu polegar levemente no final da cicatriz localizada no queixo de sua leal guerreira. Laerdra vira seu rosto lentamente e fecha seus olhos.

Correndo rapidamente, meia dúzia de guardas se aproximou do grande palco. Um deles subiu as escadas da estrutura para ir de encontro a Keen e lhe entregar informações. As informações eram de que diversas criaturas atacavam a entrada da cidade, dizimavam soldados sem qualquer dificuldade e em breve estariam se aproximando ao centro da capital élfica. A paz havia sido cortada juntamente de sons distantes de canhões localizados na entrada principal da grande cidade.

...

### **Ano 280 - Noite 08 ▪ Tenebre - Capital de Héros**

Agonia. Este é o sentimento de Albert ao despertar subitamente após um pesadelo. O vento da noite gritava através de uma fresta em sua janela. O homem vivia em um quarto frio e bagunçado, sem quaisquer caprichos ou cuidados. Pelo cômodo, vestes velhas e rasgadas, canecas de madeira com restos de vinho tinto, papéis espalhados por sua mesa de escrever, tinta para escrita derramada e já absorvida pelo chão de carvalho escuro. Rodado por tal ambiente, sua única companhia era um antigo quadro de sua mãe, a qual não mais se encontrava ali presente.

Albert Sulkar era um vampiro relativamente jovem. Com menos de um século de vida e vindo da família Sulkar, uma família nobre, ele assumiu o cargo de sua mãe e seguiu seu legado. Diferente dos demais onerosos vampiros nobres, Albert servia Lavender sem qualquer devoção e, por isso, sua atitude era muito repreendida pela grande maioria de seus semelhantes. Não foram poucas às vezes em que Albert se atrasava ou faltava às reuniões e trabalhos para ele designados.

Ainda deitado, o vampiro de longos e ondulados cabelos cinzas decide sair das cobertas e entender o pesadelo que acabava de ter. Por alguns minutos, o nobre sem camisa ficou apenas sentado na beirada de sua cama, enquanto encarava fixamente a desorganização em seu quarto e tentava assimilar o que havia sonhado. Ele não se lembrava, apenas sabia que havia sido um sonho agonizante e perturbador.

Sem mais delongas, Albert decide se arrumar para mais um dos cotidianos encontros da nobreza para decidir assuntos logísticos das demais regiões de seu país. O vampiro então arruma seus grisalhos cabelos longos e veste seu largo traje tingido de vermelho com detalhes em preto. Seu uniforme possuía as mesmas cores da bandeira de seu país. De gola alta e mangas longas, Albert utilizava por baixo apenas uma leve túnica negra, a qual vestia em seu tempo fora de serviço.

Para finalizar seu preparo para a reunião, Albert agarra sua espada, a qual possui uma incessante mania de afiar, e a mantém no coldre em sua cintura. Não era do costume dos nobres carregar armas brancas. Vampiros podem muito bem usar suas garras e presas para defender-se de seus semelhantes. Mas Albert via valor em utilizar uma lâmina de prata para sua defesa pessoal. Manejar um instrumento era algo que o dava confiança para futuros conflitos. Era algo que gostaria de usar contra um elfo em algum momento de sua vida imortal.

Antes de sair de sua casa, ele passa pela sala, o cômodo que menos costumava passar seu tempo livre. Enquanto dava passos lentos, o homem passa seu dedo indicador levemente sob as teclas do piano em sua sala, apenas para vislumbrar a quanto tempo não o usa. Ele sempre se surpreende com a quantidade de poeira acumulada.

Sem ansiedade para deixar seu lar, Albert suspira e olha para o quadro de sua mãe na parede. Todos os elementos daquela casa estavam desarrumados de alguma forma, exceto a pintura. Esta permanecia intocada desde a infância do vampiro. Após uma profunda troca de olhares com a pintura, o vampiro se despede e sai de sua casa apenas para mais um dia de trabalho sem qualquer motivação.

A noite refresca e nutre a pele do nobre vampiro. Andando calmamente, com ambas as mãos em seu casaco rubro, Albert reflete. ‘Por quanto tempo as coisas permaneceriam de tal forma? Servir a uma pacifista e fingir que toda miséria de seu povo não existe? Lamber botas de elfos por terem vencido a guerra?’ Dia após dia, as discussões em reunião eram sempre as mesmas. Os planos de Lavender para a união de lycans, elfos e vampiros sem qualquer interferência dos sacerdotes.

O vampiro bufa, exalando insatisfação. As ruas eram escuras e sem qualquer tipo de iluminação a não ser a lua crescente. Seus passos faziam leves barulhos no chão rochoso da capital. As casas da zona nobre da cidade não eram grandes, mas tinham seu charme. De tamanho mediano, a grande maioria das residências e estruturas da cidade eram feitas de blocos de rochas cinzentos e resistentes.

Um pequeno rio de água corrente, provinda da Floresta da União, passava pelo interior de diversas cidades de Héros. Em Tenebre, grandes pontes de pedra foram construídas para interligar as diversas áreas da capital. Os residentes de Tenebre utilizavam a água para consumo sem qualquer preparo ou preocupação, afinal vampiros são imunes a quaisquer doenças ou toxinas.

Poucas nuvens estavam no céu naquela noite silenciosa. O nobre estava relaxado com ambas as mãos em seus bolsos enquanto atravessava uma das pontes de pedra que o levaria para o castelo de Lavender. Ele caminhava na lateral esquerda da ponte e olhava para seu reflexo no rio sem qualquer sinal de pressa.

“Os tempos estão mudando.” – Pensa Albert, em silêncio. Um gato preto surge ao lado do nobre e se esfrega em sua perna direita. O homem sorri com a demonstração de afeto do felino que, não após muitos segundos de carícia, segue em frente e deita no chão próximo a uma jovem vampira; – “Em cada década que se passa, mais nossos costumes se perdem. Quando eu tinha a idade daquela menina, crianças mal podiam sair de casa à noite temendo a violência das

ruas. Os tempos realmente estão mudando... Seria isso ruim?" O pensador passa ao lado da garota e seu gato e segue rumo ao seu trabalho.

Chegando no castelo de Lavender, Albert pensa em enrolar mais um pouco antes de adentrar o enorme salão regado a luz de velas. Alto e irregular, a aparência do castelo é composta de diversas torres que interligam as muitas salas e quartos da nobreza.

Dois guardas armados, com armaduras de ferro surradas e capacetes velhos e amassados, encaravam o nobre, esperando que o mesmo adentrasse o estabelecimento. Albert os encarou por alguns segundos com um olhar analítico e semi fechado antes de fazer uma pergunta, que para ele era estúpida, mas precisava ser respondida.

"Dois guardas." - Aponta o nobre; - "Por que não três? O castelo de Lavender não é importante o suficiente para ter mais um vampiro qualquer o defendendo?" Pergunta Albert, menosprezando a dupla a sua frente e retirando sua espada da bainha. Ele a afia enquanto os encara em silêncio. Os guardas se entreolham.

"Obedecemos ordens, senhor nobre. Se for solicitado que sejamos em três, então assim será. Contudo, as ordens são de dois vampiros na entrada principal, pois, se um for abatido, o outro poderia reagir e ter mais oportunidades de eliminar a ameaça." - Responde o guarda com precisão; - "Se você fosse um inimigo e me atacasse com sua espada, certamente o outro guarda o derrubaria enquanto você ainda executa seu golpe." O vampiro aponta com o polegar para seu parceiro.

"Você apenas esqueceu de um mero detalhe, senhor guarda..." - Albert guarda sua espada e a esconde em seu manto. Puxando ambas as mangas para trás, sorrindo o nobre continua; - "... Eu tenho duas mãos."

A pele dos dedos de Albert descascavam como se fossem finas pétalas. Suas unhas negras, na verdade, eram a ponta de garras completamente escuras e sua pele era apenas uma camada que cobria sua verdadeira mão. Todos os vampiros possuem tal defesa natural. Isto fazia parte de sua fisionomia e contribuiu para a sobrevivência da espécie até mesmo em guerras, podendo assim ignorar o uso de qualquer equipamento ou armamento para combater seus semelhantes ou inimigos de outras nações.

Ao término de sua breve ameaça, os vampiros se colocaram em guarda já esperando pelo pior. Albert solta uma risada sincera e abaixa suas mãos. Elas levariam alguns minutos para regenerar completamente sua pele. Sua risada gradualmente diminui e ele volta a olhar para a dupla de guardas a sua frente, afirmando:

“Foi apenas uma piada de mal gosto, uma brincadeira. Peço que me desculpem por isso. Eu, geralmente, não sou assim. É só que... Ando meio perdido e queria descontraír um pouco.” – Andando e passando pelos guardas, Albert abre a porta dupla de madeira que levaria ao salão do castelo de Lavender. Antes de adentrar completamente, o nobre se vira e continua; – “Agora é sério. Dois guardas não são nada. Vou solicitar a Lavender que, pelo menos, mais um vampiro possa os ajudar com essa tarefa. Por favor... Não sigam apenas ordens cegamente. Pensem um pouco também.” Finalmente termina o vampiro.

Enquanto adentrava o interior do formoso castelo, a pele das mãos de Albert já haviam parcialmente se curado de sua rápida transformação. A regeneração trazia consigo uma sensação de refrescância para o vampiro que, levemente, abria e fechava suas mãos com seus dedos ainda em carne viva.

Cantarolando, Albert olhava em volta. O salão era repleto de vampiros que usavam capas similares à sua. Pilares com velas, altas janelas abertas, bancos e mesas de madeira com diversos documentos espalhados por sua superfície. Esta era a caótica, porém organizada maneira em que os vampiros nobres se encontravam para suas diárias reuniões em seu ambiente de trabalho.

Tudo parecia agitado e estressante. O único contraste de calma e paciência em meio ao tumulto era o Conselheiro Geral, Allith Lazor, um vampiro Superior. Seus olhos eram castanhos escuros, assim como seu cabelo curto e rebelde. Sempre sorridente, o vampiro exalava seu carisma sem segurar piadas ou quaisquer formalidades durante o expediente.

Seu uniforme era uma jaqueta negra e com a bandeira de seu país representada em suas costas. Allith usava sua jaqueta aberta, sem qualquer vestimenta por baixo. Mesmo não tendo músculos definidos, o vampiro parecia sentir orgulho em exibir seu tórax e abdômen.

O traje dos vampiros Superiores também se destacava por usar as mesmas cores da bandeira de Héros, contudo de maneira oposta. Enquanto os mantos da nobreza tinham como cor predominante o vinho, as jaquetas dos Superiores eram completamente negras. Allith também usava luvas da mesma cor do traje dos nobres, apenas para complementar seu visual.

Atualmente, o vampiro se encontrava em pé, no meio do salão, enquanto anotava os ditos por diversos nobres que também redigiam documentos pelo grande lugar. Ele estava concentrado, porém, fazia algumas pausas para conversas com outros de seus colegas de trabalho eventualmente. Allith parecia um homem popular tanto entre vampiros do sexo masculino quanto feminino. Mesmo não o suportando em segredo,



Albert nunca ouviu falar de ninguém que não gostasse do famoso Conselheiro de Tenebre.

O Conselheiro Superior tinha como missão monitorar o trabalho de nobres e registrar quaisquer eventos e solicitações para a coroa, além de ser o mediador de requisitos dos guardas e outros Superiores. Em outras palavras, Allith era a ponte que filtrava tudo que Lavender deveria receber sobre as outras classes.

“Ora vejam quem decidiu aparecer! Senhoras e senhores... Albert Sulkar! Uma verdadeira lenda em nosso ambiente de trabalho!” – O Conselheiro anuncia em voz alta em tom de piada. Alguns dos nobres que não estavam tão ocupados riem com a provocação inusitada; – “Deveríamos comemorar sua aparição com um vinho mais tarde, o que acha? Eu, você, duas taças cheias... Uma cama...”

Allith termina em um tom sugestivo.

“Allith, avise a Lavender que mais um guarda será necessário na frente do castelo.” – Albert ignora as provocações e segue para as escadas que o levariam para os andares superiores do enorme castelo; – “Sala de reuniões no terceiro piso, correto?” Pergunta sem esperar resposta.

“Como você é cruel...” – Allith suspira; – “Sim, sim... Hoje é no terceiro piso, Albert.” O Conselheiro mantém seus olhos na prancheta que usava para anotar solicitações e observações.

Allith anota o pedido de Albert e o coloca como baixa prioridade.

O nobre subiu a escadaria em passos lentos e cansados. Olhando para cima, na tentativa de enxergar o último andar do edifício, ele subia e analisava que teria que ouvir coisas que não queria de pessoas que não se importava. Em seu tempo livre, Albert costumava treinar técnicas de combate, às quais no passado havia sido instruído por um dos grandes Superiores de Elite. O tempo que usaria para reuniões e afazeres deste tipo era tempo que poderia estar investindo em seu treinamento. Tempo desperdiçado de uma vida imortal.

Todos os nobres estavam sentados e focados na reunião. Incomodado e perdido em pensamentos, Albert abre a porta de madeira sem delicadeza, assim cortando a fala de qualquer um dos nobres que se pronunciava. Todos os participantes da reunião direcionam sua atenção à abrupta intromissão do vampiro que, indelicadamente, puxa a primeira e única cadeira disponível e se acomoda. Retirando sua lâmina do coldre, ele a afiava enquanto esperava a retomada da conferência.

“É exatamente sobre esse tipo de atitude que me refiro!” – O nobre que falava antes de ser interrompido pela chegada de Albert continua; – “Ele aparece quando quer, faz o que quer, e

Lavender não toma qualquer providência! Não podemos simplesmente mandá-lo para lá!” O vampiro termina apontando para Albert.

“Espere... O que eu perdi?” Albert pergunta confuso.

“Você esteve ausente por apenas dois terços da reunião.” – Uma das vampiras responde ironicamente; – “Hoje, Lavender nos revelou que possui planos diplomáticos com os elfos. Planos presenciais. E, com tal propósito, nós estamos decidindo quem enviar para tal missão. Por razões óbvias esta é uma tarefa complexa, delicada e arriscada e você está sendo cogitado a isso pois sua mãe era a responsável por fazer viagens entre cidades para averiguar e registrar seu estado. Portanto, naturalmente, esta seria uma tarefa que caberia a ela.”

“Então, permitam-me adivinhar a questão. Vocês não confiam que eu vá até lá e resolva esta inequação, graças à minha conduta com os compromissos daqui, correto?” Deduz Albert.

“Precisamente.” Outro nobre declara.

“Seus arrombados... É claro que eu vou.” – Diz Albert em tom baixo, sorrindo; – “Lavender jamais me recusaria tamanha tarefa! Ela deve isso a mim. Ela deve isso à minha mãe!” Indignado, Albert levanta abruptamente e se dirige à porta, a qual fecha com força ao sair.

Subindo as escadas, desta vez com velocidade e vontade em cada um de seus passos, Albert já chamava pelo nome da Rainha em voz alta, exigindo uma explicação para tal decisão. Ao chegar no último andar, a escadaria levava a um único corredor. Um único caminho até o quarto da renomada Rainha de Héros. A porta estava entreaberta. O nobre não demonstrou quaisquer cuidados em abri-la sem bater.

“Lavender, eu irei para a terra dos elfos. Eu viajarei para Ártemis!” Diz o nobre sem quaisquer cuidados ao visitar o cômodo real.

Uma bagunça devidamente organizada. Diferente de Albert, Lavender realmente tinha ordem em todos os elementos de seu quarto. O local era espaçoso. Um tapete cor de vinho, uma grande varanda aberta, por onde a brisa das alturas chegava com facilidade, colossais cortinas de coloração que combinavam perfeitamente com o tapete, uma escrivaninha com diversos documentos, cartas e candelabros com velas derretidas. Nenhuma taça de vinho. Infinitos livros estavam espalhados pelo cômodo formando pilhas em volta de sua cama de casal, na qual Lavender permanecia deitada lendo.

Sua aparência era única. Uma vampira com sangue vermelho, pele levemente púrpura, longos cabelos negros que iam até seus pés. Sempre usando leves vestidos, a magra vampira encantava todos que a visitavam com seu doce aroma e beleza ímpar.

A luz da lua e algumas fracas velas do velho candelabro iluminavam o ambiente. Tal atmosfera era agradável para a leitura da vampira, que se sentia confortável com a amena iluminação. A matriarca estava de repouso sobre as grossas cobertas enquanto lia. Descalça, com suas pernas cruzadas em direção à porta pela qual o nobre havia chegado, Lavender se inclina um pouco para ver quem era a visita indesejada. Ao verificar sua identidade e ouvir o dito por Albert, a Rainha ignora e passa para a página seguinte de seu livro como se nada tivesse acontecido. Isso enfurece o nobre.

“Lavender!” Albert fala em tom alto e raivoso. A Rainha suspira.

“O que deseja, pequeno Albert? Quem autorizou sua subida?” Suspira a Rainha impaciente.

“Eu irei para Salos. Você não pode me impedir de continuar o trabalho de minha mãe!” O homem cerra os punhos e dá um passo à frente.

“Abaxe seu tom.” – A mulher fecha o livro e senta com suas costas apoiadas na parede de sua cama; – “Primeiramente, entenda sua posição. Você não tem metade da responsabilidade e comprometimento que sua mãe possuía. Não possui mentalidade nem visão para resolver assuntos diplomáticos entre nações.” Tocando seus pés no chão, a Rainha põe-se de pé e deixa o pesado livro em suas mãos sobre a escrivaninha ali próxima. Ela continua.

“Peço perdão pela sinceridade, porém creio que seja necessária para que compreenda nossa situação.” A vampira fica à frente de Albert. O nobre era apenas alguns centímetros mais alto que a Rainha; – “Sua visão é limitada. Isso não é culpa sua. Mesmo que eu explicasse o resultado final de nosso plano, você não o compreenderia até vivenciar com seus próprios olhos. Infelizmente, esta é a realidade.”

Uma das coisas que mais indignava Albert era a falta de influência que possuía. Mesmo sendo um nobre, ele nunca pôde convencer Lavender em quaisquer aspectos. O vampiro sentia como se sua vontade ou opinião nunca fosse considerada nos planos de sua Rainha. Para ele, tentar argumentar a ir para Salos parecia uma causa perdida.

“Por outro lado, sua mãe tinha visão.” – O dito por Lavender chama a atenção de Albert; – “Akarina Sulkar era uma grande nobre e, acima de tudo, uma grande mulher. Uma das poucas neste país a ter minha confiança absoluta. Ela, sem sombra de dúvidas, iria para Salos como minha representante.” Os olhos da Rainha voltam-se para o chão, em respeito à falecida nobre que tanto admirava.

“Eu sei que não confia em mim. Mas deixe-me provar meu valor! Se tem algo que eu realmente me importei nessa vida foi com a felicidade de minha mãe. Ela... Ela era alguém que merecia um filho melhor.” – Albert sutilmente morde seu lábio inferior; – “Então saiba que, farei o que for preciso para honrar a vontade dela. Nunca tenha dúvidas disso.” Termina olhando com motivação para os olhos escuros de Lavender. A Rainha solta um leve sorriso.

“O que você acha, Aradia?” Diz a Rainha olhando através de Albert. O nobre toma um susto e olha para trás, só assim percebendo a grande general vampira em suas costas.

“Por mim ele pode ir. Creio que tenha motivos de sobra para não fazer qualquer besteira em território estrangeiro.” Comenta Aradia de braços cruzados.

A renomada general do ENH (Exército Nacional de Héros) se chamava Aradia Tenebre. Um nome tão famoso no país quanto o da própria Rainha Lavender. Participante de ambas as guerras envolvendo todas as raças de Granland, sua fama em campo de batalha a faz ser temida por outras raças e admirada unanimemente pelos vampiros. Muitos a clamam como a vampira mais poderosa que já existiu, beirando o potencial da deusa Tormenta.

A mulher era a mais alta da sala. Seus olhos eram vermelhos como sangue humano. Sua pele, completamente pálida, quase tanto quanto seus longos cabelos brancos e ondulados. Seu rosto era fino e em volta de seus olhos era possível observar manchas negras. As vampiras fêmeas costumam usar seu próprio sangue negro como forma de maquiagem ao redor dos olhos e seus lábios.

Suas roupas eram as mesmas que sua irmã, Lizha Tenebre, utilizava nas cerimônias ritualísticas. Longos mantos da cor dos vinhos, com algumas amarras para o manter justo. Contudo, também era visível uma escura armadura abaixo da comprida vestimenta. Aradia também estava armada de uma espada embainhada em sua cintura.

“Aradia Tenebre... Eu não... Tinha ideia de que você também iria para tal missão.” Diz Albert sem graça.

“Sim, eu serei a líder desta operação. A princípio, apenas eu e Cétrico, que guiaria a carroça, iríamos para Salos. Mas, visto que faz tanta questão de ir para registrar os ocorridos, deixo tal ocupação em suas mãos.” – A lendária vampira repousa sua mão no ombro do nobre. Albert não soube como reagir; – “De acordo, Lavender?” Pergunta em voz baixa, demonstrando respeito a sua soberana.

“De acordo, Aradia. Eu o deixo em suas mãos. Vocês partem amanhã no recém-anoitecer.” – Lavender vira de costas; – “Estejam na Última Dança para celebrarem juntos uma última vez antes de partir.” Mais uma vez, a Rainha retoma seu livro e repousa em seu leito, assim se focando em sua leitura.

“Sem problemas, vossa majestade.” Aradia se retira sem se despedir do nobre.

“Certo, Lavender.” – Albert vira de costas. – “Eu... Agradeço a oportunidade.”

“Apenas honre o legado de sua mãe, pequeno Albert.” A vampira muda de página.

“Eu irei. Eu irei...” Albert caminha para fora da sala.

## **Capítulo 02 - Convidado de Honra**

### **Ano 280 - Dia 07 ▪ Bankas - Limites de Héros**

O dia minguava para seu fim. Isso significava que era a hora de muitos vampiros despertarem para seus afazeres noturnos na famosa vila nos limites de seu território. Bankas era um vilarejo que fazia fronteira com a Floresta da União, a floresta que unia todos os países das três raças do continente, Granland.

Sendo literalmente a porta para Héros, a vila era uma das menores do país vampírico e, graças à sua localização única, era também a encarregada do transporte de madeira para o restante do país.

Com colheitas fartas e grande número de recursos acessíveis, Bankas era uma grande referência para os vampiros no quesito de produtividade. Lavender sempre mantinha isso em mente para quaisquer planos. A única estrutura rochosa do local eram os altos muros que cercavam a vila e mantinham uma proteção razoável, juntamente de uma ponte que era abaixada para permitir a entrada e saída de qualquer um que pretendia transitar pela importante fronteira.

No passado, existia uma vila completamente diferente naquele mesmo território. Uma vila pacífica e com poucas defesas. Tal povoado fora destruído por um ataque élfico durante a Guerra de Tormenta e, desde então, viver lá se tornou uma prova de coragem. Sendo a porta de entrada para outras nações, nada garantia que Bankas não sofresse outro ataque como o realizado no passado.

Com o chegar da noite, os três Superiores de Bankas se juntaram em seu local de encontro noturno, o topo da entrada principal. Os muros rochosos possuíam em torno de 15 metros de altura. Grandes escadas de madeira eram utilizadas para escalá-lo.

No topo, era possível ver boa parte da entrada de Bankas. Grupos de vampiros indo coletar lenha, caçadores se equipando, mercadores oferecendo seus diversos produtos. Um bom início para a rotina cotidiana de uma das vilas mais importantes do país. Essa era a visão da primeira vampira a chegar no ponto de encontro dos Superiores.

“Eles estão atrasados... Que novidade.” Usando uma jaqueta negra com grandes rasgos nas costas para libertar suas asas, a Superior estava sentada na ponta do alto muro. Entediada, apoiando seu cotovelo em sua perna e segurando seu queixo, a jovem vampira de aparência cansada encarava todos os seres abaixo.

A franja em sua testa atrapalhava um pouco sua visão, mas isso não a trazia incômodo. Seu curto cabelo bagunçado não chegava em seus ombros e era tão escuro quanto seus olhos negros. O modo como a vampira usava o sangue para complementar sua aparência não demonstrava vaidade. Nos cantos de seus olhos, borrões de seu próprio sangue negro demonstravam uma fração de sua personalidade desorganizada que se completava, por fim, com uma agressiva queimadura vindo do início do pescoço até o final de seu queixo. A vampira era frequentemente perguntada sobre e odiava comentar a origem da marca permanente em seu rosto.

Seu nome era Azaroth, uma das vampiras mais jovens a se tornar Superior. Reconhecida por muitos como uma mulher irreverente, arrogante e sem filtro, seu baixo tamanho amenizava a intimidação natural de sua atitude. Os únicos seres que eram dignos de seu respeito eram Aradia e Lavender.

Sons de passos eram projetados em direção a uma das altas escadas de madeira que estavam presas à muralha. Azaroth os ignora e continua a apreciar a vista. Quem subia era seu aliado, Venum. Usando sua jaqueta negra quase sempre fechada, o pálido Superior era completamente careca e não possuía sobrancelhas. Sua altura beirava quase 2 metros, sendo assim um dos vampiros mais altos existentes. Em seu fino rosto ele possuía belos olhos verdes como bromélias e penetrantes como de uma serpente.

Após atingir a maioridade, vampiros não envelhecem em aparência. Contudo, mesmo sendo muitas décadas mais velho que Azaroth e tendo lutado em guerras as quais a vampira nunca havia estado presente, não eram poucas às vezes em que a vampira apresentava mais maturidade e experiência que o Superior. Venum admirava isso em Azaroth e não eram poucos os convites entregues a sua aliada para uma relação mais íntima. Todos recusados com desprezo e repulsa pela reativa mulher.

“Boa noite, Azaroth. Teve um bom repouso?” Pergunta seu aliado.

“Você e Lestro estão atrasados. Onde aquele incompetente está?” A vampira ignora o perguntado por seu parceiro.

“Peço perdão pela demora. Minha alergia não me permitiu um descanso digno.” Diz Venum pressionando com seu indicador e polegar o espaço de seu nariz entre os olhos.

“Eu não perguntei o motivo de seu atraso.” – A mulher se vira para Venum com indiferença; – “Vá atrás do outro palerma. Hoje é o dia mais importante de nossas vidas. É o dia que vamos provar nosso valor para Lavender e Aradia.” Sua indiferença se torna seriedade.

“Você não está preocupada? Morenar não é um lycan qualquer... Lestro já o viu derrotar a própria Radia.” – Diz Venum, preocupado; – “Isso foi durante a Guerra Final. Eu também estava lá... De fato, alguém arrancou a cabeça da general e, pelo que Lestro diz, Morenar foi aquele que mastigou o crânio sem dificuldade. Se fosse qualquer um de nós no lugar dela, não estaríamos aqui hoje.” Ele termina movendo seus olhos esmeralda para baixo, apenas imaginando com temor, como isso seria no cenário atual.

“Você não percebe nossas vantagens? Estamos praticamente em casa. Todo terreno fora de Bankas até o início da Floresta da União é cercado por armadilhas de cobre banhadas por seu veneno. Esta tarde eu mesma fui verificar o estado das armadilhas, fiz a manutenção das que foram ativadas por animais e isso me rendeu uma boa refeição.” – A mulher fica de pé; – “Além disso, lycans são afetados por qualquer tipo de material. Até o menor dos cortes em sua pele pode ser um fator decisivo para a ação de seu veneno no organismo dele. Minhas armadilhas são inofensivas a nós e letais a qualquer outra raça.”

“Eu... Apenas estou inseguro. Matei alguns lycans durante a Guerra Final, mas as lendas a rondar sobre este em específico são muito brutais. Ele é considerado o lycan mais forte que existe, Azaroth. Você realmente sente que está protegida por meras armadilhas?” Assim que Venum termina seu questionamento ele é recebido por um olhar irritado de sua companheira.

“Se você considerar que nosso possível inimigo é um lycan que se desgastou vagando pelo continente inteiro, e pode estar ainda ferido por minhas armadilhas, então sim! Eu diria que estamos muito bem protegidos!” Azaroth se aproxima de Venum, a diferença de altura era notória. Por alguns segundos a mulher se manteve furiosa, encarando os olhos do vampiro, por ser subestimada pelo homem que considerava o mais covarde dos Superiores.

O momento foi interrompido por outra pessoa que estava subindo as escadas. Azaroth olha para baixo apenas para confirmar as suas suspeitas. Sim, aquele que se aproximava era o integrante remanescente do trio.

“Sem brigas vocês dois... A noite mal começou, vamos pegar leve.” Dizia Lestro enquanto terminava de subir as escadas.

O Semi-Ghoul possuía ambos os lados de sua cabeça raspados, apenas deixando uma longa faixa no meio de seu cabelo, a qual permanecia sempre trançada, similar a de sua mãe, porém seu rabo de cavalo era muito mais fino e terminava no começo de sua nuca. Seus fios de cabelo nasciam sempre brancos e, ao crescerem, se tornavam escuros nas extremidades.



Ainda com similaridades da Ghoul Lizha Tenebre, Lestro possuía olhos avermelhados como os de sua progenitora, contudo muito menos intensos. Seu maxilar era completamente coberto por um pano cor de vinho escuro, muito velho e desgastado, assim como sua jaqueta de Superior, a qual possuía diversos rasgos em todo seu tecido, principalmente em suas mangas. A máscara de pano servia para esconder um ferimento permanente, feito pessoalmente por sua tia Aradia, no tempo em que estava sendo disciplinado para ser um Superior.



“Aguentem-se até o final de nossa missão, depois disso podem se matar.” – Diz Lestro em tom sério; – “Nunca abaixem a guarda na presença de Morenar nem o subestimem. Ele é legitimamente um monstro.” O vampiro se aproxima de Azaroth. Sua altura era um intermédio entre Azaroth e Venum.

“Se Lavender estiver correta, ele chegará hoje, próximo ao meio da noite. Ela não costuma errar seus cálculos, mas duvido que seja tão precisa sem levar em conta as armadilhas que acabei de montar somente para nosso novo amigo.” – Comenta a vampira colocando a mão sobre sua boca para esconder uma sutil risada; – “Imaginem se entregarmos a general a cabeça do lycan que a decapitou?! Eu adoraria ver sua reação!” Diz a jovem soltando uma rápida gargalhada. Os homens se entreolham como se isso fosse algo típico de sua companheira. Eram raras às vezes em que Azaroth demonstrava excitação por algo que não fosse uma oportunidade de ter a aprovação das grandes vampiras.

“Eu adoraria ver sua reação!” Diz a jovem soltando uma rápida gargalhada. Os homens se entreolham como se isso fosse algo típico de sua companheira. Eram raras às vezes em que Azaroth demonstrava excitação por algo que não fosse uma oportunidade de ter a aprovação das grandes vampiras.

“Bom, mas onde você estava, Lestro? Você não é de se atrasar.” Venum força um sorriso sincero para seu aliado.

“Eu não lhe devo satisfação.” – Responde Lestro se voltando para as escadas, demonstrando estar para descer; – “Contudo, creio que seja uma informação que diz respeito também a vocês dois. Recebi uma carta de minha mãe. Em resumo, ela disse que, em breve, Radia sairia em viagem para Salos e que deveríamos ficar atentos aos próximos dias. Você deveria dar uma olhada nisso.” O vampiro entrega o manuscrito para Azaroth que o guarda em sua jaqueta.

“Estamos, mais uma vez, em um período intenso da história. Onde uma guerra pode começar a qualquer segundo.” Venum suspira, desapontado. Lestro começa a descer as escadas. Venum o segue.

“Lembrem-se, Morenar não fala nossa língua. Se vamos nos encontrar com ele, é melhor que façamos uma abordagem amistosa.” – Lentamente, Lestro descia a escada de madeira; – “Provavelmente ele não irá se recordar de minha aparência, principalmente agora com esta máscara. Porém, mesmo que tenhamos nos encontrado apenas uma vez e a décadas, é possível que ele se lembre do meu cheiro.” Termina o Semi-Ghoul chegando ao chão, calmo, porém apreensivo com sua missão.

Ainda no topo da muralha, Azaroth se contorcia para frente, abaixando sua cabeça e se encolhendo para, só então, libertar as asas negras de suas costas. As asas rasgavam sua pele, de maneira que pudessem se expandir e abrir completamente. Os membros adicionais eram grandes asas similares às de morcegos, como grandes mãos negras, com cinco dedos alongados até suas extremidades e uma fina, porém resistente pele escura entre estes, que servia para capturar o máximo de ar e tornar possível a vampira levantar voo ou planar.

Apenas dando um passo à frente, a vampira cai sem preocupação. O modo com que caía, a fazia colidir de cabeça no chão em poucos segundos. Faltando instantes para a queda, a mulher reposiciona suas asas para planar e evitar o forte impacto. Azaroth pousa ao lado de seus parceiros.

“Deve ser péssimo ser homem. Eu não sei o que faria sem minhas asas.” A vampira retrai os membros, sem qualquer resistência, para dentro de suas costas. Após poucos segundos, sua pele se regenera e as asas permanecem contraídas em seu interior.

Ao redor do trio, haviam diversas casas, estabelecimentos e outros vampiros fazendo suas atividades rotineiras na vila. A entrada de Bankas era um local de transação de muitos comerciantes de diversas cidades todas as noites. O grupo andava unido e discutia suas ideias enquanto iam em direção à ponte que declarava o fim de Héros e o início da Floresta da União. No caminho, Azaroth leu a carta escrita por Lizha Tenebre.

*“Lestro, meu filho, esta é uma carta simples que não passará pelas mãos de nenhum dos vampiros de Lavender. A maldita Rainha pretende iniciar uma conferência com um dos lycans mais poderosos do mundo. Você viu como ele devorou o crânio de sua tia e o mastigou. Aposto que ainda lembra do som dos ossos em suas presas. Lavender quer deixar tudo isso para trás. Ela é louca. Uma pacifista burra.*

*Eu e Aradia temos um plano em ação. Sua tia foi para Salos se encontrar com os elfos em outra conferência planejada por Lavender. Nós aguardamos décadas por uma chance como esta. Aradia vai usar alguns artifícios para testar as defesas dos elfos enquanto nós cuidamos de assassinar o maior guerreiro que os lycans possuem.*

*Infelizmente, não poderei os auxiliar em seu extermínio. Você sabe da minha atual condição. Contudo, irei garantir que Lavender ou qualquer um de seus aliados não se intrometam nesses assuntos e que você possa triunfar contra ele junto de sua equipe. Utilize todos os meios que achar necessários e apressem-se, pois em algumas noites será lua cheia. Não o enfrentem durante este período de forma alguma.*

*Mostre esta carta apenas para aqueles que você mais confia, Lestro.  
Que Tormenta o guie, meu filho. ”*

*Ass.: Lizha Tenebre.*

—

Com olhos espantados e novas dúvidas em sua mente, Azaroth estava surpresa com o que acabara de ler. Trair Lavender e seguir com os planos de Aradia eram coisas que Azaroth nunca havia cogitado antes. Uma ideia arriscada com uma grande recompensa.

“Apenas para reforçar. Nossa missão é levar Morenar até a capital. Ele chegará cansado e possivelmente ferido. No melhor dos casos, nós o levaremos em uma carruagem até Tenebre. Serão três noites de viagem no total. E, no pior dos casos, temos permissão para o matar.” – Venum enfatiza a missão; – “É uma tarefa de alto risco para um propósito que ainda não entendemos.” Diz o inseguro vampiro.

“Chega de papinho.” – Azaroth responde sem paciência; – “Vocês perguntam tudo, querem saber de tudo, sempre com suas inseguranças e medos. Quaisquer informações ausentes já os fazem perder a cabeça e o foco da missão. Se vocês fossem mais parecidos com minhas armadilhas, nossas chances de sucesso seriam ainda maiores. Apenas executem seu propósito. Sem perguntas. Sem medos. Vamos ficar bem se ficarmos juntos.” A crítica de Azaroth calou Venum que viu sentido nas palavras de sua aliada.

“Agora, Venum, tente ser útil para nós e busque uma carruagem para adiantarmos o trabalho. Se Lavender estiver correta em seus cálculos, o lycan fedorento chegará a qualquer segundo.” Diz a vampira encarando a lua e estipulando quanto tempo eles tinham até a chegada de Morenar.

Assim que Azaroth terminou sua frase, os três Superiores notaram um elemento diferente no ar. Um odor diferenciado. Alguns outros guardas que também estavam ali, perceberam o estranho e intimidador aroma. O cheiro era de sangue proveniente de diversos animais, porém, em um único ser. Um poderoso predador.

O trio vira sua atenção para a ponte de Bankas. Nem mesmo Lestro, que já havia enfrentado Morenar no passado, conseguia se manter confiante perante ao medo do que estava a se aproximar da vila.

“Nosso convidado chegou...” – Azaroth sorria demonstrando confiança mesmo em uma situação de infinitas possibilidades; – “Venum, esqueça a carruagem, vamos precisar de você aqui, pelo menos por enquanto.” A vampira não tirava os olhos da silhueta que estava a poucos minutos do portão abaixado da entrada de Bankas.

Minutos se passavam. O ser distante ficava cada vez maior e mais próximo da vila. Os guardas evacuavam os moradores da entrada de Bankas temendo o pior. O trio permanecia aguardando seu convidado misterioso. Ele andava em quatro patas. Seu pelo era completamente escuro e o único elemento nitidamente visível eram seus olhos. Um globo ocular vermelho como sangue e outro dourado como ouro reluzente. Este era o lendário lycan que renegou o céu e derrotou o inferno.

Sangue animal pingava na grama úmida próxima à ponte para a entrada do vilarejo. Mesmo não sendo lua cheia, e sua transformação permanecer incompleta, o lycan possuía altura próxima de uma árvore de carvalho.

Com ambas as mãos dentro de sua jaqueta, Lestro estava pronto para, a qualquer instante, atacar o colosso. Venum estava abismado com o tamanho da criatura que o superava em sua metamorfose; o vampiro apenas aguardava nervoso. Tranquila em meio a espera, Azaroth era a única que aparentava estar calma com a presença do lycan.

“Deveríamos matar ele, como minha mãe instruiu em sua carta.” – Sussurrou Lestro para a calma vampira; – “Ele fede a sangue animal, provavelmente foi atacado e ainda deve estar sob o efeito do veneno de Venum.” Termina o Superior.

"É... Talvez você tenha razão, Lestro. Mas vejo que ainda temos recursos insuficientes para uma vantagem considerável." Azaroth diz isso se afastando de seu grupo e indo em direção a Morenar sem qualquer hesitação.

A dupla de homens permanece atrás da mulher, a aguardando na entrada da vila, enquanto ela vai de encontro com a fera envolta em sangue. Do ponto de vista dos Superiores, Azaroth era apenas um quarto do tamanho da besta, que, a qualquer momento, poderia a devorar.

Todos os instintos da vampira gritavam para ela se afastar do monstro. Ela os ignorava. Ao ficar cara a cara com o lendário lycan, Azaroth faz uma breve reverência, enquanto cita o nome da vila. Morenar repete o dito pela vampira. Gradualmente o homem reduz seu tamanho. A grande carcaça escura e peluda diminuía consideravelmente.

No final da sua retomada à forma humanoide, Morenar beirava os 2 metros de altura e era um homem negro, forte, careca e extremamente sério. Ele estava nu e seu corpo permanecia banhado em sangue, principalmente em volta de seu maxilar e ambas as mãos. Analiticamente, os olhos negros de Azaroth percorriam pelo torso do lycan procurando por quaisquer ferimentos, mas, tudo que pode encontrar foram diversas marcas de tatuagens típicas dos guerreiros mais honrados das tribos de Aelyn, o país de domínio licantropo.

Os olhos do homem demonstravam grande segurança em seu potencial. Conforme as lendas contadas pelo clero vampírico, olhos vermelhos marcavam a passagem do indivíduo pelo pós-vida. Tal passagem constituía na visão dos vampiros, em uma imensidão de dor, agonia, sofrimento e lastima. Segundo as passagens que Lizha tanto pregava em nome de Tormenta, apenas seres que conseguissem suportar tais emoções poderiam retornar à vida eventualmente com os olhos tingidos do sangue e da dor de toda humanidade. Olhos de sangue eram um sinal de respeito e também um alerta para quaisquer seres que se deparassem com tamanha raridade.

Todos os planos para atacar o lycan haviam sido descartados pela mente criativa de Azaroth, visto que a Superior possuía conhecimento das lendas de seus olhos e ver o homem pessoalmente a fez ter uma nova perspectiva de seu real inimigo. Morenar abaixou sua cabeça em sinal de respeito, o que fez Azaroth perceber que sua intenção, mesmo em meio a diversas armadilhas e ameaças, não era a de combate. Com isso em mente, a mulher apenas guiou o grande homem para a sua vila.

Vendo que sua aliada se aproximava com o grande homem e que a situação parecia estar sob controle, Lestro foi a seu encontro enquanto Venum fora buscar a carruagem para dar início a viagem até a capital.

“Lestro, corra e traga algumas vestes ao nosso convidado.” Disse Azaroth assim que Lestro se aproximou o suficiente para ouvi-la. O Superior aceitou o comando e, em um instante, desapareceu. Morenar não se impressionou com sua velocidade.

O lycan e a vampira andavam lentamente pela silenciosa vila evacuada. Sério, o quieto homem olhava em volta pelos arredores, analisando todos os elementos do pacato lugar.

“Vamos te levar à Lavender.” A vampira diz em dialeto lycan. Morenar se surpreende ao ver que a mísera mulher à sua frente possuía conhecimento acerca de seu idioma. Seu sotaque era muito diferente do acostumado por Morenar, mas era o suficiente para o lycan compreender.

“Você me compreende, mulher?” A voz do homem era grossa e séria.

“Minha líder me ensinou um pouco de sua cultura. Por favor, entre em nosso transporte, para ir de encontro a ela. Me chamo Azaroth.” A vampira estende sua mão para um cumprimento. Morenar encara a mão pálida da vampira a sua frente e não demonstra reciprocidade no ato. A vampira abaixa sua mão.

Após poucos segundos, Lestro havia retornado com grandes panos. Azaroth havia percebido certa familiaridade com o tecido, até, finalmente, notar que eram as cortinas da sala de reunião da equipe. A vampira se calou para não demonstrar qualquer agressividade diante do instável lycan. Nada de bom viria ao grupo caso Morenar percebesse violência após a cansativa viagem. Para evitar dores de cabeça, Azaroth apenas suspirou e ficou em silêncio.

Antes de entregar a larga cortina, Lestro trocou olhares com Morenar. Ambos seguravam a suposta vestimenta, contudo o vampiro parecia ter esquecido de soltá-la. Em seus pensamentos, o Superior temia que o lycan o reconhecesse dos tempos de guerra; mas, ao que tudo indicava, o homem estava mais interessado no tecido do que em analisar o vampiro de estatura inferior. Lestro solta a cortina e, só então, percebe o olhar furioso e nada discreto de Azaroth o perfurando. Lestro pede desculpas enquanto Morenar veste o tecido como uma túnica.

Assim que Morenar termina de se vestir, Venum havia chegado com a carruagem. O vampiro estava vestindo sua capa noturna para que pudessem viajar mesmo durante o dia. O modelo da carruagem era exatamente igual ao utilizado em Tenebre; A única diferença aparente seria que a de Bankas possuía cavalos mais saudáveis e bem alimentados.

“Serão três noites de viagem. Vocês estão prontos?” Diz Venum, sentado no banco à frente do transporte e assumindo as cordas para guiar os cavalos. Lestro concorda com o balançar vertical de sua cabeça, assim como Azaroth.

“Nossa viagem terá a duração de três noites.” Azaroth informa Morenar que, sem qualquer pudor, adentra a cabine de madeira, de uma só vez. Venum esboça uma reação medrosa com o balançar da estrutura.

“Por qual motivo você nunca mencionou que sabe falar licantropo, Azaroth?” – Pergunta Venum; –  
“Esta é uma informação importante e um detalhe que vai mudar completamente a missão.”

“Eu sei como vocês funcionam e, às vezes, é melhor que não saibam de tantos detalhes para não ficarem tão dependentes do que sabem.” – Azaroth arruma sua franja com um leve passar de dedos em seu rosto; – “Confiem em mim quando digo para confiarem em mim.”

“Certo, garota. Eu vou entrar com o lobo.” – Lestro sobe os primeiros degraus para adentrar a carruagem; – “Rezem em nome de Tormenta para que ele não se recorde de mim durante a viagem.” O vampiro entra. Azaroth estava esperando por isso; um momento a sós com Venum.

“O plano é o seguinte, Venum. Eu permanecerei aqui, em Bankas, e irei preparar terreno para executar esse lycan após seu encontro com Lavender.” A vampira se aproxima do Superior e encara o fundo de seus olhos verdes.

“Eu não entendo. Pensei que tivéssemos desistido de matá-lo agora. Esperou Lestro entrar na carruagem para me dizer isso? Ele não é de confiança?” Pergunta o vampiro confuso.

“Não temos tempo para explicações, apenas entenda que ele se recusaria a ir sozinho em uma viagem com seu inimigo de guerra. Agora, siga minhas ordens e leve-os à Tenebre; dou minha palavra de que iremos matar este lycan e entregar sua cabeça à Aradia.” – Imaginando a situação em que seu plano funcionasse, a Superior sorri; – “Seremos reconhecidos por todo o país e teremos mais recursos do que nunca! Lavender fará nosso grupo ser promovido a Superiores de Elite e viveremos na capital, junto da nobreza! Nobres, Venum! Caralho!” O homem encara a dama com preocupação e dá a primeira ordem aos cavalos para iniciar o movimento em direção ao outro extremo da vila, que os levaria ao interior do país.

Dentro da cabine, existiam duas acomodações forradas por couro que eram separadas por uma pequena mesa de madeira que servia de apoio para os viajantes. O lobo viajante encarava o vampiro com seus olhos cansados. Lestro conseguia facilmente deduzir que o guerreiro não estava em sua melhor forma e que a viagem foi realmente desgastante para o lycan.

O movimento da carruagem havia sido iniciado e Lestro estranhou o fato de Azaroth ainda não ter entrado, contudo, o vampiro estava mais preocupado em permanecer sozinho com Morenar. Mesmo que o lycan estivesse cansado e aparentasse estar abatido, Lestro sabia que a situação poderia mudar em poucos segundos e que, se tentasse qualquer coisa, era possível que fosse o primeiro a ser eliminado.

Olhando pela pequena abertura na porta do transporte, Lestro percebia que estavam prestes a deixar Bankas e seguir rumo à Tenebre, o que levou o vampiro a crer que Azaroth tinha outros planos em mente e o abandonou preso por três noites com um antigo inimigo de guerra. Lestro não sabia como descrever a raiva que sentia de sua parceira.

...

Os dias passaram. A viagem foi longa. Houveram diversas paradas para que Morenar e os cavalos pudessem se alimentar. O licantropo não disse uma palavra no percurso à Tenebre e, sempre que não estava dormindo, ele se mantinha encarando os vampiros e analisando seu comportamento. A confiança do homem era inabalável ao ponto de não se importar com a presença de Lestro enquanto dormia por horas na cabine. Já o vampiro permaneceu acordado por todo o caminho, temendo o pior.



## **Capítulo 03 - O Carisma**

### **Ano 280 - Noite 09 ▪ Tenebre - Catedral A Última Dança**

A madrugada seguinte foi chuvosa. Vampiros caminhavam pelas sujas ruas de Tenebre para a aguardada cerimônia na famosa catedral da capital vampírica. Por toda parte, civis vestiam suas capas negras e não temiam a tempestade que progredia com o crescer da noite. Albert também estava a caminho da famosa catedral, porém, vestia seu traje casual da nobreza, o qual parecia não dar qualquer apreço ou cuidado. Seus cabelos lívidos estavam molhados e respingavam gotas de chuva em seu rosto. Ele pisava com suas botas escuras em poças d'água que se acumulavam pelo chão rochoso. O nobre apenas queria ir à Salos o quanto antes, para ver com seus próprios olhos aqueles que considerava os principais culpados da morte de sua mãe.

Virando a esquina de onde vivia e seguindo a rua reta e direta, Albert já podia observar a grande catedral que disputava tamanho com o castelo da Rainha de Héros. Nomeada como 'A Última Dança', a histórica basílica teria sido, de acordo com as lendas, o local era onde Tormenta passava a maioria dos seus dias, além de ser onde a vampira havia sido derrotada por uma tropa de elfos durante a guerra que carregava seu nome.

O edifício era uma larga igreja de pedras, em formato de torre e em sua extremidade, uma varanda podia ser avistada. Diziam que tal lugar era o antigo cômodo onde Tormenta passava seus momentos de descanso e, que atualmente, havia se tornado o quarto de Aradia. A posse do quarto havia sido acordada e aprovada com Lavender, pois Aradia e sua irmã mais nova, Lizha Tenebre eram Ghouls, os membros mais próximos da linhagem da vampira primordial.

Mesmo cedendo posse da catedral a Lizha Tenebre, Lavender e a Ghoul não possuíam uma boa relação. Muitos dos ideais de paz da Rainha iam contra os textos sagrados e os ditos de Tormenta e, por isso, a detentora do clero proibiu que qualquer nobre ou vampiro que trabalhasse para a Rainha, adentrasse o sacramento.

A cerimônia da noite era uma exceção ao acordo de Lizha e Lavender. Como membros da nobreza, Albert e Cétrico, teriam permissão para visitar o local temporariamente, e este era um desejo que Albert possuía desde criança. Participar de cerimônias e levar seu grande piano para tocar músicas com louvor. Eram apenas sonhos de infância que nunca puderam ser sanados. Hoje, desanimado e mais preocupado em ter que interagir com um grande número de pessoas, Albert se ateu em apenas seguir e terminar os preparativos e iniciar sua viagem o quanto antes.

“Você é um nobre que já presenciou a morte de perto, estou certa?” – Mais uma vez surpreendendo Albert, a grande general repousa sua mão no ombro do nobre assim como havia feito na noite anterior; – “Isso é incomum em sua geração.”

Usando a mesma capa negra cerimonial da última vez em que se encontraram, ela também estava completamente encharcada pela chuva. Graças ao fato de seu manto estar boa parte colado em seu corpo, também era possível notar que a alta mulher vestia sua armadura por baixo da vestimenta cerimonial. Seu olhar carmesim era calmo e parecia tentar decifrar o homem à sua frente. O sangue que utilizava como maquiagem estava borrado e escorria gradativamente com as gotas que caíam por seu belo rosto pálido.

“Boa noite, general.” – Albert se vira para a autoridade; – “Creio que minha história não seja digna o suficiente para permanecer em sua memória.” Ele realmente não sabia como lidar com a atenção da importante vampira.

“A morte é algo sagrado. É a nossa salvação deste mundo de guerras e prazeres momentâneos. Com nossas vidas imortais, hoje em dia é raro presenciarmos a morte cara a cara. Para nossa raça, o fim é quase como um distante conto de fadas. Por isso que, quando ocorre, é ainda mais difícil de engolir.” – Aradia retira a mão do ombro de Albert e segue caminho até a catedral junto ao nobre; – “Durante minha vida, lutei muito por nosso direito de viver neste mundo. Combati elfos e lobos gigantes de fúria incomparável. Estive muitas vezes a menos de um passo do outro lado de nossa realidade.” A mulher estava séria. Albert estava abismado com o discurso, sem saber o que dizer em resposta a tamanha experiência de vida.

“Por qual motivo estaria me contando isso, senhorita Aradia?” Pergunta o nobre encabulado. Os olhos da general, que se encontravam sérios e focados na grande catedral, se viram alegremente para o curioso homem. Aradia sorri com a pergunta.

“Por qual razão você permanece vivo, Albert Sulkar, prole de Rkarina?” A mulher para de andar.

Faltavam poucos passos para ambos adentrarem a Última Dança e se protegerem da chuva. Todos os seus portões estavam abertos e recebendo dezenas de fiéis. Juntamente dos sons de passos e murmúrios da multidão, outros vampiros continuavam a seguir o caminho ao redor da dupla. Albert pensou por poucos segundos em uma resposta e lembrou de algo conveniente graças ao local em questão.

“Sobre a morte, eu diria que compartilho o mesmo ponto de vista que nossa mãe, Tormenta. Ouvi dizer que, em diversas cerimônias, você e sua irmã, Lizha Tenebre, mencionam a existência de seres humanos no

passado. Eles viveram no tempo de Tormenta e suas almas eram imortais enquanto seus corpos se esvaíam com o tempo.” – O nobre encara o topo da catedral enquanto pensa em suas próximas palavras; – “Sempre diferentes do restante, a nossa raça é exatamente o oposto dos seres humanos. Somos eternos de corpo e não possuímos qualquer essência. A morte é a libertação do fardo de permanecer eternamente em um mundo onde só consumimos e nada produzimos.” Albert termina e pela primeira vez encara Aradia nos olhos sem qualquer sensação de inferioridade diante da lendária figura. Ainda fissurada nos olhos cinzentos do nobre, a mulher solta um leve sorriso.

Agora com trovoadas, a chuva parecia se estender com mais força. Com dois leves tapas nas costas do nobre, Aradia anda em direção a Última Dança, esperando que Albert a seguisse. Passando pelo pórtico que os protegia das chuvas graças às altas colunas que amparavam o teto rochoso, em meio a multidão desenfreada, a dupla adentra solo sagrado.

O espaçoso interior do ambiente era iluminado por poucos candelabros e alguns lustres fixados nas paredes. Não havia qualquer acomodação para o público, todos permaneciam em pé olhando para o elevado altar no final do grande salão. Havia apenas poucos bancos de madeira sob o altar, estes já reservados para os viajantes que iriam rumo ao país élfico. Um grande túnel escuro estava localizado no centro do teto, o qual era a passagem para o antigo quarto de Tormenta.

Juntamente ao altar havia uma escadaria de pedra para o subterrâneo da catedral. Subindo os degraus do escuro subsolo, Lizha Tenebre se aproximava. A mulher caminhava lentamente e com cuidado, carregando em sua mão esquerda uma lamparina para iluminar seus arredores enquanto, em sua mão direita, havia um turíbulo que exalava fumaça por todo ambiente. Sendo uma mistura de diversas ervas venenosas, seu odor agradava os fiéis.

Neste dia ela não estava vestindo seu usual manto negro utilizado nas celebrações. Utilizando uma larga vestimenta vermelha que ia até seus pés, os quais calçavam sandálias de couro, a vampira subia no altar sagrado. Algumas amarras serviam como fixadores da veste rubra e também seguravam chaves para salas do subsolo.

As Ghouls eram facilmente identificadas por seus cabelos completamente brancos e olhos vividamente avermelhados. Seu respeito pela capital era a par da realeza por serem vampiros mais velhos, poderosos e experientes que existiram além de Tormenta. Detentores de uma fome e libido inigualáveis, além do respeito, muitos dos vampiros comuns os temiam por seu poder descomunal e frenesi insaciável.

Apenas da fama que seu título impunha sobre sua pessoa, com seus grisalhos cabelos presos em tranças, Lizha não demonstrava qualquer espécie de ameaça para

grande parte dos vampiros comuns. A mulher era quase tão alta quanto Albert, beirando 1,73 e sua aparência lembrava muito a de sua irmã mais velha, Aradia. Seu corpo aparentava ser delicado e feminino assim como seu fino rosto e traços faciais. A presença de Aradia já detinha uma intimidação natural a muitos que não a conheciam, enquanto Lizha era exatamente o oposto.

Poucas eram às vezes em que civis viam Lizha em qualquer lugar que não fosse a catedral. A Ghoul era reconhecida por sua baixa locução, temperamento introvertido e grande sabedoria acerca dos antigos textos sagrados da grande mãe dos vampiros.

Diferente de Aradia, Lizha não era uma guerreira. Em um passado distante, a Ghoul também havia participado de guerras envolvendo o futuro de Héros, e era muito temida por sua velocidade e rituais incomparáveis em batalha. Contudo, poucas eram as memórias que a vampira anciã possuía de tais tempos e feitos. Hoje, como maior encarregada do clero vampírico, seu maior foco é em espalhar o dito nos registros da época de Tormenta e assegurar que suas tradições sejam imortais como sua raça.

“Saudações a todos. Esta noite, nos encontramos mais uma vez no leito de nossa mãe para que sua presença nos guie nestes tempos duvidosos.” – Lizha rotacionava de forma sutil o turíbulo que balançava exalando a forte fragrância; – “Aradia Tenebre, Cétrico Crowley e Albert Sulkar foram os designados a missão de reconhecimento em terras élficas. Eles viajarão por semanas até chegarem no território da raça que matou nossa mãe neste mesmo altar.”

O menos conhecido do grupo era Cétrico. Um nobre carroceiro que auxiliava os mesmos de sua classe em missões de reconhecimento pelo país e era o principal transportador de materiais vindos de fora a mando de Lavender. Também trabalhou com Akarina Sulkar, mãe de Albert, no passado, quando a mesma exercia o posto de comunicadora oficial de Tenebre. Cétrico foi uma das pessoas que mais auxiliou Akarina durante o Declínio.

“Lembremos, uma última vez de nosso passado e das inúmeras mortes causadas pela rendição de Lavender na Guerra Final. A nossa derrota trouxe a época negra de nossa civilização, O Declínio.” – Diz em tom sério e movendo o turíbulo em movimentos pendulares; – “Pagamos um alto preço em recursos por nossa derrota em campo. Sem comida, houveram rebeliões e canibalismo. Sem guerreiros, ninguém podia proteger nosso povo dos rebeldes...” Ainda com sequelas do passado sombrio, muitos civis ficam sérios, choram e o silêncio domina o ambiente.

“Aradia, nossa melhor guerreira sentiu vergonha da rendição forçada e vagou por décadas, em luto por seus companheiros perdidos.” – Aradia também estava séria quando Lizha continuava a recitar

fatos da história. Atento, Albert observava a tensão dos fiéis; - “Contudo, Tormenta nos abençoou mais uma vez. Aradia retornou e fundou o grupo dos vampiros Superiores. Os melhores guerreiros escolhidos a dedo por minha irmã. Eles trouxeram paz em Tenebre e foram divididos em trios e enviados para todas as cidades de Héros. Assim, conseguimos manter a ordem e o progresso de nosso povo!” Cétrico foi o primeiro a aplaudir alegremente o dito por Lizha e, após isso, todos o acompanharam em uma breve celebração.

Antes do Declínio, todos os nobres eram facilmente reconhecidos por sua condição física acima do peso normal da sociedade. Os nobres eram os que mais arrecadavam riquezas e suprimentos e, por isso, tinham maior tendência de engordar em relação aos civis comuns de Héros. Após o Declínio, muitos nobres emagreceram de forma considerável e só eram reconhecidos graças a seus chamativos mantos rubros.

Diferente da maioria dos nobres, mesmo após o Declínio, Cétrico permaneceu um pouco acima do peso. De cabelos e olhos castanhos igualmente claros, o vampiro sempre parecia estar cansado por frequentemente ter que fazer longos trajetos por todo país. Sua altura era a mesma de Albert e também vestia o manto rubro da nobreza, sempre o mantendo aberto. Abaixo do manto, ele usava um longo pano branco que cobria seu pescoço e corria até sua cintura, juntamente de uma fina camisa preta confeccionada pelos melhores costureiros de Tenebre.

Da multidão aglomerada, os três vampiros citados se destacam e seguem até o altar. O trio se põe ao lado de Lizha. A todo momento de sua fala, Cétrico encarava todas as partes do corpo de Lizha com admiração e sem qualquer sutileza. Albert se incomoda com o comportamento do vampiro.

“Eles invadiram nosso lar, roubaram riquezas e decapitaram nossa mãe; tudo isso sempre utilizando a premissa da guerra e de nossa natureza como motivo para a exploração.” - Lizha solta o turíbulo ao chão, fazendo rapidamente a fumaça se espalhar pelo altar. Com sua mão agora livre, a Ghoul abraça a cintura de Aradia, a exibindo aos fiéis; - “Desejemos que Tormenta acompanhe nossa general durante este novo encontro com a maldita raça élfica e que sua viagem seja benéfica ao nosso povo.” A mulher diz em voz alta e em tom animado. A plateia acompanha aos montes.

Após o anúncio de Lizha, a cerimônia prosseguiu com orações e alguns rituais envolvendo pactos de sangue entre as irmãs Ghouls. Dado o término do litúrgico encontro, Cétrico já havia aprontado a carruagem que se encontrava em um pequeno estábulo muito próximo à Última Dança.

Antes do trio se dirigir até os cavalos, Lizha solicitava dar uma palavra em particular com Albert em uma das salas no subsolo. Se sentindo lisonjeado por tal

pedido, o nobre caminhava novamente até o altar, já imaginando qual poderia ser a vontade da famigerada estudiosa.

Descendo a estreita e mal iluminada escadaria rochosa, Albert nota escrituras por toda parede que o rodeava. Símbolos desenhados com pigmentos brancos e sangue negro, muitas vezes com letras e ícones que o nobre não reconhecia e muito menos compreendia. O vampiro havia ficado tão intrigado com a simbologia que mal percebeu que já havia descido toda a escadaria e se encontrava a poucos passos de Lizha, que estudava o convidado curioso, tentando imaginar suas errôneas deduções.

“Ah, sim... Lizha, diácono de Tormenta... Em que posso ser útil?” Albert abaixa sua cabeça levemente em respeito à Ghoul.

“Albert Sulkar. Um nobre de cabelos cinzentos, quase tão brancos quanto o de Ghouls. Interessante...” – A mulher rodeava o nobre e o analisava dos pés à cabeça. Albert permaneceu imóvel; – “Você é um tópico de interesse para nós desde sua primeira aparição em público há mais de três décadas. Radia e eu temos muitas perguntas a lhe fazer futuramente; quem sabe em um lugar menos formal?” Aproximando seu rosto da face do nobre, a vampira exibe um tímido sorriso.

“Rico que um convite desses era o que eu menos estava esperando vindo de você em um lugar como este.” – Surpreso, Albert solta uma risada abafada; – “As lendas dizem que Ghouls devoram seus parceiros sexuais assim como fazia Tormenta. Para ser sincero, caso nenhuma flecha atravessasse meu peito nesta viagem para Salos, eu não me importaria de morrer dando prazer para duas mulheres deste calibre em uma cama confortável; sinceramente, isso seria a melhor coisa que já me aconteceu nestas quase seis décadas de vida.” A dama ri com o dito pelo nobre.

“Eu sei muito sobre sua existência, Albert; talvez mais do que você mesmo.” Lizha apoia suas costas em uma das paredes rochosas do estreito corredor.

“Se me permite dizer, diácono Lizha-” Antes que pudesse terminar suas constatações, o nobre é interrompido pela Ghoul.

“Não precisa ser tão formal quando estamos a sós... Quando fora de celebrações e cerimônias, gosto de informações diretas se possível.” Diz Lizha abanando sua mão, como se afastasse tal comportamento por estar sem paciência.

“Certo... Há alguns minutos, durante seu discurso sobre a missão, Cétrico estava, a todo momento, olhando seu corpo, quase a devorando com os olhos. Pessoalmente, eu não vejo problemas nisso. O que me

incomodou, na verdade, foi ver que ele não parecia prestar atenção no que você dizia.” – Albert retira sua lâmina da bainha e a afia com cuidado. Lizha pareceu ignorar o ato. Poucos segundos após a primeira amolada utilizando a pedra que carregava sempre consigo, ele percebe que, obviamente, não seria apropriado afiar uma arma diante de uma figura tão importante quanto Lizha; – “Peço perdão por isso. Foi involuntário. Eu gosto de mantê-la afiada...” Envergonhado, o homem guarda seus pertences e mantém ambas as mãos alocadas em seus bolsos.

“Fique à vontade para afiar sua lâmina em minha presença. Eu entendo que isso o faz se sentir melhor. Também não é como se uma lâmina de prata fosse o suficiente para fazer com que me sinta aflita.” – A Ghoul esconde suas mãos atrás de suas costas que permaneciam na parede; – “E, quanto ao Cétrico, ele é apenas um admirador. Gosto como ele me entrega informações de todas as vilas e também me dá qualquer liberdade de alterar os relatórios antes de entregar à Lavender. Tudo isso apenas por uma sandália. É um pervertido útil...” Albert levanta uma de suas sobrancelhas e acompanha a vampira com um breve sorriso de canto.

Em meio ao clima agradável, algo muda a situação abruptamente. Lizha fecha sua expressão e foca seus olhos em direção a escadaria, como se alguém estivesse naquela direção. Antes que Albert pudesse sacar sua arma, imaginando que poderia ser alguma ameaça, Lizha já havia desaparecido. A Ghoul era famosa por ter uma velocidade incomparável, porém, mesmo sabendo disso, Albert se surpreende por não visualizar quaisquer movimentos antes da mulher, simplesmente, sumir.

O nobre estava confuso e sozinho até ouvir o frenético bater de asas de um pequeno animal alado, juntamente de gritos similares à dor e desespero da suposta ave. Terminando de sacar sua espada, Albert sobe as escadas correndo.

“Continue em sua forma de corvo. Se tentar voltar à sua forma original, garanto que lhe decapitarei antes de tentar dar qualquer desculpa sobre o que fazia aqui.” Ameaçava a mulher em tom sério.

A Ghoul segurava com ambas as mãos um corvo negro de tamanho não muito superior a um palmo. Sua mão direita se encontrava agarrando o pescoço do animal, enquanto a esquerda puxava uma de suas asas para imobilizá-lo. A asa remanescente continuava a bater na esperança de se soltar. O ambiente estava escuro e todos os sons ecoavam pelo salão vazio.

“Allith Lazor... Sua Rainha não lhe ensinou que é falta de educação ficar espionando casais alheios? E, para piorar, em locais onde seus lacaios não são permitidos.” – Lizha puxa a asa que segurava com um pouco mais de força, apenas aumentando a pressão nas juntas do corpo do pequeno

animal que se contorcia temendo morrer ao voltar ao normal; – “Família Lazor, transformações em aves... Vocês ficam delicados e frágeis neste estado. Poucos vampiros possuem o dom de metamorfose e você o desperdiça desta forma? Realmente merece uma punição.” O som do deslocamento da asa ao corpo do corvo é alto e aparenta ser doloso.

“Lizha, Allith é importante. Se o permitir voltar ao normal, acredito que possa dar uma boa explicação de suas intenções.” Albert demonstra empatia ao observar o sofrimento de Allith em sua forma animal. Lizha percebe o incômodo do nobre e solta o ser, que cai com força ao chão.

Jogado no chão, com uma de suas asas imóvel, o pássaro agonizava antes de retornar à sua forma original. Desfazendo a metamorfose, Allith retornava a sua forma humanoide, porém o mesmo braço, referente a sua asa, estava relaxado e caído. Transpirando ajoelhado, sua expressão de dor e seu olhar de raiva apontavam ódio, encarando os sérios olhos carmesim da Ghoul à sua frente.

Metamorfoses são habilidades genéticas que poucos vampiros compartilham com proficiência. Apenas aqueles ligados pela corrente sanguínea de Nério possuem a capacidade de adquirir uma forma animal. Atualmente, o clã Lazor e Kassar são as únicas famílias detentoras de tal poder.

Diferente do clã Kassar, que se aproveita do poder de diferentes tipos de serpentes, o clã Lazor se transformava em uma variedade de pássaros. Esta metamorfose servia como um disfarce perfeito, contudo, o deixava muito mais vulnerável a ataques físicos, assim como uma ave comum.

“Lizha Tenebre...” – Allith respirava fundo enquanto segurava o braço deslocado; – “Você sabia que é ainda mais bela vista desse ângulo?” Ajoelhado, o galante sorri olhando a vampira de baixo. Lizha não esboça reação a seu flerte.

“Explique-se, lacaio de Lavender.” – Lizha rasga uma de suas próprias mãos, liberando assim suas garras, enquanto agarra com sua outra mão o maxilar do homem ajoelhado; – “Seu sorriso patético não é o suficiente para esconder suas reais intenções. Me dê um bom motivo para não o executá-lo aqui e agora.” A vampira não estava blefando.

“Eu apenas vim falar com Albert! Bradia disse que ele estaria com você no interior da catedral!” Vendo perigo real na ameaça de Lizha, Allith para com seus charmes.

“Se sua intenção era a de falar com Albert, para que o disfarce?” Pergunta a mulher, insatisfeita.



“Comodidade, obviamente!” – Responde Allith com convicção; – “Para ser rápido e voltar ao meu trabalho o quanto antes, vim transformado apenas para entregar a mensagem à Albert. Estava apenas aguardando vocês terminarem a conversa, dou minha palavra disso!” Allith põe-se em pé.

“Blasfêmia. Sua palavra de nada vale para mim. E, como pretendia explicar sua suposta mensagem à Albert, uma vez que, não é possível estabelecer comunicação verbal transformado?” Lizha insiste. Sua vontade era apenas de matar o irritante, porém astuto, conselheiro.

“Bem observado. Exatamente por tal motivo que a mensagem não é apenas um dito, porém uma carta.” – O vampiro retira um papel amassado de sua jaqueta negra; – “Isto é para você, Albert.” Convencida de que poderia ter agido de maneira precipitada, Lizha relaxa suas garras e assim, em poucos segundos, sua mão já estava completamente regenerada.

“Resolvam seus assuntos inferiores em outro lugar.” – Lizha vira-se de costas e anda em direção a escadaria subterrânea; – “E também, estão todos te esperando para partir, Albert. Leia sua preciosa carta no caminho.” Albert e Allith observam a Ghoul descendo os degraus.

“Ela tem razão, eu devo ir agora. Você vai ficar bem?” Albert pergunta apontando ao braço ferido do conselheiro, que o segurava ainda com dor em sua expressão.

“Ah, é só eu encaixar direitinho e isso vai melhorar em algumas horas. Vai ser bom, pois ficarei incapaz de trabalhar e Lavender irá me dar a noite inteira de folga.” Ambos riem um pouco antes de ir para a saída.

A chuva noturna havia cessado. Após a breve caminhada, na saída da Última Dança, a carruagem estava no aguardo de Albert. A estrutura de madeira foi feita sob medida pelos carpinteiros de Bankas. As rodas eram altas e a cabine possuía uma pequena janela aberta em sua porta e, graças a ela, era possível ver Aradia em seu interior, entediada. Puxando a carruagem, dois magros cavalos marrons eram comandados por Cétrico, o qual estava coberto por sua capa noturna que vestiria durante toda viagem para suportar a luz solar.

Imaginando que poderia nunca mais retornar à Tenebre, com medo e hesitante, Albert encarava a carruagem. Mesmo possuindo mais de cinco décadas de vida, o nobre nunca havia saído de sua terra natal. Imerso em pensamentos e inseguranças, dois leves tapas em suas costas, desferidos por Allith o fazem retornar à realidade.

“Então, tá tudo certo. Te desejo sorte nessas semanas a sós com Iradia. Se ela não te matar, os elfos vão. Foi bom te conhecer.” Segurando seu braço ferido, Allith vaga tranquilamente assobiando rumo ao castelo de Lavender.

Antes de prosseguir, Albert abre a suposta carta que Allith havia lhe entregado para que Lizha não o executasse quando rendido. Ao desdobrar o papel amassado, o mesmo era apenas uma conta não paga do vinho que Allith havia bebido em uma das tabernas da capital. Albert sorri, o guarda em seu bolso e segue para a carruagem.

## **Capítulo 04 - Caminhos Cruzados**

### **Ano 238 - Noite ? ▪ Héros - Tenebre**

O som do piano antigo e empoeirado ecoava pela escura casa. A residência possuía uma impecável e requintada decoração, digna da nobreza de Tenebre. Tudo permanecia em quase completa escuridão, graças às longas cortinas vermelhas que cumpriam o papel de cobrir as janelas quadradas da sala de estar.

No canto da sala estava Albert, com apenas 13 anos, tocando o instrumento com maestria. A melodia tocada seguia firme e concisa, transpassando suas emoções em cada nota pressionada. Sua imersão no ato era tão profunda que parecia ignorar todos os seus arredores durante o exercício, até que, quando estava próximo do fim, a última nota era tocada errado. Albert, então, parava de tocar e encarava seus dedos, com uma expressão confusa, pensando no motivo de ter errado aquela mesma nota tantas vezes.

“Albert querido, não precisa se esforçar tanto. Eu adoro ouvir sua arte, mas você não fica frustrado em errar sempre no mesmo lugar?” Dizia sua mãe, deitada no sofá, com suas pernas apoiadas no braço do móvel.

Sempre bem vestida com o traje de sua classe e utilizando seu escuro cabelo liso preso em um rabo de cavalo, Akarina normalmente aparentava estar em serviço ou ocupada com seus afazeres. Os olhos cinza e pouco vividos de Albert eram uma herança direta de sua mãe.

A bela e famosa nobre da capital era conhecida como Akarina Sulkar. Indicada por Lavender como uma das mais prestativas no quesito de administração das cidades de Héros, a mãe de Albert exercia um dos papéis de maior importância dentro da classe dos nobres, que era o de manter a ordem e a influência de sua Rainha pelo país.

Poucas eram as oportunidades em que a mulher podia relaxar e ouvir o progresso de seu pequeno filho que se divertia tocando suas melodias, uma vez que, a vampira muitas vezes ficava encarregada de viajar por longos percursos para exercer seu trabalho.

“Eu não tentarei nenhuma música nova até terminar esta, querida mãe. E, quando eu puder ir lá fora, irei tocar durante as cerimônias dos Ghouls. Vou compor e impressionar todo o clero!” Responde o garoto motivado, enquanto continua a tocar a mesma música, que era tocada diariamente e o dia todo.

Vampiros em geral tinham a tradição de manter seus filhotes em casa até que completassem a idade de 25 anos, que era quando paravam de envelhecer para sempre.

Este era um costume instaurado desde os tempos de Tormenta, pois, quanto mais novo o vampiro, mais vulnerável ao sol ele seria.

Mesmo sabendo que a nobreza não possuía permissão de adentrar a Última Dança, Akarina permanecia nutrindo Albert com histórias que conhecia sobre Tormenta e também com a esperança de ele um dia poderia visitar o sacramento e tocar suas músicas para os fiéis. Akarina achava importante a religiosidade e era contra o limite imposto por Lizha quanto à presença dos nobres em solo sagrado. Com isso em mente, a nobre não impediu Albert de aprender um pouco sobre a história da origem de sua raça através de seu conhecimento provindo de civis que compareciam nas cerimônias.

“Sim, meu querido. Tenho certeza que todos irão adorar.” Dizia Akarina enquanto se levantava no objetivo de se arrumar para mais uma longa jornada de trabalho.

...

### **Ano 280 - Noite 09 ▪ Interior Leste de Héros**

Graças ao balançar da carruagem de madeira e os altos sons do impacto das rodas com a rochosa estrada irregular, Albert despertou de seu cochilo. Alguns segundos de assimilação foram necessários para o nobre se recompor das memórias de infância com sua falecida mãe. Ele apenas permaneceu em silêncio respirando fundo.

A noite estava amena após a chuva anterior. O interior da cabine era iluminado por um pequeno lampião, que aquecia os viajantes e tornava o ambiente agradável. Aradia havia retirado sua armadura e deixado suas partes no chão do pequeno ambiente. Ela estava a vontade, sentada na acomodação à frente de Albert e utilizando apenas o manto negro cerimonial, sem qualquer roupa por baixo. Por estar ainda molhada graças à chuva de outrora, suas curvas estavam aparentes e Albert percebeu a nítida tentativa de o seduzir com o ato. Os olhares lançados pela devassa vampira sempre demonstravam segundas intenções quando fixados em Albert.

“Então... Quais são seus planos para nossa chegada em Salos?” Pergunta Albert, soltando um bocejo em seguida.

“Cétrico fará a maior parte do trabalho. Lavender o ensinou a língua élfica a anos atrás, então ele será responsável por redigir o documento por ela escrito. Teoricamente, seremos apenas seus guarda-costas.” Os olhares dos vampiros se encontram.

“Senhorita Aradia, eu gostaria de fazer algumas perguntas sobre boatos acerca de suas antigas batalhas.” – Diz Albert, pensativo; – “Os ditos populares muitas vezes sugerem você e Lizha como vampiras imunes a prata e luz solar. Esta informação procede?” Pergunta o nobre com sutileza.

“Sim e não. Veja bem, Albert... Eu e minha irmã possuímos uma grande resistência a esses elementos e, diferente da grande maioria dos vampiros, não morremos apenas por ferimentos comuns com prata. Para nos eliminar, nossos inimigos precisariam destruir nosso coração e separar nosso crânio do corpo.” – Aradia move seu polegar de uma ponta a outra de seu pescoço; – “Isso era uma informação muito importante à décadas atrás durante a Guerra de Tormenta, mas atualmente tanto lycans quanto elfos já devem conhecer minha fraqueza.” A vampira solta uma rápida risada.

“Entendo...” Termina o nobre, deixando o silêncio predominar pelo ambiente. A mulher cruza suas pernas e lança mais olhares para Albert. Ele ignora.

“Por quanto tempo vai resistir?” – Pergunta a mulher encarando Albert e achando graça o fato do vampiro estar olhando para qualquer lugar exceto para ela; – “Ficaremos juntos por semanas. É necessário que eu me satisfaça até a chegada em Salos, para não estar com qualquer estresse que possa afetar nossa conduta. Então, qual é o problema? Por acaso prefere homens?”

“Aradia... Com todo respeito. Eu me sinto honrado por ser escolhido por você. Você é praticamente uma lenda e eu não me importo de morrer se for lhe dando prazer com minha carne.” – Declara Albert fazendo Aradia sorrir; – “Apenas aguarde até que eu veja Salos. Eu quero compreender o lugar amaldiçoado dos seres que acabaram com nosso país. A raça que nos fez estagnar e permanecer para sempre na merda, na lama. Só me deixe vivenciar isso e eu prometo que a farei ter prazer até que esteja satisfeita por bons anos.” O nobre se apoia na mesa com ambos os braços. Aradia gargalha com a resposta daquele que considerava um jovem vampiro imaturo.

“Você é engraçado, Albert.” – A vampira termina sua risada e senta-se na mesma acomodação e bem próxima ao nobre. O corpo da mulher estava úmido e frio; – “Ghouls sofrem da mesma vontade de Tormenta, garoto. Ela é tão grande que terminamos, quase sempre, matando nosso parceiro. Isso é similar ao que ocorre na natureza entre algumas aranhas. Nós Ghouls não somos muito diferentes e nem fazemos isso por mal; é inconsciente, sabe?”

“Eu... Acho que entendi. Embora não seja essa a questão.” – O vampiro se afasta um pouco de Aradia; – “Você tem a capacidade de me matar aqui e agora como bem entender, mas o que eu realmente

quero é só que adie um pouco minha execução. Eu não me importo de morrer, na verdade, eu quero muito isso. Mas antes quero entender melhor o passado. Quero entender o motivo de minha mãe ter morrido e tudo ser como é hoje.” Albert olha para baixo.

“Tudo bem, você provou seu valor.” Aradia expressa seriedade e volta a seu assento.

“Como assim?” Pergunta Albert estranhando a reação da mulher e o dito pela mesma.

“Eu queria entender o que te move; o que Albert Sulkar preza além da própria vida. E me surpreendi com sua resposta. Um vampiro que renega a vida eterna não tem nada a perder. Foi isso que pensou quando implorou a Lavender para viajar à Salos?” – Aradia demonstrava interesse em Albert e, dessa vez, seu olhar não era de uma predadora, mas sim, uma admiradora; – “Você não tem medo.”

“Eu não pensei em nada disso. Meu passado é baseado apenas em perguntas sem respostas, Aradia. Eu sinto que, mesmo com o frequente nascer das noites e morrer dos dias, não importa quantas vezes este ciclo continue, se eu não sáísse de Héros, eu continuaria para sempre a mesma criança.” – Albert encara a vela no centro da mesa. A sombra de ambos os vampiros dança pela cabine pouco iluminada; – “Eu pretendo crescer como homem e entender todas as questões para as quais ainda não tenho respostas. Não um grande desperdício me matar sem conhecer ao menos o jardim fora de casa.”

“Falamos disso antes da cerimônia. Você referenciou Tormenta e parece ter pensado muito neste assunto durante toda sua vida. Isso é irônico. O que um nobre, que pouco presenciou das cerimônias de Lizha, pensa de Tormenta?” Aradia também posicionou seus olhos entreabertos e pensativos para o lampião enquanto esperava sua resposta.

“Ela era uma grande líder e poderosa mulher. Suas asas degolavam elfos. Suas garras cortavam qualquer estrutura. Nenhuma mente ou vontade resistia a sua influência. Almas eram removidas apenas com seu toque. E ninguém era digno de tocar sua pele.” – Recita o vampiro solenemente; – “É o que dizem as lendas. Eu acredito. Tudo que podemos fazer é uma fração de seu poder e, se nós podemos viver por tempo infinito, imagine o quanto que ela viveu? Ela possuía uma sabedoria sem precedentes.” Exalta Albert.

“De fato, muito sábia.” – Por um momento, Aradia parecia distante em seus pensamentos; – “Albert, eu e minha irmã temos grandes planos para você no futuro.” A chama refletida nos olhos vermelhos da vampira intensificavam sua séria expressão. Albert demonstrava interesse.

“Que tipo de planos?”

“Apenas alguns planos. Nada que deva se preocupar no momento...” – Aradia suspira e se espreguiça;

– “Já que não irá me satisfazer, irei permanecer em sono profundo para guardar energias até a chegada em Salos e não depender de qualquer alimento. Peço que não me incomode, fui clara?”

“Claro, sem problemas.” Confirma, o homem; – “Eu irei permanecer acordado e apreciando a longa viagem.” Albert vira seu rosto para a pequena janela que exibia a escuridão do exterior.

“Perfeito. Então, nos veremos novamente daqui a alguns dias.” Aradia se acomoda contra a parede de madeira e fecha seus olhos.

“Tenha um bom descanso, senhorita Aradia.” Termina, o nobre. A vela cintila uma última vez antes de apagar por completo.

Com Aradia inconsciente, o passar da viagem havia sido tediosa e silenciosa para o nobre, que não muito podia fazer além de apenas assistir os diferentes cenários pela pequena janela e afiar sua lâmina frequentemente usando sua pedra.

...

Poucas horas após o adormecer da vampira, Cétrico havia avistado outra carruagem se aproximando ao longe. Era do mesmo modelo da qual o nobre dirigia e o guia utilizava por baixo de sua capa noturna uma jaqueta da classe dos Superiores. Quanto mais perto os veículos estavam, mais detalhes Cétrico possuía do guia.

“Boa noite, Cétrico!” – O animado Superior lançava um feliz aceno ao nobre que se aproximava cruzando seu caminho; – “Tenha uma ótima viagem!”

“Boa noite, senhor Superior.” – Com um aceno tímido e um sorriso sutil, Cétrico não reduziu sua velocidade para continuar a conversa; – “Apenas um conselho a você. Eu não recomendo que se acomode na ausência de Aradia.” Adverte o nobre.

Refletindo por alguns segundos após se distanciar da outra carruagem, Venum deduziu que a general estivesse saindo de Tenebre junto do nobre. Isso o deixou ansioso, tendo em vista que, estariam sem a melhor guerreira do país logo no momento em que Morenar estava na capital. Engolindo em seco, tudo que Venum podia fazer era seguir seu caminho até Tenebre.

## **Ano 280 - Noite 10 ▪ Entrada de Tenebre**

Um dia inteiro de viagem foi o bastante para o grupo de Bankas finalmente chegar em Tenebre. Para Venum, estar lá era praticamente visitar suas lembranças mais nostálgicas, como a época após a Guerra Final e a formação da classe dos Superiores. Também lembrava nitidamente de lá como o primeiro contato que havia tido com Azaroth. Esta memória trouxe um sorriso inocente ao rosto do careca vampiro.

Fazendo a primeira parada na entrada da capital, diversos guardas exigiram explicações e documentos antes de sua intromissão. Entregando as cartas assinadas por Lavender, o grupo podia prosseguir com sua passagem, porém, agora com o acréscimo de uma escolta de guardas os seguindo. Fazia parte da política de Lavender sempre ter atenção com quaisquer forasteiros.

Eles pararam o veículo próximo à ponte que divide a área nobre e a periferia. Descendo da carruagem, exausto pelas péssimas condições de descanso, Lestro olha em volta por alguns segundos e respira fundo. O odor da capital era totalmente diferente de Bankas. Completamente isolado de qualquer bosque ou floresta, Tenebre possuía um cheiro característico de metal, devido ao grande número de ferreiros e estabelecimentos focados em metalurgia que era comercializada nas áreas da periferia.

Se para Lestro o cheiro da grande capital era revigorante, para Venum era exatamente o oposto. O parceiro de Lestro possuía uma sensível alergia provocada por diversos cheiros, poeira e abruptas mudanças de temperatura e umidade. Quando sua alergia era desencadeada, as instruções de Venum eram de armazenar todos os seus fluidos corporais em um cantil de cobre, uma vez que, todo e qualquer líquido que o Superior exalava era venenoso e possuía grande valor comercial.

Não muito após Lestro descer da carruagem, Morenar fez o mesmo. Tendo que se agachar para sair pela porta da cabine, o lycan saía lentamente movendo seus olhos para todos os lados. Uma gigantesca cidade composta única e exclusivamente por pedras. Para o guerreiro, o cenário era algo completamente diferente de sua realidade. O odor exalado do rio abaixo da ponte, somado com das metalúrgicas da periferia, o incomodava bastante. Ele se manteve quieto tentando ignorar o mau cheiro e analisar os guardas que o cercavam enquanto aguardava que o levassem até Lavender.

“Superiores de Bankas! Chegaram quase no horário previsto por Lavender. Já fazem algumas décadas desde nosso último encontro. Lestro, Venum...” – Allith, o Conselheiro Geral, saudava os convidados por sua Rainha. Naturalmente, o vampiro volta seus olhos ao grande lycan; – “E eu suponho que esta não seria Azaroth.” Afirma apontando para Morenar. Segurando a mesma prancheta de sempre e com diversos guardas em volta de si, o vampiro fazia anotações dos detalhes referentes àquela noite não usual.



O Semi-Ghoul sempre achou Allith extremamente irritante por sua personalidade cômica e por seus comentários desnecessários. Para Lizha, o Superior Conselheiro era uma ameaça muito maior do que aparentava. Seu humor carismático amenizava sua influência e o poder de conter informações à Lavender para filtrá-las a seu favor. Assim como sua mãe, Lestro não confiava em Allith e também o repudiava por sempre parecer estar no controle da situação.

“Ela precisou permanecer em Bankas. Assuntos urgentes que não lhe dizem respeito, Conselheiro.”

Responde Lestro, sem resposta à piada de Allith.

“Caramba, mas que resposta afiada. Essa é a educação que Lizha deu para seu filho?” – Allith sorri provocando o Semi-Ghoul. Venum permaneceu em silêncio e de cabeça baixa; – “Lestro, eu adoro você. É sério! Sou um grande admirador de sua mãe. Ela, inclusive, quase arrancou meu braço alguns dias atrás.” Allith faz movimentos rotacionais com o braço em questão, mostrando que já está recuperado do ferimento.

“Lestro, na ausência de Lavender, devemos dar as informações a ele.” – Diz Venum mantendo seu olhar em seus pés e se segurando para não espirrar; – “Ele tem essa permissão por ser um Conselheiro Superior. Seu cargo é mais elevado que o nosso.” Termina com uma forte fungada.

“O carequinha está certo.” – Allith termina de escrever e direciona seu olhar castanho escuro para Lestro, dessa vez, de maneira menos amigável; – “Pare de enrolar e me dê detalhes de Rzaroth e sua missão.”

Antes que Allith pudesse continuar seu interrogatório, uma mão de tonalidade levemente púrpura, vinda de trás, acaricia o rosto do vampiro. Um leve carinho o faz se calar. O homem suspira sabendo que não teria as respostas que desejava. Venum espirra fazendo o líquido respingar para dentro do cantil. Não era uma cena bonita.

“Boa noite senhores.” – Lavender se aproximava após passar pelas costas de Allith e ficar ao lado do Conselheiro; – “Boa noite e seja bem-vindo, senhor Morenar.” Diz no idioma de Aelyn. A voz e o sotaque de Lavender soavam como de uma nativa aos ouvidos do lycan.

A matriarca raramente saía de seus aposentos e quando o fazia era apenas para dar anúncios importantes ao povo. Boatos populares diziam que, além de se dedicar com assuntos políticos nacionais e externos, a Rainha também passava boa parte de seu tempo lendo livros exclusivos, entregues pelos sacerdotes. As lendas a acusavam de

praticar magia élfica e, por essa razão, o cheiro e coloração de sua pele seriam diferenciados, graças ao gradual uso de feitiços e magias.

Pouco mais alta que Allith, Lavender estava trajada com um longo e decotado vestido negro com detalhes em vinho e de manga bufante. O longo cabelo da vampira permanecia solto, porém as mechas de seu rosto estavam presas para trás formando um rabo de cavalo. O detalhe mais diferenciado de sua atual aparência era o uso da coroa de prata, item que Lavender apenas havia usado durante a cerimônia de sua coroação.

“Morenar, gostaria de vir comigo? Você pode tomar banho e escolher roupas quentes em minhas acomodações. Deve estar cansado e, por isso, já tenho preparado um quarto para que possa repousar pelo tempo que achar necessário.” A amigável Rainha sorri ao se aproximar e virar seu rosto para cima ao encarar o lycan.

Andando rumo ao castelo, Lavender e Morenar se distanciam do restante.

“Pelo visto, meu árduo trabalho por aqui está feito. Agora que estão em boas mãos, posso seguir minha agenda com os nobres.” Allith pisca para Lestro antes de se dirigir, novamente, para seu local de trabalho. Venum espirra mais uma vez.

“Se ele não possuísse tal cargo, eu juro que o mataria.” – Estressado com a viagem e com o comportamento de Allith, Lestro vai de encontro com a catedral onde sua mãe costumava morar, a Última Dança. Venum o seguia caminhando; – “Ficaremos por aqui algumas noites, Venum. Pelo menos até Lavender terminar a reunião com o lobisomem fedorento.”

...

Apreensivo enquanto seguia a Rainha vampira pelo castelo, Morenar percebeu a ausência de guardas que deveriam estar presentes para a proteção da famosa monarca; o que levou o guerreiro a deduzir que ela deveria estar confiante de que o lycan não pudesse a matar. Seus instintos insinuavam haver algo de peculiar com a vampira, desde seu gentil e acolhedor comportamento, até sua doce e excêntrica fragrância natural. A essência da Rainha destoava se comparada aos outros de sua raça.

Após um banho relaxante e vestir roupas mais adequadas, Morenar se encontrava em um dos muitos cômodos do castelo. Não suportando qualquer vestimenta que debilitasse a movimentação de seu tórax ou suas pernas, o lycan apenas vestiu novamente a cortina. Contudo, de modo a apenas cobrir suas partes íntimas, simulando uma tanga típica de sua tribo, e mantendo seu peitoral à mostra.

Seu dormitório era relativamente simples, porém apenas se analisado nos padrões vampíricos, pois era algo completamente diferente aos olhos de um indígena de Aelyn. O homem, que estava acostumado a dormir no chão, estava deitado em uma volumosa cama enquanto encarava o teto, imerso em dúvidas.

“Você está confortável? Precisa de algo mais?” As perguntas vieram da porta aberta do quarto do lycan que, surpreso por não ter notado a presença do ser apenas pelo cheiro, tomou um susto.

“Eu... Estou bem sim.” - Responde sem demonstrar a surpresa. - “Vamos falar de negócios?”

“Você teve uma longa viagem. Não prefere tirar esta noite para descansar?” Pergunta a preocupada Rainha.

“Eu não preciso descansar agora. Fiz isso durante toda a viagem até aqui.” - O homem sai da cama e se dirige até a porta. - “Podemos acabar logo com isto?” Pergunta olhando nos olhos púrpura de Lavender.

“Claro. Como quiser, Morenar.” - A mulher se vira e segue as escadas que levariam à sala de jantar; - “Um banquete o aguarda.”

Chegando ao salão junto de Lavender, Morenar se deparou com uma sala muito aberta com altas janelas de vitrais púrpuras. A luz da lua atravessava o vidro e iluminava o ambiente sem qualquer necessidade de velas. A coloração da iluminação agradava os olhos de Morenar.

No centro do lugar, havia uma longa mesa que ia de uma ponta a outra do salão. Diversos nobres a enfeitavam com uvas roxas e diversos tipos de saladas como aperitivos, porém apenas dois pratos, não muito distantes, indicavam os lugares daqueles que se sentariam para comer. A corte também servia água em belas jarras de vidro para os participantes da reunião. Os nobres encaravam Morenar com desprezo.

“Eu não sou uma especialista em lycans, mas sei que você não come carne vermelha enquanto humanoide.” Diz Lavender puxando a cadeira para Morenar sentar-se ao seu lado.

“Como sabe disso?” - Morenar senta-se ao lado da vampira, que se deliciava com algumas das uvas frescas; - “Você é diferente de todos eles. Sua carne não fede a característica

podridão vampírica e a energia que emana não é maléfica. Sinto que temos algo em comum.”

O lycan estranhava cada vez mais a mulher. Ele nunca iria esperar que uma vampira falasse tão bem o idioma lycan e soubesse tanto sobre sua pessoa. A sabedoria de Lavender intimidava Morenar por sua imprevisibilidade. Ele não fazia ideia dos limites da mulher à sua frente e isso o deixava inquieto.

“Ambos fomos salvos por Ikarus. Esta é nossa correlação.” – Simpática e sincera, Lavender sorri e olha para a órbita dourada do famoso guerreiro lycan; – “Eu tenho estudado você, seu irmão e seu povo desde a era de seu pai, Ravnos.”

“Você conheceu meu pai?!” Ignorando o dito sobre Ikarus, pela primeira vez, Morenar aumenta seu tom.

“Não me entenda mal. Eu ainda não era nascida quando seu pai era o líder da Tribo Principal. Mas eu li tudo sobre ele. Li documentos e manuscritos que contam sua história e de seus anos liderando as grandes alcateias de lycans. Ele era um grande líder, sem dúvidas.”

“E você... Saberá me dizer como ele morreu?” A pergunta do guerreiro era perigosa. No passado, a misteriosa morte de Ravnos havia sido um fator decisivo para o início da Guerra Final, uma vez que, a culpa apontava para os vampiros.

“A morte de Ravnos... Sim. Eu sei como ele morreu.” – Diz Lavender. Morenar apoia ambos os braços na mesa aguardando resposta; – “Pode ser difícil de acreditar, mas um sacerdote o matou.”

“Um sacerdote?” – Responde, incrédulo; – “Um sacerdote matou o maior lycan que já existiu? Um lycan capaz de devorar exércitos e matar qualquer ser em sua forma lupina? É nisso que você quer que eu acredite?” O tom de voz de Morenar se intensificava com sua indignação.

“Morenar, eu sou apenas uma estudiosa. Uma curiosa Rainha que pesquisa e aprende sobre o mundo e suas infinitas inequações. O único ser que pode ter absoluta certeza da morte de seu pai, é ele mesmo. Aqui, estou apenas sendo sincera e tentando lhe mostrar um pouco do que aprendi com décadas de estudo.” – Diz a humilde vampira; – “Tenho certeza que seu olho dourado vê que não estou mentindo, correto?”

No passado conhecido como ‘O lycan de olhos dourados’, Morenar havia herdado tal bênção de um importante sacerdote durante seu nascimento. As lendas diziam que a vitalidade de Morenar e sua pureza o faziam viver mais que qualquer outro lycan e enxergar a pureza nas almas dos seres e sua verdadeira forma, além de decifrar qualquer mentira. Tais boatos rondavam apenas pelas terras de Aelyn, o país lycan.

“Você é uma sábia mulher. Eu reconheço.” – Morenar abaixa sua cabeça em resposta às demonstrações de Lavender. A Rainha se surpreende com o ato incomum; – “A partir de agora, foquemos apenas no futuro e não em nosso passado.”

“Como quiser, Morenar.” Lavender engole mais uma uva antes de prosseguir com o principal assunto a ser discutido.

## Capítulo 05 - O Ataque

### **Ano 280 - Noite 15 ▪ Salos - Capital de Ártemis**

O céu noturno e estrelado cobria a grandiosa cidade. Salos, reconhecida como a capital do povo élfico, estava sob ataque. A fortificada entrada da cidade era composta de enormes muros, barricadas de madeira para contenção, juntamente de enormes espinhos de prata e canhões. Tais proteções haviam sido criadas durante a última guerra para enfrentar o exército vampírico, contudo o reino a manteve nos arredores das principais entradas para evitar qualquer ataque inesperado. Infelizmente, os equipamentos eram inúteis, pois o inimigo em questão não era vampiro algum, mas sim, o principal male que surgia para dizimar nações de todas as raças. Os espectros.

Enormes sombras negras. Seres completamente escuros e que mudavam continuamente de forma. Sua estrutura gasosa era convertida para sólida em instantes e membros eram criados para devorar seus inimigos. Os cinco grandes seres eram maiores que as residências e as destruíam facilmente devido à sua absurda força quando em forma física.

O som dos canhões cortavam os gritos de agonia das criaturas noturnas. Sempre que seriam atingidos pelas imensas esferas de prata, os seres retornavam a sua forma gasosa e evitavam o impacto. Elfo algum possuía a coragem ou ataques que eram efetivos para enfrentar os inimigos misteriosos, por isso, seu dever era de segurá-los o máximo de tempo possível até a chegada do único recurso efetivo contra os monstros. A luz do dia.

*“Precisamos de reforços! Eles continuam avançando!”* Gritavam os soldados feridos.

Dezenas de minutos haviam passado e a entrada da cidade já havia sido em grande parte destruída pela fúria dos monstros. Poucos soldados haviam sido devorados pelas grandes criaturas que se expandiam com a noite latente. O som dos canhões já não existiam por serem ineficazes contra as assombrações. Agora o único som presente no local eram os da destruição de edifícios e gritos de desespero dos soldados.

Dos céus noturnos uma estrela brilhava mais forte e uma imensa luz desceu sobre à terra. Cortando a noite, um intenso raio cobriu completamente a cidade por alguns segundos, tornando o pálido horizonte brilhante. Envoltos por uma sensação primordial, os guerreiros sabiam que tudo ficaria bem a partir daquele instante.

A mesma luz que cobria os elfos combatentes, também era aquela que fazia as grandes criaturas grunhirem e se contorcerem, impotentes enquanto queimavam. Ofuscados por tamanho milagre, os elfos vislumbraram o céu e se surpreenderam ao ver um sério homem os encarando nas alturas. Portador de uma beleza divina nos padrões

élficos, sua pele era jovem, seus olhos azuis como o mais claro dos dias e seu cabelo loiro e rebelde como o sol nascente.

O homem descia ao solo levitando lentamente. Os colossais espectros se reduziram a mera fumaça após o contato com a luz matinal que o ser iluminado trazia consigo. Soldados sorriam e se aproximavam da área em que o homem pousaria.

*“Ikarus! Ikarus! Ikarus!”* Os elfos se uniam e aplaudiam o renomado sacerdote.

Seu nome era famoso entre os elfos como um dos maiores protetores de Ártemis e o sacerdote de maior confiança de Keen, o Rei elfo. Contudo, mesmo com enorme fama e adoração, suas aparições eram raras e muitas vezes em momentos após desastres serem iniciados.

*“Senhores, peço perdão pela intromissão, mas gostaria de saber se Keen estaria na capital.”* Assim que Ikarus pousa completamente, a noite retorna ao céu da capital élfica.

Os soldados afirmam que Keen estaria no centro de Salos, organizando o evento e protegendo a maioria do povo juntamente dos maiores guerreiros do país. Ikarus concorda com um leve balanço de cabeça e segue andando rumo ao centro. Ele afirma que curaria quaisquer ferimentos daqueles que o seguissem.

Sempre acompanhado de seu fino cetro de madeira, o famoso herói caminhava olhando seus arredores e com um leve sorriso em sua face. Trajado de largos mantos antigos, o jovem conversava com os elfos durante o caminho. Era costume dos elfos sempre entregar presentes e oferendas aos sábios sacerdotes por sempre ajudarem na resolução de problemas de Ártemis, porém Ikarus sempre cordialmente os recusava.

Após uma curta caminhada, Ikarus se deparou com Keen e diversos soldados que cavalgavam rumo à entrada da cidade. O sacerdote acenava animado para o Rei que, ainda mantendo uma séria expressão, foi de encontro à Ikarus.

*“Keen! Olá, velho amigo!”* A aparência jovial do sábio sacerdote o fazia parecer ingênuo ao se encontrar com seu poderoso aliado.

*“Ikarus... É bom te ver.”* - Diz Keen enquanto para, próximo ao grupo de soldados que seguia o sacerdote; - *“Ouvimos canhões. Isso foi um ataque vampírico?”* O Rei pergunta ao sábio.

*“Negativo. Apenas os irritantes espectros surgindo do nada e sumindo para o nada.”* Responde o sacerdote.

*“Ikarus salvou nossas vidas e curou nossos ferimentos com sua luz. Além disso, mais uma vez, nenhuma de nossas defesas foram efetivas contra aqueles monstros, vossa alteza.” Comenta um dos elfos.*

*“Sim. Tivemos sorte de tê-lo aqui em tal momento.” – Keen olha em volta da cidade, analisando os danos e imaginando o que fazer a seguir; – “Ikarus e Laerdra, vamos voltar para o centro. Aqueles que vieram comigo, fiquem aqui e busquem por civis. Mandarei reforços em breve.” Ikarus sobe no cavalo de Keen. O Rei e Laerdra cavalgam rumo ao evento principal. A general elfa olhava para Ikarus, apreciando o raro sacerdote.*

*“Isso é engraçado.” – Diz Ikarus rindo; – “Você sabe que não preciso de cavalos para me locomover, não é?” Pergunta ao Rei, já esperando uma resposta afirmativa.*

*“Deixe-me lhe dar uma carona. É o mínimo que posso fazer. E, também, guarde suas forças. Não sabemos se aquelas criaturas irão retornar.” Aconselha Keen.*

*“Não. Eles não irão retornar.” – Afirma o sacerdote dourado; – “Existe um padrão em suas aparições. Sempre que os espectros surgem, levam dias para novas aparições. Esse comportamento ocorreu tanto em Aelyn, com os lycans e em Héros com vampiros.”*

*“É sempre bom ter você por perto, Ikarus.” – Diz Laerdra, com seu cavalo não muito distante ao do Rei. – “Se permanecesse conosco, tudo seria mais fácil. Você teria muitos recursos para estudo e poderia instruir Witt também.” Keen percebia a elfa mais sorridente do que de costume.*

*“Infelizmente, não poderei permanecer por muito tempo, querida Laerdra. Meu dever como sacerdote é ser imparcial a todo momento, independente de quem necessite de ajuda. Portanto, devo auxiliar todas as nações igualmente. Me alocar aqui seria muito favoritismo da minha parte, não acha?” Ikarus ri olhando para Laerdra. Ela o acompanha no ato.*

*Chegando no centro de Salos, Ikarus, Laerdra e Keen deixam seus cavalos e se reúnem para continuar o diálogo. Os civis estavam preocupados com o estado da cidade devido ao ecoar anterior dos canhões disparados. Visando evitar dispersões e manter a calma durante o evento, Keen se dirigiu ao palco para fazer um anúncio sobre a situação.*

*“Civis de Salos, venho aqui os tranquilizar dizendo que está tudo bem. Há algumas horas, enormes espectros surgiram na entrada de nossa cidade. Graças aos esforços de nossos guardas e preparo de nossa logística, aparentemente nenhum civil foi morto no processo de evacuação.” – Declara o Rei. O povo aplaude com a notícia; – “Ao verificar a entrada de nossa cidade, eu me*



*deparei com um verdadeiro milagre. Todos os espectros, sem exceção, haviam sido eliminados e os elfos feridos já estavam curados graças ao nosso herói! Senhoras e senhores, estamos na presença de uma verdadeira divindade! Ikarus nos agraciou mais uma vez com sua ilustre presença e nos protegeu dos malditos espectros que eventualmente surgem em nossos arredores. Por favor, uma salva de palmas ao grande sacerdote!”* Termina o Rei aplaudindo. O povo acompanha com louvor e muitos mercadores presenteiam Ikarus com frutas e alimentos. Ele recusa lisonjeado.

*“Fico muito grato por tudo isso. Mas tenho pouco tempo aqui e gostaria apenas de lhes informar duas coisas antes de partir.”* – Diz Ikarus ao redor de inúmeros elfos; – *“A primeira informação é de que os vampiros chegarão em poucos minutos em nossa cidade. Eles passaram por uma longa viagem até aqui para entregar uma mensagem da vampira que mais confio, minha aluna Lavender. A segunda informação é de que os espectros invocados não possuem nenhuma relação com magia vampírica. Portanto, peço que não os associem a tais atrocidades e que, por favor, sejam receptivos com Aradia e seus acompanhantes.”* Ikarus se curva aos demais elfos que o cercavam.

*“Nós iremos os receber de braços abertos. Obrigado por tudo, Ikarus. Você é sempre bem-vindo no território de Ártemis, a qualquer momento.”* Termina Keen.

*“Sem problemas. Bom, isso foi ótimo. Adeus, Salos.”* Ikarus sorri antes de uma forte luz o cobrir. Em poucos segundos, um clarão surgiu no evento e, logo após a redução do brilho, o jovem sacerdote havia desaparecido por completo.

...

### **Ano 280 - Noite 10 ▪ A Última Dança**

Cercada por infinitos manuscritos em papiro desgastado, paredes com diversos desenhos ritualísticos pintados em sangue, mesas com velas derretidas e seu lampião cerimonial aceso, Lizha Tenebre se encontrava estudando. Trancada no subterrâneo da maior catedral de Héros, a Ghoul possuía a mesma rotina de estudos todas as noites para tentar aflorar memórias enterradas de seu passado.

Por mais que Lizha fosse uma rápida e interessada leitora, as enormes pilhas de pergaminhos pareciam infinitas. Muitos dos documentos haviam sido escritos pelos irmãos de Lizha e pela própria Tormenta. Neles haviam rituais para superar as fraquezas do sol e da prata, sacrifícios que trariam enorme reserva energética para batalhas ainda mais duradouras e diversas histórias sobre o passado da primeira vampira. Mesmo com décadas de estudo, Lizha não havia explorado metade do conteúdo secreto da catedral.

Durante seu momento solene de leitura, a mulher ouviu o som de passos localizados nos andares superiores. Irritada por ser incomodada em seus momentos de concentração, a vampira solta suas garras já pronta para abrir a porta do subsolo e, em apenas um único e veloz ataque, decapitar quaisquer ameaças que invadiam o ambiente sagrado sem permissão. Sua ação é desfeita ao ouvir a voz de Lestro, seu filho, chamando por seu nome. Retraindo suas garras, relaxando seus músculos e abrindo a porta de sua sala, Lizha suspira sem paciência para lidar com sua criança.

“Lestro... Estou no andar de baixo.” Diz a vampira em voz alta.

“Estou com Venum, ele é um dos Superiores de Bankas. É de confiança. Tenho permissão para levá-lo até aí?” Pergunta Lestro a um passo de descer as escadas para o subsolo.

“Sim. Apenas venham.” Lizha manteve a porta aberta para que os convidados soubessem qual das salas do corredor subterrâneo adentrar.

Conforme a dupla de Superiores descia a escura escadaria, o ambiente parecia esfriar. Os subsolos da catedral eram normais aos olhos de Lestro, porém esta era uma área que nunca havia sido vista por Venum. Admirado pelos símbolos gravados pelas estreitas paredes de pedra, Venum queria fazer inúmeras perguntas à Lestro e sua mãe, contudo sabia que tal ato seria incômodo para ambos os Ghouls.

Após descerem em silêncio, o ar gélido parecia mudar conforme se aproximavam da sala onde estaria Lizha. Entrando na sala, Venum sentia um misto entre medo e admiração enquanto Lestro apenas sentia felicidade em rever sua mãe. Lizha permanecia com uma expressão neutra, demonstrando que não se importava com a presença dos homens.

“Lestro, vocês ainda não mataram Morenar, não é?” Pergunta a impaciente vampira.

“Ainda não, Lizha.” – Responde o filho da Ghouls; – “Azaroth ficou em Bankas para armar uma grande armadilha que aumentaria nossa chance de sucesso. Então, após ele e Lavender terminarem de conversar, nós teremos tudo preparado para seu abate.” Venum ficou em silêncio, acompanhando o diálogo com ouvidos curiosos.

“Certo. Parece um bom plano... Vocês possuem uma grande oportunidade em suas mãos. Principalmente você, Lestro.” – O olhar de indiferença de Lizha se converte em tristes olhos de pena em direção à seu filho; – “Se você conseguir isso... Finalmente conseguirei o amar assim como Tormenta amou todos nós. Esta é a luta da sua vida. Não deixe sua caça fugir e não morra.” A Ghouls se aproxima

de Lestro e o abraça. O olhar de Lestro demonstrava grande surpresa, o que fez Venum acreditar que o ato era algo incomum entre a mãe e seu filho.

“Mãe...” – As mãos do vampiro tocavam as costas de sua mãe com hesitação, mas fazendo o aproveitar cada segundo do raro momento de afeto. Algumas lágrimas escorriam dos olhos de Lestro; – “Mãe, eu entendo a dor que meu nascimento trouxe à você e ao nosso povo. Desde que nasci eu me dediquei a caçar animais maiores que eu e ser sempre rápido em meus abates, como você me ensinou. Eu lhe dou minha palavra, mãe. Eu irei redimir minha existência e matar Morenar.” Em prantos e respirando com força, Lestro termina o abraço e se retira sem olhar para trás. Venum se despede da grande vampira e segue seu aliado. Lizha olha com pesar para a dupla que saía de seus aposentos.

Sem uma palavra dita pela dupla, Lestro seguiu caminhando em passos rápidos até uma das pontes mais próximas dali, apenas para ficar em silêncio e ver seu reflexo na água. Venum o seguiu dando espaço ao seu companheiro para não o causar desconforto.

Finalmente, chegando na ponte, Lestro retira sua máscara, a qual estava molhada por suas lágrimas, e se apoia em um dos braços da estrutura elevada que interligava as áreas de Tenebre. Lestro não possuía lábios ou bochechas. A área que sempre ficava coberta de seu rosto era completamente aberta e o grotesco ferimento aparentava nunca regenerar. Sua dicção era normalmente comprometida e muitas vezes era possível ouvir certa dificuldade em sua respiração, principalmente quando estava exausto.

“Assim que sairmos de Tenebre, iremos enfrentar um monstro. Você sabe disso, não?” Pergunta Lestro olhando para o rio.

“Azaroth está nos esperando com milhões de meios de matá-lo. Eu confio nela e não estou com medo.” –

Responde Venum com tranquilidade seguido de um rápido espirro. – “O tempo está mudando de novo... Ou foi apenas a poeira do subterrâneo.” O Superior ri enquanto seca seu nariz.

“Sabe Venum... Essa pode ser nossa última conversa. Creio que posso me abrir com você.” – Começa o Semi-Ghoul; – “Eu fui a razão de minha mãe se retirar da Guerra de Tormenta e os vampiros falharem em sua primeira invasão contra os elfos. Lizha poderia ter simplesmente escolhido não me ter e continuado em campo, mas o meu velho havia morrido e ela sentia que precisava honrar o legado dele de alguma forma.

Então ela saiu do campo de batalha e eu nasci.” Suspira Lestro.

“Você sabe que não tem culpa.” Rebate Venum.

“A minha existência por definição já é culposa. Minha vida hoje é a maior razão de nosso povo não ter o mundo nas mãos. Eu evolui, sempre tentando superar os feitos de minha mãe e trazer esperança para nossa nação. Ainda me tornando Superior e sendo considerado o maior caçador de Héros, eu nunca superei minha mãe e falhei em ajudar Aradia durante a Guerra Final.” – O olhar de Lestro estava fixado na água do rio e ele parecia focado em suas antigas memórias de guerra. – “Aquele lobo estava lá. Aquele monstro... Eu não pude fazer nada para salvar minha tia. E, exatamente por isso, treinei até hoje buscando meios de eliminá-lo da melhor maneira possível. Cada inimigo, cada presa... Tudo foi para este confronto, Venum.” Lestro vira seu olhar para os olhos verdes e preocupados de Venum.

“Eu entendo o peso dessa missão para você. Existe muita coisa em jogo e todos nós temos um desejo em comum... Reconhecimento.” – Venum deposita sua mão no ombro de seu amigo; – “Reconhecimento de uma mãe; reconhecimento das autoridades; reconhecimento da sua paixão... Sim, todos nós queremos a mesma coisa. É algo fútil, mas eu acredito que seja o suficiente para preencher minha vida imortal.” Venum se senta no apoio da ponte e olha para o céu noturno e sorri ao encarar para as estrelas.

“O amor de Rzaroth é suficiente para você viver tranquilamente durante toda a eternidade?” Pergunta Lestro.

“Ela nunca me amará. Eu já entendi isso desde meu primeiro contato com ela.” – Venum vira seu rosto para seu amigo e termina; – “Mas o que mais eu posso fazer? Nós matamos por tão pouco, não é?” Diz o vampiro gargalhando. Lestro fecha os olhos e veste novamente sua máscara.

...

Durante a noite seguinte, a dupla de Superiores foi chamada por Lavender. A reunião com Morenar havia sido um sucesso e o tema iria a público em breve através de uma declaração da Rainha em frente ao seu castelo. Após o comunicado, as instruções de Lavender eram de escoltar Morenar até Bankas, para assim, o lycan seguir viagem até seu distante país, Aelyn.

## **Capítulo 06 - A Calma**

### **Ano 280 - Noite 15 ▪ Salos - Proximidades da Capital de Ártemis**

A carruagem de Cétrico seguia uma rota barrosa, em subida, que levaria o grupo finalmente até seu objetivo final, Salos. Terminando de seguir o montanhoso caminho, o cenário que aguardava os visitantes era a grandiosa entrada da capital élfica, completamente destruída. As grandes muralhas brancas da cidade que, no passado, eram grandes obstáculos para os vampiros em sua invasão, foram reduzidas a ruínas, juntamente de todas as barricadas e canhões.

“Albert! Acorde Aradia, imediatamente!” Grita Cétrico abismado com a destruição de Salos.

Apenas o alto e abafado comunicado de Cétrico, vindo de fora da cabine, havia sido suficiente para Aradia despertar. Após semanas em intensa hibernação, a Ghoul acordava com uma evidente expressão de incômodo. Ao que tudo indicava, Aradia não havia descansado apropriadamente.

“O que? O que houve, Cétrico?!” Pergunta Albert indo em direção à pequena janela para ver o exterior.

Através da pequena fenestra, Albert averiguava, pela primeira vez, o território élfico. Ao longe, o nobre via uma legião de elfos em diversas montarias. Armados e devidamente protegidos com armaduras de prata, o exército élfico, liderado por Keen, estava estacionado nas ruínas da entrada de Salos, apenas aguardando seus convidados.

“Parece que chegamos...” - Aradia boceja e estala seu pescoço, enquanto inicia o processo de vestir sua fosca armadura. - “Mais uma vez, aqui me encontro... No lar das fadinhas do bosque.”

Debocha a guerreira. Albert estranha a atitude informal da general.

A carruagem de Cétrico se aproxima do grande batalhão. Parando o veículo, o nobre desce da suspensão, onde comandava seus cavalos. Keen e Cétrico trocam palavras em élfico enquanto Albert os observa da janela para tentar entender o diálogo. Para Albert, a língua que a dupla proferia era algo totalmente novo e gerava grande estranheza por a estar ouvindo pela primeira vez. As palavras eram enroladas e pareciam se autocompletar de maneira muito veloz, como se não existissem pausas em sua locução. Algo muito diferente do arrastado e dividido tom vampírico.

Tendo finalizado a conversa com Keen, o nobre se dirige à porta para informar ao seu grupo o que havia sido acordado. Aradia apenas continuava a se vestir preguiçosamente em silêncio.

“Aradia, Albert... Pelo que parece, eles foram atacados por espectros a alguns minutos atrás. Vamos segui-los até o centro para que eu faça o anúncio da carta de Lavender e, após isso, vamos nos alocar no castelo real para descansarmos.” – Informa o guia; – “Tivemos sorte de não termos nos encontrado com os espectros no caminho.” Diz, aliviado. Aradia ri da preocupação do nobre carroceiro.

Subindo e controlando a carruagem, Cétrico seguia o exército que os levaria rumo ao centro de Salos. Pelo caminho, muitas das residências e estabelecimentos comerciais haviam sido reduzidos à entulhos graças ao fulminante ataque dos espectros. Diversos soldados estavam espalhados, levantando estruturas e procurando por quaisquer feridos nos escombros. O cenário fez Cétrico refletir sobre seus sentimentos. O nobre sentia tristeza pelo ataque, contudo não podia deixar de lembrar que tal nação já fora sua grande adversária no passado. Sua lógica ofuscou rapidamente o sentimento momentâneo.

Chegando ao centro de Salos, diversos soldados se encontravam em pontos estratégicos, entre barracas, prédios e ruas, para a observação e precaução dos vampiros. A multidão de civis estava agitada devido à preocupação e curiosidade acerca dos tão aguardados e polêmicos convidados. O ataque de espectros apenas serviu para os manter ainda mais apreensivos quanto à presença de forasteiros em Ártemis. Assim que o grupo saiu do veículo, todos os olhares se direcionaram à Aradia. Sua descrição para os elfos era praticamente idêntica à aparência de Tormenta, o que causou grande medo na grande maioria tanto de civis quanto de guerreiros.

Era óbvio aos olhos dos vampiros que eles não eram bem vindos e sua mera presença já era o suficiente para causar pavor em multidões. Desviando seu olhar e se mantendo em silêncio constante, Albert e Cétrico estavam desconfortáveis com a situação, que parecia, a qualquer momento, resultar em um conflito. Aradia se divertia admirando os olhares assustados do povo e em especial, o olhar de Laerdra que, com uma de suas mãos, segurava o cabo de sua espada ainda guardada. Aradia sorri como se estivesse diante de uma velha amiga.

*“Ela está me provocando...”* Sussurra Laerdra para Keen, que ignora os resmungos de sua discípula. Cétrico parecia não ter ouvido o dito.

O Rei e Laerdra estavam próximos ao grande palco e, escoltados por muitos soldados, apenas aguardavam o aproximar dos vampiros para o seu comunicado. Tanto Keen quanto sua subordinada analisavam friamente cada movimento de Aradia, temendo a lendária e imprevisível mulher. A Ghoul coloca ambas as mãos nas costas de seus nobres e se dirige ao palanque, enquanto os empurra.

“Estes civis não possuem idade o suficiente para terem vivido no tempo em que invadimos esse lugar. Portanto, provavelmente estão me confundindo com Tormenta pela descrição de seus livros e lendas. Pobres coitados...” – Aradia comenta com Albert, percebendo que seu aliado não havia esboçado qualquer reação e estava se segurando para não afiar sua lâmina; – “Não fique tão tenso. Eu diria que seria quase impossível qualquer elfo compreender nosso idioma.” A vampira brinca assoprando os longos cabelos alvados do nobre.

“Vamos acabar logo com isso...” – Solicita Albert preocupado; – “Cétrico, suba e leia a maldita carta.” Diz o nobre em tom de ordem a seu colega.

Os vampiros se aproximam do grande palco de madeira. A única pessoa que realmente não parecia preocupada com a situação, era Aradia. Ficando frente a frente ao Rei, a vampira solicitava que Cétrico traduzisse o diálogo.

“É um prazer encontrá-lo, desta vez, como aliado.” – Agora, sem qualquer sorriso, Aradia estende sua mão à Keen com a intenção de firmar um aperto; – “Sentimos muito pelo incidente com os espectros. Nosso país também sofre eventualmente com as malditas aparições.”

*“Primeiramente, peço perdão, mas saiba que não a cumprimentarei desta forma.”* – Responde Keen sobre o aperto de mão, temendo o dreno de vitalidade vampírico; – *“Sim. É uma tragédia que nos assola. Chegamos a conclusão de que são seres inteligentes e que atacam em datas específicas. Estamos analisando seus padrões.”* Termina o Rei.

“Fascinante! Seria ótimo falar mais sobre isso e trocar nossos conhecimentos após o comunicado.” – Diz a vampira animada; – “Agora, Cétrico. Vamos dar início ao anúncio.”

O trio segue para as escadas, passando em frente à Keen e Laerdra. Aradia dá uma última olhada na cicatriz da elfa. Aquela marca permanente nunca sairia de seu rosto. Muito provavelmente, aquele era o mais legítimo retrato da agressividade de Aradia. Foi a primeira batalha da vampira na Guerra Final. A maior prova de sua violência, a qual a elfa iria carregar consigo até o túmulo. Aradia teve a ideia de contar sobre o ocorrido para Albert após o fim do evento.

Subindo na vasta estrutura de madeira, o grupo se posicionou com Aradia no meio, Albert à sua direita e Cétrico, dando um passo à frente, que estava à esquerda de sua líder. Suando frio e, pela primeira vez, nervoso por ter que falar em um público diferenciado, Cétrico engole em seco e fica espantado pela enorme diversidade de elfos na plateia. Dentre as muitas cabeças de civis, guardas e comerciantes, muitos eram loiros, ruivos, morenos e seus olhos possuíam as mais variadas cores. Todos possuíam

longas orelhas de diferentes tamanhos e olhos alongados para as laterais, além de um tom de pele muito similar entre si.

Percebendo que havia ficado quase um minuto em silêncio analisando seus arredores e organizando suas ideias, hesitante, o nobre retira o documento do bolso interno de seu manto rubro e, gaguejando, começa seu discurso:

*“Desde nossa existência como raça, vampiros lutam contra elfos e lycans. Houveram muitas acusações, invasões e pesares. Com certeza, foi um caminho com muito derramamento de sangue... Mas todos os lados cometeram erros e pagaram por seus atos. Tendo em mente o passado como exemplo, devemos seguir mirando no intuito de reconstituir nossas relações inter-raciais.”* Ainda permanecendo com o legado das antigas guerras em suas mentes, os elfos da plateia permaneciam demonstrando resistência em aceitar a ideia de trabalhar com vampiros. O tema era como um tabu no país.

### **Ano 280 - Noite 10 ▪ Em Frente à Última Dança**

“Os sacerdotes sempre me contavam histórias de como é o exterior e poucos foram os seres de nosso continente que o exploraram e voltaram para contar seus relatos. Fora de Granland há uma infinidade de lugares, nações, riquezas e possibilidades, apenas esperando para serem descobertas e compartilhadas conosco. Para esse fim, é preferível esquecer os males e sofrimentos do passado e idealizar o mais confortável e harmonioso futuro.” Lavender encara seus súditos. Muitos permaneciam com expressões negativas por não concordarem em se aliar com elfos e simplesmente ignorar o passado, enquanto outros pareciam entender o objetivo da Rainha em descobrir novas terras férteis e oportunidades de crescimento em inovações com ajuda de outros povos.

A Rainha não estava sozinha enquanto discursava em frente ao seu castelo. Atrás de Lavender estavam os três grandes Superiores de Elite. Reconhecidos por serem os vampiros mais poderosos depois das irmãs Ghoul. O trio tinha o dever de permanecer junto a Morenar, para proteger o lycan de qualquer atitude indevida do povo. Eles estavam encapuzados e todos exalavam um forte odor de enxofre, para que Morenar não conseguisse reconhecer suas identidades, por precaução. Eles estavam em total silêncio e o atuavam a metros do grande guerreiro, o permitindo ter seu espaço e ser livre para ir onde desejar, mas sempre o acompanhando onde fosse.

No céu noturno e estrelado, apenas um pássaro sobrevoava o lugar. Ele voava calmamente em movimentos rotativos e ininterruptos. Era Allith que, transformado em corvo, observava a declaração e, em simultâneo, se mantinha fora do radar de Morenar. O Conselheiro estava mais preocupado com sua prima, Liandre Lazor, que permanecia na escolta do lendário lycan. Allith sabia que destransformada, a vampira não era páreo



para o forasteiro e, que se algo inesperado ocorresse, ela provavelmente seria a primeira a ser atacada por ser uma fêmea, alvo que era prioridade dos lycans.

“Tendo dito isso, eu, Lavender, há mais de um século coroada como Rainha de Héros e em colaboração com Ártemis e Helyn, declaro o firmamento da proposta para expedições rumo a novos continentes e terras inexploradas. Juntos, vampiros, lycans e elfos teremos as maiores chances de sucesso para explorar novos mundos e, finalmente, viver em paz e união.” Alguns vampiros se retiraram da aglomeração, indignados com o pronunciamento, enquanto outros louvavam a Rainha pela visionária proposta. Boa parte do povo estava dividido.

“Discutindo por anos através de cartas com Keen e Ikitar, o líder da Tribo Principal, a expedição contará com até três viajantes de cada raça e estes poderão levar consigo um sacerdote caso tenham tal privilégio.” – A Rainha não se incomoda com aqueles que deixavam o local em negação à sua proposta; – “Temos tempo para nos preparar. A viagem será daqui a 30 dias e usaremos nossa melhor embarcação. Neste período, irei me comunicar com os sacerdotes para recebermos seu auxílio durante essa missão. Possuo alguns nomes em mente quanto a qual deles escolher para nos acompanhar.” Após apresentar estas e poucas outras informações ao público, não demorou muito para Lavender encerrar seu pronunciamento.

Terminado o anúncio, os vampiros se voltaram a seus afazeres rotineiros e deixaram a frente da grande catedral. A única que restou na multidão era Lizha que, com suas vestimentas de sempre, caminhava rumo à Rainha, os Superiores e o licantropo. Seus olhos carmesim seguiam focados no robusto indígena que, por sentir o diferenciado aroma da Ghoul, também a analisava ao longe. Reconhecendo que aquela mulher batia com a descrição das guerras anteriores como uma das vampiras mais letais e precisas em assassinar lycans e elfos, Morenar a encarou com seriedade.

Sutilmente, os Superiores de Elite encapuzados puseram-se à frente de Morenar, de modo a demonstrar que estariam dispostos a lutar por sua proteção mesmo contra Lizha. Lavender foi de encontro com a clériga. Allith permanecia assistindo no céu.

“Boa noite, Lizha. Precisa de algo?” Pergunta gentilmente Lavender.

“Foi um belo discurso, Lavender. Você sabe meu posicionamento em relação a fazer negócios com raças inferiores, portanto não vou prolongar a conversa.” – A mulher arruma seu cabelo trançado; –

“Quais seriam os participantes e sacerdotes que tem em mente para a viagem?”

“Ainda estou incerta quanto a quem de nós vampiros deveríamos mandar para o outro continente. Iremos fazer uma análise dos que tiverem aptidão e interesse em se voluntariar.” - Responde a Rainha; - “Já o sacerdote... Minha primeira sugestão seria Ikarus, mas sua magia luminosa é muito prejudicial à maioria dos vampiros. Talvez algum de menor classe e que não seja preso à Tabelaion. Como Hérobou ou Vianna, por exemplo.” Termina pensativa. A resposta satisfaz Lizha.

Andando e passando por Lavender, Lizha vai até Morenar e os Superiores de Elite. Parando em frente ao maior dos vampiros de elite, Lizha olha para cima no intuito de ver seus olhos castanhos escuros. Ela solta um sorriso tímido e sincero.

“Você deve estar odiando isso, não é?” Diz para Solumbre. O vampiro era por poucos centímetros menor que Morenar e possuía um físico forte e robusto, quase se igualando ao lycan. Seu rosto era coberto por seu negro cabelo bagunçado.

“Nem imagina o quanto, senhorita Lizha... Nem imagina o quanto...” A voz do vampiro era naturalmente alta e grossa. Ele era conhecido como um dos vampiros mais violentos da capital e, por quase uma década, viveu em Asmos, a cidade-prisão.

Durante o Declínio, Solumbre era conhecido pelo apelido de "açougueiro", uma vez que, para a redução dos crimes de diversas cidades, o vampiro caçava quaisquer suspeitos de roubos ou assassinatos e os abria completamente, espalhando pedaços de sua carne pela rua em que o criminoso havia cometido tal crime. De acordo com ele, quaisquer infrações contra a propriedade de qualquer indivíduo da sociedade acarretaria um brutal extermínio, pois não estaria mais no mesmo patamar digno de convivência social que outros civis. Por sua falta de controle, brutalidade e grande senso de justiça, Solumbre é um dos Superiores favoritos de Aradia.

“Aguente mais um pouco. Sei o quanto você deseja matar esse primitivo lycan burro, mas, em breve, ele estará fora de nossos domínios.” - Lizha acaricia os fortes braços do Superior de Elite; - “Venha para a Última Dança após ter jogado o lixo para fora.” Termina a Ghoul em tom gentil, se despedindo do restante.

Das sutis aberturas do manto nas costas de Lizha, duas gigantescas asas negras são expulsas da vestimenta. Os grandes membros eram substancialmente maiores que os da maioria das vampiras fêmeas. A Ghoul encara o lycan uma última vez antes de levantar voo rumo a sua catedral. Acompanhando o voo da clériga, a Rainha vai até Morenar para um último adeus.

“Há algo que gostaria de fazer antes de partir?” Pergunta Lavender, gentilmente enquanto admira os olhos heterocromáticos do grande guerreiro.

“Não. Estou satisfeito. Você me surpreendeu bastante. É uma sábia mulher, Lavender.” - Admite o orgulhoso homem; - “Obrigado pelo banquete e pela recepção.”

“Não se preocupe com isso. Então, estamos conversados. Foi ótimo ter você aqui, Morenar. Os Superiores de Elite o acompanharão até seu transporte. Poderá descansar em Bankas antes de prosseguir com sua longa viagem.” Lavender firma um cumprimento de mão com o lycan que não teme nenhuma ação da mesma.

Indicados por Lavender, os três Superiores de Elite dirigem Morenar até a carruagem, onde estavam apoiados Lestro e Venum. No caminho, muitos civis encaravam Morenar com fúria e o insultavam em idioma vampírico. Como alvo, mesmo percebendo que estava sendo ofendido, ele realmente não se importava e sentia pena daqueles que ainda não compreendiam o plano de Lavender em unir raças para um nobre propósito.

A dupla de Superiores de Bankas observa o trio escoltando Morenar, o qual parecia calmo e tranquilo. Percebendo que o lycan era pacífico e que as precauções de nada adiantariam, os três Superiores de Elite retiram seus mantos que escondiam suas identidades. Liandre, a quimera; Solumbre, o açougueiro; e Khalid, o imortal, se revelaram e se aproximam da dupla de Superiores. A vestimenta dos Superiores de Elite era um longo manto exatamente como da nobreza, porém completamente negro como a jaqueta dos Superiores comuns.

“Venum e Lestro. Já faz muito tempo desde que estiveram aqui, não?” - Pergunta Khalid, outro Semi-Ghoul, de olhos tão vermelhos quanto os de Lestro; - “Uma pena não poderem aproveitar mais para vislumbrar os planos de Lavender. Tenebre está começando a colher os frutos que nossa grande Rainha plantou no passado.” Insinua o Superior de Elite.

Diferente da maioria dos Superiores em geral, Khalid era um dos maiores apoiadores de Lavender. Sua devoção à Rainha era tanta que já havia matado Superiores apenas pelo fato de terem zombado das decisões da monarca, mesmo com ela não aprovando isso. Além deste diferencial, Khalid também era um Semi-Ghoul, assim como Lestro. Mesmo sendo descendente de Cassandra Tenebre, irmã de Lizha e Aradia, sua relação com as Ghouls era distante por ser um apoiador do reinado de Lavender.

Seu cabelo era curto em geral, raspado na área da nuca, e mantinha uma franja que cobria parcialmente sua visão, além de duas mechas que desciam nas laterais de seu

rosto. Como todo Semi-Ghoul, a coloração dos fios eram brancos na raiz até se tornarem negros em seu final.

“Espero que esteja certo, Ķhalid. Realmente espero que Lavender esteja melhorando Héros como um todo.” – Diz Lestro calmamente; – “Adiaremos esta conversa para uma próxima oportunidade, tudo bem?” Termina o Semi-Ghoul, filho de Lizha.

“Tá com pressa, Lestro?!” – Pergunta Liandre; – “Você é rápido pra tudo mesmo. Deve ser um desperdício na cama.” A informal mulher ri enquanto vai de encontro com Venum.

A exótica vampira era a maior relíquia de Tenebre. Liandre Kassar Lazor, a prole da mistura de dois clãs descendentes do mesmo Ghoul. Considerada a Superior com maior potencial destrutivo, sua transformação era única por somar atributos de ambas as famílias em apenas uma criatura. A lendária quimera.

Possuindo uma excêntrica aparência, somente a metade direita de seu couro cabeludo possuía um longo e liso cabelo negro, enquanto a outra metade permanecia completamente careca. Seus olhos eram uma leve mistura entre castanho claro e verde e transmitiam seu grande carisma e simpatia; legado do clã Lazor.

“Senhor, Venum Kassar. O senhor não vai cumprimentar sua prima?!” – Diz a mulher em tom de brincadeira enquanto aperta Venum e passa sua outra mão com força na careca do alto homem; – “Eu tava com saudades! Você não muda nunca, né?! Deu um ‘oi’ pro Allith?”

“Para com isso, Li!” – Diz Venum tentando escapar dos braços de sua prima. – “Não! Allith é um babaca e nunca coopera conosco. Você sabe disso!” Pela primeira vez em muitos dias, Venum eleva seu tom de voz.

“Vocês precisavam se dar bem... Ele é um cara legal. Você só tem que se soltar mais durante as conversas com ele. Talvez, role até um clininha...” – Liandre solta seu primo; – “Ah! Falando nisso, como andam as coisas com Azaroth? Conseguiu tirar um beijinho, pelo menos?” Termina, com olhos curiosos.

“Liane...” – Venum fica desconfortável e envergonhado com a situação. Lestro ri de braços cruzados; – “Na verdade... Ela possui muito mais interesse em você, Lavender ou as Ghoul do que em mim. Eu já desisti, sinceramente.” Liandre ri com a rendição de seu primo. A risada da Superior de Elite era alta e escandalosa, similar a de Allith.

“Tá certo, tá certo... É bom ver que estão bem, agora vou deixar vocês seguirem caminho com o lycan.” – A mulher dá um empurrãozinho em Venum em direção à carruagem; – “Quando encontrar Azaroth dê um beijo bem molhado por mim, e diga que se ela vier para cá faremos muito mais do que só isso.” Diz Liandre mostrando sua língua de serpente enquanto se vira e volta ao castelo de Lavender com seus parceiros. Venum suspira.

“Realmente... Sua prima é tão babaca quanto Allith. Se não fosse seu poder monstruoso, ela nunca seria uma Superior de Elite.” Diz Lestro para Venum, entrando no veículo com Morenar, desta vez sem medos ou preocupações.

“É... Eu sei.” Sem mais delongas, Venum sobe na estrutura da carruagem, pega os cabos ligados ao cabresto e começa a guiar os rinchantes cavalos rumo à saída de Tenebre.

...

### **Ano 280 - Noite 12 ▪ Bankas**

Um silêncio inusitado, acompanhado do cortante som do vento da madrugada, preenchia a vila de Bankas. As ruas permaneciam silenciosas, quase como abandonadas, devido à ausência de civis. O único ser presente naquele lugar era Azaroth, que se mantinha sentada na alta muralha e havia acabado de terminar de esculpir um oco objeto médio de madeira com suas garras.

A vista de cima da cidade permanecia bela aos olhos da jovem Superior e, por evacuar todos os civis do vilarejo para as vilas do norte, o silêncio da noite também a agradava. Com o único intuito de marcar sua presença na aconchegante e solitária vila, a garota começa a tocar seu novo instrumento feito a mão.

As nuvens passavam juntamente de uma forte brisa que bagunçava os cabelos de Azaroth. Ela permanecia imóvel, sentada no alto. O objeto funcionava bem e fazia o som de sua voz repercutir pelas diversas ruas vazias. Azaroth soprava sem pensar em nada além das memórias que havia tido quando estudava com Lavender. Seu coração se apertou ao lembrar que estaria indo contra as ordens diretas de sua Rainha. Azaroth para de tocar e respira fundo.

Ainda havia muitas dúvidas que rondavam a mente da jovem e inexperiente Superior. As figuras que mais se identificava e admirava estariam entrando em conflito e, muito provavelmente, haveriam mortes. Um posicionamento preciso e sem arrependimentos era impossível. Em sua perspectiva, a coroa e o clero possuíam exatamente o mesmo valor.

Com muito pesar, sua decisão se pautava apenas na oportunidade de provar seu valor contra um inimigo que Lestro também compartilhava interesses em eliminar. Se fossem bem sucedidos, ela não seria mais apenas uma vampira reconhecida por sua perícia, mas também toda a fama de Morenar seria atribuída a ela, por tê-lo abatido.

Pulando da muralha e planando rumo à rua mais próxima, a vampira analisava seus arredores. Após ter evacuado os civis, a Superior cavou buracos e os manteve camuflados, envenenou diversas adagas e prendeu fios de nylon de espessura quase inexistente por diversas áreas, que ativariam ainda mais armadilhas. Todos os preparativos estavam prontos para a chegada de Morenar.

## **Capítulo 07 - A Tempestade**

### **Ano 280 ▪ Caminho Para Bankas**

A viagem de Lestro, Venum e Morenar havia sido tranquila e muito menos tensa do que o esperado pelo Semi-Ghoul. Mesmo estando frente ao lycan mais poderoso que já havia visto, Lestro permanecia sereno, pensando qual seria o momento perfeito para o abater. Ele mal podia esperar para ver o que Azaroth havia preparado em Bankas.

Sem qualquer informação deixada por Azaroth sobre a emboscada, Venum pensa em atrasar um pouco sua chegada para ser próxima ao amanhecer. Como vampiros, eles manteriam suas forças enquanto a noite durasse, e Morenar iria sentir grande redução em sua força com a chegada do amanhecer. Em outras palavras, o pensamento de Venum faria o tempo estar a seu favor.

Sempre de braços cruzados, Morenar dormiu a maior parte do tempo e, quando não estava em repouso, o lycan procurava admirar a vista através da pequena abertura que levava ao exterior. Para ele, mesmo sendo um processo tedioso, ainda era melhor do que percorrer todo o percurso transformado. Durante esta e a viagem anterior, o lycan se recusou a comer qualquer alimento oferecido pelos vampiros.

Fora da carruagem, os cavalos corriam contra o vento, juntamente de um forte cheiro de enxofre que incomodava Morenar. Isso fazia parte da estratégia de Azaroth para ofuscar o faro do grande lobo. Diante a este detalhe, os vampiros compreenderam as intenções da líder do trio.

Venum via futuro na emboscada e em como cada um de seus aliados conseguiria atingir seus objetivos e, para ele, isso era o mais importante. Estar no topo junto dos seus companheiros ou morrer ao seu lado na tentativa.

...

### **Ano 280 - Noite 13 ▪ Bankas**

Um dia após Azaroth finalizar todos os preparativos, a carruagem chegou à Bankas. Já era próximo do amanhecer, e Morenar estava dolorido devido às longas horas que passou no mesmo local apertado. Ao sair da carruagem, o grande homem começa a se alongar para relaxar seus músculos. Venum e Lestro estavam próximos ao lycan, no aguardo de Azaroth surgir para lhes explicar sua estratégia.

“E agora? Esperamos?” Pergunta Venum enquanto olha para seu aliado. Lestro responde com uma expressão confusa e coça sua cabeça procurando Azaroth pelas casas de madeira da região.

Enquanto Morenar alongava seu corpo, uma flecha em chamas perfura a região entre suas costelas, o fazendo cambalear e quase ir ao chão. O ato surpreende ambos os vampiros, que não esperavam que o ataque comesse sem aviso prévio. Irritado com o ato e farejando seus arredores, Morenar procurava a origem do ataque com seus olhos vibrantes. Vendo uma oportunidade, Lestro, em um piscar de olhos, faz um grande corte horizontal, que abre a garganta do guerreiro com uma de suas adagas. Ainda um pouco perdido, Venum inicia o processo de metamorfose para acompanhar seu aliado que já mirava em outra área vital do alvo.

O ferimento da flecha permanecia queimando o peito do lycan, enquanto o mesmo tentava conter o grande corte em sua garganta com uma de suas grandes mãos. Muito sangue escuro era jorrado do pescoço do grande homem e banhavam seu torso. Expressando muita dor em sua face, o dourado olho de Morenar, subitamente, havia se tornado completamente vermelho. No imaginário dos vampiros, ele não deveria se regenerar até atingir sua forma lupina.

Mirando no coração do grande homem, Lestro ativa sua garra para que, com a força de seu impulso, pudesse perfurar o peito e arrancar o órgão de seu inimigo. Seu propósito era rasgar os músculos e pulmões de Morenar enquanto quebrava o máximo de ossos no processo. Mesmo que não acertasse o coração, isso provavelmente o mataria em sua forma humanoide.

Tirando ambas as mãos de seus ferimentos, Morenar esquiva do ataque e agarra o pescoço de Lestro durante sua investida. Prendendo o vampiro e o mantendo distante de seu corpo graças a sua envergadura, o lycan começa seu processo de transformação. As feridas do corte no pescoço e da flecha no peito pareciam se regenerar rapidamente e o veneno tanto da flecha quanto da adaga pareciam não fazer efeito.

No intuito de impedir sua transformação, mais duas flechas foram lançadas atingindo as costas do grande homem. Sentindo a dor, ele as ignora e mantém o processo. Seus músculos se dilatavam e o sangue que escorria de seus ferimentos se tornava podre como dos vampiros. A pelagem que começava a cobrir seu corpo era vermelha como seus olhos.

A temperatura do corpo do licantropo aumentava constantemente e parecia evaporar o sangue negro que saía de seus ferimentos. Sua forma e tamanho eram inigualáveis ao de qualquer outro lycan e permanecia fresca nos pesadelos de Lestro.



Em geral, lycans tinham sua forma muito similar a meros lobos e mantinham seus pelos em tons marrons ou negros. Porém, a forma de Morenar era muito diferente de lycans comuns. Seus olhos eram como grandes e profundos buracos avermelhados, da mesma cor de seu extenso pelo arrepiado. Sua boca ia desde o começo de suas orelhas juntamente de duas fileiras de enormes dentes. Nenhum licantropo passava de três metros transformado e Morenar possuía quase o dobro da média.

Faltando poucos segundos para finalizar sua transformação, o lycan é surpreendido por uma enorme mordida em seu torso. Virando seu rosto para abocanhar seu inimigo, Morenar vê uma colossal serpente branca dando o bote em seu corpo. As grandes presas da monstruosa cobra atravessavam o peito de Morenar e permaneciam injetando sua peçonha. Se utilizando de sua força descomunal, Venum retira Morenar do chão e o faz soltar Lestro.

O tamanho que Venum havia atingido era próximo de seis metros, enquanto Morenar, mesmo completamente imobilizado pela mordida, não interrompia sua transformação, e a finalizava beirando os cinco metros de altura. A monstruosa serpente elevou Morenar até uma altura próxima ao telhado das residências de Bankas.

A temperatura de Morenar permanecia aumentando e ondas de calor emitidas por seu corpo danificavam tudo em sua volta. O metal das flechas que o perfuravam já havia derretido e a madeira se reduzido a cinzas. Era uma questão de tempo até que os dentes de Venum fossem destruídos apenas pela energia abrasada emitida por seu inimigo.

Frente ao grande inimigo, Morenar rasgava com fúria o rosto da serpente. Suas garras eram grandes, brutalmente afiadas e, assim como prata, muito efetivas contra a pele de vampiros. Cada golpe desferido arrancava a pele escamosa da grande serpente, chegando a mutilar pedaços de sua carne. Além das garras, o grande lobo também mordida agressivamente e dilacerava partes da serpente. Não demorou para Venum ceder as consecutivas mutilações e cair com seu inimigo.

“Venum!” Grita Lestro, preocupado com seu aliado.

Após caírem ao chão, Morenar quebra os estiolados dentes da grande serpente derrotada e os arranca de seu torso. Observando com mais atenção, Lestro percebia que a regeneração de Morenar era muito diferente do restante dos lycans. O sangue pútrido que saía dos cortes em sua pele, pareciam retornar para a superfície das aberturas de sua carne e secar completamente junto ao elevado calor de seu corpo. Abrindo sua jaqueta, o Superior agarra mais duas adagas para tentar outra investida fulminante.

“Lestro! Tente o levar para o meio da rua, dez metros à sua direita!” – Grita Azaroth. Utilizando algum tipo de instrumento, a voz da vampira estava ecoando por todo o ambiente, fazendo nem Lestro ou Morenar distinguirem a origem do som; – “Haverá um grande buraco! Guie-o até lá!” Ordena a vampira escondida. Olhando rapidamente para o local indicado, Lestro percebe a localização da armadilha.

Gradualmente, Venum retornava a sua forma humanoide. Várias partes de seus membros estavam gravemente feridas e com diversos rasgos em sua carne, principalmente na região de sua face. Vendo que seu inimigo estava inconsciente, Morenar o agarra para devorar sua cabeça. Antes que pudesse completar o movimento e abocanhar sua presa, em um piscar de olhos, Lestro decepa ambas as patas de Morenar e recupera o corpo de seu aliado. Suas adagas se quebram ao cortar a quente e resistente carne de Morenar. A sorte de Lestro foi ter atingido precisamente as juntas do pulso do lycan, pois, do contrário, não conseguiria desmembrá-lo.

Em fúria, Morenar solta um alto e monstruoso rugido e, em poucos segundos, regenera ambas as patas. Impaciente, o monstro corre sob quatro patas em direção à Lestro, que havia se posicionado atrás do grande buraco escondido. Segurando Venum em seus braços, Lestro sente-se intimidado, porém estava confiante na armadilha de Azaroth.

Inusitadamente, o som de diversas cordas em atrito repercutiam pelos corredores da cidade fantasma. Um forte cheiro da queima de ervas venenosas se espalhava por todo ambiente e confundia o sentido olfato do lycan que, despercebido enquanto corria para suas presas, acaba por pisar na armadilha e cair no buraco projetado por Azaroth. Antes de cair completamente, Morenar tenta fincar suas garras na beirada do buraco para se segurar, porém, o barro da cidade escorria por suas unhas. Antes de sua queda, Lestro pôde encarar os olhos do monstro uma última vez.

Ele cairia de frente e o que o esperava no final daquela enorme fossa eram dezenas de lâminas apontadas para cima. Todas feitas de diferentes materiais, altamente afiadas e banhadas no precioso veneno de Venum. O chão da profunda fossa estava inebriado por piche. Não havia maneira de esquivar, apenas aceitar sua queda. Morenar fechou seus olhos. Um alto som do impacto foi emitido após poucos segundos.

*“Funcionou?!”* – Exclama Lestro. Exausto pelo combate contra o poderoso oponente, respirando fundo, sua dicção estava comprometida por conta de seu maxilar danificado. Ele estava surpreso com a eficácia da armadilha e temia que seu inimigo permanecesse vivo.

Correndo para averiguar o estado do suposto inimigo abatido, e colocando sua cabeça em direção ao enorme buraco, Lestro assistia o grande lobo se contorcendo e

soltando altos grunhidos de dor, enquanto diversas lâminas atravessavam seu peito, abdômen, braços, pernas e cabeça.

Surgindo das costas de algumas residências abandonadas, usando suas asas para voar e tomar grande distância do alvo, agora nos céus estava Azaroth. Mesmo com Morenar completamente debilitado pela armadilha, focada, a vampira garante seu abate disparando com precisão, três flechas flamejantes no buraco.

A pequena chama se acendeu e se expandiu, queimando todo o interior do buraco, juntamente do corpo do lycan banhado pelo viscoso líquido. Mesmo com a garganta perfurada, Morenar permanecia grunhindo alto enquanto o fogo percorria a longa pelagem de seu corpo. O peso dos ombros de Lestro ia embora enquanto observava a silhueta do lobo em meio às enormes chamas.

“Funcionou, Lestro. Acabou.” – Dizia Azaroth, andando calmamente e se aproximando de seu aliado. A vampira parecia entristecida por ir contra as ordens de Lavender; – “Obtemos a sua vingança e contribuímos para o propósito das irmãs Ghoul. Será que valeu a pena?” A jovem vampira se questionava ainda sob o estalar das chamas no interior da armadilha. Para Lestro, ela não parecia satisfeita.

*“Certo, isso é ótimo. Porém, ainda mais importante que isso, Venum está vivo.”* – Ofegante, ele ainda segurava Venum em seu colo; – *“Nesse estado, ele não vai durar muito tempo. Vamos buscar carne para melhorar sua regeneração.”* Termina indo rumo à saída de Bankas.

“Sim, sim... É claro.” – Azaroth suspira; – “Ainda me sinto mal por trair Lavender. O que será que sua mãe está planejando?” A vampira se põe ao lado de Lestro.

*“Ela não me revelou muito, apenas que teremos possivelmente uma nova guerra contra lycans e elfos.”* – Informa Lestro com olhos cansados rumo à Floresta da União; – *“Foi uma luta difícil. To acabado.”* O Superior ri cambaleando.

“Então, iremos contra a ideologia de Lavender. Provavelmente um golpe será dado e Radia ou Lizha tentarão obter a coroa.” – Afirma, relutante, a Superior; – “Isso é muito triste, mas, se este for o caso, devemos nos encontrar com Lizha para entender melhor a situação e bolar uma estratégia para tentar negociar e projetar invasões nos domínios de nossos inimigos.” Termina de forma analítica e pensativa.

*“Você é uma idiota, sabia? Não deveríamos estar pensando nisso agora.”* – Diz em tom animado. Não demoraria para eles chegarem aos portões da vila e para amanhecer; – *“Vencemos!”*

*Matamos o maior lycan que já existiu! Em breve seremos condecorados como os novos Superiores de Elite!"* Diante da realização de que havia cumprido o objetivo de sua vida, o homem chora. Azaroth o encara com olhos despeitosos.

Dois grandes cortes verticais são desferidos nas costas dos Superiores. O punho direito de Morenar rasgava profundamente a carne e a coluna de Lestro, enquanto o esquerdo atravessava ambos os pulmões e asas de Azaroth. Venum, que era carregado por seu companheiro, é arremessado para longe.

Ainda em chamas, o grande lobo estava de pé e o fogo não parecia o queimar ou ferir. Seu peito estava repleto de lanças derretidas e estacas queimadas o atravessando. A besta de olhos fundos sorria ao pisar em suas presas. Lestro estava inconsciente, enquanto Azaroth murmurava e se movia com dificuldade tentando resistir ao peso das patas do monstro. Ela estava confusa, perdida; não entendia como Morenar havia sobrevivido e os atingido sem produzir qualquer som.

**“Eu já fui refém do abismo e do esquecimento. Durante minha penitência, entendi a graciosidade da insignificância. Agora é a sua vez.”** Recita uma grossa e gutural voz originada no interior da besta.

Removendo a máscara de Lestro, o monstro o encara por alguns segundos. Morenar finalmente se lembra do momento em que havia visto este vampiro durante o último enfrentamento com Aradia. Segurando a parte de cima da boca de Lestro com uma mão e sua mandíbula com a outra, usando toda sua força, Morenar abre a cabeça do vampiro até o final do pescoço. Movendo sua língua como um violento flagelo, no objetivo de deliciar-se com o sangue pútrido do vampiro, o monstro engasgava-se com o próprio riso. Muito sangue negro de Lestro é derramado sob Azaroth que, apavorada, não conseguia gritar devido aos danos em seus pulmões. Com seu crânio completamente destruído, o corpo de Lestro cai ao lado de sua aliada. Em um momento de grande dor e com muito esforço, no intuito de acordar Venum, Azaroth solta gritos irregulares e que muitas vezes eram ofuscados pelo sangue que borbulhava em sua garganta.

...

O fogo se espalhava pelas ruas. Com imensas dores de cabeça, Venum despertava. Fraco e confuso, o vampiro caído abria seus verdes olhos desesperados, apenas para vislumbrar a maior decepção que já havia presenciado. Bankas estava em chamas. Próximo ao Superior, estava o corpo de Azaroth já sem vida. Seu rosto estava em perfeito estado, porém suas costas haviam sido completamente abertas e muitos de seus órgãos haviam sido destruídos por inteiro.

Muitas das residências de madeira do famoso vilarejo perpetuavam as chamas do intenso incêndio. Não muito longe de Venum, estava o corpo sem cabeça de Lestro que abastecia o fogo de uma enorme chama. Levou alguns segundos para o debilitado vampiro entender que aquele pedaço de carvão era o corpo de seu falecido amigo.

Quase sem forças, Venum rastejou até o corpo de sua amada e acariciou seus cabelos negros. Seu nariz escorria em meio aos fortes cheiros abafados do incêndio. Ainda com um nível não muito elevado de consciência, o vampiro percebia que muitos dos seus ferimentos não iriam se regenerar apenas com seu fator de cura. Usando suas mãos para tentar suprir o frio escorrimento de seu torso, era nítido que em poucos minutos ele morreria.

Canibalismo era um ato condenável entre os vampiros, uma vez que, trazia muitos malefícios à mente daquele que o cometesse. Lizha sempre pregava em suas cerimônias que devorar o cadáver de qualquer descendente de Tormenta, era uma grande violação e desrespeito com o falecido. O homem chorava ao admirar a cicatriz no rosto de Azaroth, uma última vez, antes de iniciar o processo de devorar aquela que tanto admirava.

A gigantesca combustão devorava a cidade assim como Venum consumia o corpo de Azaroth. Casas desmoronavam, a madeira estalava, a fumaça se propagava rumo à grande floresta. Não haviam rastros ou quaisquer sinais de Morenar.

...

### **Ano 280 - Noite 15 ▪ Salos - Capital de Ártemis**

O discurso de Cétrico havia sido finalizado. A maioria dos elfos ficou em silêncio, divididos por inseguranças na presença dos seres que tanto temiam. Outros, porém, iniciaram aplausos e diversas aclamações a favor dos vampiros. Estes que o faziam eram ativistas que pregavam pela união de raças e integração de costumes, tanto lycans quanto vampíricos, na sociedade élfica.

Os ativistas foram nomeados 'Apoiadores de Héros'. Estes, eram pequenos grupos da sociedade, muito julgados pela grande maioria dos elfos, pois, além da popular opinião política, também eram em grande parte carnívoros e pregavam que a coroa ensinava mentiras nas escolas para fazer qualquer elfo ter repulsão a raça vampírica. De acordo com eles, é necessário que Lavender e Keen possam estabelecer uma união para que nenhuma guerra futura ocorra como no passado, além de se preocuparem constantemente com o estado de vida dos vampiros e lycans.

Cercados pela dualidade de olhares duvidosos e aplausos eufóricos, os vampiros são levados até seus aposentos. O planejado era que o trio ficasse em um dos quartos de

hóspedes do grande castelo da família real élfica, os Rowan. O próprio Rei elfo e chefe da família real, Keen Rowan, conduzia o trio, junto de diversos guardas, e comunicava à Cétrico as principais informações.

“Cétrico, pergunte à Keen se alguma taberna fica aberta pela madrugada. Eu fiquei sabendo da existência de um lugar esplêndido, com bebidas únicas da capital élfica e diversos tipos de carnes.” Ordena Aradia, andando de braços cruzados. Cétrico apenas concorda, incomodado por ter que atender a tais exigências.

*“Taberna? Sim, existe um bar aqui próximo, chamado Akrasia. Provavelmente é o único local que fique aberto a noite inteira.”* – Responde Keen, que andava com ambas as mãos para trás, rumo ao castelo Rowan; – *“Em meu castelo, temos um banquete especial os aguardando. Contudo, se Aradia deseja jantar algo diferente, que assim seja.”* O Rei dá as informações para seus guardas. Dos oito que escoltavam o grupo, cinco seriam os responsáveis por levar Aradia até a desejada taberna.

“Uau, cinco homens para apenas uma dama... É ótimo saber que se importam tanto com minha segurança.” – A vampira ri enquanto olha para Albert. O nobre esboça uma rápida risada. Sua insegurança era ainda maior sem Aradia ao seu lado; – “Eu volto em breve, mais tarde conversamos, senhores nobres de Tenebre.” Termina a vampira que se desvincula do grupo e vai andando rumo a outra rua da bela capital élfica, acompanhada de cinco dos melhores soldados de Keen.

*“Vamos andando. Não falta muito até estarmos próximos aos arredores de meu castelo. Diga-me, meu caro Cétrico. Conte-me sobre o tal Albert que o acompanha.”* – Indaga o monarca; – *“Seu companheiro parece muito recuado desde sua chegada. Gostaria de ouvir um pouco sua voz...”* Cétrico transmite as palavras de Keen para Albert.

“Eu ainda não sou nada além de um mero espectador. Vendo tais lugares de sua cidadela, me sinto um tolo ignorante abrindo um livro pela primeira vez em sua vida.” – Diz Albert com humildade; – “Você parece um líder inteligente e um bom homem. Seu povo passa bem e demonstram sorrisos, mesmo em nossa presença. Eu o parabeno por fazer Salos um bom lugar para se viver.”

*“Fico grato em ouvir tais palavras. Você é um vampiro diferente dos poucos que tive oportunidade de conversar.”*

“Talvez eu seja o mais novo dentre o pequeno grupo que se refere.”

*“Entendo... Então ainda há de ser refinado.”* – O Rei solta um breve sorriso; – *“Vamos passar agora por uma de nossas mais famosas praças. É um bom passeio para uma primeira visita.”* Keen estava otimista.

Passando brevemente por uma das maiores praças do local, um vasto gramado e muitas árvores podiam ser observadas pelos visitantes. Monumentos feitos a partir de um sólido material rochoso, esculpiam duas grandes estátuas que se destacavam em meio a natureza do lugar. Ambas possuíam a mesma altura, revelando que as figuras possuíam a mesma importância e relevância.

O primeiro era um soldado elfo de cabelos longos e que utilizava a coroa pertencente hoje ao Rei de Ártemis. Armadurado, a representação não era muito diferente de Keen, exceto pelo maior tamanho de suas orelhas e feições distintas. A estátua demonstrava felicidade e simpatia, enquanto Keen permanecia com um semblante abatido e expressando exatamente o oposto.

Na mão direita da escultura estava um escudo mediano, o qual utilizava como seu principal égide. Na esquerda ele empunhava uma grande lança que apoiava ao chão e era de maior altura que o próprio portador. Seu nome era Angus, e era tido como o salvador de Ártemis. Keen informa aos convidados que este havia sido o Rei anterior e que desapareceu não muitos anos após dar fim à Guerra de Tormenta.

Escondendo sentimentos de indignação, Albert observava a estátua com impaciência. Angus era o nome do elfo que havia matado Tormenta. Albert sabia desta informação apenas graças à sua mãe que, através de muitas viagens e conversas, conseguia adquirir conhecimento sobre as cerimônias de Lizha, mesmo sendo uma nobre.

A segunda estátua era de um elfo mais velho, com barba mal feita, óculos redondos e cabelo liso e bagunçado, que ia até a altura dos ombros. As roupas esculpidas demonstravam algo próximo de um jaleco, o que era completamente novo aos olhos dos vampiros. Em sua mão direita, ele apoiava livros contra seu corpo e na esquerda uma ferramenta também desconhecida pelos vampiros. Na pequena placa abaixo da escultura, estava escrito em élfico: ‘Dumond, o pioneiro.’

Após ler a placa, Cétrico lembra de certo dito recitado por Lavender. A Rainha havia mencionado a possibilidade dos elfos possuírem grandes inventores em sua sociedade, devido à complexidade das invenções como bombas de prata e as elaboradas proteções em suas cidades. O nobre reconhece que este poderia ser o homem por trás de muitas vitórias élficas no passado.

*“Se Angus representa a força em nossa sociedade, Dumond sem dúvidas representa o intelecto. Com a sua inteligência, este homem estava acima de qualquer sacerdote.”* – Informa Keen, seguindo para a trilha que levaria ao castelo; – *“Certo, chega de aula de história. Vamos andando...”*

Ao final da praça, existia uma larga passarela, repleta de lojas e casas, que levaria até os domínios da família Rowan. Contudo, no centro da ampla passagem, uma intensa imagem chamava a atenção da dupla de forasteiros. Perfeitamente alinhada à entrada da área dos domínios de Keen, existia uma grande estrutura de madeira, a qual imobilizava um antigo cadáver e o mantinha exposto ao público. O corpo estava suspenso no ar graças a uma grossa corda de metal que o enforcava, além de diversas estacas de ferro que atravessam o peito do criminoso. O morto em questão não possuía nenhuma identificação e seu corpo estava muito danificado para qualquer assimilação de gênero.

Albert e Cétrico estavam sem palavras para demonstrar o quão perplexos estavam em encontrar uma exibição de violência em um local que parecia a sociedade mais perfeita já criada. Keen conclui que seria inevitável prosseguir caminho em conforto sem introduzir aos convidados um pouco mais sobre a história da cidade.

*“Em resumo... Este cadáver não possui identificação, pois é reconhecido por todos daqui e não merece ser lembrado por nosso povo como um elfo, mas sim um monstro.”* – O Rei dá um passo à frente. – *“Esta foi Seraphim, a maior guerreira de Salos e uma das elfas mais poderosas que já existiu.”* Keen encara o corpo com raiva. Albert e Cétrico ficam apreensivos de interromper o momento.

*“Pergunte a ele o motivo dela ter sido executada.”* Solicita Albert curioso.

*“Não é uma boa ideia. Vamos apenas seguir ao castelo e esquecer isso por enquanto.”* – Ele dá uma breve pausa antes de falar em outro idioma; – *“Albert disse para continuarmos até os aposentos, Rei Keen.”* O Rei concorda com o dito por Cétrico.

A travessia pela força havia deixado Albert abalado e se sentido enganado pela ideia que havia projetado da sociedade élfica. Era nítido que Salos era um bom lugar para se viver, porém, o vampiro não sabia a que custo a paz daquele país era mantida. Ele tinha muitas perguntas para fazer à Aradia.



## **Capítulo 08 - O Pária**

### **Ano 205 - Noite 03 ▪ Praia, Floresta da União**

Em uma noite abafada, Klaustro estava a pescar em seu barco velho de madeira. Acompanhado de seu novo companheiro, Iron, um lobo filhote, ambos estavam em silêncio absoluto para que os peixes não se afastassem do ponto principal. A dupla estava com sorte. Eles já haviam pescado o suficiente para a janta e, até mesmo, o almoço do dia seguinte.

“Ai sim, Iron! Agora podemos voltar pra casa sem que você tente arrancar meu braço de novo, não é?!” – Ao ver a empolgação de seu dono, o lobo balança seu rabo e dá um leve uivo em concordância; – “É disso que eu to falando!” Diz Klaustro, que rema em direção à terra firme, não muito distante de sua residência.

Klaustro era um vampiro de estatura mediana, pele pálida, barba e cabelos ondulados e olhos castanhos escuros, os quais possuíam duas cicatrizes verticais de cortes haviam sido feitas há décadas desde seu exílio por ordem de Lavender. O homem usava um largo e grosso manto marrom que muitas vezes utilizava como seu cobertor. Mesmo com tais hábitos e morando isolado na Floresta da União, seu caráter era muito mais higiênico que a maioria, sempre tomando banho e lavando suas vestimentas no mesmo local que pesca seu alimento.

A praia em que a dupla se encontrava era o litoral de uma área próxima ao centro da Floresta da União. Enquanto Klaustro puxava sua pequena canoa para a superfície, Iron corria próximo ao seu dono e se jogava no chão, animado. O pequeno lobo filhote possuía pelos arrepiados e cinzentos e uma curta cauda. Seus dentes ainda eram pequenos e, por isso, ele precisava sempre cortar os alimentos em pequenas fatias para seu companheiro.

“Vou acender uma fogueira e fazer um belo rango para nós.” Diz, terminando de puxar a oca canoa de madeira para fora da água e a levando com ambas as mãos e sob sua cabeça, para sua casa. A água escorria próxima a Klaustro e pingava nas extremidades. Iron o seguia, contente.

A residência do vampiro era uma casa improvisada de madeira, que ele mesmo havia construído há muitos anos, desde seu exílio. Sua localização era próxima ao mar, pois, assim poderia ter melhor acesso a seus banhos noturnos e eventuais pescarias. As paredes e o telhado constantemente quebravam com a chegada de alguma tempestade, não eram poucas as vezes que animais silvestres eram encontrados por lá e mesmo com uma cama improvisada, dormir no chão ou até mesmo em alguma árvore também não era incomum para Klaustro. Seu lar não era perfeito, mas supria suas necessidades. A

companhia de Iron trazia consigo uma presença e convivência que o exilado havia perdido a tempos e, por isso, mesmo diante das atuais dificuldades, ele encarava a vida sempre otimista e com um sorriso no rosto.

Terminando de apoiar a canoa em uma das paredes de madeira de seu lar, Klaustro percebe um comportamento atípico vindo de seu filhote. Iron tremia e latia furiosamente, como se estivesse tentando intimidar algum ser das proximidades. Após segundos procurando pela origem do medo de Iron, Klaustro finalmente percebe uma silhueta se aproximando, por entre árvores e arbustos da floresta. A figura ficava cada vez mais nítida para o vampiro, que agora conseguia identificar a aparência do estranho ser.

Com uma perna manca e abraçando sua própria barriga, um homem velho e encapuzado caminhava agora pela areia. Sua pele era cinza e ele não possuía olhos em sua face. O manto que utilizava aparentava estar com bastante poeira e sujeira e, em passos lentos, o ancião parecia encarar a alma de Klaustro, que não sabia o que esperar daquela cena.

“Um sacerdote?! Por favor, deixe-me auxiliá-lo!” Grita o vampiro que corre na direção do ser, preocupado que o velho homem esteja ferido ou necessitando de cuidados.

“Um vampiro antigo e um cão indefeso... Finalmente chegou a noite.” Sussurra o sacerdote em vampírico.

“Você fala minha língua! Ótimo! Vamos, venha comigo! Posso dividir o que pescamos hoje a noite e lhe servir um pouco de chá também!” O vampiro guia o velho homem com calma e cuidado.

“Isso seria bom... Ghoul, filho de Tormenta.” Sussurra, mais uma vez, o misterioso senhor. Klaustro o encara, sem entender o que diz.

Sentados em volta de uma fogueira apagada, ambos estavam em silêncio. Havia uma pequena estrutura de cobre a qual comportava diversas ervas com água que seria esquentada pelo calor da fogueira e diversos peixes prontos para serem grelhados. Klaustro tentava acender com o atrito de duas pedras.

“Peço perdão, senhor sacerdote. Geralmente, eu como minhas refeições sem qualquer preparo. Nunca fui bom em fazer fogo, ainda mais sem álcool.” Dizia enquanto, com dificuldade, permanecia na tentativa de acender a lenha empilhada da fogueira.

“Tristanos, me empreste seu poder...” – Sussurra o sacerdote, ao juntar ambas as suas mãos e, aos poucos, gerar uma pequena chama entre elas. O homem aproxima a chama e faz a

madeira queimar com ampla facilidade. Klaustro se espanta com tamanho poder. -

“Hérobu é o nome do corpo que habito.” Diz após sua evocação.

“É uma grande honra o conhecer. Sou admirador do conhecimento dos sacerdotes e de como vocês auxiliam outras nações a se desenvolverem. Devemos muito a vocês por terem feito as capas noturnas. Sem isso, Héros jamais iria se desenvolver durante o dia.” - Diz Klaustro, eufórico; - “Por favor, eu me chamo-”

“Eu sei como se chama. Você é um traidor da própria raça e, por isso, está aqui.” - Diz Hérobu ao interromper a apresentação de Klaustro; - “Você foi banido por discordar de sua rainha e não ver futuro em suas ações. Saiba, senhor exilado que até mesmo cegos conseguem ver futuro nas ações de Tormenta.” Termina colocando seu dedo anelar e médio em uma de suas órbitas escuras e vazias. Klaustro treme com a ação do velho.

“Sim, eu fui banido por este motivo. Mas o senhor disse, futuro...? O senhor pode ver o futuro?” Indaga Klaustro.

“Diga-me os seus dons que direi os meus.”

“Certo, sei que sabe meu nome mas... Eu sou Klaustro Frieden. Os Frieden são uma nobre família de vampiros de índole pacífica e leal ao trono de Tenebre. Independente daquele que governa, seremos sempre leais às suas ordens e princípios. Acreditamos que a vontade de Tormenta permanece naquele posto e, para sempre, continuará reinando mesmo após seu falecimento.” - Klaustro começa a preparar os peixes na volumosa chama ascendente; - “Porém, eu vi a degradação das palavras de Tormenta. A atual rainha, Lavender, é quase um insulto à nossa antiga e poderosa progenitora. Eu questionei suas ordens, sua capacidade de governar, e também o próprio modo de vida secular de meu clã.” Conclui o vampiro cabisbaixo. Hérobu o escuta com paciência.

“Eu agi conforme achei que deveria. Manter contato com elfos? Se isentar de aparecer em público? Tudo isso parecia errado para mim. Por isso decidi me rebelar e expor minhas ideias em frente à catedral da única e verdadeira representante de nosso povo. A catedral onde Tormenta morreu. A Última Dança.” - O tom de voz do vampiro começa a ficar trêmulo; - “Eu defendi as tradições e usei um discurso que achei que teria apoio de Lizha e Aradia. Mas ambas me olharam com desprezo. Como se estivessem diante de um profanador. Eu não entendo até hoje... Tudo o que disse fazia sentido com o que ambas as Ghouls defendiam. Era para nós, juntos, termos unido forças e tirado Lavender do poder.” O homem lacrimeja com suas lembranças.

“Você se arrepende do que fez?” Questiona Hérobu. Klaustro permanece em silêncio pensando em sua trajetória e amadurecendo uma resposta que para si seria satisfatória.

“Eu não sei dizer.” – O vampiro olha para o peixe, o qual já estava grelhado o suficiente; –  
“Permaneci décadas isolado e aprendi muito sobre minha mente. Na verdade, eu percebi que possuo capacidades inimagináveis. Os Frieden descendem de um poderoso filho de Tormenta, o qual possuía infinitos poderes mentais. As lendas contam que ele controlava humanos com facilidade e os dava quaisquer comandos. Hoje, eu consigo ler mentes de pequenos animais e me comunico com facilidade, mas nem sempre foi assim. No passado, para que eu pudesse ler mentes e manipular seres vivos, era um processo extremamente delicado. Eu sentia que moldar os pensamentos de meus alvos era quase como esculpir em vidro... A qualquer momento eu poderia os matar se fosse um pouco mais agressivo.” Termina Klaustro, fazendo carinho em Iron que permanecia alerta ao sacerdote.

“Entendo... Então é minha vez de contar minha história e meu propósito aqui. Serei breve, portanto, lhe pouparei os detalhes de nomes e lugares... Também não é como se você fosse reconhecer qualquer citação...”  
– O ancião da um gole em seu chá de ervas, o qual permanecia exalando fumaça; – “Em meu nascimento, um grande homem me abençoou com o dom da visão futura. Em meus primeiros anos de vida eu já podia prever o fim dos tempos, minha morte e a de todos ao meu redor. Por décadas, eu previ a morte de cada um daqueles que amei. Este foi um dos motivos de ter arrancado os meus próprios olhos. Estar completamente rodeado de escuridão reduziu as visões, mas não me impediu de continuar as tendo durante meus sonhos. Ainda consigo prever o futuro se me concentrar bastante.” Klaustro apenas ouvia em silêncio, degustando seu alimento, os ditos pelo sábio.

“Porém, o principal motivo de minha cegueira, é o de depositar a energia dos meus olhos a outro homem. Um amigo de confiança... Ele recebeu uma pequena fração, portanto ele deve controlar suas próprias previsões sem qualquer problema.” – O sábio suspira; – “Era doloroso. O futuro é algo que pode ser facilmente alterado se alguma mente humana tivesse ciência de tal. Ver o futuro, muitas vezes é ver o próprio passado. Digo isso sem qualquer metáfora. É no futuro que assistimos o hoje. Amanhã, assistiremos através de nossas memórias os anos que já morreram. Hoje somos memórias de amanhã que ainda serão assistidas e contempladas.” Termina Hérobu. Klaustro estava muito confuso.

“Você poderia me dizer sobre meu futuro?” Pergunta o curioso vampiro.

“Isso é o que todos querem... Se sentir especiais e tentar evitar os eventos, assim, alterando o mesmo para algo além de seu controle...” – Suspira Hérobu; – “Se é isto que deseja... Que assim seja.” Sangue negro começa a escorrer das órbitas de seus olhos.

“Hérobu! Você está bem?!” O vampiro se levanta e deixa sua janta cair na areia.

“Klaustro Frieden... Você usará seus irmãos para atingir seus próprios objetivos e os fará sofrer por seu egoísmo. Mesmo tendo sido exilado e não tendo bem algum, você perderá o restante de tudo que possuiu e conquistou. Seu fim será se tornando algo que sempre difamou e odiou... E, ao mesmo tempo, algo que você sempre foi. Você engolirá o orgulho e chamará por aqueles que já se perderam. Você não mudou nada desde sua morte.” Termina o sábio sacerdote.

“Eu não entendo... Irmãos? Orgulho? Egoísmo? Do que o senhor está falando? Eu abandonei tudo isso a tempos e hoje vivo em harmonia aqui. Lavender me banuiu de Tenebre após protestos que fiz contra suas propostas de reinado. Ela pretende ignorar nossas tradições. As tradições de Tormenta. Mas hoje vejo que ela fez tudo isso achando que era a melhor opção para nosso povo. Uma rebelião apenas iria causar mais dor e mortes.” – Klaustro coça seu cabelo ondulado e bagunçado antes de continuar; – “Se eu pudesse fazer diferente, eu iria dialogar para chegar em um acordo de maneira pacífica e mostrar a ela que existem outros caminhos e opiniões para atingir a paz das raças.” Termina olhando para o abismo dos olhos de Hérobu, que permaneciam sangrando. O sacerdote sorri. Aquele sorriso fez até a alma do vampiro se arrepiar.

“Sem mais perguntas... Existem outros muitos sacerdotes que poderão lhe guiar futuramente. Agora, é hora de lhe mostrar meu propósito aqui nesta noite.” – Hérobu põe-se de pé; – “Você pode adentrar mentes, vampiro. Faça isso enquanto eu observo o futuro deste mundo uma última vez, e entenderá o que deve ser impedido.”

Nervoso por sua inexperiência em adentrar mentes complexas, Klaustro engole seu medo e fecha seus olhos. Agora de pé, o vampiro continuava a sentir o calor da lareira à sua frente, a textura do pelo de Iron que se escondia atrás de suas pernas, o som das ondas quebrando ao longe e a fria brisa do mar próximo à sua casa. Minutos se concentrando de olhos fechados, Klaustro sente a mente de Hérobu. É uma mente calma e de fácil acesso. Quase como se fosse uma convidativa porta entreaberta, apenas esperando alguém entrar. Foi o que o vampiro fez.

Ao adentrar sua mente, a mesma o absorveu com muita força para seu interior. Era como um profundo mergulho no escuro oceano. Aos poucos, a consciência do vampiro era devorada por uma imensidão negra. Ao seu redor, janelas luminosas de memórias se formavam uma a uma. Klaustro caía e via através de tais janelas inúmeras memórias. Lembranças nebulosas de guerras antigas entre vampiros e humanos. Diversos corpos de vampiros inseridos em estacas que queimavam fervorosamente;

Conflitos de espadas de prata contra garras e presas de antigos vampiros em busca de alimento; assassinatos e traição de ambas as raças; Tormenta, a primeira vampira, junto a uma pequena criança humana; os filhos da primeira vampira matando seus próprios irmãos. Tudo muito confuso para Klaustro. Sua cabeça latejava com a pressão crescente.

“Estou tão cansado de tudo isso. Parece nunca ter fim. Essa maldita história que devora minha alma dia a dia, que caminha rumo à minha própria destruição. Tanto tempo perdido... Um mundo sem sentido e sem qualquer herói verdadeiro. Todos que vejo cometeram erros e parecem burros demais para compreender sua própria insignificância. Isso tudo me deprime. Gostaria de poder arrancar meus olhos novamente. Eles não merecem fim algum, mas sim o mesmo fim. O Oblívio salvará a todos.” Os pensamentos de Hérobu ecoavam pelo lugar. Sua voz era triste e distante.

Agora surgiam imagens de outros locais. Memórias de um povo diversificado. Elfos, vampiros e lycans. Todos juntos trabalhando em comunidade. Um lugar sem discriminação, governado por um parlamento de raças variadas, onde a palavra final era decidida por três grandes ministros, Ikitar, Keen e Lavender. Memórias de um passado fictício. Memórias falsas. Sonhos. Klaustro já não conseguia distinguir com precisão o que é passado, futuro ou apenas pensamentos de Hérobu. Tudo estava cada vez mais nublado e o vampiro sentia que poderia desmaiar a qualquer segundo.

Em seus últimos esforços, enquanto consciente, a mente do rapaz conseguiu uma visão. Não era possível saber como o sacerdote possuía tal memória em seu cérebro. Contudo, era uma visão tenebrosa. Apocalíptica. O cenário era de ruínas. Corpos por todos os lados. Membros e cabeças, de vampiros, elfos e lycans espalhados pelo chão. A última guerra havia se encerrado, e não haviam vencedores. As nuvens, longínquas, do céu escarlate se moldaram. Não eram nuvens, mas sim presas. A grande lua cheia, era o globo ocular da criatura. E todo o rio de sangue que cobria o solo era refletido no horizonte. Os céus tinham a cor da pelagem da última besta. A criatura que devorou o mundo.

Klaustro acorda. O fogo da lareira está baixo e faltam poucos minutos para o nascer do sol. Ele não faz ideia de quanto tempo ficou imerso na mente do sacerdote. O rapaz sentia imensa dor na parte da frente de seu cérebro. Era uma aguda dor localizada, que trazia incômodo e parecia se manter constante. Soltando um grito apavorado e caindo para trás, Klaustro vê, logo à sua frente, Hérobu morto.

Coberto do sangue que escorria de seus olhos e fluía até o fim de seu queixo, o rosto de Hérobu estava inclinado para baixo e uma poça de fluidos havia sido formada na areia. Uma negra adaga atravessava sua garganta. Ao lado da poça e a frente do corpo já gelado do idoso, estava o recipiente que o homem bebia chá e, junto a isso, um livro

antigo. Contando com páginas amareladas, rasgadas e uma capa em couro desgastado, o misterioso objeto era de grande interesse do jovem vampiro.

Ainda que pouco coberto por seu sangue, o livro não estava manchado em seu interior. Lentamente, o rapaz aproximou o artefato próximo a seu peito, e ali o manteve estático por severos minutos. Minutos, os quais usou para processar tudo o que aconteceu naquela noite única, regada de peixes, chá, memórias e morte.

...

Horas após ter transportado o corpo de Hérobu ao oceano, durante a manhã, Klaustro precisou se ater no interior de sua residência pois não possuía uma capa noturna para se proteger do sol. E lá ficou. Deitado, usando seus braços como travesseiro, na forrada cama improvisada e olhando para o teto de madeira desgastado, refletindo sobre os últimos momentos de vida de Hérobu. Iron dormia acima de seu peito.

Eram muitas informações para se processar e analisar em pouco tempo. O que deveria ser feito ainda não estava claro para o exilado eremita.

“Eu deveria... Retornar à Tenebre? Isto seria contra a lei de Lavender e, além disso, as Ghouls também não estariam satisfeitas com minha presença. Uma vez exilado... Sempre exilado.” – Ele cochichava para si, encarando os finos raios de luz que adentravam o quarto pelas frestas de madeira do teto; – “Por que Hérobu escolheu logo um exilado para mostrar essas visões do futuro? Por que não apenas alguém importante como Lavender ou Radia? Talvez ele fosse apenas insano...” Klaustro suspira, irritado, por não entender os motivos do misterioso sábio.

Retirando uma de suas mãos de trás de sua cabeça, o vampiro faz carinho no pequeno lobo que estava próximo a seu rosto. Ignorando a dor de cabeça e mantendo sua concentração, Klaustro analisava os sentimentos da pequena criatura. Ele sentia ansiedade, exaustão e, em simultâneo, felicidade. Iron também sentia sede. Com isso em mente, o homem decidiu pegar uma de suas jarras de água que coletava das chuvas e dar ao lobo. Ele respondeu com rápidos goles e lambidas.

“Vamos aproveitar só um pouco mais desta paz temporária, Iron. Em breve, voltaremos à Tenebre e avisaremos a todos sobre as visões de Hérobu. Também preciso entregar aquele grimório à Lavender. Ela deve conseguir ler tal idioma estranho.” – Deduz Klaustro; – “É a lâmina daquela adaga... É de um material que nunca vi antes. Pode ter propriedades únicas e talvez até mesmo algum tipo de magia. Seria melhor mantermos conosco.”

“Como não temos uma capa noturna, e eu não pretendo morrer como um peixe na fogueira, vamos viajar somente durante a noite. É o único meio que vejo de conseguirmos uma jornada segura.” – Conclui o vampiro. Iron concorda soltando um breve latido; – “Então está decidido. Hoje, ao início do anoitecer, partiremos de volta à Tenebre.” Termina suspirando, deitando novamente e iniciando uma última soneca antes de sua importante viagem.



## **Capítulo 09 - Noites de Luto**

### **Ano 280 - Noite 15 ▪ Salos - Capital de Ártemis**

Um elemento que chamou muito a atenção de Albert durante seu tempo andando pelas ruas de Salos, foi a existência de zonas delimitadas para entretenimento infantil. Os chamados ‘parquinhos’. Aquilo para Albert era algo completamente fora do comum e Keen percebia os olhares do vampiro em direção às crianças que se divertiam entre os muitos brinquedos.

Em passos vagarosos, os vampiros conversavam entre si enquanto passavam em frente aos pequenos elfos que brincavam alegremente. A expressão de Albert era de pesar e a de Cétrico era de neutralidade.

*“Qual seria a questão de Albert com relação às crianças, senhor Cétrico?”* O Rei perguntou demonstrando sincero interesse.

*“Albert é um vampiro jovem. Ele ainda tem muitas perguntas acerca de nossos países e diferenças culturais.”* - O vampiro contextualizou sua resposta; - *“Por mais que ele esteja aparentando estar cabisbaixo enquanto observa os pequenos elfos, seu principal apontamento foi de que estava feliz em ver que aqui era um lugar onde crianças podem sorrir e conviver em conjunto.”* Cétrico finaliza sua explicação. Keen levanta uma de suas sobrancelhas e se vira para Albert.

Com o encontro de olhares, Keen desfere um receptivo e gentil sorriso.

...

Poucos minutos de caminhada, enquanto apreciavam o restante da cidade, foram suficientes para chegar no grande castelo da família Rowan. O edifício era completamente simétrico e sua cor base era branco com diversas pinturas em dourado e azul claro. Tais cores eram as mesmas da bandeira de Ártemis, e representavam as riquezas do país e o apreço pela pureza dos céus. Havia diversos andares que separavam os salões, quartos e áreas da grande estrutura. Keen Rowan guiava seus convidados rumo ao seu lar.

Grandes portas duplas ilustravam a entrada do formoso castelo. O interior era vasto e diversos aromas de diferentes flores em vasos cobriam o local. No salão principal, um grande candelabro de vidro era visível no alto topo do primeiro andar, juntamente de diversos quadros espalhados pelas paredes.

As pinturas possuíam diversos membros da nobreza e inúmeros elfos de diferentes cargos. Albert apreciava as artes e percebia a diferença do nível artístico entre elfos e vampiros. O realismo élfico era algo completamente absurdo e em mais da

maioria dos quadros eles prezavam pela simetria em suas obras, enquanto nas obras vampíricas, muitas pinturas apresentavam traços grossos e brutos, sem tanta delicadeza, e apreço por proporções e formas geométricas. O uso de cores também eram muito diferentes, pois os vampiros utilizavam misturas de pigmentos naturais e sangue vampírico já que, para eles, era necessário deixar um pouco de sua vitalidade em suas obras. Por conta disso, a maioria das artes vampíricas eram em tons mais escuros.

Passando o olho pelas diversas artes, Cétrico percebeu um quadro da família de Keen, onde o mostrava no meio de suas duas filhas juntamente daquela que aparentava ser sua esposa. Em ordem, da esquerda para a direita, estava Keen utilizando sua armadura de costume; uma garotinha tímida, com cerca de oito anos e com longos cabelos e olhos escuros como os de Keen. Seu pequeno vestido era azul claro; ao lado dela, aquela que aparentava ser sua irmã muito similar em traços faciais, exceto por estar com um largo sorriso e ter olhos claros e azuis. Seu pequeno vestido era tão dourado quanto seu cabelo. Ao seu lado, havia uma grande mulher de cabelos e olhos com cores muito similares às suas; a última participante da grande pintura seria a suposta esposa de Keen. Seu vestido era azul claro com diversos detalhes em ouro e seu comprido cabelo era preso em um longo rabo de cavalo. Suas orelhas eram tão longas quanto as de Keen, indicando que possuíam idade elevada.

A análise de Cétrico o fez perceber que o semblante de Keen era muito mais fúnebre se comparado ao retratado na pintura. O vampiro preferiu não se pronunciar quanto ao fato dos membros da família do Rei estarem ausentes na cerimônia.

Algumas das portas que levariam a outras salas do salão de entrada estavam com soldados em sua frente, impedindo sua passagem. Albert percebeu que havia algo estranho com tais elfos. Os guardas mantinham seus olhos fixos nos vampiros, como se pudessem ver através dos mesmos. Quando Cétrico foi perguntado sobre isso por Albert, ele apenas respondeu que contaria mais tarde, na presença de Aradia. Albert se calou, insatisfeito.

O grupo parou em frente a uma porta dupla de metal que não possuía quaisquer guardas a protegendo. Ao lado das portas fechadas, havia outra placa de metal, porém de outro material mais reluzente e polido. Keen sorri ao olhar para as portas fechadas, imaginando que os vampiros não faziam ideia do que havia do outro lado.

*“Acho que vocês não possuem isto em sua terra.”* Diz o elfo apontando para a placa de metal ao lado da porta dupla. Os vampiros encaram todo o conjunto com estranheza. Keen ri.

*“Pois bem... Permitam-me lhes mostrar uma de nossas invenções.”* - O Rei repousa a palma de sua mão na placa de metal. Uma fraca luz foi emitida pelo objeto e, em questão de segundos, as portas estavam abertas; - *“Aqui, nós chamamos isto de elevador.”*

Dentro da sala, havia quatro paredes fechadas e uma delas estava repleta de botões com diferentes símbolos, os quais a dupla não fazia ideia do significado. Para demonstrar que o limitado ambiente não era qualquer armadilha, Keen foi o primeiro a adentrá-lo. Ainda sim, Cétrico estava cauteloso e com hesitação por não saber o que esperar da pequena sala. Albert acompanhou o Rei, sem muito medo ou desconfiança.

*“Como bem sabem, todos nós possuímos energias distintas em nossos interiores. Elfos possuem a denominada positividade, enquanto vampiros, lycans e quase todos os sacerdotes são compostos única e exclusivamente de negatividade.” - Instrui Keen; - “Onde estamos agora é basicamente um mecanismo misto entre física e magia. Ao depositar positividade naquele metal condutor, todas as engrenagens desta máquina se ativam e podemos escolher para que andar nos dirigir.”*

Termina ao apertar o andar referente ao segundo piso do castelo.

Com o comando dado por Keen, o elevador treme antes de começar o movimento de subida. Cétrico estava tão aflito e amedrontado pelo fato de estar em um ambiente fechado e suspeito que não foi capaz de traduzir o dito por Keen.

“Que barulho foi esse?! O que ele disse, Cétrico? Estamos com problemas?” Pergunta Albert, preocupado.

“Está tudo bem. Só cale a boca...” O nobre responde tentando manter a compostura.

Finalmente chegando no andar prometido, as portas de metal se abrem e Cétrico é o primeiro a sair do elevador. Keen sorri, percebendo a ansiedade e desconforto do vampiro. Albert não compreende a situação e apenas sai do elevador, confuso. Fora dali, estavam espalhadas diversas mesas redondas pelo largo salão, o qual era iluminado por rochas embutidas nas paredes e cantos do teto.

As rochas emitiam luz quente e alaranjada, que trazia conforto ao ambiente. Toda a decoração era fina. As principais cores, azul claro e dourado, estavam presentes na maioria dos adornos, panos e cortinas. Para Albert, isso não era muito diferente do patriotismo presente em Tenebre. Todas as mesas estavam vazias, exceto uma, já organizada com pratos, talheres e com três assentos disponíveis.

Quando Keen questionou sobre o uso de talheres serem também parte da cultura vampírica, Cétrico respondeu dizendo que ele e Albert não teriam problemas com isso, pois apenas a nobreza possuía o hábito de manusear instrumentos para se alimentar. A grande maioria dos vampiros permanecia com o costume de comer utilizando as mãos nuas, já que não corriam qualquer risco de contrair doenças. O Rei compreendeu.

*“Meses atrás, eu e Lavender enviamos cartas um ao outro. O combinado para esta noite era de Cétrico e Aradia visitarem Salos. Pelo que tudo indica, o senhor Albert foi um feliz imprevisto de última hora.”* – Diz o Rei; – *“Convenientemente, com a ida de Aradia à Taberna, restam novamente três assentos a serem preenchidos. Engraçado.”* Termina Keen, puxando as cadeiras para seus convidados.

*“Com licença, Rei Keen. Eu cheguei...”* Uma tímida voz rouca se revela de um canto pouco iluminado do salão. O dito surpreende Albert e Cétrico que, mesmo com o faro apurado dos vampiros, não sentiam cheiro algum de tal lugar.

*“Gustav...Você está muito atrasado, mas sua presença é sempre bem vinda.”* – Diz o Rei ao sentar-se; – *“Puxe uma cadeira e junte-se a nós.”*

Andando calmamente em passos desengonçados, com ambas as mãos atrás de suas costas corcundas, o inusitado convidado se aproximava. Mesmo curvado, ele possuía a altura regular de um homem. Suas orelhas eram do tamanho de suas mãos e seus olhos eram muito pequenos. Seu cabelo era completamente crespo e sua pele era avermelhada. Sem dúvidas, aquilo era um sacerdote. Albert estava dividido por receio do homem misterioso e animado por, pela primeira vez em mais de 50 anos, ver um sacerdote em carne e osso.

*“Gustav é o sacerdote responsável por criar inúmeros idiomas pelo mundo e, inclusive, por compor a própria língua élfica. Acredito que tenha feito o mesmo com os vampiros, a desejo de Tormenta.”*

– Informa Keen. Desta vez, Albert conseguiu entender o dito pelo elfo sem qualquer tradução de Cétrico. Ele estava surpreso. Keen percebeu sua reação; – *“Conseguiu compreender élfico, senhor Albert?”* Indaga Keen, sorrindo.

*“Como... Como isso é possível?”* Pergunta diretamente à Keen, em vampírico.

*“A presença de Gustav faz com que línguas sejam o mesmo que nada. Sua negatividade serve de caminho para entendermos nossos ditos apenas por nossa intenção em recitar as palavras. Em resumo... Mesmo falando em línguas diferentes, podemos entender nossas intenções.”* – Explica Keen. Albert estava sem palavras; – *“É um poder incrível. Gostaria que estivesse aqui durante o pronunciamento.”* Diz Keen à Gustav.

*“Peço perdão por meu atraso. Ficarei aqui por alguns dias, como combinado.”* Explica o sacerdote, puxando uma cadeira e sentando-se ao lado de Keen.

*“Perfeito.”* – Keen encerra o assunto; – *“Senhores vampiros... O que gostariam de apreciar? Meus soldados exploraram inúmeras áreas da Floresta da União e importamos diversos*

*mantimentos de Serperios, a cidade mais focada na arte da pescaria. Temos todos os tipos de carne que possam imaginar. Alguma preferência?*” Pergunta o benevolente Rei e anfitrião.

“Gostaria de um elfo mal passado.” Solicita Albert, em seu pensamento. Ele quase esqueceu que Keen entenderia sua piada por causa da presença do sacerdote.

“Gostaria da carne do animal mais selvagem que mataram.” Solicita Albert, desta vez, em voz alta.

“O animal mais selvagem que matamos foram vampiros, porém, creio não termos nenhum no estoque.” Diz o Rei, em tom irônico e soltando uma gargalhada. O feito, surpreende Albert que, em primeira reação, interpreta o dito como uma ofensa. Apenas alguns segundos depois, o vampiro entende que se trata de uma mera brincadeira e acompanha Keen em seu gargalhar. Albert se arrepende de não ter feito sua piada.

“Devo dizer que seu senso de humor me surpreendeu positivamente, senhor Keen.” Diz Albert, rindo junto com o monarca. Cétrico não esboça reação diante da piada.

“Desculpem interromper o momento, mas eu prefiro algum peixe. O melhor peixe da casa, por obséquio.” Pede Cétrico, cordialmente. Keen enfatiza o pedido de ambos em voz alta. O som agudo de um sino é produzido da cozinha, indicando que iriam começar o preparo.

*“Mas sim, Albert. Às vezes é necessário rir mesmo em frente a tragédias causadas por nossas rivalidades triviais, não acha?”*

“Foi uma corajosa e inesperada provocação, eu admito. Eu concordo. A vida já é muito triste para nos atermos apenas ao tedioso cotidiano.” Aponta Albert enquanto Cétrico apenas observa o diálogo.

“Sim... Muitos dizem que às vezes eu exagero em minhas provocações. Mas eu interpreto isso de forma diferente. Se levarmos tudo a sério, o tempo todo, ficaríamos completamente loucos.” – Keen arruma seus cabelos negros, reposicionando uma mecha atrás de sua longa orelha; – “Conte-me sobre você. Quem é Albert, o nobre de cabelos grisalhos? O que o trouxe aqui? Quais são suas inspirações, sonhos e prazeres?” Pergunta Keen, apoiando seu rosto em uma de suas mãos e mantendo seu olhar nos olhos de Albert.

“Eu... Eu vim aqui para...” – Relutante em contar sobre sua raiva perante os elfos, o vampiro gagueja em sua primeira tentativa; – “Eu sou um homem que busca compreender o mundo e honrar o legado de minha falecida mãe.” Diz, finalmente decidindo revelar um pouco sobre si. Keen permanece atento.

“Era uma noite fria e eu estava sozinho em casa. Eu ainda era uma mera criança e estava tocando meu piano como de costume. Durante o processo de uma das minhas muitas tentativas de finalizar uma música, eu também aguardava minha mãe chegar do trabalho. Ela e Cétrico viajavam bastante.” – Albert desvia o olhar para o vampiro que ouvia a história com atenção; – “Tudo estava normal até eu ouvir o alto barulho de algo batendo na porta da frente. Aquilo me assustou e fui verificar. Antes de abrir a porta, eu sentia cheiro de sangue. Sabia que não deveria abrir aquela porta e me arrependeria muito se o fizesse. Mas eu ouvi o murmurar de uma voz que parecia a de minha mãe e decidi seguir em frente. Abrindo a porta, eu vi soltando seus últimos suspiros antes de finalmente falecer. Seu abdômen estava aberto e muito de sua carne havia sido devorada por algo ou alguém. Ela morreu e eu não sabia o que fazer.” Albert encarava a mesa de madeira refinada do salão, lembrando vividamente da cena. Cétrico e Keen apenas o encaravam, imaginando sua dor. Gustav, o sacerdote, aparentava estar sonhando acordado.

*“Vejo que carrega isso consigo para onde quer que vá. É belo ver o amor de um filho por sua mãe, mesmo sendo em sua última memória.”* – Diz Keen olhando Albert nos olhos. O vampiro não retribuiu a ação; – *“O culpado foi capturado?”* Pergunta o elfo em tom sério.

“Senhor Keen, aqueles foram tempos turbulentos em Tenebre.” – Cétrico informa; – “Existia pouca segurança nas ruas e as ondas de canibalismo eram crescentes. Muitos vampiros perderam suas mentes e devoraram uns aos outros pela falta de suprimentos graças à Guerra Final.”

“O culpado morreu.” – Albert olha para Keen; – “Na noite após este incidente, os pedaços do assassino de minha mãe estavam por toda rua. O açougueiro era um vampiro que trazia justiça sempre que algum ato desse gênero era realizado e, mais tarde, se tornou meu tutor para o aprendizado de combate.” O elfo levanta ambas as sobrancelhas, surpreso.

*“Então não existe mais nenhum responsável pela morte de sua mãe vivo, correto? Você se sente melhor com isso?”* Pergunta Keen, esperando ver a reação de Albert. O nobre percebe a intenção do Rei em procurar entender se ele possui qualquer ressentimento em relação aos elfos.

“Eu senti que justiça havia sido feita... Mas não me senti melhor. Por muitos anos, eu revivi aquela noite inúmeras vezes. Para ser sincero, ainda a revivo constantemente em meus pesadelos. Isso já faz quarenta e cinco anos mas ainda me parece recente.” – Desabafa o vampiro. Keen parecia interessado em

ouvir a história de Albert; – “Ainda sinto dificuldade em me relacionar com pessoas e sinto que o que tanto busco não existe. Creio que me falta maturidade para lidar com essa e muitas outras situações...”

*“É compreensível. Acredito que a vida de nenhum filho é a mesma após ver sua mãe completamente destruída. Seja elfo, lycan ou vampiro, talvez o luto seja algo que una a todos nós.”*  
Conclui Keen.

“Provavelmente existam muitas outras coisas que temos em comum.” Complementa Albert, otimista.  
O Rei esbanja um sorriso forçado. A comida chega.

...

O jantar havia superado as expectativas de ambos os nobres. A culinária élfica era infinitamente superior à tudo que haviam consumido em Héros. A dupla de nobres havia visitado outros poucos cômodos do enorme palácio e, após o passeio, repousaram em um dos quartos de hóspedes da família Rowan. Três belas e arrumadas camas de casal aguardavam os vampiros. O quarto escolhido por Keen para seus convidados não possuía janelas, para evitar a qualquer custo a entrada de luz.

Com diversas observações e conclusões distintas sobre a noite em questão, os nobres conversavam e refletiam sobre todo o ocorrido. Cétrico, como sempre, rebuscado, pregou condolências pelas lembranças de Akarina Sulkar, levantadas na mesa de jantar, porém permanecia na insistência de repreender a falta de formalidade de Albert e o informou que tal atitude seria reportada à Lavender. Albert insinuou que Cétrico havia consumido fezes e estava delirando. A conversa terminou e ambos aguardavam Aradia deitados em suas respectivas camas.

Graças a exaustão da viagem e toda pressão sob seus ombros, não demorou para Cétrico dormir. Durante o tempo sozinho, relaxado, Albert retirou seu manto e permaneceu descalço, apenas vestindo suas calças e com sua espada em mãos. Ele finalmente pode sanar a insistente mania de afiar a lâmina de sua arma.

O vampiro permanecia pensativo e alerta. Um ataque inimigo poderia vir de qualquer lugar e a qualquer momento. O Rei podia ser amigável e ter empatia pelos sentimentos de luto de Albert, porém esse não era um motivo bom o suficiente para o vampiro baixar sua guarda. Estes eram alguns dos pensamentos que passavam em sua mente enquanto, sentado na cama e com uma pedra de amolar que sempre carregava, afiava sua lâmina de prata.

Sem qualquer aviso ou batida, a porta do quarto se abre lentamente. Por reflexo, Albert empunha sua espada e fica em posição de guarda, não sabendo o que esperar. Aradia adentra o quarto e Albert nunca havia a visto tão séria quanto agora. Batendo a

porta, a vampira entrou e seguiu para a única cama que parecia não ter sido escolhida até então. Incerto do que fazer, Albert abaixou sua arma e analisava Aradia enquanto voltava para sua cama.

“Aradia?aconteceu alguma coisa?” Pergunta Albert. A vampira senta na lateral da cama, de costas para seu parceiro.

“Aproveite essa noite. Vamos nos retirar ao amanhecer. Apenas deixe Cétrico descansar mais algumas horas e partiremos à Tenebre.” – Ordena olhando para uma das paredes; – “Sem perguntas sobre isso...”  
Diz em tom seco e sério.

“Claro, tudo bem... Sobre hoje mais cedo, acho importante que saiba do ocorrido enquanto estava na taberna.  
Tem interesse?” Albert vestia sua camiseta, não querendo ser desrespeitoso com a renomada Ghoul general.

“Certo, prossiga.” – Aradia vira-se, ficando de frente a Albert; – “E também, não se preocupe. Fique confortável. Em breve eu também irei retirar tudo.” Aradia informa. O rapaz fica sem graça e sorri, voltando atrás no processo de vestir sua camiseta. Ele se lembra do discutido na carruagem sobre ter relações com Aradia, mas ela parecia estar irritada e por isso apenas decidiu seguir com a conversa.

“Sobre o jantar... Keen me pareceu um elfo diferente dos demais. Ele aparenta ter passado por muitas perdas durante sua vida e foi muito receptivo conosco. Também contamos com a presença de um sacerdote. Gustav era seu nome e, de acordo com Keen, ele foi o responsável pela criação do idioma élfico e vampírico.”  
Informa o nobre.

“Keen é um canalha! Possui contato com diversos sacerdotes e os utiliza como meros peões!” – Aradia se irritava conforme falava sobre o Rei. Albert se assusta com o tom da Ghoul; – “Tudo o que fez! Todos os seus crimes! Jamais serão perdoados! A quantidade de mortes que aquele homem tem em suas mãos é incalculável, Albert! Ele não é digno nem mesmo do sono eterno!” A vampira olhava com fúria para seu aliado, que claramente não sabia o que fazer e apenas aguardava a mulher se acalmar. Ela morde sua própria mão, fazendo seu sangue escorrer. Com isso feito, lentamente, sua raiva se dissipava. O ferimento se regenerou em segundos.

“Perdão... Isso foi desnecessário.” – Controlada, Aradia olha fundo nos olhos de Albert; – “Eu não deveria ter feito isso aqui. Praticamente esqueci que estamos em território élfico.” A Ghoul ri de si.



“Eu não sei o passado dele e sobre as guerras que vocês travaram. Mas não precisa me revelar nada disso. Durante nossa viagem, eu lhe disse que me entregaria a você após honrar o legado de minha mãe. Contudo, depois da conversa que tive hoje com Keen, sinto que não há legado a ser mantido ou inimigo a ser culpado. Ela já está morta e-” Antes que pudesse continuar a falar sua conclusão, Aradia desfere um forte tapa no rosto de Albert. O ato não fere o vampiro, mas o surpreende pelo momento em que fora realizado. A mulher o olhava com nojo.

“Ele fez você esquecer seu verdadeiro propósito neste mundo.” – Dizia Aradia com desprezo em seu tom; – “Você se acha especial? Acha que sua mãe foi a única a morrer durante o Declínio?” O dito por Aradia fez os olhos cinza do vampiro demonstrarem insegurança em lançar qualquer resposta. Ele apenas permaneceu em silêncio com a mão onde fora atingido.

“Centenas de vampiros morreram pela guerra. Guerra causada pelas inseguranças de elfos e lycans! Eu olho para você e vejo apenas um fracassado com problemas de inferioridade, tentando descobrir seu lugar no mundo através dos privilégios que possui. Privilégios que Lavender lhe concede graças à sua mãe!” – A vampira se aproxima; – “O verdadeiro culpado pela morte de Karina é Keen. O maior representante da raça que nos colocou em situação de miséria. E todos os seus súditos merecem pagar com sangue. Mesmo que isso não lhe traga qualquer satisfação ou prazer, este é o certo a se fazer. É justiça por seu povo e sua mãe.” Termina a general com o rosto próximo ao do vampiro a sua frente. Albert permaneceu em silêncio e em agonia. Ele não tinha respostas ou qualquer reclamação.

“Vamos dormir Aradia... Eu preciso pensar sobre isso.” Ele senta em sua cama. Aradia senta-se no colo do nobre e, com força, o rouba um beijo. A surpresa confunde Albert.

O ato se estende por quase um minuto e, tendo em vista que não fazia isso a tempos, Albert estava perdido. Com uma de suas mãos, Aradia agarra o pescoço de seu parceiro e, sem utilizar sua força, o arranha. A pele do vampiro é rasgada sem qualquer resistência. Sua mão disponível repousa no peito do rapaz e o empurra para trás, o derrubando na cama.

“Você é jovem, burro e inexperiente. Claramente não sabe fazer uso de prata, pois, quanto mais afiar, mais frágil se tornará a lâmina. Assim como você.” – Diz a experiente guerreira retirando a parte superior de sua armadura e apenas ficando com o manto negro que usava por baixo; – “Quanto mais você pensa sobre tudo isso, maior a sua chance de indecisão e autodestruição por incertezas e inseguranças.” A mulher fica sob o homem deitado.

Aproximando seu rosto ao de Albert, os cabelos de Aradia caíam sob seu rosto e, vendo-a em tal ângulo, Albert admirava sua beleza única. Os vermelhos olhos da

experiente general permaneciam cobertos por sua maquiagem negra, assim como seus escuros lábios. Tais cores, em harmonia com o tom pálido de sua pele, faziam Albert aos poucos, querer apenas ceder e deixá-la fazer o que bem entendesse consigo. Mesmo tendo sido insultado, o rapaz nunca havia sentido um desejo tão genuíno de compaixão por alguém.

“Eu, por outro lado, lidei com infinitas lâminas e materiais em minhas batalhas por séculos. Já tracei meu caminho, Albert, e não tenho a intenção de mudá-lo.” – Com seu polegar e indicador, Aradia segura o queixo do nobre com carinho; – “Para ir até o fim de sua música, é necessário saber qual nota deve ser tocada. Permita-me lhe mostrar o caminho. Seja minha arma e eu lhe manusearei com toda experiência que possuo.”

“Eu...” Antes que pudesse terminar seu pensamento, o vampiro é calado pela ação de Aradia, que retira seu manto e fica sem qualquer vestimenta.

“Cale-se. Não preciso de uma resposta imediata. Futuramente você terá de decidir se está comigo ou não. Então, até lá...” – O olhar da Ghoul se vira rapidamente para Cétrico, que permanecia adormecido. Certificando-se de que ele não acordaria, Aradia retoma seu foco a Albert e, sussurrando termina; – “Não reproduza qualquer som. Você viverá se suportar a dor de ter sua pele rasgada enquanto me sacia.” Ordena a general, dirigindo seus lábios, mais uma vez, ao encontro dos pertencentes a Albert.

O restante da noite fora como o previsto pela lendária guerreira; desprovida de qualquer moderação na quantidade de mordidas, arranhões, beijos e carícias. Com muita dificuldade, entre o prazer e a dor, o nobre vampiro grisalho conseguiu conter todo murmúrio ou gemido da mesma forma que a antiga Ghoul conteve seu instinto assassino de dilacerar o pescoço de seu parceiro ao fim do ato.

...

### **Ano 280 - Manhã 16 ▪ Salos - Capital de Ártemis**

A manhã seguinte foi a despedida da breve hospedaria do grupo de Tenebre. Alguns dos elfos conhecidos como ‘Apoiadores de Héros’ permaneciam aplaudindo e venerando o grupo comandado por Aradia.

Desfilando até a saída de Salos, comandando os cavalos mais uma vez, Cétrico estava envolto de sua capa noturna, já preparado para a longa trajetória que percorreriam em breve. Albert e Aradia estavam fora do veículo, andando ao lado dos

cavalos enquanto admiravam a última vista de Salos antes de partir. Albert sabia que sua parceira ansiava para partir imediatamente.

Nos portões da entrada de Salos, estavam Keen e o sacerdote Gustav. As proporções da anatomia entre o sacerdote e o elfo, faziam o primeiro parecer uma verdadeira aberração. Corcunda, com uma cabeça muito maior que o comum e com grandes mãos e orelhas. O grotesco homem envolto em poucos panos trazia asco a Aradia tanto por sua aparência diferenciada quanto pelas memórias de seus encontros passados.

Para um último encontro, as duas duplas se encaram uma última vez, desta vez com o auxílio de um ilustre tradutor. Não acostumada com a presença de Gustav e imersa em pensamentos sobre o que fazer ao chegar em Tenebre, Aradia foi a primeira a falar.

“Cétrico, termine de falar com os desgraçados. Irei entrar na carruagem e voltar a dormir.” Diz a Ghoul sem perceber que tanto Gustav quanto Keen compreenderam seu dito. Albert e Cétrico ficam boquiabertos e sem respostas ou desculpas pela ofensa gratuita.

*“Às vezes você faz parecer que o tempo realmente não muda os vampiros, senhorita Aradia.”* Keen cumprimenta a mulher que, só então, percebe que conseguia o compreender.

“Ah, sim... O sacerdote retardado faz isso. Eu tinha esquecido.” – Ela para antes de entrar por completo na carruagem; – “Eu não estou de bom humor agora, Keen. Deixaremos nossa conversa arrebatadora para outro momento.” Diz terminando de adentrar a cabine e fechando a porta.

*“Como quiser...”* – O elfo não parecia se importar; – *“Foi bom tê-lo em meus domínios, nobre Albert. Uma pena que foi um encontro efêmero...”*

“De fato. Você me mostrou e ensinou muito sobre sua cultura. Espero que possamos ter mais momentos como este no futuro.” Diz simpatizando com o Rei.

*“Eu anseio por isso... Albert, o nobre grisalho.”* Keen estende sua mão. Albert consolida o gesto.

## **Capítulo 10 - Mudanças**

### **Ano 280 - Noite 16 ▪ Tenebre ▪ A Última Dança**

“Senhorita Lizha...? Você ouviu?” A baixa voz do soldado parecia não ser ouvida pela religiosa Ghoul, que sonhava acordada.

“Você... Poderia repetir o que disse?” Solicita, Lizha, solenemente.

Ambos conversavam na porta da grande catedral. Lizha permanecia apoiada na porta dupla enquanto o mero guarda estava do lado de fora. Ele precisava levantar seu rosto para manter contato visual com Lizha, pois não havia subido qualquer degrau da entrada do santuário.

“Claro... Azaroth evacuou Bankas há algumas noites e quando nós voltamos para nossa vila, tudo estava destruído e queimado. Era como se uma tempestade de fogo tivesse passado por todo lugar.” – Descrevia o homem armadurado; – “Casa alguma fora poupada do fogo e, quando retornamos, Superior algum estava no lugar para nos receber. Estamos todos desabrigados e imploramos pela ajuda da coroa de Héros e da grande mãe Tormenta. Atualmente, os civis de Bankas se encontram na entrada de Tenebre, aguardando por respostas sobre o que fazer. Precisamos de todo tipo de suporte e faremos o que for preciso para pagar Lavender futuramente!” Implorava o homem. Lizha estava com um olhar vazio em direção ao céu estrelado. Ela já havia parado de o escutar novamente.

Confusa por não saber o que sentir, Lizha se lembrava de momentos que teve com Lestro. Todos eram situações de seriedade e rigidez. Ela tinha ciência disso, afinal havia treinado seu filho desde a infância para ser um fiel subordinado. Mesmo quando Aradia o puniu por insubordinação, Lizha não sentiu remorso algum, mas sim vergonha pela conduta de sua cria. As lembranças de seu passado com Lestro eram claras, diferente do que antecedia o nascimento do mesmo.

A amnésia permanecia sendo o principal legado de seu passado conturbado. Era como uma densa névoa, Lizha sempre sentia seu cérebro se contrair em dores, cada vez mais intensas, ao tentar adentrá-la. Era inútil buscar por quaisquer momentos com Lestro ou seu falecido parceiro, Vincent.

Suspirando e ignorando todo e qualquer dito pelo soldado desesperado, a mulher saiu da catedral e tranca a porta dupla. Andando, e passando ao lado do homem como se ele não existisse, ela se retira para refletir sobre sua perda.

“Um lycan... Vocês só precisavam matar um homem...” – Sussurrou a mulher, em tom trêmulo. Suas asas se abrem e saem pelos rasgos nas costas de seu manto cerimonial; – “Se vocês, civis de Bankas, precisarem de qualquer coisa, implorem à Lavender. Por hora, a casa de Tormenta está fechada.” Diz Lizha ao levantar voo.

Em um beco ali próximo, ouvindo a conversa, Allith observava a vampira se distanciar da catedral. Aos olhos do galanteador, a Ghoul parecia estar mais cabisbaixa que o costume.

“Uau... Que cena comovente. A triste e solitária dama que perdeu tudo voa em direção ao horizonte, com múltiplas lembranças do filho perdido!” – Allith lamenta ironicamente sozinho; – “Fique tranquila, doce Lizha... Eu irei fazer uma rápida prece à Lestro na casa de nossa eterna mãe.” Diz ao se transformar em corvo e voar rumo ao topo da igreja.

O topo era onde ficava o quarto de Aradia. A vampira pousava na pequena varanda para, assim, adentrar o cômodo usando sua chave. Allith já havia observado com sua apurada visão de ave diversas vezes e sabia cada um dos lugares que Aradia escondia o pertence. O Conselheiro sempre foi cauteloso em suas investigações.

Chegando na varanda, Allith procura pela chave. Embaixo do compacto tapete de feno, acima da porta, entre a fresta dos vitrais... A chave do cômodo de Aradia não estava em nenhum dos lugares que a vampira costumava esconder, o que o levou a crer que a mesma havia a levado em viagem, temendo que alguém pudesse tentar invadir seu dormitório.

As vezes que Lizha saía da catedral geralmente eram muito rápidas e sempre eram em horas programadas. A metódica vampira não dava brecha para qualquer falha em seu cronograma e sempre usava sua velocidade máxima para ir aonde precisava. Esta era uma chance rara demais para ser desperdiçada. Coçando sua nuca e suspirando sem paciência, o conselheiro Superior não viu outra escolha senão a de usar a força bruta para adentrar.

Utilizando uma fina lâmina que mantinha no interior de sua manga, o indolente vampiro destruiu completamente o interior da fechadura. Após diversas e fortes colisões contra a tranca, a mesma se rompe e cai para o interior do quarto. Allith bate suas mãos, uma contra a outra, para limpar um pouco das lascas de ferrugem que sujaram suas luvas vermelhas.

Invadindo a privacidade de Aradia, o vampiro se surpreende com o forte odor de incenso que havia no cômodo da Ghoul. Sua organização era exatamente o oposto de Lavender, enquanto a Rainha possuía muitos objetos e decorações em seu quarto,

organizadas de forma compreensível, o quarto de Aradia era apenas uma cama desarrumada e diversos documentos jogados no chão de qualquer jeito. Também haviam restos de carne velha pelo chão.

“Eu não sei como alguém consegue se sentir confortável vivendo assim...” Pensou Allith, já dentro do quarto.

Ignorando seus arredores e seguindo para a porta da saída, o processo é interrompido pelo pisar em uma página amarelada, a qual Allith amassa com sua bota. Curioso para saber no que havia esmagado, ele se agacha e pega a velha folha. Nela, havia um desenho do que aparentava ser o busto de Tormenta sorrindo. Ela não estava imponente como normalmente era representada, mas, por ter sido desenhada usando carvão, a falta de detalhes também não ajudava na interpretação do Conselheiro. Allith guarda a folha consigo e segue para a saída.

O que o vampiro realmente queria não estava no topo da catedral, mas sim, no subterrâneo. Os muitos segredos escritos por Tormenta e os poderosos rituais que Lizha e Aradia tinham conhecimento e não revelavam ao público. Trazer tudo à tona faria de Allith um herói e poderia fortalecer ainda mais as tropas de Héros. Era apenas isso que o homem tentava manter em mente.

Após o quarto de Aradia, havia uma longa descida até o térreo. Era praticamente um longo túnel para baixo, o qual Allith imaginava que servia apenas para vampiras subirem e descerem utilizando suas asas. Mesmo que vampiros fossem mais resistentes a danos físicos comuns, uma queda dessas poderia ocasionar sérios ferimentos. Despreocupado com o fato de ter que descer um abismo que não via fim, Allith apenas submeteu-se à transformação de corvo e, em apenas um mergulho, desceu planando para o interior da Última Dança. O fim do túnel dava no grande salão cerimonial.

Com o forte bater de suas pequenas asas, o corvo rodeava pelo teto da catedral, e ia direto de encontro a escadaria que o levaria até os corredores subterrâneos. A ansiedade aumentava. Se Lizha retornasse enquanto estivesse naqueles corredores, não haveria como escapar voando, já que esta era a única saída e também entrada. Tentando esquecer tal risco e apenas se atendo ao que poderia conseguir caso fosse veloz o suficiente, Allith adentrou o subsolo.

Os corredores eram escuros e estreitos. Diversas gravuras estavam pintadas pelas paredes. Allith reconhecia que os desenhos eram símbolos antigos para a proteção de qualquer magia que utilize energia positiva. Seu raciocínio fazia sentido, uma vez que, de acordo com as lendas, Tormenta enfrentou um grande grupo de elfos na catedral e nenhuma magia do grupo parecia funcionar. Allith deduziu que Lizha

estivesse constantemente fazendo a manutenção dos símbolos para manter o ritual de Tormenta ativo.

Haviam diversos corredores e muitas salas. Era praticamente um labirinto subterrâneo e, quanto mais o corvo negro voava para sua imensidão, mais perdido e aflito ele se sentia. Aos olhos de Allith, Lizha parecia confiar em sua supervisão, pois a grande maioria das salas estavam abertas.

Durante o percurso do vasto caminho, existiam diversas salas com infinitos pergaminhos antigos à mostra. Seria praticamente impossível Allith ler tudo e escolher sabiamente qual roubar. Tendo em vista que seu tempo era valioso, e que a qualquer momento Lizha poderia retornar, o Conselheiro voltou a sua forma original e decidiu pegar o máximo de folhas possíveis antes de fugir.

Antes de tentar procurar por onde havia entrado, Allith decidiu ir mais a fundo, esperançoso em encontrar alguma outra saída oculta no subsolo ou algo ainda mais valioso que ainda não encontrara. E não demorou muito para encontrar o desejado. Uma grande porta dupla, no final do longínquo corredor, com um enorme símbolo circular negro, bem no centro da passagem.

A intenção do vampiro era empurrar a porta com ambas as mãos no intuito de abrir mais uma vez usando mera força bruta. Contudo, desta vez, ao tocar na madeira escura da porta dupla, Allith sentiu como se algo estivesse crescendo em seu interior, mais precisamente em seu estômago. A partir dali, uma forte sensação de mal estar correu por todo seu ser e o fez ajoelhar-se. Em grande arrependimento pela tentativa, o vampiro vomita sangue negro e, sentia uma crescente vontade de encerrar sua própria vida naquele mesmo instante. Tentando suprir seu instinto suicida com a razão, Allith cogita que o símbolo na porta seja outro ritual feito por Tormenta, para evitar qualquer invasão aos seus domínios. Com isso em mente, o Conselheiro compreende que aquilo seria temporário e, após alguns minutos, apenas foca em se acalmar.

...

Uma grande multidão de civis aguardava, na entrada de Tenebre, por respostas do que fazer agora que seu lar havia se reduzido à cinzas. Muitos gritavam para chamar a atenção dos moradores de Tenebre em motivo da demora de qualquer instrução do que fazer. Em meio a tal cenário, de asas abertas e planando até a entrada da capital, Lavender surge e pousa em frente ao grande aglomerado.

“Civis de Bankas, tenham calma.” – Diz a Rainha, em tom calmo e de braços levantados, não demonstrando medo ou intimidação; – “Medidas já estão sendo tomadas quanto o ocorrido.”

“Por qual motivo nossa vila foi sacrificada?! Por que tivemos de ser evacuados?!” Eram algumas das perguntas que surgiam em meio a multidão.

“Do que me foi informado, uma Superior chamada Rzaroth comandou a evacuação.” – Informa Lavender; – “Eu cogito que ela estivesse armando algum tipo de mecanismo para capturar ou matar Morenar, o lycan de alguns dias atrás.”

“Então Morenar destruiu nossa vila?! Isso foi um ataque lycan?!” O povo tentava entender.

“Do contrário, povo de Bankas.” – A Rainha protesta em voz alta; – “Morenar não tinha qualquer intenção de ferir vampiros e, se tivesse, teria o feito aqui, no coração de nosso país. Eu conversei com aquele homem e ele é de uma tribo pacífica. Tanto nosso povo quanto a nação lycan sofreram com a guerra e agora estamos nos desenvolvendo no período de paz.” Com isso dito, muitos vampiros de Bankas e Tenebre conversavam entre si.

“A minha melhor teoria é que os três Superiores de Bankas evacuaram a cidade para tentar matar Morenar sem ter que se preocupar com a segurança de vocês. E o resultado é óbvio...” – Lavender suspira, triste por ter perdido três grandes guerreiros e estar agora em uma situação de crise; – “Por fim, o responsável pela conduta de todos os Superiores continua sendo Aradia Tenebre. Ela em breve retornará e será julgada pelo atentado de seus subordinados.” Diz a Rainha em tom sério.

Ambas as multidões concordam com o recitado por Lavender. Sua lógica fazia sentido com os testemunhos levantados pelos civis de Bankas e também eram de acordo com o sistema legislativo imposto em Héros. Assim que Aradia retornasse à Tenebre, esta seria levada a julgamento e acabaria presa em Asmos ou executada.

“Povo de Bankas...” – Allith surgiu, mancando e com uma de suas mãos em seu abdômen, em direção à Lavender, a qual estava de costas para Tenebre; – “Lavender... Minha Rainha!” O conselheiro estava sujo de seu próprio sangue, que escorria pelas laterais de sua boca e sujava seu uniforme. Os civis de Bankas e de Tenebre não sabiam o que esperar da presença do homem ferido.

“Allith! O que aconteceu? Chamem Khalid! Rápido!” – Lavender gritava para que os guardas chamassem o Superior de Elite, muito famoso por conseguir regenerar feridas de outros vampiros; – “Consegue falar? Quem fez isso com você?” A Rainha segura seu Conselheiro com ambas as mãos e o senta para suprir seus esforços.



“Lavender, eu fui à catedral quando vi Lizha sair após receber a notícia que seu filho estava desaparecido... Era uma oportunidade única de entender os segredos que as irmãs Ghoul escondem de todos nós...” Allith sussurrava.

“Está dizendo que invadiu a Última Dança?! Ficou louco?! Eu nunca o ordenei que fizesse isso! Você e Azaroth agiram por conta própria e veja só o resultado!” – Lavender gritava, repreendendo a atitude de seu subordinado; – “Então Lizha retornou e o viu roubando os pertences sagrados?! Ela fez isso com você?! Como fugiu dela se sua velocidade é-” Allith interrompe a fala de Lavender com murmúrios.

“Ela não fez isso... Foi outro motivo... Apenas leia isso...” – Colocando a mão dentro de sua jaqueta negra, Allith retira diversos papéis amassados e alguns até mesmo rasgados, e os entrega a Lavender; – “Leia para o povo... Você se surpreenderá...”

Ainda triste e desapontada com a conduta de Allith, mas entendendo seus motivos, Lavender analisa o conteúdo entregue por seu Conselheiro. O vampiro fecha seus olhos e relaxa sua musculatura para descansar até a chegada de reforço. Lendo os manuscritos em tinta negra, Lavender percebia pequenos detalhes que revelavam muito sobre o documento. A caligrafia era muito similar à de Aradia, porém, parecia ter sido escrita com pressa ou sob pressão. Muita tinta havia sido usada, como se o fino papel tivesse sido fortemente pressionado. Continuando sua análise, agora sobre o conteúdo dos papéis, Lavender arregalou seus olhos ao ler a frase:

*“Quanto mais ódio sinto, mais Espectros sou capaz de gerar. Eles se alimentam de minha energia e assombra todos os meus sonhos. Dormir se tornou uma tarefa extremamente desagradável.”*

Não haviam mais dúvidas. Com força em suas mãos, a Rainha tremia ao segurar os papéis. Levantando, ela ordenou que carregassem Allith ao encontro de Khalid. Ela estava em prantos. Virando-se para a multidão de desabrigados, muitos se calaram ao ver, pela primeira vez, sua Rainha demonstrar qualquer sinal de instabilidade emocional. As lágrimas da vampira eram transparentes, exatamente como as de humanos. Isso chocou o povo.

“Eu nasci em Bankas. Eu estive em Bankas em sua primeira destruição. Quando elfos atacaram nossa vila durante a Guerra Final e queimaram todos os moradores e suas residências... Eu estive lá, naquele exato momento.” – Lavender estava séria; – “Sem preocupações, meus súditos. Bankas se reerguerá de suas ruínas mais uma vez. Até lá, vocês terão todo apoio que precisarem em Tenebre. Faremos juntos acampamentos e mandaremos reforços para sua reconstrução. Isso é uma promessa.” Diz a Rainha. O

discurso parecia ter saciado aqueles que estavam preocupados sobre onde iriam se proteger da luz do sol.

“Porém, não antes de resolvermos uma ameaça que pode piorar ainda mais a situação de todos.” – A mulher segue andando em direção ao interior de Tenebre. O povo a seguia; – “O principal motivo que gerou a Guerra Final, foi o súbito surgimento de Espectros em diversas cidades diferentes...

Sempre destruindo tudo por onde passavam, e tendo energia negativa, tanto lycans quanto elfos relacionaram tais seres à nós, vampiros. Eles cogitaram ser um tipo de arma espiritual que nós havíamos dominado, que dizimaria todas as raças inimigas em nome de Tormenta.” O discurso continuava enquanto a multidão permanecia adentrando a capital.

“Para encerrar tal guerra, eu tive que negociar com ambas as raças e dar explicações de que nós não éramos os responsáveis por tamanha monstruosidade. Uma reunião foi marcada e Morenar estava presente. Ele disse que sentia que Aradia possuía o mesmo cheiro de tais abominações. Naquele momento, eu acreditei em Aradia e na desculpa que ela havia dado. Ela mentiu. De alguma forma, Aradia adquiriu o poder dos Espectros e causou a Guerra Final. Ela é a responsável pela morte de milhares de vampiros, elfos e lycans e também pelo atual ataque de Morenar!” – Declara Lavender, chegando próxima à Última Dança. Entre gritos e lágrimas negras, o povo demonstra sua fúria; – “Aradia é uma criminosa e está fazendo novamente o que fez no passado. Ela e Lizha estavam escondendo esse segredo há décadas e armando um golpe para dominação mundial, usando nosso povo como combustível para seus próprios luxos! Ambas merecem ser punidas!” A multidão concorda intensamente.

...

### **Ano 280 - Tarde 19 ▪ Arredores de Bankas**

Era uma tarde ensolarada. Atravessando o final da Floresta da União, Cétrico já estava cansado de comandar a carruagem e estava pensando em fazer uma parada de uma noite para repousar em Bankas. O vilarejo estava próximo.

Admirando o pouco que enxergava do céu azul daquela tarde sem nuvens, Albert afiava sua lâmina e relaxava na cabine, enquanto Aradia dormia. Ela estava confortável utilizando apenas o fino manto negro, mas era nítido que a Ghoul não estava tendo um bom sonho, uma vez que, suas sobrancelhas permaneciam baixas e juntas, e seus lábios estreitos. Albert percebeu isso, mas decidiu não acordar a vampira durante a viagem. Era melhor tê-la com energia e mal humorada do que, sem energia e mal humorada.

Tirando seus olhos da janela e os direcionando à vampira, Albert admirava sua beleza enquanto desacordada. Para ele, era incrível estar na presença de uma figura tão importante e poderosa como Aradia. A general havia sido a primeira que demonstrou qualquer confiança em Albert desde que Solumbre o aceitou como seu discípulo para treinar combate corpo a corpo. Isso o fez lembrar daquela época antiga. O nobre fechou os olhos com força, esperando que as lembranças daquele tempo não surgissem e estragassem o agradável momento de paz. Ao abrir novamente seus olhos, Aradia o encarava com seus grandes olhos vermelhos. Ele tomou um pequeno susto.

“O que foi, Albert?” – Diz a vampira, pigarreando e soltando leves tossidas; – “Já estamos chegando?” Terminou coçando seu olho.

“Aradia... Sim. Estamos próximos de Bankas. Em breve, estaremos em Tenebre e... Eu sinto que devo agradecer à você por tudo isso.” – Ele sorri, pela primeira vez demonstrando ânimo pela viagem; – “Você ter permitido que eu pudesse fazer parte disso tudo me mostrou um pouco do que se tratava o trabalho de minha mãe na prática, além de ter me ensinado muito sobre outras culturas. E, com isso em mente, eu iria perguntar a Lavender se eu poderia assumir o cargo de Markina.” Ele parecia esperançoso. Mantendo-se por um breve momento em silêncio diante da declaração de Albert, Aradia o encarava com pena em seus olhos.

“Você ainda é muito ingênuo... Depois de todo treinamento com Solumbre, de ser menosprezado pela nobreza e por não ser valorizado por Lavender, você ainda pensa em ser um mero trabalhador. Um mero peão.” – Aradia aparentava estar decepcionada; – “Vou fingir que não ouvi isso. Vamos apenas... Manter nosso combinado. A partir de agora, você será minha espada. Eu o manusearei com minha experiência e o reforjarei. Ao meu lado, você se tornará melhor do que qualquer Superior e não viverá na sombra de seu pai. Se você quebrar, apenas mostrará ser uma arma inútil como todas as outras. Você está de acordo?” Aradia cruza suas pernas e aguarda a resposta.

“Espere... Pai...?” – Indaga Albert, não entendendo o que Aradia queria dizer. Ele estava surpreso e seu tom aumentava gradualmente enquanto falava; – “O que você acabou de falar Aradia...? Você conheceu meu pai?!” A vampira não demonstra qualquer sinal de intimidação.

“O importante é que você não o conheceu.” – Diz Aradia séria; – “Entenda garoto. Você não sabe nada sobre esse mundo, assim como não sabe sobre sua própria história. Com o passar do tempo, eu o revelarei o que precisa saber e-” Aradia para sua fala, subitamente, ao sentir um cheiro fora do comum.

“Aradia?! Continue! Quem foi meu pai?!” Albert dizia em voz alta.

“Agora não, pirralho... Sinto cheiro de fogo. Não... Terreno queimado.” Aradia estava concentrada.

“Aradia, Albert, o que acham de uma pausa em Bankas essa noite? Já cansei de dirigir por matagais. Um descanso seria mais que bem-vindo.” – Cétrico precisou gritar para que o som de sua voz se sobressaísse em relação ao galope dos cavalos; – “Faltam poucos minutos para chegarmos.”

“Merda...”

Aradia mordida a ponta da unha afiada de seu polegar, imaginando o que poderia ter acontecido em Bankas.

“Terreno queimado? Um ataque inimigo?! Aqui, agora?!” Cogita Albert sacando sua lâmina. Aradia olha para o rapaz e, sem paciência, o ignora.

Abrindo a porta da cabine em movimento, a luz do sol cobria Aradia quase por completo. Mesmo sem o uso de uma capa noturna, sua pele não demonstrava nenhum sinal de danos ou sequer irritações. Albert ficou abismado com tamanha resistência, pois, para o inocente homem, a luz solar possuía o significado semelhante à uma sentença de morte.

Colocando boa parte de seu corpo para fora da cabine, Aradia olha na direção de Cétrico. Pelos arredores haviam diversas árvores e as muralhas de Bankas já eram visíveis. Preocupada, a vampira diz:

“Sinto algo de errado, Cétrico. Vou na frente para averiguar a vila. Você pode seguir o caminho normalmente.” Instrui a Ghoul. Cétrico concorda.

Descalça e apenas usando seu manto negro de costume, a general salta do veículo em movimento. Em uma única e veloz ação, suas asas se abrem e rasgam boa parte de suas costas. Diferente de qualquer outra vampira comum, as asas de Aradia eram muito maiores que seu corpo, chegando à envergadura de, aproximadamente, 10 metros. O ato impressionou Albert.

Em alta velocidade, durante seu voo baixo, menos de cinco minutos foram suficientes para Aradia aterrissar na terra desolada. A vampira olhava pelos arredores, incrédula e pensativa. O terreno dentro e fora de Bankas estava completamente danificado pelo que aparentava ter sido um incêndio em larga escala, contudo, as chamas não pareciam ter se propagado para a Floresta da União. Percebendo isso, ela

suspeitava que algo, ou alguém, havia suprimido o alcance do fogo crescente, ao ponto que não afetasse a larga mata. A Ghoul anda pelas ruas destruídas.

“Pelo visto, deu tudo errado...” – Aradia leva sua mão a um grande amontoado de matéria queimada, completamente irreconhecível, exceto pela faca de prata caída ao seu lado; – “Pois é, Lestro... Nem mesmo uma vida imortal de treinamentos foi suficiente para conter a fúria do lycan de olhos dourados.” Dizia apalpando e sentindo a matéria queimada, que se desfazia com seu toque.

Imaginando o que aconteceria a seguir, quando chegassem em Tenebre, Aradia se manteve quieta. O trio de Bankas provavelmente havia sido aniquilado. Corpo de civil algum fora encontrado, portanto, eles devem ter sido evacuados com antecedência. Os danos causados pelo incêndio haviam sido feitos a mais de uma semana. Com tudo isso em mente, a grande e experiente general pôs-se de pé, indo em direção à carruagem de Cétrico que, agora, adentrava Bankas através da ponte de madeira danificada.

Vestindo rapidamente sua capa noturna e descendo da carruagem, Albert sai com sua espada equipada. Cétrico olhava em volta, triste e confuso sobre o que poderia ter ocasionado tamanho desastre.

“Ardia, você tem alguma informação do que pode ter acontecido aqui?” Cétrico questiona a Ghoul.

“Eu tenho uma ideia do que pode ter sido, mas não vamos falar disso agora. Não aqui. Albert, retorne à carruagem e vamos-” O som de uma flecha disparada faz Aradia parar seu comando.

Esquivando-se do projétil, Aradia olha com seriedade para a direção de origem do ataque. Atrás de diversos entulhos de casas destruídas, dezenas de seres encapuzados e utilizando diferentes máscaras, surgem. Feitas de materiais e em formatos distintos, todas as máscaras possuíam apenas uma característica em comum: Riscos verticais que atravessam seus olhos.

“Capas noturnas banhadas em perfumes de plantas típicas da região. Vocês se esconderam bem.” – Admite a guerreira; – “Existe alguma maneira de evitarmos combate? A força de vocês seria valiosa e posso garantir que terão vidas mais longas sendo meus aliados do que sendo meus inimigos.” Termina Aradia.

Os diversos inimigos cercaram o grupo com grande vantagem numérica. Sem dar resposta alguma, utilizando arcos, espadas e lanças, eles iniciaram seu ataque simultaneamente.

## **Capítulo 11 - Memórias Mortas**

### **Ano 280 - Noite 17 ▪ Castelo de Lavender ▪ Quarto de Allith**

Havia passado um dia inteiro desde o desmaio de Allith. Khalid, o Superior de Elite, o levou ao seu cômodo no castelo de Lavender e passou todo esse tempo focado em curar o Conselheiro ferido. Para melhorar seu foco, Khalid havia ajeitado suas franjas para ficarem atrás de suas orelhas, de modo que, não atrapalhassem sua visão enquanto movia sua mão nos locais mais danificados do corpo de Allith. Analisando a estrutura de seu paciente, o Semi-Ghoul percebeu que o abdômen do vampiro estava roxo e inchado, o que o fez deduzir que os danos eram internos. Isso também significava que, pela falta de atrito com o ferimento, eles levariam mais tempo para regenerar que o normal.

Durante o período no quarto de Allith, Khalid não podia ignorar o fato do Conselheiro ser incrivelmente organizado. Lá haviam: Uma janela, quase sempre completamente escondida pelas cortinas, uma larga mesa retangular com documentos empilhados e organizados em ordem de recebimento, um armário simples contendo suas roupas e, por fim, sua cama de casal, que quase sempre estava feita. Tudo era perfeito aos olhos de qualquer um que não soubesse de seus segredos.

No meio daquela noite, Allith desperta deitado em sua cama. Ao seu lado, com ambas as mãos em seu abdômen, estava Khalid, o Superior de Elite reconhecido pelo título de Imortal. Levando alguns momentos para assimilar o que havia acontecido e onde se encontrava. O Semi-Ghoul sorri ao ver que Allith parecia bem.

“Bem-vindo novamente à realidade, Allith Lazor.” – Diz Khalid, retirando a mão do ferimento e o entregando um copo d’água; – “Eu sempre o vi apenas como o primo malcriado de Liandre, mas ontem você fez um ótimo trabalho arriscando sua vida pela verdade. Arriscou tudo por Lavender. Eu peço desculpas pelo julgamento errôneo.” O Superior de Elite abaixa sua cabeça em frente à Allith.

“Tanto faz... Foda-se. Apenas me diga, o que está acontecendo lá fora?” Dizia Allith, insatisfeito com seu estado atual e tentando sentar na cama.

“Tome cuidado. Você ainda não está em sua melhor condição. Depois me conte como conseguiu um ferimento desses.” – Khalid auxilia Allith e senta-se ao lado do Conselheiro; – “Respondendo sua pergunta, muitas coisas mudaram enquanto você se recuperava.”

“Prossiga...” Dizia Allith, impaciente.

“Lestro, Venum e Hzaroth foram oficialmente dados como mortos após o atentado contra Morenar. Todos os refugiados de Bankas agora encontram-se em acampamentos feitos por Tenebre. Vários vampiros estão saindo constantemente para viagens à Bankas, levando recursos para reconstrução de moradias.” Termina Khalid. Ele parecia querer continuar a passar informações para Allith, mas não antes de ouvir o que o ferido tinha a dizer.

“Entendo... Bom, então temos muitos vampiros na capital atualmente... Alguma notícia das Ghouls?”  
Pergunta o interessado e carismático Conselheiro Superior.

“Ambas foram denominadas como inimigas de Héros e suas cabeças estão à prêmio. Aquele que eliminar qualquer uma das vampiras se tornará oficialmente um nobre. Lavender tomou essa decisão com muito pesar... Eu sinto tanto por ela... Não deve ter sido fácil.” – A expressão facial de Khalid indicava nítida tristeza ao lamentar por Lavender; – “A localização de ambas ainda é desconhecida. Muitos vampiros partiram e espalharam a mensagem para terem reforços. Superiores de outras cidades também devem estar se aproximando de Tenebre a esse ponto. Ou seja, Héros está de cabeça para baixo.” Suspira o Superior de Elite.

“Realmente.” – Allith massageia sua barriga para entender o nível de sua dor. É suportável. Analisando suas opções, o vampiro fica em dúvida do que fazer a seguir; – “Mas e você, Khalid? O que pretende fazer a partir de agora?” Pergunta, curioso, e em tom amistoso.

“Com tudo isso acontecendo, eu planejo ficar ao lado de Lavender. Tudo anda muito estranho e eu não queria que Lizha fosse condenada. Ela foi uma mulher muito forte durante sua trajetória. Eu a admiro quase tanto quanto Lavender.” – O devoto olha para baixo, pensativo; – “Contudo, nada disso importa. Eu sirvo unicamente ao trono de Héros. A escolha dos sacerdotes é soberana em todos os sentidos. Se a eliminação de Lizha é necessária, então este é um mal necessário.” Conclui, determinado. Allith se surpreende com o nível de convicção e fé do Superior de Elite.

“Sim, é claro... Tudo por Lavender.” – Concorde, Allith, sem jeito; – “E, a propósito, obrigado pela sua ajuda. É bom tê-lo como aliado, Khalid. Espero poder contar com você mais vezes futuramente.” Diz sorrindo.

“Sim. Exatamente. Tudo por Lavender. E, não se preocupe com isso. Eu também o admiro como aliado e espero que juntos possamos contribuir para ajudar nosso país o máximo possível. Seu trabalho ontem foi formidável e digno de nota.”

Três batidas leves foram desferidas na porta do quarto. Khalid foi verificar. Alguns guardas do castelo disseram que a presença dos Superiores de Elite estava sendo requisitada por Lavender. Khalid retorna ao quarto apenas para se despedir de Allith e recomendar que permanecesse em repouso até estar completamente regenerado. O Conselheiro agradece a preocupação e deseja um bom trabalho ao Superior de Elite.

Sozinho em seu quarto, Allith se levantou e, com dificuldade em seu andar, trancou a porta do cômodo. Voltando às pressas para a cama, o vampiro se deita e relaxa o abdômen ferido. Do jeito que estava, ele sentia que ainda levaria alguns dias para conseguir se recuperar completamente.

“Naberius... Isso é tudo culpa sua. Você viu aquele selo. Aquela era a famosa sala onde Tormenta havia se aprisionado para não participar do confronto entre seus filhos.” – Allith falava sozinho enquanto, deitado, encarava o teto; – “Aquele ritual protegia a entrada de qualquer um que não fosse um de seus filhos e, graças a você morar em meu corpo, não pude nem ao menos tocar a porta sem quase morrer. Se eu fosse um vampiro comum, não teria passado tamanha vergonha...” Resmunga.

“O que?! Como assim a culpa é minha?!” – Agora falando em tom alto, Allith olhava para seu peito indignado; – “Certo, já chega. Me arrependi de ter começado essa conversa. Vocês sacerdotes são todos iguais. Apenas faça silêncio e permita-me voltar a dormir.” Deitado, agora abaixo das cobertas, o vampiro coloca o travesseiro sob sua cabeça de forma a tapar suas orelhas e procura por uma posição confortável para retomar seu sono.

...

Mesmo andando com pressa e sem perder tempo pelo caminho, Khalid foi o último a chegar no quarto de Lavender, onde Solumbre e Liandre já se encontravam. O devoto de Lavender pede perdão pelo atraso. A monarca não se incomoda e prefere que ele não ocupe sua mente com isso. Agora reunidos, os três Superiores de Elite estão à frente de sua Rainha, apenas aguardando suas instruções.

“Agora que todos estão aqui, posso lhes dizer o que precisa ser feito.” – Lavender estava vestindo o traje que havia utilizado para fazer o pronunciamento e em conjunto, a coroa de prata de Héros permanecia em sua cabeça; – “Serei direta. Vocês devem eliminar Lizha. Eu analisei o cenário e a melhor forma de terem sucesso em sua missão é a atraindo para o subterrâneo. Lá, mesmo com sua enorme habilidade de evasiva, ela seria obrigada a enfrentá-los de frente, sem qualquer liberdade para fugas ou espaço para ataques elaborados.” A explicação de Lavender era didática e concisa. A Rainha sempre fora conhecida por sua extraordinária capacidade analítica e estratégica. Azaroth se inspirou muito no modo de pensar de Lavender.



“Eu não matarei Lizha.” Solumbre cruza os braços.

“Sem problemas. Apenas a deixe completamente imóvel e contribua para que pague por seus crimes. Se Lizha for detida, ela será levada à nossa cidade-prisão. E, caso a tarefa de a imobilizar seja muito difícil...” – Lavender estava séria e analisava cada um de seus subordinados; – “Liandre, como Solumbre e Khalid tem laços com Lizha, eu encarrego a missão de execução a você. Para matar uma Ghoul, você deve destruir seu coração e separar o crânio de seu corpo. Posso confiar em sua força?”

“Serei sincera, Lavender. Em uma situação como esta, não poderei utilizar meu maior talento, que seria a transformação em Quimera. Porém, creio que Solumbre e Khalid sejam mais que o suficiente para lidar com Lizha.” – Liandre estala os dedos de ambas as mãos; – “Eu realmente não ligo para aquela vaca. Ela sempre foi rude, misteriosa e sempre se achou a mais esperta da sala. Vai ser um prazer chutar aquela bunda murcha.” Liandre ri em deboche. Solumbre e Khalid a encaram com seriedade por insultar a principal clériga de Tormenta.

“Você deveria morder sua língua...” – Sussurra Solumbre; – “Aquele mulher viveu uma longa vida defendendo nosso país. Insultar ela é insultar o legado de Tormenta.” Termina o Superior.

“Ela não é Tormenta. Ghouls são descendentes próximos de Tormenta. E apenas isso. Ela não é nada, se não uma mera porta voz dos antigos documentos deixados por Tormenta. Nada mais... E nada menos.” Ambos se encaram. Solumbre era conhecido por não se segurar em quaisquer circunstâncias. Sabendo disso, Lavender interferiu no diálogo.

“Basta, vocês dois. Khalid é, e sempre foi, o líder do grupo. Como Semi-Ghoul e sempre demonstrando sua lealdade, além é claro de sua precisa tomada de decisões, ele irá guiá-los mais uma vez.” – Lavender repousa sua mão no ombro de Khalid, que era quase do mesmo tamanho da Rainha; – “Ouçam e obedeçam seus comandos como se fossem meus. Agora vão e parem de perder tempo.”

“Sim, vossa majestade!” Os três dizem em voz alta, simultaneamente, antes de se retirar.

Passando pelo estreito corredor do quarto de Lavender, o destino do grupo era descer ao salão e ir rumo à Última Dança. Andando em fila, enquanto desciam a escada em espiral, o trio se manteve quieto, focado nas ordens de Lavender e no papel individual de cada um na operação.

Solumbre seria o principal combatente pois seus golpes eram fortes o suficiente para arrancar membros de seus alvos e, mesmo com diversos ferimentos graves, o Açougueiro nunca hesitava em continuar até seu inimigo estar no chão. Preocupada com o desempenho da missão ser afetado pela falta de vontade de Solumbre, Liandre o questiona enquanto terminavam de passar por mais um dos muitos andares da grande torre.

“O Açougueiro. Com seu cutelo, ele não apenas matava, mas destruía qualquer um que violasse as leis de proteção à vida dos cidadãos de Tenebre. Você parece ter mudado, senhor Açougueiro.” – Liandre o provocou; – “Por que motivo não deseja eliminar Lizha Tenebre? Ela e Radia mataram civis inocentes. Isso não era contra o seu código de honra?” – A vampira continuava as provocações, agora em tom de pena; – “Ou vai dizer que é religião? Eliminar as Ghouls seria contra o que Tormenta tanto pregava. Vamos, Solumbre. Coloque as cartas na mesa. Qual é a sua desculpa para não decapitar as duas com o seu cutelo?” Parando de caminhar e impedindo o caminho de Solumbre, Liandre permanece olhando nos olhos acinzentados do alto e robusto homem de cabelos bagunçados. Andando mais a frente, Khalid apenas vira parte de seu rosto para ver a situação.

“Parem de perder tempo. Isso é uma ordem.” – Ordena Khalid. Os outros dois se encararam por mais alguns segundos antes de seguirem as ordens de seu líder; – “Após cumprirmos nossa missão, vocês podem voltar a discutir. Inclusive, eu adoraria ouvir sua resposta quando isso acabar, Solumbre.” Os olhos avermelhados do Semi-Ghoul transmitiam um pouco de sua curiosidade em saber o quanto poderia confiar em seu aliado. Após o momento de tensão, o trio segue para a Última Dança.

...

Voando em elevada altitude pela madrugada escura, Lizha fugia de Tenebre logo após receber a notícia do desaparecimento de Lestro e seu grupo. Seguindo a água corrente do rio que passava por Tenebre, a vampira levaria poucas horas para chegar ao seu destino. O gélido vento do céu noturno fazia suas poucas lágrimas negras escorrerem por seu rosto. Seu peito estava repleto de agonia e pesar e a viúva se encontrava confusa por não entender o motivo de tais sensações. A aflição perdurou até sua descida à terra.

Cercada por árvores mortas e juntamente na presença de um rio de água corrente, a vampira estava em um antigo bosque destruído entre Tenebre, a capital vampírica, e Asmos, a cidade-prisão. Lizha não fazia ideia do motivo de tal local trazer conforto e familiaridade para si.

Andando por poucos minutos seguindo os caminhos do afluente, Lizha percebe o som de altas quedas d'água. Ela seguiu em frente, caminhando, rumo à direção do estrondoso barulho até se deparar que estava no topo de uma cachoeira que desaguava em uma grande lagoa.

Vislumbrando o cenário em uma visão quase panorâmica por estar em alto relevo, a cabeça de Lizha dói. Era uma aguda dor nas laterais de sua testa. A dor era crescente e a mulher sente seu nariz escorrer sangue negro. Algumas imagens vieram à tona em sua mente. Era uma lua cheia e ela e seu falecido amante estavam se divertindo na lagoa, nas proximidades da cachoeira.

Durante os flashes de memória, Lizha pôde perceber alguns detalhes da aparência de seu amado companheiro. Barba mal feita, cabelos lisos e negros até os ombros, olhos cansados, porém compensados por um grande e caloroso sorriso. A visão foi o suficiente para fazer a viúva esboçar um leve sorriso em meio às muitas lágrimas que derramava e caíam na lagoa juntamente da cachoeira. Ela se ajoelhou e, em prantos, cobriu seu rosto com ambas as mãos.

“Tantas histórias... Você sofreu bastante, Lizha Tenebre.” Uma voz masculina e rouca é produzida a metros da vampira. Ainda em lágrimas, Lizha libera suas asas e suas garras em resposta ao dito, pronta para atacar o ser desconhecido; - “Acalme-se... Eu não venho aqui para lhe causar mal, mas sim, a revelar fatos sobre o que já o fez.”

Focando sua visão, a qual estava embaçada por seu choro, Lizha começa a identificar o homem em questão. Encapuzado por diversos panos surrados de cores distintas, um velho homem de estatura mediana estava em pé e descalço. Ele possuía poucos fios de cabelo e uma testa repleta de rugas. Sua pele também possuía algumas manchas e algumas partes eram flácidas. Em seu rosto, grandes olheiras formavam bolsas escuras abaixo de seus olhos negros. Seu nariz era fino e recurvo. Sua boca parecia ser longa, mas isso era graças a largas cicatrizes em sua lateral, como se alguém tivesse rasgado os extremos de seus lábios com uma lâmina. Ainda haviam remendos, similares a costuras, unindo as laterais dos lábios do idoso.

“Me chamo Riwass. Sacerdote capaz de ler o passado de tudo e todos.” - Aproximando-se e fechando seus olhos, o sacerdote faz uma breve reverência à Lizha que, ainda insatisfeita, não desfaz suas garras e asas; - “É uma honra estar na presença de Lizha Tenebre, filha direta de Tormenta.” Ele abre seus olhos e encara a Ghoul. Após ouvir tal informação, Lizha relaxa suas mãos e retrai suas asas.

“Sacerdote... Os falsos profetas que colocaram Lavender no controle de tudo.” – Com sua maquiagem borrada e olhos vermelhos, Lizha encara o velho homem com desgosto. Era comum os fiéis de Tormenta terem aversão à sacerdotes pois, diferente de outros vampiros, eles apenas os viam como ameaças por seu vasto conhecimento e risco em afetar os ensinamentos da mãe vampira; – “O que sabe sobre mim, charlatão?” Diz em tom agressivo, incomodada com a presença do homem.

“Primeiramente, tudo que falo é a mais pura verdade. Acredite se quiser, mas muitos sacerdotes foram contra a escolha de Ikarus em colocar Lavender como Rainha, e assim, interferir na monarquia de Héros. Cada sacerdote é único em sua própria essência, senhorita Lizha. Lembre-se disso.” – Diz o senhor em tom calmo; – “E, quanto a sua história, eu a conheço por completo. A, não tão reconhecida, segunda filha de Tormenta. Irmã de Aradia Tenebre, o Flagelo de Oblívio. Seu passado é uma tragédia de traições, perdas e esquecimentos.” Aiwass sorri e alguns dos pontos que ligavam as laterais de sua boca se rompem.

“Você não deve contar isso a ninguém.” Lizha diz em tom de ameaça, sem entender como o homem possuía tanto conhecimento acerca de si.

“Eu não devo e nem posso, senhorita Lizha.” – Diz o tranquilo sacerdote; – “Revelar detalhes do passado é um trabalho que as nações devem fazer através de seus registros. Estou aqui apenas para devolver o que lhe tiraram injustamente. Uma pequena reparação histórica. Afinal, sua perda de memória tem relação direta com o extermínio da raça humana, evento que nós sacerdotes temos culpa.” Diz o sábio. Sua voz era seca e rouca, como se sua garganta não possuísse qualquer umidade. Lizha se surpreende com a revelação.

“Seres humanos...? Bom, você não vai me dizer quem foi o culpado disso tudo.” – Deduz a Ghoul, mais calma; – “Contudo fico muito grata em saber que poderei lembrar de minha mãe e dos momentos com Vincent. Pelo pouco que me lembro... Ele... Foi muito importante para mim.” Lacrimejava a mulher em tom melancólico.

Aiwass se aproxima da vampira e repousa sua mão direita na testa da mulher. Suas falanges eram grossas e velhas, com muitas rugas. Seu toque foi frio e úmido. Ele recita:

“A roda da fortuna irá girar novamente à você, Lizha Tenebre.” Dito isso, Lizha sentiu um forte arrepio percorrer por todo seu corpo, porém nada de diferente havia ocorrido. Nenhuma mudança física e nenhuma lembrança havia sido despertada.

“E então...?” Pergunta a vampira, confusa.

“Elas retornarão progressivamente. Quanto mais você procurar por respostas, mais rápido suas memórias retornarão.” O velho sacerdote se vira e anda rumo à escuridão do vale de florestas mortas.

“Fico grata por isso, sacerdote Hiwass. Talvez eu estivesse enganada sobre sua casta. Sempre pensei que vocês fossem apenas seres que iam contra as doutrinas de Tormenta e que poderiam, a qualquer momento, trazer consigo novos dilemas que iriam abalar nossa fé e bem-estar. Devo me desculpar pela leiga interpretação.” Diz Lizha em voz baixa. Mesmo relativamente distante, o sacerdote vira e a encara uma última vez. Os ligamentos de sua boca estavam completamente rompidos e os cortes laterais iam até a metade de suas bochechas.

“Lizha... Eu a respeito pelo seu sofrer mas, assim como Tormenta e Aradia, você abusa de ser ingênua...” – Sua voz era produzida sem o mover de sua boca; – “Vampiros creem que são seres atemporais e que superaram os limites do tempo.” Ele solta uma seca gargalhada que parece danificar ainda mais suas cordas vocais. Lizha olhava para aquilo sem entender.

“Para sempre serão tolos e escravos das circunstâncias do tempo. Aproveitem seu limitado e eterno futuro nesta terra desolada. Pois, assim como nada existia antes de sua consciência, nada existirá após ela morrer.” Como se sua pele fosse feita de folhas, o sacerdote se dividia em diversos fragmentos que se partiam e viajavam através de uma rápida ventania. Em segundos, Lizha estava novamente sozinha no pico daquela cachoeira.

Sem entender muito do dito pelo ancião, a mulher preferiu apenas limpar seu rosto, que estava úmido por suor e lágrimas e voltar sua visão à tranquila lagoa. Sem sucesso em imaginar como seria banhar-se em tal, a vampira desnuda-se e, sem o suporte de asas ou qualquer outro aparato, cai do cume da alta cachoeira. As tranças de seu longo cabelo se desfaziam enquanto seu corpo caía tranquilamente.

Em um intenso e barulhento mergulho, o impacto não causou quaisquer danos à Ghoul e a levou ao fundo da lagoa. Submersa, Lizha sentia a fria temperatura da água percorrer seu corpo que, aos poucos, se acostumou. A sensação era familiar e, por um rápido momento, se recorda de detalhes mais sólidos da noite com Vincent. Sua voz era grossa e seu tom sugestivo a trazia calma. Algumas de suas lágrimas e o sangue que utilizava como maquiagem se misturam com a água da lagoa.

Após aquela noite e mais um dia inteiro naquelas proximidades, tendo adquirido algumas de suas queridas lembranças, porém não completamente recuperada do luto de

Lestro, Lizha decide voltar à Tenebre na noite seguinte. Querendo ou não, muita coisa estava em jogo com os desabrigados de Bankas e isso preocupava a Ghoul. Sem qualquer vaidade naquele momento, Lizha partiu sem arrumar seus cabelos ou se maquiar com seu sangue.

Voando rumo à sua cidade, uma forte chuva havia se iniciado e os ventos pesados incomodavam Lizha, que voava completamente encharcada. Alguns trovões também caíam pelo horizonte acinzentado das nuvens carregadas. Isso preocupou Lizha que, agora com pressa, voava ainda mais rápido.

“Chuva... Raios e trovões... Mamãe deve estar irritada.” Deduz a religiosa vampira.

Em um ato inusitado, por estar voando e querer trocar suas vestes molhadas, Lizha decide entrar na catedral pelo quarto de Aradia. Ao pousar na varanda, Lizha percebe a tranca fortemente amassada e arranhada. Tendo certeza de que Aradia havia levado sua chave, a vampira entende que alguém adentrou a força na catedral sagrada. Um ato imperdoável.

...

### **Ano 280 - Mesma Noite ▪ A Última Dança**

“Ela não fugiria, mas sim, tentaria nos eliminar a todo custo.” Diz Solumbre, sentado no último degrau do altar. Em uma de suas mãos, o Superior de Elite empunhava seu cutelo e o afiava usando uma pedra similar a de Albert. Ocasionalmente, ele também dava algumas batidas em seu largo uniforme negro da Elite, o qual sempre estava sujo por sentar em qualquer lugar sem preocupações.

“Você está indo contra as ordens de Lavender!” Khalid estava irritado com a indisciplina de Solumbre.

“Mas é claro. Não é Lavender que enfrentará uma Ghoul em seu próprio território.” – O grande vampiro se levanta em resposta à afronta; – “Se a estratégia da sua Rainha der errado, todos aqui morrem. Você sabe disso, não é?”

“Exatamente, seu brutamontes retardado! Lavender nunca errou em nenhum de seus planos! Todos resultaram em vitórias futuras! Até mesmo sua rendição na Guerra Final foi para fins de benefícios futuros!” – O Semi-Ghoul encara seu parceiro e depois vira seu olhar para as escadas; – “Emboscar Lizha no subsolo é nossa melhor opção pois, mesmo que sua dedução esteja correta, nada a impede de fugir voando de nós subindo pela catedral! Fora que você não é, **nem de longe**, um estrategista páreo à Lavender!”

“Olhem.. Nós somos os Superiores de Elite... Deveríamos ser mais unidos e disciplinados, não acham?” – Diz Liandre Lazor, tranquila e em tom cômico; – “Se nós três vamos ficar juntinhos deveríamos nos entender. Comunicação é a chave para qualquer relacionamento, sabiam?” Brinca a vampira.

“Você de longe é a que menos tem moral para me dar sermão, Liandre.” – Diz Solumbre; – “Além de ser uma mentirosa do caralho, nem Lavender confia em você depois de tanta indisciplina. Você merecia ir para Asmos e lá apodrecer por séculos!”

“Lá não parece tão ruim. Se eu fosse para lá, adoraria ficar na mesma cela que seu irmãozinho...”  
Segurando o grosso cabo de madeira do mortal cutelo de Solumbre, o fio de sua lâmina estava frio e como sempre muito bem afiado. Liandre percebeu isso ao lambê-lo com sua fina língua de serpente. Solumbre estava se segurando para ali mesmo não decapitar sua parceira. A preponderante mulher desferiu olhares provocativos ao grande homem que a empurra com força para longe.

“Eu não lhe toquei. Achei que você sempre respondia na mesma moeda.” Ela responde ao empurrão.

“Eu não sou como você! Uma soberba mulher idiota que foi sortuda ao nascer com o sangue de dois clãs. Não sabe o que é treinar para ter poder e usá-lo para fazer o mundo ser um lugar mais justo. Assim como você, a sua justiça é a forma mais burra e primitiva de ordem natural. Para você, o nascimento define se alguém deve viver ou morrer.”

“Pela primeira vez tenho de concordar com você, Solumbre. Tudo se trata apenas de poder. A possibilidade de opressão e hierarquias são criadas a partir disso. Nossa sociedade é assim. Nossa natureza é assim! Bastou eu nascer com uma transformação híbrida e olha onde estou?! Estou lado a lado com a Rainha de nosso país.” – Com uma das mãos, Liandre massageava a parte careca da metade de sua cabeça, enquanto com a outra, arrumava seu longo cabelo negro; – “Diga o que quiser sobre justiça, mas ela para sempre será apenas uma fábula subjetiva que é construída pelos mais fortes. Se você, o famoso Açougueiro, não possuisse sua força, jamais estabeleceria a sua ordem social através do medo. Até mesmo nos tempos de Tormenta, o poder foi o principal divisor de águas para nossa atual situação. Sempre foi e sempre será assim.” Solumbre a olha de cima a baixo e cospe no chão. Cerrando os punhos e segurando seu cutelo com mais força, qualquer pensamento que corria em sua mente foi cortado pelo comando de Khalid.

“Vocês dois! Vamos descer logo e acabar logo com isso!” Ordena Khalid, exigindo a obediência de seus subordinados por ser o líder do grupo.

“Eu não vou descer em um lugar cheio de rituais, magias e sabe se lá o que... Allith voltou todo fudido de lá e não quis dizer o que viu.” – Diz Solumbre, cruzando os braços; – “Fora que eu nem quero matar Lizha. Se formos fazer uma tarefa que não desejo, que pelo menos seja do meu jeito.” Exige o homem de alta constituição.

“Matar a mim?” – A voz de Lizha ecoa pelo túnel que levava ao quarto de Aradia, no topo da Última Dança; – “Vocês dizem como se possuíssem tal capacidade...” Planando, a vampira aterrissa, levemente, no centro da catedral. De cabelos soltos e vestindo outro dos muitos mantos que possuía para diferentes cerimônias, a ainda molhada filha de Tormenta olhava para todos exalando um grande instinto assassino.

Os três Superiores de Elite se espantam por não terem percebido a presença da Ghoul. Pondo-se em guarda, todos liberam suas garras. Lizha ri ao ver a reação de seus adversários perante a sua presença. O grupo não responde e fica em silêncio a analisando de diferentes ângulos.

“Vocês estão em um lugar sagrado... Um lugar onde minha mãe-” – Ela dá uma breve pausa; – “Onde Tormenta, morreu pelas mãos de um elfo!” A Ghoul ficava cada vez mais séria. Ninguém teve a coragem necessária para responder.

“Lavender os mandou aqui, não foi? Me matar no leito de minha própria mãe... Ela já foi tomada pela vontade daquela raça deplorável... Uma pena.” – Nervosa, falhando ao tentar esconder a dor que sentia pelos últimos acontecimentos, ela forjou um sorriso. O lacrimejar de seus olhos entregavam seus verdadeiros sentimentos; – “Khalid Tenebre, filho de Cassandra e Venut, um grande Semi-Ghoul, assim como meu filho. Liandre Lazor, uma prodígio na arte de metamorfose e descendente de Nério Tenebre, meu falecido irmão mais novo. Solumbre Sulkar, tio de Albert e um grande justiceiro com uma fúria incomparável. Todos nós estamos, de alguma forma, conectados. Conectados pela longínqua linhagem de Tormenta, a qual vocês subvertem ao servir os prazeres de Lavender.” Os fortes pingos de chuva e os estrondos dos trovões repercutiam pela enorme basílica secular.



## **Capítulo 12 - Poder**

### **Ano 280 - Noite 13 ▪ Arredores de Bankas**

Diversos dias e noites foram necessários para Klaustro retornar à Héros. Em seus ombros, sua única bagagem era uma rede improvisada, onde carregava o códice de Hérobu e a enigmática lâmina utilizada no suicídio do sacerdote. A importância de tais itens ainda era desconhecida pelo marginalizado vampiro.

Atravessando parte da Floresta da União, as noites eram o momento em que o notívago vampiro podia utilizar seus dons telepáticos com mais precisão. Sua preferência era de sempre deixar seu lobo, Iron, ir atrás de sua própria comida e se desenvolver naturalmente como um caçador, porém nem sempre isto era possível. Algumas noites, não haviam esquilos ou coelhos pelas proximidades, e para evitar que Iron passasse fome, Klaustro invadia as mentes de corujas e aves, permitindo que seu companheiro tivesse um jantar apropriado.

De barrigas cheias e já acostumados com o ritmo de sua viagem, em poucas horas a dupla estaria chegando em Bankas, a vila que fazia fronteira com a Floresta da União. Apoiando-se no tronco de uma alta árvore, as mãos de Klaustro tremiam. Os dentes de seu maxilar batiam freneticamente nos de sua arcada dentária superior, ao imaginar as consequências de seu retorno. Por decreto, uma vez exilado, aquele que se fizesse presente novamente em Héros estaria cometendo um crime capital.

“Eu não quero morrer... Não agora que dei sentido a minha longevidade.” – Sussurra, apoiando suas costas no rígido tronco, sentando-se de pernas cruzadas no chão de grama, e fazendo carícias na cabeça de Iron, que senta em seu colo. A presença do animal tranquilizou

Klaustro; – “Viver os dias com calma, sempre estudando minha mente confusa. Caçar meu próprio alimento no mar e apreciar banhos gostosos pela noite. Contar cada uma das estrelas e imaginar o que há além de tudo isso. Ajudar pequenos animais a sobreviver e fazer novos amigos... Eu não quero deixar isso para trás.” Klaustro retira a adaga de Hérobu da rede que carregava, analisando seus diversos ângulos.

Enferrujada e completamente cega, a faca possuía algumas escrituras em sua lateral, as quais eram quase imperceptíveis graças à deterioração e desgaste do metal. Olhando mais uma vez para seu amigo e para a lâmina, Klaustro suspira.

“Eu não confio em sacerdotes, mas nós temos muitas perguntas sem respostas. Vamos entregar isso à Lavender e sair de Héros. Tenho certeza que, como aliada dos sacerdotes, ela irá entender nossa intenção...” – Juntando seu polegar e seu dedo médio, Klaustro faz rapidamente vários sons de estalo

para animar Iron, que responde com altos latidos e correndo em volta do vampiro; - “Se correremos agora, tenho certeza que chegaremos à Bankas. Lá podemos achar algum lugar quentinho pra dormir e-” Antes que pudesse terminar sua fala, um cheiro estranho surgiu em seu radar. Similar à canela queimada, o aroma era único e totalmente diferente de tudo que havia sentido.

Se mantendo em silêncio e tomando cuidado para não emitir qualquer som em seu andar, o vampiro seguia seus instintos rumo ao odor inesperado. Iron o seguia animado.

Priorizando sua furtividade acima da velocidade de seus passos, Klaustro finalmente acha aquilo que chamou sua atenção. Rastros de sangue negro. Contudo, algo que levantou ainda mais a curiosidade do pacífico vigilante noturno era o fato do sangue parecer menos escuro que o comum de sua raça. Ele evitou que Iron lambesse tais resquícios.

“Um animal ferido?” - Logo cogitou; - “Exalando... Sangue negro?!” Percebendo a estranheza no que havia dito, Klaustro decidiu ir ainda mais a fundo e seguir as poucas pistas que tinha da suposta criatura ferida.

Em passos mais rápidos que inicialmente, o exilado teve uma sensação estranha e inusitada. Pela primeira vez, sentiu-se como um caçador em meio às muitas árvores de tal bosque, ao perseguir os rastros de um ser debilitado. Sua intenção não era a de agredir nem consumir aquilo que tanto buscava, mas sim tratar as feridas da melhor maneira possível. Afinal, o mesmo nunca havia visto um ser que possuísse sangue com tal pigmentação e fragrância.

Cerca de meia hora de perseguição foi o suficiente para Klaustro se deparar com o grande corpo de Morenar. Andando em passos lentos e cuidadosos e apoiado-se com uma mão em uma das muitas árvores do escuro bosque, o grande indígena permanecia de costas para o vampiro, e estas estavam úmidas por suor e sangue de um vermelho muito escuro. O que mais impressionava Klaustro era o fato do homem se manter firmemente em pé e consciente mesmo com os graves ferimentos, ainda em carne viva, e com parte dos ossos de sua coluna expostos.

“Um lycan?! Aqui?!” Dando um passo para trás em uma intenção instintiva de fuga, Klaustro se apavora ao ver o grande guerreiro à sua frente. Ofegante, devido ao grande esforço feito por sua recente transformação, Morenar lentamente se virava para identificar aquele que havia se manifestado. O olho vermelho de Morenar causava grande pavor no vampiro que conhecia o significado de tal elemento. Encarando o vampiro de aparência

desleixada e seu familiar, mesmo em meio a latente dor de suas feridas, ele permanecia calmo e em silêncio enquanto os analisava.

Com seu maxilar e peito repletos de sangue negro, ficava evidente que o grande homem havia entrado em combate com vampiros. Contudo, mesmo esbanjando ferocidade em seus olhos de cores vívidas e distintas, Klaustro percebia que o caçador estava abalado e temeroso. De alguma forma, ainda que sua aparência indicasse que Morenar era uma grande ameaça, os instintos do vampiro diziam que ele apenas queria paz e isolamento. Seguindo sua intuição, mesmo com a chance de poder se comunicar telepaticamente com o desconhecido, Klaustro respeitou o implícito desejo do guerreiro ferido e seguiu em direção contrária, rumo a Bankas. Aquela havia sido a primeira vez que Klaustro esteve diante de um lycan.

...

“Que desgraça passou por aqui...?” Klaustro andava lentamente pelo portão de Bankas, analisando todas as residências recém-carbonizadas. Iron andava de cabeça baixa. Todo local estava abafado e o cheiro de queimado era forte.

“Será que todos morreram? Seria possível que algum civil fugiu de tamanho incidente?” O eremita procurava por sobreviventes entre os lares destruídos. Iron o seguia velozmente.

Mesmo não tendo resultado em suas buscas, o homem não desistiu. Usando seu ombro para invadir uma das casas de madeira queimada com um arrombamento, Klaustro cai desta vez, por não perceber que tal porta estava apenas levemente encostada. Indo de costas ao chão, muita poeira sobe com o impacto.

Levantando-se em meio à sujeira, Klaustro ouve o rosnar de Iron. Levando em conta que não fazia muito tempo que o lobo havia se alimentado, este fator era estranho. As dúvidas quanto ao comportamento de Iron foram sanadas assim que Klaustro pôs-se em pé. Na sala daquela casa abandonada havia diversos seres na escuridão. Vampiros mascarados no fundo do deteriorado ambiente.

Freme com o encontro, Klaustro não sabia o que pensar e fazer. Em cambaleares tortos, os muitos homens e mulheres se posicionavam em volta dele e Iron. Alguns utilizaram seus próprios corpos para bloquear a saída invadida pela dupla.

“Devemos o eliminar?” Uma voz grossa.

“Ele também é um exilado.” Uma voz feminina.

“Qual é o seu nome, rapaz?” Uma pergunta inesperada.

“Eu sou... Eu sou Klaustro Frieden! Um exilado de Tenebre! Antigo membro da corte de Lavender. Por muitos anos, eu-” O nervoso vampiro parou sua apresentação quando percebeu que muitos dos exilados repetiam seu sobrenome através de sussurros.

“Frieden... Frieden... Frieden...” Os cochichos em diferentes tons tornavam os pés de Klaustro inquietos, insanos por querer apenas fugir do desconfortável ambiente.

“Eu quero sair! Por favor, eu imploro! Não façam nada conosco!” – Klaustro sacou a adaga dada a ele por Hérobu. Sua ação calou qualquer voz que havia se pronunciado; – “Ele é só um filhote!” Diz olhando para seu pequeno lobo, que permanecia agitado com a alarmante situação.

Todos os exilados se afastaram do vampiro armado, exceto um. Aquele que se aproximava era alto e sua escura máscara de madeira não continha muitos detalhes além dos riscos verticais cruzando seus olhos.

“Klaustro Frieden, um vampiro diferenciado portando uma arma diferenciada...” – O mascarado aproxima seu rosto ao daquele que chamava. Klaustro brandia sua arma como uma criança que nunca havia segurado antes uma faca; – “Você parece ser ignorante quanto ao que empunha...” A abafada voz era calma e cansada.

Tresandar não era possível pelo pouco espaço que Klaustro se encontrava. Seu arfar era forte e alto. Encurralado, com mãos crispadas segurando a desgastada adaga e comprometido em domar seu desespero, ele aguardava o homem terminar de falar.

“Posso sentir energia nesta lâmina. Existem poucos, porém fortes resíduos da alma de um sacerdote em seu fio. O senhor teria a utilizado para executar uma das sábias entidades de nosso mundo?” A pergunta fez a garganta do acusado balbuciar, fechando-se e dificultando qualquer gole de sua própria saliva.

“Ele matou um sacerdote!” Uma tímida e fina voz.

“Um sacerdote... Qual deles teria sido assassinado?” Uma voz arrogante e cínica.

“Eu não matei ninguém! Nunca! Aquilo foi suicídio!” – Suas pernas tremiam inseguras; – “Eu apenas retirei a lâmina de sua garganta! Eu jamais mataria um sacerdote! Eu juro!” Os argumentos de Klaustro pareciam ser ignorados pelo grupo.

“Você acha que é inocente? Nenhum exilado é inocente de nada. As leis de Lavender não se estendem para fora de Héros.” – O homem fecha sua mão na lâmina cega de Klaustro; – “Não existe justiça, apenas poder.” Subitamente, mantendo suas mãos na lâmina, o exilado a direciona ao peito de Klaustro.

O gélido e áspero metal atravessa parte próxima ao coração de Klaustro, e lá permanece. Caindo sentado, ouvindo os altos e abafados latidos de Iron, o vampiro sente sua visão ficando cada vez mais escura e trêmula até, finalmente, estar imerso em completa escuridão.

### **Ano 280 – Tarde 22 ▪ Bankas**

Abaixo do caloroso sol de uma tarde sem nuvens, e cercados por quase duas dezenas de inimigos mascarados, Albert, Aradia e Cétrico estavam encurralados. Os muitos adversários atacaram, arremessando lanças e disparando flechas. Em alta velocidade, os diferentes projéteis foram todos defendidos pelas grandes asas de Aradia, que cobriram a mesma e seus aliados.

Envoltos no abraço dos grandes membros alados da vampira, Cétrico e Albert foram temporariamente protegidos de qualquer ataque provisório. Não esboçando reação de dor perante a algumas das flechas que perfuravam a carne de suas asas, a grande general olha para Albert e ordena:

“Elimine-os sem piedade.”

Após um breve instante de hesitação, Albert sorri em meio a oportunidade de, finalmente, provar seu valor em combate. Segurando com força o punhal de sua espada, o vampiro começa o processo de transformação. O nobre fazia seu corpo inteiro e todos os objetos que segurava, se fundirem em si e serem convertidos à uma densa névoa cinzenta. Abismado ao ver que Albert possuía tal capacidade, Cétrico apenas tremia pela insegurança e falta de experiência em combate que possuía.

A habilidade de se fundir em névoa era algo raro entre os vampiros, por ser exclusiva de poucos descendentes do clã Sulkar. Porém, ainda menos comum, era ter a capacidade para utilizá-la em batalhas, uma vez que, normalmente para realizar tal feito eram necessários muitos minutos até o corpo liberar a névoa completamente. Por esta condição, a habilidade é mais utilizada em armadilhas, e não em um confronto real. O usuário também pode reaparecer em qualquer lugar que esteja no alcance de sua névoa.

De forma magistral, Albert se funde com a névoa e desaparece em segundos. Expandindo-se pelo ambiente aberto e saindo da breve proteção da Ghoul, não demorou muito para todos os inimigos serem meras silhuetas no ponto de vista de Aradia e Cétrico. Tudo estava embaçado.

Sem saber o que esperar, os muitos inimigos corriam em direção à onde Aradia e Cétrico estavam. Aqueles que começaram o movimento de corrida sentiram um grande corte em suas costas, provocado por Albert que, como uma breve aparição, conseguia se locomover livremente por todo território que sua névoa preenchia.

Ao desferir seu primeiro corte nos vampiros mascarados, Albert sentiu uma grande sensação de libertação, como se estivesse segurando um grande peso em seus ombros há muito tempo.

Desaparecendo e reaparecendo em pontos específicos, ele eliminava um a um de seus inimigos e, a cada abate, o vampiro sentia mais ânimo para continuar. O número e a intensidade dos gritos daqueles que agora tentavam fugir aumentava pelo vasto terreno.

Em um de seus ataques a um inimigo desavisado, Albert foi alvejado por outro adversário. Um corte de uma espada de prata iria perfurar as costas do nobre. Em resposta ao ataque, ele não se moveu e aceitou o golpe, apenas para mostrar ao seu inimigo que sua lâmina era ineficaz, já que, acertar Albert era o mesmo que atingir o vento.

Diante de inúmeros cortes realizados contra suas misteriosas vítimas, a espada de prata de Albert quebra e se desfaz em diversos fragmentos durante um ataque horizontal que iria destruir o abdômen de seu alvo.

A falta de uma arma não parou Albert que, em seus espasmos de irritação, continuava com fortes golpes utilizando suas garras. Golpe a golpe, rasgo a rasgo, surgindo de ângulos inesperados de sua névoa, como uma sombra silenciosa, ele quebrava as máscaras e desfigurava os rostos dos vampiros que estavam ao seu alcance.

Entre a violência e agressividade desferida, Albert também sentia alívio por esvaziar todas as emoções que tanto guardou para si durante toda sua vida. Os treinamentos frequentes com Solumbre eram terapêuticos e o ajudavam a colocar sua cabeça em ordem, além de funcionar como um bom exercício. Porém, a sensação de poder e superioridade que o depressivo homem estava sentindo naquele momento era algo muito além de seu estado comum. Ironicamente, o caótico massacre foi, praticamente, o momento em que Albert mais sentiu-se no controle de si em toda sua vida. Sua névoa era seu domínio.

Alguns dos inimigos corriam procurando uma saída em meio ao denso nevoeiro que cobria boa parte da cidade deserta. Não satisfeito com tão pouco e, de maneira similar à seu mestre, Albert também desmembrava e decapitava para ter certeza que aqueles que foram eliminados não se levantariam. Diversos gritos do grande grupo eram repercutidos, por diferentes áreas do local, enquanto Albert os matava de formas cada vez mais brutais.

“Venham! Venham todos!” Com sangue negro em seu rosto e em suas mãos, Albert gritava enquanto sumia mais uma vez em meio a vasta cortina de fumaça.

Foram necessários cerca de 10 a 15 minutos para lidar com o grupo de criminosos. Tendo dizimado todos os integrantes, Albert faz sua névoa regredir para si e ressurgir em frente a Aradia. O vampiro estava apoiado em um de seus joelhos e extremamente suado e sujo de sangue negro. Ainda com suas garras ativas, suas mãos tremiam cobertas de sangue e carne. Com um grande sorriso estampado, Albert parecia orgulhoso de seu desempenho.

“Eu irei esperar na carruagem...” Afirma Cétrico, ainda nervoso pelo combate inesperado.

“Sim, já estamos de saída.” – Aradia ria do estado em que Albert se encontrava; – “E você? Se divertiu? Eu nunca havia visto um ataque de fúria dessa forma. Solumbre é ainda mais brutal que você, porém, ainda sendo da mesma família, ele não herdou a habilidade de névoa.”

“Foi... Isso foi muito bom.” – Diz o nobre ofegante; – “Enfrentar Solumbre era algo tão complexo que, para mim, esses caras foram ridiculamente fáceis. Falando nisso... Você tem alguma ideia de quem eram e o que queriam?”

“Eles eram exilados. Vampiros que não são fortes o suficiente para serem mantidos na prisão de Asmos e não cometeram crimes hediondos o suficiente para serem executados. Portanto, como punição por seus delitos, eles são marcados com dois cortes verticais em sua face para serem facilmente identificados como criminosos e nunca poder retornar à Héros. O motivo do ataque é ainda um mistério para mim...” – Comenta a general, indo para a carruagem; – “Você demorou para os eliminar, mas admito que foi interessante assistir sua performance. Usar névoa em combate é algo que poucos vampiros conseguiram realizar em nossa história. Você pode ser considerado um talento raro, mas ainda está longe de seu pai.”

Albert encara a mulher irritado, demonstrando nitidamente que gostaria de mais informações sobre seu progenitor.

“Não me olhe com esses olhos... Você saberá de tudo futuramente. Apenas preciso acertar meus assuntos com Lizha. Falando nisso...Vamos direto à Tenebre. Sem pausas. Estou preocupada com ela.” Termina em baixo tom, se abaixando e entrando na carruagem.

Assim que Aradia entra na cabine, um dos corpos dos exilados mortos solta uma risada. Albert e Cétrico olham para o cadáver que estava sem ambos os braços, banhado em seu próprio sangue e com metade de sua máscara de madeira ainda na face. Ele gargalhava descontroladamente. Em seu último fio de vida, o exilado exclama:

“Albert Sulkar... Mais um dos poucos descendentes de Venut remanescentes... Você também virá a mim.” Ao terminar a fala, o exilado parecia ter morrido.

“Que porra acabou de acontecer?” Pergunta Albert à Cétrico, tentando entender como aquele corpo permanecia vivo após os danos fatais que causara.

“Eu não entendi nada do que aconteceu aqui. Apenas entre na merda da carruagem, Albert...” Diz Cétrico, suspirando. Ambos os nobres trocam olhares de desentendimento e apenas fingem que nada havia acontecido.

Assim que entra na carruagem e senta-se em frente à Aradia, Albert retira sua capa noturna, a qual fedia a sangue e suor. Retirando também a túnica negra que utilizava por baixo de seu sobretudo rubro, Albert fica de peito nú, apenas usando sua veste vermelha da nobreza sobre seu corpo. Suas mãos ainda se regeneravam por ter utilizado suas garras.

“O que é isso? Ficando sem camiseta desse jeito parece estar imitando o visual de Allith.” Aradia ri.

“Sujei demais minha capa noturna. Tudo que queria agora era um banho...” Albert suspira levando sua mão ao encontro de sua lâmina para afiá-la, No meio da ação, ele lembra que nada lá havia, já fora destruída durante o massacre realizado anteriormente; - “Ah é... Ela quebrou.” Conclui o nobre.

“Pelo menos você continua inteiro.” - Comemora, Aradia; - “No começo, ouvir você afiar sua lâmina a viagem toda era algo bem irritante, mas eu admito que me acostumei com seu ritmo com os sons do contato da pedra com a prata. Aqui, use minha espada. Apenas não a afie demais pois, caso o faça, terá o mesmo resultado de sua lâmina anterior.” Recomenda, entregando sua arma. Albert agradece.

“Eu realmente preciso de uma nova mania... Talvez agora eu consiga terminar aquela melodia no piano. Ou, até mesmo tentar uma nova...” Cogita o grisalho rapaz, com um leve sorriso em sua expressão



cansada. Ele termina pegando a pedra de amolar localizada em seu bolso e, novamente, afiando a lâmina de Aradia.

...

### **Ano 280 - Noite 17 ▪ Última Dança**

Liberando suas negras garras em milésimos de segundo, Lizha parte para atacar Khalid em um único e poderoso corte. Unindo todos os seus dedos e mantendo a palma de sua mão firme, a vampira atravessa o peito de Khalid e arranca seu coração. A filha de Tormenta fez isso em menos de um segundo. Sem entender o rápido ocorrido, o Semi-Ghoul cai no chão de costas, com ambas as mãos no peito, gravemente ferido.

Assim que a vampira retira completamente o coração de Khalid das muitas veias e artérias, Solumbre parte para um ataque frontal. Ele falha graças à alta velocidade em que a Ghoul se esquivava. O grande homem mantém seus ataques, desferindo diversos cortes com seu cutelo em direção à esbelta clériga, Lizha desviava das tentativas sem qualquer dificuldade. Seu intuito não era atingir, mas sim, ganhar tempo para Liandre executar sua transformação.

Percebendo que os contínuos ataques de Solumbre não davam brechas para ir até Liandre, e não temendo a lâmina do grande vampiro, Lizha perfura o tronco de Solumbre com ambas as mãos. Com urros abafados de dor e, mesmo em situação crítica, a pesada e afiada lâmina de sua machete desce com notória pujança e quebra parte do ombro direito da vampira. A lâmina se aloca próxima ao meio de seu busto.

Fazendo a lâmina subir e rasgando a resistência da pele remanescente de Lizha, Solumbre continuava a apunhalar a Ghoul que ria perante aos patéticos ataques sem precisão, até que, a mesma, utilizando toda sua força, abre o peito de Solumbre. Muito do sangue de seu inimigo é despejado em si e no chão do sacramento de Tormenta.

No momento em que Lizha havia perfurado o torso de seu alvo, ela havia rasgado diversos músculos e rompido vários órgãos. Contudo, o verdadeiro estrago havia sido feito ao retirar usando força bruta, boa parte da estrutura das costelas do Superior de Elite. Solumbre deu mais uma forte apunhalada na vampira, que por muito pouco não decapitou a mesma. Boa parte do pescoço da Ghoul havia sido danificada, porém o vampiro não possuía mais força suficiente para quebrar a medula. Após o feito, soltando o grosso punhal de sua arma e caindo de frente ao chão, os olhos do vampiro se fecham. A arma permaneceu cravada no pescoço da mulher.

“Você gosta de poder, pequena Liandre? Não que é especial por ter nascido com duas transformações, não é?” Rindo, Lizha bate suas mãos para limpar a grande quantidade de seu sangue e dos já derrotados inimigos.

“Solumbre te segurou bem, contudo não precisarei de minha transformação para derrubar você.” Sorrindo e de olhos atentos em Lizha, Liandre anda rumo às escadas do altar.

“E ainda possuo a audácia para me subestimar, mesmo tendo abatido dois dos três vampiros mais fortes do exército em segundos.” – A Ghoul retira o cutelo preso em sua carne sem demonstrar dor. Os fundos cortes que abriram a área da clavícula de Lizha, estavam se regenerando em alta velocidade, juntamente de seus ossos danificados e seu pescoço parcialmente partido; – “Talvez você seja apenas tola e não compreenda o significado de poder.”

“Liandre... Você é confiante demais as vezes... Isso ainda vai lhe matar.” Diz Khalid, ajoelhado ao lado de Solumbre. Com boa parte de seu braço repleto de vasos sanguíneos negros dentro do torso de seu aliado, o Semi-Ghoul parecia extremamente cansado, ofegante, com fundas olheiras e lábios secos. O membro pulsante do vampiro imortal estava a fazer o processo reverso de alimentação, ou seja, ao invés de drenar energia, Khalid cedia sua vitalidade a seu aliado.

Encarando a cena horrenda, com seu rosto virado para suas costas, Lizha estava calma e esboçou um leve riso. Liandre cruzou seus braços e dava pequenas batidas no chão com um de seus pés, como se estivesse contando os segundos em pensamento. Alto e afiado o som do vento que entrava pelas frestas das janelas rugia pelo ambiente.

“Khalid, o Imortal. Minha intenção era apenas de testar seu título e retirá-lo do combate para acabar com seus colegas. Você me serviria melhor mais tarde, mas vejo que o imortal sabe fingir muito bem que está morto.” A Ghoul vira seu corpo inteiro na direção de sua ferida presa.

Não se importando de ser ignorada pela clériga de Tormenta, Liandre retira seu manto negro de elite e fica apenas com sua justa camiseta branca de mangas rasgadas. Sempre no intuito de chamar atenção, suas roupas eram curtas e decotadas. A famosa e devassa guerreira dobra seu manto e o coloca abaixo da área onde se sentaria da pequena escada do altar.

Vendo que o estado do vampiro era precário, Lizha resolveu dar um golpe de misericórdia e decapitá-lo, apenas para testar, mais uma vez, sua imortalidade. Forçando seu corpo para ativar sua velocidade máxima, Lizha sente uma forte dor de cabeça seguida de um súbito mal estar, que a obrigou a abraçar o próprio estômago.

“Parabéns Liandre, pode se exibir o quanto quiser. Nem mesmo eu acreditava que seu veneno funcionaria em nossa própria raça, ainda mais em uma Ghoul.” Admite Khalid, trêmulo e com uma leve risada oscilante repleta de curtas tosses.

Virando-se bruscamente para Liandre e a encarando com olhares vermelhos e arregalados, se curvando pela dor, Lizha vomita sangue e suco gástrico no chão. Tossindo e lacrimejando, a Ghoul limpava sua boca, ainda arrepiada e tonta.

“O maior problema com aqueles que possuem poder é achar que não existem exceções à regra. Eles supõem que suas resistências são absolutas.” – Ainda sentada de pernas cruzadas, Liandre sorria e observava com atenção o corpo de Lizha se retorcendo, rejeitando o veneno em sua corrente sanguínea; – “Não se vá ainda... Por favor... Eu quero ver sua reação ao lhe explicar como minha toxina usa sua acelerada regeneração para propagar com mais facilidade a peçonha por seu corpo.” Ao terminar, Lizha solta uma forte e alta tosse, se ajoelha e cai batendo sua testa com força no piso.

“Ela morreu...?” Pergunta o Semi-Ghoul.

“Meu veneno pode funcionar em qualquer vampiro, Khalid. Porém, você sabe como é burocrático matar uma Ghoul...” – Liandre se levanta e amarra o grande manto negro em sua cintura; – “Provavelmente ela deve acordar só daqui a uma semana ou duas. Até lá, já estará presa em Asmos.”

“Você não queria matá-la?” Pergunta Khalid, retirando seu braço do já regenerado corpo inconsciente de Solumbre e o carregando apoiado em um de seus ombros.

“Não precisamos matá-la. Além disso, você como um bom cachorrinho de Lavender deve saber que ela não gosta de matar seu próprio povo.” – Liandre ajuda seu colega com Solumbre e ambos partem para a saída; – “Que homem pesado... Logo ele ficou desacordado no fim das contas, não é?”

“Sim... Mas, sem ele, poderíamos não estar tendo esta conversa agora...” Cogita o Semi-Ghoul.

“Diga isso por si...” – Ela ri, já imaginando que poderia usar sua transformação e levar todo o lugar à ruínas; – “Mas eu concordo, é sempre impressionante ver como ele consegue continuar lutando mesmo destruído.”

Abrindo a porta dupla, em menor intensidade, a chuva continuava a cair durante a singela e inusitada noite. Indo de encontro a esquina, alguns guardas da capital

estavam se organizando quanto a como auxiliar os muitos refugiados. Liandre os ordena que fossem até a catedral e prendessem Lizha em uma cela provisória, até que fosse devidamente encaminhada à Asmos.

Em passos lentos, carregando Solumbre, a dupla sentia a chuva molhar sua pele e aproveitava o silencioso momento. De tempos em tempos, Khalid fitava o belo corpo de sua parceira que, graças à chuva, fazia a camiseta branca da Superior demonstrar mais detalhes de sua fisionomia. Liandre o pega no ato e ri.

“Deve ser bem ruim não poder beijar ninguém...” Deduz Khalid.

“Algum dia eu ainda vou matar alguém assim.” – Ela sorri com sua piada; – “E você, como se sente?”  
Pergunta a mulher em tom amistoso.

“Eu to acabado... Pulmões rasgados, coração quase completamente inoperante... Tive que reconstruir tudo isso em poucos minutos e ainda criar um novo coração para Solumbre. Foi rápido demais... Eu preciso de um descanso depois de tudo isso.” Com olhos cansados e caídos, o vampiro olha nos olhos verdes de Liandre, que estavam alegres desde que Lizha havia caído.

“Fique tranquilo... Deixaremos Solumbre em um dos quartos do castelo de Lavender e depois vamos dormir juntinhos o quanto quiser!” Liandre ri e, descendo sua mão, dá uma leve apalpada na bunda de seu parceiro. Constrangido, ele se abstém de comentários.

## **Capítulo 13 - Singular**

### **Ano 148 - Noite ▪ Bankas**

Arrebatadoramente, tropas élficas tingiam a vila com o caos. Sedentos em pôr fim à Guerra de Tormenta, Keen, o braço direito de Angus, e seus muitos soldados marchavam e ateavam fogo nas muitas residências de civis.

*“Não permitam que fujam! Perfurem seu peito com lanças e atirem flechas nas asas de qualquer fêmea que estiver pelos céus!”* Montado em seu cavalo, Keen brandia uma espada média. Seus longos cabelos negros eram do mesmo tom da pelagem de sua montaria. Seus olhos cinzas e sem vida, agora exibiam ódio e refletiam a luz do incendiário ataque.

Nas largas ruas, vampiros desperdiçavam seus últimos momentos de vida tentando fugir dos rápidos cavalos e das perfurantes lanças das tropas élficas. Por todos os lados, fogo e morte se disseminavam por Bankas.

Escondida em uma das muitas casas, utilizando todos os móveis de seu quarto como barricada, uma vampira estava sozinha e em trabalho de parto. Era questão de tempo até que o fogo consumisse as grossas, porém frágeis, paredes de madeira da residência. A fumaça negra subia.

No centro do sujo e bagunçado quarto, firmando suas garras no chão com toda força daquele momento, a vampira de longos e bagunçados cabelos negros suspirava e contraía seu corpo. Seu simples e curto vestido lilás estava rasgado e amuniçado pela fuligem exaltada da madeira que queimava cada vez mais.

Suportando o calor infernal das chamas que cobriam a casa, em prantos e desespero, a mulher finalmente encerra o doloroso processo. Recoberta por sangue e suor, a lacrimosa vampira traz sua prole para perto de seu rosto. A mãe havia perdido muito sangue e, com seu corpo trêmulo e estiolado, ela descansa suas pálpebras.

...

Na imensidão negra daquela noite de incêndios, flutuando e vendo tudo de cima, Ikarus assistia, decepcionado com o resultado final da invasão élfica. Em seus braços, o iluminado sacerdote dava colo a um recém-nascido quase completamente envolto em uma capa noturna.

Em altos prantos chorosos, o pequeno bebê gritava do alto. A silenciosa resposta do sacerdote foi apenas tocar o nariz da criança com seu dedo indicador. O ato teria sido o suficiente para calar e adormecer a pequenina.

## **Ano 153 ▪ Lar de Ikarus**

Os dias de Lavender começavam sempre da mesma forma. Saindo da caverna onde vivia e carregando uma pequena cesta de madeira improvisada, juntamente de uma longa e afiada gadanha, a criança andava até o bosque ali próximo. Aquecida pelo sol matinal, a minguada vampira de pele lilás fechava os olhos e aproveitava a doce e aliviante sensação do calor natural.

Sem aprofundar-se tanto no rico bosque, os minutos investidos na busca de arvoredos contendo frutas cítricas, trouxeram resultados naquela doce manhã. A simpática garotinha havia preenchido parte de seu projeto de cabaz com as frutas que colhia, sem dificuldades, utilizando o longo objeto desenvolvido por si.

Após coletar diversos limões, a vampira dirige-se à sua pequena horta para terminar de colher seu alimento diário. Aquele era um local bem iluminado e o solo era úmido. Ela o havia escolhido por estes fatores. Lá eram plantados rabanete, cenoura, tomate, espinafre entre outros. As hortaliças foram regadas e devidamente tratadas pela garota.

Parcialmente suada após a colheita matinal, a garota retorna a rochosa guarida com sua cesta lotada de suprimentos. A entrada da ampla caverna possuía estalactites e estalagmites por toda parte. A cobertura do local era aberta, permitindo a entrada de luz e água das chuvas que, com o tempo, formaram piscinas naturais.

Tendo se despido, Lavender deixou sua cesta ao lado de seu usual vestido. Entrando devagar na água gelada, a vampira estava relaxada. Ao terminar de mergulhar seu corpo inteiro, iluminada pelas frestas de luz da gruta, ela nadava pela imensidão da caverna despreocupada.

“Tara, sacerdotisa dos mares... Eu a evoco para um breve encontro.” Recitou de olhos fechados, na língua dos lycans. Mordendo o canto de seu lábio, inclinando seu rosto e derramando uma gota de seu sangue rubro na água, uma forte e breve luz clareia o interior da piscina.

“Lavender... Qual é sua dúvida de hoje?” Uma doce voz feminina em dialeto indígena repercutia pelo amplo e aberto ambiente cavernoso.

“Hoje não tenho dúvidas quanto aos animais marinhos ou os muitos lugares que seus mares desaguam.” - Lavender decide boiar de barriga para cima enquanto fala com a sábia no mesmo idioma; - “Estou preocupada com Ikarus. Fazem alguns dias que ele não

retorna com notícias... Você teria informações sobre como estão as opiniões dos sacerdotes quanto à ele?”

“Esta seria sua pergunta do dia?”

“Sim, sábia dona das marés.” A garota admirava e respeitava todos os sacerdotes.

“Que assim seja... Você já sabe do repertório das opiniões de muitos sacerdotes em relação à Ikarus. A grande maioria dos sacerdotes confia na palavra dele graças aos seus feitos benevolentes no passado, enquanto outros suspeitam de sua lealdade e identidade. Atualmente, o Tabelaio está praticamente dividido por tal polêmica.”

“Compreendo... Então nada ainda resolvido. Sem problemas, não irei me preocupar.” – Ela resolve sair da água; – “Amanhã gostaria de saber mais profundamente sobre suas experiências dos tempos em que era um grande monstro marinho.”

“São histórias de crueldade e assassinatos em massa que não me orgulho. Se possível, não gostaria de falar sobre isso. Mas nosso contrato permite que eu lhe diga sobre isso mesmo contra a minha vontade.”

“Então falaremos sobre a estrutura dos artrópodes.”

“Este é, sem dúvidas, um assunto mais confortável. Até amanhã, senhorita Lavender.”

“Adeus, Iara.” Recolhendo suas roupas, a vampira retornava para fora da caverna, apenas para se secar e aquecer seu corpo. Era próximo do meio dia.

...

No interior da grande caverna, existiam ocas salas criadas por Ikarus no passado, similares a túneis. A vampira havia crescido em tal ambiente e já estava habituada com todo o grande lugar. Após seu banho de sol, Lavender decidiu voltar a seus estudos cotidianos.

Uma reclusa e fechada biblioteca. Prateleiras e mais prateleiras de madeira escura e antiga, contendo infinitos grimórios, pergaminhos e diários. No chão de pedra existiam velas, muitas delas estavam apagadas. Sentada de pernas cruzadas entre os brandões, estava Lavender, com um grosso livro apoiado em suas pernas franzinas.

A dedicada criança estudava regularmente os textos da enorme galeria. Vestindo um curto e fino vestido turquesa claro, Lavender possuía cuidado com as desgastadas páginas antigas. Lendo em média, um livro por dia, e comendo tudo o que podia colher de seus arredores, a garota se divertia imaginando os muitos cenários descritos nos documentos.

Fechando seu livro de astronomia e marcando com uma leve dobra na aba da última página que havia lido, o estômago da garota ronca alto. Ela ri, pelo susto que tomou. Deixando o livro no chão e indo buscar sua cesta, a vampira tem uma ideia.

*“Sacerdote Strix, arauto de Stolas, eu o convoco.”* A garota recita de olhos fechados na língua dos humanos.

***“Oh, jovem Lavender. Que bela surpresa. Eu não esperava que me evocasse em tal hora, sabendo que sou acessível apenas à noite.”*** – A voz murmura em sua cabeça; – ***“Todavia, acreditando que possa ser algo urgente, em que minha presença se faria útil, jovem mestra?”***

*“Venha tomar uma sopa comigo. Tenho dúvidas sobre o livro que escreveu acerca dos astros.”*

***“Sopa?! Senhorita Lavender... Creio que eu esteja muito ocupado no momento para um banquete. Não poderia aguardar a chegada da noite para tal?”***

*“Posso te dar um pouco mais de energia se vier agora. Pode ser?”* Ainda de olhos fechados e em tom de oração, a garotinha barganhava com a voz em sua mente.

***“Certo! Afirmativo! Duas gotas de sangue.”*** – Com o terminar do dito, Lavender abriu seus olhos e viu o homem de pé em sua frente; – ***“Com a sua licença, eu, Strix, sacerdote de quarta classe, aqui estou. Aquele que comanda os astros e constelações.”***

Vestindo um formoso casaco da mesma cor do mais escuro dos carvalhos, Strix remodelou seu bigode e seu cavanhaque com seus dedos enquanto, com sua mão sobrando, procurava formar seus cabelos escuros sem que um fio ficasse fora do devido lugar. Além de suas vestes, algo que se destacava na aparência do franzino e jovem sacerdote eram seus focados e redondos olhos de amêndoa, que sempre pareciam sorrir para aqueles que encarava.

*“Bem-vindo, Strix. Gosta de sopa de legumes?”* A vampira apanha uma panela funda para fazer o almoço.

*“Estou segurando minhas voluptuosas comemorações perante a tamanha graciosidade , senhorita Lavender.”* O esbelto e formoso homem se curvava perante a pequena vampira.



*“Vou encher a panela com a água corrente da chuva. Fica no fundo da caverna. Na sala aqui do lado tem bastante madeira e um apoio para pôr a panela com água. Vá acendendo para mim, por gentileza.”* Dizia a pequena menina carregando a panela com ambas as mãos.

*“Como desejar.”* – Indo à sala apontada por Lavender, o formoso sacerdote vê uma grande fornalha de pedras, e um canal feito no interior da mesma que levaria a fumaça até o lado de fora quando acesa; – *“Engenhoso... É como se a própria caverna tivesse naturalmente sido projetada para ser uma acomodação. Intrigante, realmente.”* O sábio entrelaça seus dedos em seu alongado cavanhaque castanho.

*“Ainda não colocou fogo na lenha, Strix? Rápido, tá pesado!”* A garotinha cambaleava para os lados a cada passo enquanto carregava a panela cheia de água.

*“Mil perdões, mestra Lavender!”* – Franzindo suas sobrancelhas, o sacerdote insere a lenha dentro do compartimento e inicia uma rápida prece; – *“Trístanos, eu suplico por sua breve chama...”* O local apontado por seu dedo indicador entra em combustão instantânea. Lavender pula para trás com o súbito crescimento do fogo.

*“Os dons de vocês sacerdotes são sempre incríveis de se observar. Seria possível que alguém como eu aprendesse todas as magias que possuem?!”* A chama da fornalha iluminava os reluzentes olhos roxos da vampira animada. O sacerdote sorri com seu bigode escondendo grande parte de seu lábio superior.

*“Bom... Você sempre poderá nos convocar e poderemos emprestar parte de nossa magia para a senhorita. Também creio que Ikarus já tenha lhe transmitido parte de seus poderes e conhecimento de maneira permanente. Ele é um sacerdote curioso... Não funciona como nós. Se minha tese estiver correta, você herdará parte de sua força e sua essência benevolente.”* – O sacerdote pega a panela e repousa na fornalha flamejante; – *“Isso inclui seus inúmeros poderes de luz, algo que é exclusivo dele.”* A vampira esparrama os muitos alimentos em uma estrutura rochosa similar a uma mesa que ficava ao lado da fornalha.

*“Eu já domino tudo que Ikarus me ensinou. Fortes raios de luz, controle de fótons... Já até consigo direcioná-los para outras direções. Com isso posso reduzir de maneira considerável a minha visibilidade.”* – A garota começa a picar os ingredientes que havia colhido mais cedo. Ela havia os lavado quando fora buscar água para a refeição; – *“Ele disse que meu poder pode matar vampiros com facilidade e por isso devo tomar cuidado quando me encontrar com algum deles. Mas eu estava mais curiosa para saber se eu teria capacidade de dominar algo provindo de vocês. Outras magias e essências dos tantos livros que escreveram.”*

*“Sua astúcia e determinação para entender o mundo são valores louváveis, mestra Lavender. Também devo a parabenizar por seu grande avanço nos estudos. Seu vocabulário também é muito rebuscado se comparado a um vampiro comum.”* – Strix se aproxima da mesa que Lavender usava de apoio para cortar os alimentos; – *“Contudo, temo que o principal fator que a impeça de dominar os muitos poderes de nós sacerdotes, seja a sua diferença de energia. Assim como Ikarus, e diferente de todos os outros vampiros, você é repleta de Positividade, enquanto sacerdotes possuem a contraparte de tal essência. A chamada Negatividade.”* Ele recolhe os pedaços de legumes cortados por Lavender e os derrama no interior da panela fervilhante.

*“Sim. Eu já sei sobre isso. Mas por qual razão Ikarus é diferente dos demais?”* Ambos aguardavam o ferver do almoço.

*“É irônico perceber que você possui mais conhecimento acerca de assuntos ainda nunca experienciados do que sobre o homem que a criou. Ikarus é uma figura intrigante e que divide muitas opiniões.”* – O homem se senta e sua altura fica semelhante à de Lavender em pé; – *“Mesmo com suas controvérsias, Ikarus permitiu que uma vampira tivesse o contato de quase todos os sacerdotes. Ele ainda é muito respeitado pela grande maioria. Eu não me preocuparia se fosse a senhorita.”*

Após retirar a panela, inserir temperos e dividir seu conteúdo com Strix, segurando uma alongada colher de ferro, a pequena vampira fazia redemoinhos em sua sopa. Com seus olhos vidrados no movimento rotacional do líquido e seus sólidos, Lavender calou-se por alguns minutos.

*“A senhorita solicitou minha presença apenas por mera companhia em seu banquete, ou realmente existia alguma dúvida com o conteúdo que estudava, mestra Lavender?”* Com a pergunta feita, um gole da sopa fora desferido, o qual molhou o espesso bigode castanho do sacerdote. Ele o enxuga sutilmente com sua manga.

*“Eu gostaria que me contasse mais sobre a constelação localizada no céu meridional. A constelação de Crux.”*

*“Então você percebeu que boa parte das informações sobre tal já não mais se encontram em meus manuscritos... Pois bem. Irei lhe contar tudo que sei sobre tais astros.”*

...

### **Ano 280 – Noite 17 ▪ Quarto de Lavender**

*“E assim, nós derrotamos Lizha. Claro, teria sido muito mais fácil se Solumbre não fosse teimoso, mas creio que o modo dos fatores nem sempre altera seu resultado.”* Brinca Liandre.

“A vida não é uma simples equação, Liandre.” – Lavender estava de braços cruzados e preocupada com o estado de Khalid; – “O plano com maior chances de sucesso era o do subsolo. Talvez Khalid e Solumbre nem precisassem ter sofrido tanto se tivessem apenas feito como combinado. Além disso, você nem tinha certeza se sua toxina funcionaria em Lizha. Isso tudo foi muito arriscado.”

“Riscos são riscos, Lavender. E a lógica estava ao nosso lado.” Contra-argumenta a Superior de Elite.

“Foi desnecessário. Sua lógica não levou em consideração as muitas variáveis desse cenário. Lembre-se do que já te ensinei no passado: ‘Aquele que controla as variáveis do que o cerca, define com melhor precisão o destino de sua realidade.’” Lavender olha para a janela aberta do quarto. Liandre sente um breve calafrio.

“Certo, certo... Obrigada pela revisão. Agora, se não se importa, eu vou estar no quarto cuidando de meus homens.” – Exausto, Khalid já saía pela porta aberta do quarto, enquanto sua parceira terminava de falar com Lavender; – “Solumbre já está na cama do andar abaixo. Estaremos por lá, descansando, caso precise de nós. Quanto à Lizha, ela já deve estar em uma carruagem e a caminho de Asmos. A previsão é que ela só acorde daqui a algumas semanas.”

“Bom trabalho, Liandre. Sabe que me preocupo com vocês, não é?” – Em tom ameno e suave, Lavender anda até sua subordinada; – “Eu valorizo muito todos vocês e não quero perdê-los como o trio de Bankas.” Um abraço é iniciado pela Rainha e, em seguida, selado por Liandre.

“Sim, Lavender... Nós sabemos disso. Vamos nos cuidar.” – Liandre acaricia os longos cabelos da matriarca; – “Você não deve se preocupar. Somos os melhores do país, não somos?” Ela solta uma leve risada descontráida. A Rainha concorda com sua cabeça.

Com a saída dos Superiores de Elite do quarto de Lavender, a mesma se joga de costas nas macias e volumosas cobertas felpudas. Organizando seus pensamentos de olhos fechados, a mulher não demorou muito para exclamar:

“Você sabe que não gosto de quando tenta me assustar, Ikarus.” Ela continua relaxada e de olhos fechados.

“Eu só estava vendo como estavam as coisas. É interessante ver como Liandre cresceu ao ponto de ter derrotado Lizha em combate e ter saído ilesa. Quem diria que você teria tantos alunos brilhantes...” – Ikarus

se revelava retirando sua transparência. Aos poucos, o corpo do sacerdote sorridente surgia próximo à janela do cômodo; - “Já faz um bom tempo... Como estão as coisas, vampirinha?”

“Ikarus... Tudo tem sido difícil. Perdi soldados importantes graças à sua própria insubordinação. Vampiros são seres complexos de se liderar. Muitos confundem minha benevolência com mera inocência.” Cismática por lembrar da desobediência de Solumbre e do trio de Bankas, a mão da madura soberana repousa em sua testa.

“É irônico ver que preferem uma bruxa genocida como Tormenta, que não tinha qualquer controle sobre seus filhos, do que você, uma sábia que vem reconstruindo todo um país abalado pela guerra.” - Diz Ikarus, com apenas uma sobrançelha levantada. Ele senta ao lado da vampira púrpura; - “Quais serão os próximos passos?”

“Convoquei todos os Superiores de Héros para um encontro em Tenebre. Será bom para esclarecer todos os recentes ocorridos. Também evoquei a presença de dois sacerdotes.” A mulher enrola uma mecha de seu cabelo com seu indicador.

“Foi uma rápida reação. Mesmo estando abalada você não recua... Talvez hoje concorde com o que eu lhe disse quando nos conhecemos. Ainda se lembra?” Encostando seu cado ao lado da cama e colocando sua mão no ombro de Lavender, Ikarus passa seu polegar de leve na pele da vampira, massageando sua articulação.

“Eu entendo sua aversão por vampiros, Ikarus. Mas não compartilho do mesmo sentimento. Eles apenas possuem dificuldade em entender o caminho que estou os levando. Até hoje, existiam duas grandes rochas bloqueando este caminho. Lizha e Aradia. Atualmente, apenas Aradia continua a obstruir nossa passagem para uma nova etapa em Héros. Não... Em Granland.” - Os olhos violeta da famosa Rainha brilhavam apenas por imaginar seu objetivo final sendo atingido; - “Após prender as Ghouls, Keen, Ikitar e eu, vamos juntos explorar o mundo com nossos exércitos. Pela primeira vez, teremos nossas raças unidas por um virtuoso propósito. Conhecimento. O estudo coletivo de um mundo ainda desconhecido para todos nós.” Ainda vendo a vampira como uma criança sonhadora, Ikarus sorria, esperançoso e feliz por Lavender não ter sido corrompida pelos males do mundo.

“Assistir alguém falar sobre seu sonho com tanta convicção é uma das melhores coisas que existem. Estou orgulhoso de tudo que já fez por este país. Sua administração deste grande território supera, com folga, a de Tormenta.” - Dando um leve e rápido toque no nariz da vampira com seu dedo indicador, Ikarus ri. Lavender estranha o comportamento do sacerdote. Desde que conheceu

Ikarus, ele nunca havia elogiado seus feitos; – “Mas você já sabe de tudo isso... Sempre soube. Afinal, desde criança você me provou que vampiros não são meros animais escravos do desejo. A vampira nascida na noite do falecimento de T tormenta... Você sempre foi diferente de todos. Um prodígio. Por isso escolhi você para receber minha benção e se tornar uma líder para este povo. Quero que nunca esqueça disso.” Ikarus levanta e anda rumo à janela.

“O que vai fazer? Por que está me dizendo tudo isso agora?” Lavender levantou rapidamente, desmanchando parte da cama e dando poucos passos rápidos até Ikarus.

“Vai demorar um pouco para nos encontrarmos novamente, Lavender... Mas eu prometo que tudo ficará bem. Adeus, pequenina.” Uma forte luz começa a crescer a partir de Ikarus. Lavender protege seus olhos do grande brilho que não a machuca. Em poucos segundos, a luz havia ido embora junto de Ikarus.

Pensativa sobre o que fazer a seguir, e com a mente lotada em meio aos muitos ocorridos recentes, Lavender apenas apaga as luzes das velas, fecha sua janela e volta para a cama. Cobrindo-se e mergulhando em veludos e preocupações, Lavender se perde em copiosos e nefastos pensamentos.

## **Capítulo 14 - Corrupção**

### **Ano 280 - Manhã 20 ▪ Asmos, A Cidade-Prisão**

“Quem você acha que vai ganhar a luta dessa noite?” – Apoiado na parede da enorme torre de vigilância, um dos guardas responsáveis pelo monitoramento externo do colossal presídio bocejava entediado. De aparência cansada, o vigilante vestia uma capa noturna e segurava uma fina lança de ponta prateada, enquanto apreciava o amanhecer; – “Será que algum novato vai ser páreo para o Mosquito?”

“Olha, sinceramente... Eu não me importo. O cara tá invencível há anos. Daqui a pouco supera o número de abates do Madson.” – Outro guarda estava deitado no chão empoeirado do pouco iluminado observatório, este falava pausadamente, quase adormecendo; – “Assistir a todas estas batalhas noturnas não está fazendo bem a nossa rotina... E se por acaso um ataque surgir de repente?”

Uma larga janela retangular que trazia o brilho da alvorada era o único elemento que iluminava a sala da alta torre. Tudo que o crepúsculo da manhã tocava era apenas o seco solo que cobria Asmos, seguido de um enorme abismo que cercava a protegida cidade prisão. O único meio de adentrar tal fortaleza era através de uma extensa ponte que a ligava com o exterior. A conexão, assim como a profunda fossa, possuía mais de um quilômetro de distância entre os portões dos confins da prisão.

“Um ataque, você quer dizer, uma investida de milhões de lycans para destruir uma cidade-prisão? Ou tropas élficas almejando dominar nossa preciosa área de recursos?” – Diz em ironia o guarda em pé; – “Lembre. Aqui é o último lugar que alguém desejaria invadir. Além da dificuldade de passarem pelo imenso abismo, nenhuma raça estrangeira teria motivo para querer soltar os vampiros mais brutais de Héros. É mais provável que Espectros surjam e nos massacrem do que qualquer outra coisa.”

“Nesse caso, não deveríamos estar prontos para enfrentá-los?”

“Você tá louco?! Se eles surgirem eu vou ser o primeiro a fugir. Aquelas coisas só morrem com a luz do dia. Não tem porque tentar combatê-las.” – O estômago do vampiro deitado trova pela sala; – “Eita porra... Isso tudo é fome? Mesmo com a gente confiscando quase toda comida dos detentos você ainda consegue esgotar seus suprimentos mensais?!”

“Sim, sim... E eu não aguento mais comer os ratos e camundongos que fogem das celas daqueles bostas...”

“Caralho, você parece estar pior que muitos deles.” – Desgrudando da parede que se encostava, o guarda dirigiu-se até a porta de saída da sala; – “Ainda devo ter poucas sobras dando sopa...” Assim que abriu a porta, diversas vozes provindas do térreo eram de fácil audição.

Curiosos, os distraídos guardas viram-se para a vasta janela. Nos limites da grande torre, ambos podiam ver uma carroça, que puxava outro compartimento coberto, se aproximar da fortaleza através da enorme ponte. Graças ao brasão de Héros, era de fácil identificação que o veículo era pertencente a Tenebre e a data atual batia com a da mensal entrega de suprimentos e apreensão de novos criminosos.

Nos portões da entrada, um grupo de guardas armados aguardava a presença da ilustre entrega. Dentre tais homens, aquele que mais chamava atenção era, sem dúvidas, Klint Lazor, o Superior chefe de Asmos e primo pouco distante de Allith.

“Espero que os coitados que chegarem hoje durem mais que os anteriores...” O Superior que estava vestindo sua capa noturna ansiava pela recepção de novos prisioneiros e suprimentos. O único detalhe que tornava a sua identidade óbvia era a arma que sempre brandia. Um machado da altura de uma lança, com lâminas de prata tanto na parte superior quanto inferior de sua estrutura. A arma era conhecida pela grande maioria dos vampiros como as ‘Executoras Gêmeas’, fama dada ao fato de sua incomum mecânica de dividi-la ao meio, tornando-se dois machados medianos.

Cruzando a distante ponte de pedras escuras, parando a carruagem e descendo da mesma, também coberto por sua capa noturna, Allith se revela.

“Klint... Meu primo favorito!!” O famoso Conselheiro de Lavender não economiza no sorriso. Descendo do suporte em que estava comandando os cavalos, ele vai rumo a um amigável abraço.

“Allith!! O mais fiel dos escravos de Lavender!” – Klint corresponde o ato e desfere severas batidas nas costas de seu velho aliado; – “Como andam as coisas com a otária?”

“Lavender está bem e... Na verdade, muita coisa tem acontecido ultimamente. Bankas foi destruída, Morenar esteve em Tenebre e Radia foi à Salos negociar com Keen.” – Allith contava os eventos nos dedos enquanto os citava para se certificar de que não esqueceria nenhum; – “É, eu sei... São muitos nomes e muitos acontecimentos.”

“O que?! Lycans?! Elfos?! Vamos ter outra guerra, Allith?!” Disse já formando suas garras e segurando firmemente seu prolongado armamento. O baixo controle emocional de Klint era outra famosa característica do Superior de Asmos.

“Ei... Acalme-se. Eu já lhe instruí sobre controlar seus impulsos.” – O sereno e brincalhão tom de voz do Conselheiro Superior estava sério; – “A próxima guerra não será contra lycans ou elfos, mas sim vampiros. Uma guerra civil em breve começará e o plano de Lavender em fazer paz com a escória é a principal fagulha deste conflito.” A notícia pegou Klint de surpresa.

“Isso significa que vamos finalmente agir?”

“Isso significa que nossos inimigos estarão se enfrentando diretamente. Lavender está preocupada com Lizha e Aradia, enquanto as irmãs estão focadas em dismantelar o governo de sua Rainha. Não precisaremos mover um dedo. Continue apenas com seu trabalho por aqui.” – Allith dizia isso sorrindo e possivelmente imaginando diversos cenários favoráveis à ele e sua corja; – “Agora vamos direto ao ponto. Graças à alta demanda de refugiados em Tenebre, tudo que pude trazer foram 40% dos suprimentos mensais prometidos. Os fundos que roubamos de Lavender serão úteis agora.” Ele se dirigiu ao carrinho preso à carruagem. Sua carga estava coberta por uma grande lona negra.

“Que bela merda. Pelo visto as coisas só vão piorar de agora em diante...” – Reclama Klint de braços cruzados; – “E quanto aos Kassar? Liandre e Venum estarão conosco?” A relação de Klint com a outra família de metamorfos era péssima. Não foram poucas as vezes em que ele e a Quimera quase se enfrentaram em combates mortais.

“Liane é fiel à Lavender e Venum morreu recentemente.” Responde sem dar muitos detalhes.

“Foda-se Venum, ele sempre foi um pé no saco. E quanto a Liandre... Da próxima vez que eu encontrar aquela buceta pútrida eu prometo que vou-” O tom do vampiro aumentava até ser interrompido pelo movimento de Allith ao retirar sua luva vermelha. Isso era sinal de que o Conselheiro estava para ativar suas garras.

“Certo, certo... Por um segundo me esqueci que vocês são próximos.” – Klint dá um passo para trás. Allith encara seu primo por alguns segundos antes de vestir a luva novamente; – “Trouxe alguma boa notícia, pelo menos?”



“Klint... Em nossa imortalidade também haverá noites de tempestade... Porém, esta noite não é hoje!” – O humor de Allith pareceu retornar de maneira quase tão súbita quanto de como havia se dispersado; – “Acredito que você não poderia pedir por uma vampira melhor para seus espetáculos! Consegue imaginar quem seria...?” Diz animado, indo em direção a porta da cabine.

“Kalinda...? Você trouxe minha amada Kalinda?! Allith, se for a Kalinda, você deveria ter me avisado com antecedência! Eu não estou arrumado o suficiente para encontrar-”

“Não é Kalinda. Você deveria preservar mais sua honra ao invés de cair de joelhos diante daquela mulher.” O malabarismo dialético de Klint é cortado pela áspera resposta de Allith.

“Hoje eu lhe encargo da tutela de ninguém mais e ninguém menos que... Lizha Tenebre!” Rindo sem filtro, o Conselheiro abre a porta da cabine e exhibe a Ghoul sentada no, não muito confortável, banco do antigo veículo.

A filha de Tormenta permanecia imóvel, acordada, com sua boca entreaberta e cabeça inclinada para baixo. Diversas lâminas prateadas perfuravam seu corpo em quase todas as articulações. Mesmo sedados, seus olhos vermelhos permaneciam vibrantes e mirava nos vampiros de fora da cabine.

“Lizha Tenebre... Uma Ghoul em Asmos! Como fizeram isso?! Quem fez isso?!” – Klint sorri; – “Nestas longas décadas de confrontos em Asmos, nenhuma Ghoul jamais pisou aqui. Finalmente teremos algo próximo aos conflitos das antigas guerras!”

“Faça questão que ela se torne adepta ao canibalismo e verá o nascimento de um verdadeiro monstro.” – Os olhos de Allith delineavam desdém; – “É vergonhoso que uma descendente tão próxima de Tormenta tenha sido derrotada por três Superiores de Elite. Talvez consumindo a negatividade de sua própria raça e quebrando os limites de sua mente, ela possa superar a própria Deusa Tormenta. Deixo tal experimento com você. Seja impiedoso.”

“Allith... Com isto em mãos, nós...” Os joelhos e mãos de Klint estavam igualmente trêmulos ao cogitar o futuro que teriam ao utilizar uma Ghoul em seus planos.

“Sim. A adição de Lizha em nosso exército de vampiros fora de controle é muito valiosa. Agora, só precisamos trazer algum dos descendentes de Venut para que possamos controlar todas estas criaturas de poder inigualável.” – Allith auxiliava os guardas de Klint a desconectar o carrinho de

suprimentos de sua carruagem; – “É pra isso temos Albert Sulkar. Sendo de uma das famílias descendentes de Venut e também com suas discordâncias com a coroa, ele é perfeito para o cargo.”

“Os Sulkar não controlam mentes, Allith... Eles herdaram a outra vertente de habilidades físicas de Venut, enquanto os Frieden herdaram as capacidades mentais. Creio que esteja sendo muito otimista se cogita que ele possa ter quebrado tal regra natural.” Klint cruza os braços.

“É, tem razão. Não devo ser tão otimista... Do contrário aparentarei ser apenas um tolo esperançoso.” – Dando dois tapinhas no ombro de seu amigo e uma doce piscadinha acompanhada de um breve riso, o galante Conselheiro Superior retorna à sua posição de guia para mais uma intensa viagem; – “Contudo, estou apenas sendo realista, já que não temos outras alternativas. Todos os Frieden estão mortos ou exilados. O que é, praticamente, a mesma coisa e nos deixa apenas com os Sulkar como descendentes ativos de Venut.” Allith faz os cavalos andarem e, assim, sua carruagem se distancia do compartimento de suprimentos.

“O que?! Já está de saída?” – A pergunta é recheada por decepção; – “Não acredito que Allith Lazor vai deixar de lado uma noite de espetáculos, bebidas e carícias.” Diz tirando Lizha da cabine. Mesmo descoberta por qualquer proteção, a mulher parecia não se afetar com a luz solar.

“Informei a Lavender que seria uma viagem rápida. Ela é muito precisa com suas previsões, não posso fugir muito de suas estimativas ou ela pode suspeitar de algo... Além disso, as circunstâncias de Tenebre não permitem que eu me divirta desta vez. Vocês também devem ser mais cautelosos e racionar seus suprimentos. Os tempos estão mudando e devemos nos preparar para os eventos mais imprevisíveis.” O Conselheiro apenas aguardava Klint retirar a Ghoul de seu veículo para poder voltar à capital.

“Adeus, Allith. Vá pelas sombras.”

“Adeus Klint. Na próxima vez que nos encontrarmos, quero o dobro de tudo que prometeu para esta noite.” Diz ao estalar as cordas nos animais relinchantes.

...

### **Ano 280 – Noite 21 ▪ Tenebre ▪ Quarto de Lavender**

“Os Superiores devem chegar em torno de cinco a dez noites, senhorita Lavender.” – Allith fazia questão de se ajoelhar perante Lavender que, de costas, analisava um grande mapa de seu país.

Este, estava coberto de marcas, desenhos, números e anotações; – “Se me permite, acredito que teremos no máximo três ou quatro times de Superiores de diferentes vilas. Disse a Klint sobre nosso estado atual em minha última e rápida viagem. Também fiz uma vistória na situação de todas as acomodações dos detentos. Nada fora do normal.”

“Isso é ótimo. Por todo o relatado nessas últimas décadas, eu realmente sinto vontade de contemplar Asmos pessoalmente. Klint parece estar fazendo um trabalho formidável.” – Esquecendo o mapa por alguns segundos, Lavender desvia a atenção ao vampiro que prezava genuflexões; – “Pelo tempo de viagem, imagino que deve ter feito o relatório em suas poucas pausas durante seu retorno à Tenebre.

Estou certa?”

“Sim. Foi uma viagem bem puxada... Eu já estou melhor da experiência na catedral, porém, ainda preciso de mais descanso que o normal.” – Diz passando a mão sob seu cangote e o massageando; – “Sobre Asmos... Klint está bem. Creio que, diferente dele, Kalinda deve fazer questão de responder ao seu chamado, mesmo não sendo recomendado que deixe seu posto. Se ela vier, muito provavelmente será a primeira a chegar... Animada e exibida como sempre... Não sinto falta daquela mulher.” O esgar no rosto de Allith dizia tudo sobre o que sentia em relação à Superior.

“Ela é uma mulher orgulhosa assim como a maioria das vampiras, Allith. Sua prima também não foge desse infeliz padrão.” – Ela volta ao mapa; – “Klint e Kalinda são Superiores sem equipe. Independentes. Devemos focar nas outras equipes. Nos trios das vilas de Histo e Leves. Se meus cálculos estiverem corretos, teremos a presença destes Superiores e de alguns dos sacerdotes que evoquei, antes de Aradia retornar.” A analítica Rainha movia seus olhos pelo papel, estudando o tempo de viagem de cada região e com isso, predizer o futuro.

“Pelo que vejo, tudo parece estar devidamente arquitetado. Lavender... Você realmente nunca decepciona com suas estratégias e planejamentos!” – O elogio vem em tom eufórico e Lavender o ignora. Este não foi um ato indelicado da vampira, mas os cortejos de Allith já haviam se tornado banais; – “O que nos leva a sua única e vital preocupação... Aradia Tenebre. O que temos reservado para a grande general?” Sempre capcioso, o Conselheiro possui segundas intenções em cada uma de suas perguntas.

“Eu confiei em Aradia. Sempre soube que ela e Lizha eram descendentes diretas de Tormenta mas, imaginar que Aradia usaria seu próprio povo como cobaia para treinar seu poder... É imperdoável. Ela é inimiga do mundo inteiro, incluindo sua própria nação. Os sacerdotes e Superiores que convoquei irão lidar com ela,

juntamente de todos os guardas de Tenebre.” – Eram poucas as vezes que Lavender demonstrava irritação e descontentamento. Ao expressar sua opinião sobre Aradia, a benevolente Rainha parecia, pela primeira vez na visão de Allith, rígida e séria; – “Aradia será executada. Infelizmente não há cura para sua insanidade. E quanto a Lizha... Veremos futuramente até onde seus atos a condenam. Como foi seu aprisionamento?”

“A entrega de Lizha fora devidamente realizada. Ela estava inebriada. Sedada e contida pela prata... Poderia me contar como seus três Superiores derrotaram uma Ghoul? Tal ideia simplesmente não entra em minha mente.” Mais detalhes do combate ajudariam Allith a entender melhor as fraquezas das Ghouls. Aradia era um alvo muito cobiçado.

“Perdão Allith. Temo que tal informação você deva verificar com sua prima e seu esquadrão. Foi um conflito arriscado e custoso. Solombre e Khalid quase morreram pelos ataques de Lizha. Sinta-se à vontade para falar com eles. Estão no quarto de sua prima.” – Antes de terminar de falar, Lavender se lembra da típica postura de Liandre; – “E... Eu bateria antes de entrar, se fosse você...” Recomenda, desconcertada.

### **Ano 280 – Noite 13 ▪ Bankas**

Acordando após a forte vertigem, Klaustro se vê deitado no chão da casa destruída, onde havia encontrado os Exilados junto de Iron. Nenhum dos citados estava no ambiente. O único pertence do vampiro que continuava no local, era o grimório de Hérobu, o qual Klaustro traz para perto de si ainda deitado no sujo chão de madeira carbonizada.

Ainda superando as náuseas, além do ferimento em seu peito causado pela misteriosa lâmina, o eremita também percebe um largo corte em sua velha vestimenta. O corte era na altura do abdômen e aparentava ter sido feito de maneira imprecisa e apressada. Levantando sua leve túnica escura, uma cicatriz ainda não completamente regenerada era evidente. Para uma análise mais cuidadosa sobre os machucados, ainda sentado, o homem decide retirar a danificada túnica.

Para sua surpresa e curiosidade, os ferimentos estavam se regenerando de maneiras diferentes. A punhalada que recebeu no peito da adaga de Hérobu estava quase completamente regenerada e a sensação era algo inédito. Klaustro sentia como se todo sangue daquela área estivesse em constante movimento.

O único fator diferenciado na sutil cicatriz eram seus contornos. A pele próxima ao local observado não estava pálida como de costume, mas sim bege. Arrepiado e temeroso, Klaustro manifesta suas garras e, com um leve corte na área colorida, espera para ver o que de lá sairia. Através da ferida, escorrendo pelo seu peito, a coloração do sangue era carmesim e vivido como botões de rosas recém-abertos.

O conteúdo morno que saía do peito de Klaustro era latente e parecia estar lutando para não ser consumido pela grande quantidade do infeto sangue vampírico. Cerrando seus dentes em represália, Klaustro se levanta e derrama o conteúdo, que respinga se dividindo em várias gotas pelo escuro assoalho. Dando passos para trás e se apoiando em uma das paredes da casa abandonada, ele suava frio ao ver o vermelho sangue corrente da recente cisão se tornar lentamente marrom escuro até esfriar completamente e ser recoberto pela forte e pútrida coloração negra.

Os arredores da ferida já estavam pálidos como de costume e o leve ferimento estava quase completamente regenerado. A única prova de que aquilo não havia sido a criativa mente do telepata, era que os respingos que derramou por impulso permaneciam no chão. Eles perduraram vermelhos como os olhos dos descendentes mais próximos de Tormenta e fervorosos como a mitológica vitalidade dos extintos seres humanos.

Na penumbra da sala vazia e isolada, Klaustro estudava as gotas no chão, já quase secas e absorvidas pelas secas tábuas de madeira. Fazendo sua curiosidade subjugar seu medo do desconhecido elemento, o vampiro passa o dedo médio e indicador nas ainda úmidas gotas de sangue que derramou. Evitando pensar por muito tempo, já temendo que mudasse de ideia, o homem lambe ambos os dedos. O doce e autêntico sabor das gotas vitalícias, refrescavam as papilas gustativas do homem. A sensação percorreu por todo interior da boca de Klaustro, o fazendo salivar e querer mais.

Olhando para suas mãos, danificadas pela anterior liberação de suas garras, Klaustro percebeu que elas haviam se regenerado instantaneamente após beber a pequena fração do que saía de seu peito. Todo tecido de pele e ligações nervosas das mãos foram perfeitamente recriadas. Ele apenas impunha o grimório do falecido sacerdote e segue para a saída com ele abaixo de sua axila.

Percebendo que luz alguma atravessava o buraco que havia deixado ao arrombar a porta da casa com seu corpo, Klaustro deduziu que ainda estava sob céu noturno e, portanto, era seguro sair em busca de mais respostas sobre o ocorrido em Bankas. Desgrudando do recosto, o solitário ermitão tenta colocar os acontecimentos anteriores em uma ordem cronológica enquanto se retira da residência despedaçada.

Lembrando de Iron e dos muitos exilados, a ansiedade cresce no corpo do empático vampiro. Preocupado em encontrar seu companheiro e também com um

ataque inesperado dos possíveis inimigos, Klaustro para de andar e fecha seus olhos. Elevando seu foco ao máximo, resquícios do mal estar anterior o fizeram colocar a mão em sua testa. Com dificuldade, ele consegue expandir sua mente pela extensa vila desértica. Mesmo ignorando paredes e destroços em sua busca astral, nenhuma mente havia sido captada por todo território. Suspirando, ele reabre os olhos e pisca freneticamente para retornar à sua realidade.

Ao atravessar a entrada destruída, a primeira coisa que o pacifista nota na linha de seu horizonte são diversos corpos mutilados pelas ruas de terreno baldio. Muitos sem cabeça, de peito aberto e desfigurados. Era como se a criatura que incinerou Bankas há algumas semanas tivesse retornado durante o sono de Klaustro para finalizar o serviço. O vampiro grita em meio à chacina e, sem muita resistência por parte de sua constituição frágil, vomita próximo a seus pés, regurgitando apenas o suco gástrico de seu estômago vazio.

Com pouco tempo para se recompor, visando não ficar vulnerável em um cenário destes, Klaustro limpa os cantos de sua boca com a lateral de sua mão e corre para Tenebre. Mesmo que continuasse a correr em velocidade constante a noite inteira, o vampiro jamais chegaria à capital apenas em uma única noite. Sabendo disso, o covarde e perdido benfeitor, não desfaz sua ação contínua rumo ao destino dado por Hérobu, sempre com seu grosso e pesado livro em mãos.

## **Capítulo 15 - Espetáculo**

### **Ano 280 - Manhã 20 ▪ Asmos, A Cidade-Prisão**

Amordaçada por um grosso pano branco e sujo, jogada em uma cela, sem forças e ainda contida por grilhões, Lizha se ateve a continuar estirada no frio chão de seu novo quarto. Seu cabelo, sempre trançado, agora estava emaranhado e sem cuidados, jogado sob seu rosto. A falta de tato que sentia nada era relacionada às diversas lâminas de prata que a perfuravam, mas sim pelos efeitos colaterais do poderoso veneno produzido por Liandre. O estômago da Ghoul roncava alto por ter esgotado completamente suas reservas de energia.

Sua acomodação era ampla, simples e pobre. Seu olfato já havia se acostumado com o fétido cheiro do sangue vampírico que o lugar possuía. Além das quatro paredes distantes de Lizha, também havia uma cama velha, suja e mofada na lateral do grande quarto. A mulher estava de costas para a única saída. Era uma porta robusta e estava completamente lacrada. O local fechado e abafado fez Lizha facilmente perder a noção do tempo e não saber se era dia ou noite.

“Tantos feitiços... Momentos... Agora eu me lembro, mãe.” – Lizha sussurrou encarando uma pequena aranha que andava próxima de seu rosto; – “Aranhas arranhando as costas de meus olhos... Essa sensação antiga e incessantemente familiar...”

Sentando-se no chão de pernas cruzadas, tomando cuidado com as lâminas que perfuravam a pele atrás de seus joelhos e agora de frente para a maciça porta, a Ghoul nota um braço decepado ao redor de uma poça de sangue negro, próxima ao chão da entrada. Ver aquilo mudou sua percepção do odor local, pois Lizha cogitava que o forte cheiro de sangue era proveniente de seus próprios ferimentos.

“Eles realmente esperam que eu vá comer esse lixo... O estado de Asmos está realmente precário. Deixar esse lugar de lado para assegurar o desenvolvimento da vila de Maxim... Esperava mais de você, Lavender...” – Engatinhando, Lizha se aproxima do fragmento cadavérico; – “Uma Ghoul derrotada por três soldadinhos dando lição de moral em uma Rainha ocupada em restaurar toda uma nação arruinada... Vendo por este ponto, eu aceito que você venceu, Lavender. Pelo menos desta vez.” A mulher agarra pelo pulso o braço decepado.

Manuseando o membro mutilado como um instrumento de pintura, Lizha mergulha a parte da carne exposta na poça de sangue e começa a desenhar um grande círculo em sua volta. Sentada no centro da circunferência recém-finalizada, a vampira molha seus dedos na poça e faz outros símbolos, desta vez, mais detalhados pelo

aumento da precisão. A cada símbolo que fazia, ela lembrava de sua mãe falando sobre seus respectivos significados e importância ritualística. Conforme a filha de Tormenta traçava os elementos primordiais da terra e recitava seus nomes na língua dos humanos, mais um sorriso era delineado em seu rosto.

...

Horas após deixar Lizha em seu novo lar, durante a parte da tarde daquele mesmo dia, Klint repousava em seu canto favorito, a sala de patrulha. Desta vez sem sua capa noturna e calçando luvas similares à Allith para sempre manusear sua arma prateada sem problemas, o Superior se encontrava com seu visual habitual. Seus cabelos eram longos e negros, indo de encontro com a metade de suas costas. Em seu sério rosto, além de um grosso bigode que fechava seu cavanhaque, seus olhos eram cinzas em uma tonalidade quase branca e em suas bochechas existiam leves fendas complementando as maçãs de seu rosto.

Originalmente repleta de mapas, mesas e instrumentos para escrita de relatórios, a sala de patrulha foi arquitetada e planejada por Lavender para ser um cômodo com o propósito de auxiliar na programação dos oficiais aplicados no gerenciamento e administração da cidade-prisão. Hoje o espaço era frequentado pela maioria dos guardas fora de serviço como centro de resenha e apostas para as frequentes batalhas noturnas realizadas pelos prisioneiros.

A decisão sobre em qual prisioneiro investir era uma das maiores preocupações dos guardas que os alimentavam e instruíam sobre o conflito, se tornando assim verdadeiros treinadores. Muitos criavam laços afetivos com os prisioneiros, o que era proibido por decreto de Klint, e, por isso, acabavam sendo executados pelo mesmo. Nenhum pedaço daqueles que morriam em Asmos era desperdiçado. Seja o defunto de guarda ou prisioneiro, todos serviam de refeição para os combatentes noturnos consumirem e se fortalecerem para seus próximos confrontos.

Como de costume, o Superior encarregado de representar Asmos em sua totalidade era sempre meticuloso com os detalhes daquilo que carinhosamente apelidou de ‘Espetáculos’. Além de ser uma grande forma de entretenimento para Klint e todos os guardas, também era uma atividade que movimentava muito o capital interno da viela e, se havia algo que Klint se preocupava mais do que a vida de qualquer guarda, era seu dinheiro. Mesmo muitas vezes transpassando um ar de ingenuidade, o ganancioso acumulador de riquezas era muito conhecido por ser um especialista na área matemática e um trapaceiro excepcional em jogos de azar, sempre tendo a segunda fama disputada com Allith.

Utilizando uma estreita pedra retangular de carvão para escrever os nomes e quantias apostadas dos guardas, Klint deslizava o olhar pela larga folha de papel. Hoje,



todos vislumbrariam uma luta sem igual. O atual campeão Mosquito contra Lizha Tenebre, uma filha direta de Tormenta.

O mais novo detento favorito de Klint por meses havia sido alimentado apenas da carne de seus oponentes. Não tendo quaisquer habilidades diferenciadas, originalmente seu estilo de luta era baseado unicamente em cortar seus inimigos com suas garras e drenar sua vitalidade em momentos oportunos. A cada mês que se passava, além do raciocínio do vampiro ficar comprometido pelo canibalismo, suas habilidades também pareciam ser alteradas gradativamente. Seu dreno vital não apenas o curava, como também roubava grande quantia da resistência e atributos físicos de suas vítimas, os fazendo sentir forte fadiga e enfraquecimento além da grande náusea de ter sua alma parcialmente consumida.

A fina ponta do carvão ia de um lado para o outro e todos, sem exceção, apostaram em Lizha como a vencedora do duelo daquela noite. Um cenário de unanimidade nos lances nunca havia ocorrido antes em Asmos. Irritado por estar sem muitas opções, o Superior se levanta, empunha sua lança e bate com força na mesa com a outra mão desocupada.

“Beleza, cambada! Todo mundo apostou na Lizha! Vocês sabem o que isso significa?!” – Seu olhar sério percorria por todos os rostos da sala tomada pelo silêncio; – “Isso significa que ninguém aqui confia no meu lutador e, por causa disso, nós vamos **mudar** as regras da noite!” Ele dizia animado.

Ninguém levantou a voz para contestar.

“Em casos de unanimidade de votos, duas opções podem ser realizadas. A primeira opção seria o adiamento da luta, até que alguém mudasse seu voto para o lado sem apostas.” – O Superior decretava enquanto andava pela sala usando sua lança como uma bengala de apoio; – “Já a segunda opção seria muito mais interessante e menos chata... A reformulação da luta! Agora ponho que Eu e Mosquito enfrentemos Lizha nesta noite! Se perdermos, Asmos ficará sem um Superior e Lizha devorará nossas carnes, assim ficando ainda mais forte. Porém... Se vencermos... Degustaremos o corpo de uma divindade!!”

Ele grita em espasmos. Os guardas concordam com a segunda opção.

Poucos guardas eram adeptos aos atos canibais por saberem de seus malefícios mentais e terem suprimentos suficientes para não ter que recorrer a tal prática. Klint era uma das exceções. O vampiro não era um degustador frequente de sua própria raça, porém, teve de recorrer a subterfúgios extremos durante a Guerra Final para sobreviver. Uma vez tendo se rendido à situação, suas habilidades e sua mente jamais foram as mesmas.

...

A noite do espetáculo já estava preparada para receber a lendária Ghoul. Em Asmos, as casas são enfileiradas uma ao lado da outra, formando longas ruas pelas quais os detentos raramente poderiam percorrer sem ser em combate. Pelos telhados, infinitos guardas armados de bestas e arcos com flechas de prata tinham o trabalho de garantir que Lizha não fugisse pelos céus. A dupla da noite, Mosquito, o invicto combatente e Klint, o abutre, se aproximavam do cárcere de Lizha.

“Senhoras e senhores, todas as apostas já foram feitas! Estejam todos atentos e em seus postos, pois hoje nossa maior convidada é uma renomada filha de Tormenta!” Klint sorria e acenava aos guardas que cercavam o perímetro.

“Ainda tenho fome...” – A diferença de entonação na fala do prisioneiro era seguida de um zumbido de sua respiração. Tal fato fazia jus ao seu apelido; – “Devorar Ghoul...”

“Não se segure, Mosquito. Ela não deve ser subestimada, mesmo estando enfraquecida. Vá libertá-la enquanto me transformo... Isso pode levar um tempinho, então melhor ir me adiantando.” Retirando sua jaqueta de couro e apoiando sua arma de prata em uma das casas dos detentos, o Superior começa o lento processo de sua metamorfose.

Aquele que andava na frente era o subordinado de Klint. De aparência abatida pelas inchadas olheiras, Mosquito era um homem alto e esguio, chegando a medir quase dois metros mesmo sendo corcunda. Seu pescoço era quase tão fino quanto seus braços e seus dedos e unhas eram mais alongados e afiados que o normal. Com grandes entradas em seu pouco cabelo escuro, o narigudo canibal ainda estava com seus lábios sujos do sangue de seu almoço de outrora.

Empurrando a robusta porta do lar de Lizha, como se fosse nada, o magro vampiro se depara com um cenário inesperado. No centro da vasta sala de poucos móveis, cercada por infinitos símbolos feitos a partir do escuro sangue proveniente do membro decepado, estava ajoelhada e de cabeça baixa a filha de Tormenta. Além dos irregulares símbolos negros pelo lugar, todo quarto estava repleto de inúmeras aranhas que percorriam por enormes teias que conectavam a cela da Ghoul.

Mesmo na presença do vampiro desconhecido e das luzes de tochas de origem exterior adentrando seu cômodo, a mulher continuou imóvel no centro da cela, cercada pelos muitos aracnídeos. As grandes tarantulas possuíam grossas patas negras e peludas. Muitas percorriam o corpo da prisioneira e estavam escondidas por seu lívido e bagunçado cabelo, o qual sempre tinha o costume de estar transado. Ela sussurrava palavras incompreensíveis.

“Klint... Ela parece ter começado um ritual... Posso matar?” Não abalado pelo grotesco cenário e forte cheiro de carne podre, Mosquito dá um passo à frente.

“Faça o que quiser! O espetáculo começa agora!” Em meio a grunhidos de dor, o Superior terminava sua metamorfose.

Muito diferente do processo de um vampiro que nunca havia cometido canibalismo, a carne de Klint rasgava com a mudança da estrutura de seus ossos. Com suas garras, o vampiro abria cortes por todo seu ser. Dos rasgos em suas costas, quatro asas peladas foram expulsas. Seu longo cabelo escuro cobria as asas e era convertido em enormes penas negras estrupiadas. Para cada asa, uma garra era exibida. De seu tronco e de aberturas próximas a seu pescoço feitas por suas garras, duas deformadas cabeças de abutre emergiram. Grunhidos roucos e secos eram desferidos de seus bicos negros.

Transformado em um enorme abutre disforme, o comensal era grande e deformado demais para erguer voo, portanto, utilizando as garras alocadas abaixo de suas quatro asas, a grande criatura escalou a acomodação de Lizha e se manteve no teto, esperando que a mesma saísse para o combate. Em sua forma transformada, beirando quatro metros de altura, Klint era quase maior do que a acomodação que o sustentava.

Já com suas longas garras à mostra, Mosquito entrou na cela escura. O grande abutre aguardava Lizha sair pela porta da frente, porém tudo que saía eram respingos de sangue negro e, mais tarde, grande quantidade do líquido escorria pela saída. Confuso por não saber de quem era o sangue, Klint apenas continuou esperando o resultado do encontro, somente para ser surpreendido por centenas de aracnídeos que saíam pela abertura.

Na mitologia vampírica, era de senso comum que aranhas possuíssem uma forte simbologia referente ao poder matriarcal. O enorme número de aracnídeos que saíam pela porta aberta, era nitidamente um presságio que demonstrava parte da força provinda dos rituais efetuados por Lizha. Esse sinal foi suficiente para intimidar e mobilizar todos os guardas para a frente do dormitório da Ghoul. Dentre as dezenas de homens e mulheres armados, muitos estavam aflitos e cogitaram a tentativa de fuga. Porém, tendo ciência da velocidade que Lizha poderia atingir, tal decisão seria completamente ineficaz e reduziria as chances de sua apreensão.

“Ouça bem, Lizha!” - Um dos guardas gritava a uma distância segura do quarto da Ghoul enquanto mirava com sua besta; - “Seu único oponente é Klint! Todos nós estamos aqui apenas obedecendo ordens superiores e não temos qualquer intenção de lhe atacar se não tentar fugir!”

Passos molhados eram dados até a porta. O andar da temida mulher acompanhava ainda mais aranhas que escalavam as paredes e iam até o teto onde se encontrava o enorme abutre. Carregando apenas a cabeça do prisioneiro, com seu corpo repleto de pinturas em sangue negro e sem qualquer lâmina de prata cravada em suas articulações, Lizha encarava todos que a apontavam flechas. Percebendo o olhar da Ghoul, o mesmo guarda que antes a comunicou suas intenções, agora ordena a todos que abaixem as armas para a mulher não ter motivos para recorrer a uma investida. Todos obedecem temendo o pior.

Após poucos segundos de silêncio, Klint pula do alto do quarto e, em um ataque inesperado, tenta fixar suas grandes garras contra sua oponente, usando seu peso e tamanho para esmagá-la contra o chão. A tentativa frustrada se deu percebida pelo grande monstro bicéfalo ao ver que Lizha não havia apenas esquivado de seu ataque mas, durante o tempo em que o metamorfo caía, a mulher já havia aniquilado todo o esquadrão de guardas de Asmos e sem algum havia sido produzido por seus ataques. Ela permanecia com suas garras à mostra, escorrendo muito do sangue de suas vítimas.

O cenário fez o grande animal insano gracejar uma risada que distorcia entre tons grossos e agudos. Ao observando agora de frente, Klint notou as diversas pinturas em seu corpo e seu olhar era de um vermelho pulsante e vazio, como se ela não estivesse consciente.

Declarando seu próximo ataque, ao abrir seus dois pares de asas para ir até sua oponente, Klint sente um grande aperto em seu peito e muita dificuldade de respirar. Lizha permanecia lá, parada em meio aos muitos corpos dos guardas, até Klint piscar e perceber que suas asas haviam sido desmembradas e o inchado coração pútrido de sua transformação estava jogado ao chão, juntamente das quatro asas arrancadas. Jatos de sangue saíam do grande buraco em seu peito e sujaram boa parte do rosto da séria dama.

Desvinculando-se de sua transformação, o corpo humanoide de Klint rasgava as costas da grande carcaça de abutre. Ele gritava, nú e repleto de seu próprio sangue. Sem qualquer preocupação, Lizha permitiu ao homem a oportunidade de correr em direção à sua arma de prata. Ele estava ofegante. Sua imensa transformação requisitava grandes reservas de energia e, por isso, sentia que a qualquer momento poderia sucumbir.

Segurando as Executoras Gêmeas, a palma das mãos do vampiro queimavam ao entrar em contato com a prata e ele mordia seu lábio inferior para suportar a sensação.

“Lizha Tenebre! Sua herege fraudulenta! Desligou sua mente e recorreu a meios não convencionais de combate por ser uma Deusa falsa assim como sua irmã!” – Klint dividia a grande lança em dois machados recurvos e correu em direção à mulher; – “Mas de nada adiantam suas mentiras! Você

está aqui! No maior buraco de merda de Héros, junto comigo! Meus amigos farão questão de a manter aqui por toda eternidade!”

Ainda não esboçando reação quanto a qualquer ocorrido, com seus braços completamente molhados pelo sangue retirado da transformação de seu inimigo, Lizha andava em direção ao homem desesperado.

Antes de chegar próximo o suficiente de Lizha, Klint arremessa um dos machados e parece atravessar a vampira. Ele não compreende o que acabou de acontecer e, ao finalmente chegar próximo da mulher, usando o machado remanescente, tenta um golpe direto na cabeça da Ghoul. Sua tentativa é novamente frustrada por Lizha ao arrancar seu real coração pelas suas costas.

Caindo no chão e refletindo sobre o ocorrido, intuitivamente, Klint cogita que o que havia atingido era apenas a imagem anterior que seus olhos projetaram da vampira e não sua localização atual. Dando uma última risada, soltando seu machado que é jogado não muito longe de seu corpo, o homem cai de cara no chão e lá permanece. Seus últimos pensamentos são as memórias da antiga Guerra Final e os muitos elfos que lá havia eliminado. Sua última visão é a de uma aranha escura caminhando sob sua mão.

## **Capítulo 16 - Barganha**

### **Ano 280 - Madrugada 21 ▪ Arredores de Tenebre**

Klaustro correu. Sujo e suado, não tendo mais contato com seu familiar e desesperado pelo incidente em Bankas. Tudo que o vampiro mais desejava era comparecer à capital e finalmente ter contato com Lavender.

Durante as noites, ele corria sem parar pelas vastas estradas de terreno desgastado a caminho de Tenebre. O território entre Bankas e a capital era mal conservado, com um solo seco e árvores mortas por quase toda parte. Em alguns pontos do caminho, haviam antigas barricadas e residências improvisadas, criadas em motivo das guerras anteriores, as quais Klaustro utilizava para repor suas energias durante o período diurno.

Aquela havia sido uma longa e exaustiva viagem que se encerrou durante uma noite em que vira uma carruagem se aproximando de suas costas. Virando-se, animado pela esperança de uma carona até a capital e com medo do que aconteceria a seguir, o exilado brandiu seus braços ao alto, enquanto implorava por ajuda. O transporte parou.

“Obrigado! Muito obrigado pela ajuda!!” O exausto andarilho se aproximava do veículo e agradecia encarecidamente lacrimejando.

O guia da misteriosa carruagem usava um elegante traje de couro marrom e seu cabelo era liso para trás, deixando sua testa à mostra. Ignorando Klaustro, o homem desceu de seu assento e abriu a porta da cabine. Sentada em um banco de couro escuro, segurando um cantil de cobre e olhando para o homem estagnado do lado de fora, estava Kalinda, a Superior responsável pela vila de seu mesmo nome. Utilizando um delicado vestido marrom escuro e uma fina manta que cobria seu elegante pescoço, a dama parecia enojada ao ver um exilado em condições tão sujas e precárias.

“Parado!” – Ordena a mulher com a autoridade e intonação de uma Rainha; – “Não ouse dar nem mais um passo sequer em direção à capital, exilado nojento. O que raios faz por estas terras?!”

Pergunta, indignada, imaginando o motivo de ter que se deparar com tamanho incômodo durante sua confortável e relaxante viagem.

Os olhos castanhos de Kalinda combinavam com a cor de seu cabelo curto e ondulado. Usando sangue negro apenas no lábio inferior e delineando elegantemente o canto de seus olhos, a pomposa mulher mantinha seu diferencial estético contrastante com a maioria das vampiras. Klaustro realmente não se importava com nenhum destes detalhes.

“Eu estou aqui apenas para falar com Lavender, é uma grande emergência que pode ocasionar em uma nova guerra!” Temendo perder sua carona (e possivelmente sua vida), Klaustro foi direto e sucinto em deixar claro que sua presença possui grande importância.

“Jephirus, acabe com esse empecilho e vamos logo para a capital. É o cúmulo da decadência ter que lidar com os erros de cálculo de Lavender... Seja breve.” Termina dando um rápido gole em seu cantil e fechando a porta da cabine.

“Como quiser, senhorita Kalinda.” O alto e bem vestido guia retira suas luvas brancas e as guarda em seus bolsos, assim liberando suas garras que rasgam completamente o tecido de suas mãos.

“Por favor... Não me obrigue a fazer isso...” Com ambas as mãos em seu rosto, limpando a oleosidade causada pelo suor, a expressão exausta de Klaustro parecia implorar ao homem para que não prosseguisse com aquilo que já havia decidido.

Mostrando suas presas, o guia de Kalinda parte para um corte na direção do rosto de Klaustro que, por não ter qualquer treinamento de batalha, aceita o golpe. Caindo sentado no solo seco e com rachaduras da estrada que levava à Tenebre, parte do rosto e do nariz do exilado foram rasgados pelas longas unhas de Jephirus, que continua a atacar.

Ouvindo os sons de Klaustro indo ao chão, provindos de fora da cabine, Kalinda imaginou que em breve a viagem continuaria até a capital e poderia comunicar a Lavender sobre tal encontro incômodo.

“Se já terminou o ordenado, deixe o corpo do mendigo aí e pode voltar a comandar os cavalos, Jephirus. Assim que chegarmos, quero tomar um banho beeeem demorado na banheira subterrânea de Lavender.” A porta da cabine é aberta com Klaustro adentrando a mesma; – “O que?! O que é isso?!” Dizia Kalinda enquanto o vampiro de rosto ensanguentado sentava-se no banco à sua frente.

O corpo de Jephirus estava estirado de barriga para cima. Nenhum ferimento superficial estava aparente, apenas pouco sangue negro que nescia de uma de suas narinas. Kalinda percebeu o detalhe antes de Klaustro fechar a porta da cabine ao entrar.

“Eu não queria ter que matar seu guia... Mas acalmar uma mente inquieta é algo quase impossível, até mesmo para mim.” – Os cortes feitos por Jephirus no rosto dele aos poucos se

regeneravam. Klaustro estava sério; – “Creio que você tenha entendido tudo errado, senhorita e, por isso, desde já peço desculpas.”

“Não estou triste pela morte de meu servo. Ele cumpriu seu papel. Apenas não esperava que um vampiro de sua casta pudesse o matar em tão pouco tempo.” – Um pouco mais confortável com a presença do exilado em seu veículo, a mulher relaxa seu corpo contra o estofado do banco e dá mais um gole em seu cantil; – “Isso só provou que ele não era competente o suficiente para prosseguir exercendo sua função. Obrigada pelo esclarecimento.”

“Como pode falar isso de um homem que acabou de dar a vida seguindo uma ordem sua?” Diz o homem enojado pela conduta da Superior.

“Qual é o seu nome, senhor exilado?” Ignorando a pergunta, contudo o encarando nos olhos e dirigindo sua atenção ao homem, pela primeira vez a dama parecia demonstrar o mínimo de respeito a Klaustro.

“Klaustro Frieden.” Percebendo que ela ignoraria qualquer outra coisa que não fosse a resposta exigida, o homem entrega o requisitado em tom sério e sem enrolação.

“Frieden...” – Tentando lembrar sobre onde havia ouvido tal nome, a mulher fica pensativa por alguns segundos; – “Esta não seria a antiga família que descende de Venut? O que aconteceu com eles mesmo?”

“Sim. Minha família, os Frieden, era composta por vampiros cuja principal habilidade era criar conexões mentais com outros indivíduos. Nós estabelecíamos estes elos e éramos capazes de manipular, possuir e até mesmo sentir o mesmo que outros seres. Devido à nossa alta empatia com qualquer outra mente, muitos nos denominaram como pacifistas.” – O homem olha para baixo; – “As únicas que sabem o fim que minha família teve são Lavender, Lizha e Aradia. Nem mesmo eu sei o destino de meus parentes.”

“Entendo... Você cresceu sozinho? Deve ter sido difícil.” Diz Kalinda utilizando um tom de voz manso e acolhedor.

“O que você quer de mim?” Klaustro sabia que a falsa empatia da mulher vinha acompanhada de algum desejo oculto.



"Esta não é a pergunta correta." – Retomando a postura rígida, a mulher continua; – "Você se apresentou. Permita-me introduzir um pouco sobre minha pessoa. Sou Kalinda, vampira Superior."

O nome 'Kalinda' era muito famoso na capital por ser tanto o nome de uma vila quanto de sua principal defensora. A vila possuía imensa importância nos planos de desenvolvimento sustentável de Lavender, sendo um dos únicos territórios com vegetação rica e pecuária existente. Era de lá que se originavam os cavalos e outros poucos animais que eram transportados para o interior do país. Fazer as vilas de Kalinda e Maxim se desenvolverem seria o primeiro passo para a reestruturação de Héros como um todo.

"Eu conheço sua fama, Kalinda. Você é uma das muitas filhas que Cassandra teve com humanos." O antes despreocupado exilado agora estava mais atento perante a Semi-Ghoul.

"Sim. Como pode ver, sem cabelos brancos." – Entrelaçando seus dedos por entre seu cabelo de pontas onduladas e castanhas, a vampira dá um breve e discreto sorriso; – "Graças as historinhas de Lizha em sua catedral acerca das fraquezas dos seres humanos, muitos me subestimam por ser filha de tal raça. Acham que sou mais fraca que Lestro e Khalid por tal fato..." Um leve riso escapa.

"Eu também conheço as lendas de sua força. Muitos chamam seu irmão de 'O Imortal' pelos muitos boatos acerca de sua enorme reserva energética. Já você é conhecida como 'A Devoradora'. Aquela cujo potencial do dreno vital mais se aproxima de Cassandra e Tormenta." – Diz de braços cruzados; – "Além da capacidade de mover-se livremente durante o dia. Fruto de seu parentesco humano..."

"Perfeito. Você me conhece bem. Interessante como minha fama se espalhou por Tenebre... Fico lisonjeada." – Ela ri sem graça. Klaustro não baixa a guarda; – "Já que você sabe que sou uma Superior e sirvo a Aradia e Lavender, também pode deduzir que não posso fazer vista grossa perante a um exilado em território proibido."

"Sim. Eu sei que você vai me levar até elas. Porém, creio que podemos chegar em um acordo."

"Por qual motivo eu negociaria com um cadáver?" Sentindo-se insultada por ser tratada como um igual por um criminoso, a expressão de Kalinda se fecha.

"Não somos cadáveres, senhorita Kalinda. Somos apenas dois vampiros em uma carroça." – O tom de Klaustro permanecia constante e relaxado; – "A proposta é a seguinte... Você me atacou e eu matei

seu guia. Nesta parte já estamos em pé de igualdade. Porém, agora eu lhe fornecerei um serviço ao guiar seus cavalos até Tenebre. Portanto, a única coisa que quero em retribuição é que não guarde rancor após o seu desmaio.” Klaustro fecha ambos os ombros.

“O que?! Você acha que pode me derrubar, patife?!” – A mulher gargalha alto e libera suas garras, jogando assim seu cantil de cobre ao chão da cabine. Klaustro abre seus olhos; – “Eu sou uma Semi-Ghoul! Filha de Cassandra! Irei drenar sua alma-” Ao tentar enforcar Klaustro, Kalinda sente cada um de seus dedos ultrapassar seu alvo que, aos poucos sumia como uma breve fumaça.

Sozinha na cabine parada, a confusa Superior checava todo o ambiente para entender o que estava acontecendo. O cantil de vinho ainda estava sob a mesa, e não no chão como anteriormente. Tal detalhe fez Kalinda sorrir e repousar a palma de sua mão sobre sua face.

“Ai ai... Os pacíficos membros da família Frieden e suas ilusões... Agora mesmo, eu devo estar babando na mesa da carruagem.” – A vampira ri de sua situação enquanto, em seu sonho, repousa com ambas as pernas sobre a mesa da cabine imaginária; – “E você ainda pediu para que eu não guardasse rancor... Que menino bonzinho... Vai ter volta, senhor Klaustro. Isso eu lhe garanto.”

...

Encostando Kalinda gentilmente no banco de couro e recolhendo seu cantil, Klaustro também pega o corpo de Jephirus e o coloca no banco à frente da Superior. As roupas do servo de Kalinda eram belas, contudo, Klaustro não via propósito em as adquirir e assim tirar a dignidade do homem que havia derrotado injustamente a seu ver.

Fazendo uma breve carícia nos cavalos e tomando o posto de guia da carruagem, evitando maltratar os animais, o exilado se concentra para se comunicar com o par de equinos que os levaria até Tenebre. Menos de um minuto foi suficiente para a retomada da viagem que durou poucas horas.

### ***Amanhecer 22 ▪ Tenebre***

Com fome e exausto por manter Kalinda em sono profundo, Klaustro finalmente chegou a Tenebre. Desfazendo a ilusão e respirando ofegante, o alívio percorre pelo corpo do rapaz. Klaustro mantinha em mente que, em minutos, Kalinda acordaria.

Em seus olhos cansados, além das fundas olheiras, também haviam inúmeras veias escuras devido ao enorme esforço em permanecer concentrado por um dia inteiro. Sua barba também estava poucos centímetros mais longa. O exilado vestia uma das diversas capas noturnas que estavam nos compartimentos da cabine, para assim, não ser danificado pelo sol da manhã nascente.

Poucos guardas estavam presentes para a defesa de Tenebre durante o amanhecer, porém foi o suficiente para causar grande alarde e comoção ao receberem um exilado comandando uma carruagem provinda da vila de Kalinda em seus domínios.

Cobertos por suas capas noturnas, evidenciando Klaustro descer da carruagem segurando o grimório pertencente à Hérobu, a maioria dos guardas já havia se equipado com armas de prata e liberado suas garras, enquanto outros corriam para comunicar o ocorrido à Lavender.

“Povo de Tenebre! Eu tenho aqui nesta carruagem, Kalinda Tenebre! Filha direta de Cassandra!” Ao gritar tais palavras, muitos dos guardas não agiram de imediato. O plano de Klaustro não era usar a Semi-Ghoul como refém, contudo, sua estratégia consistia em ganhar tempo até a chegada de Lavender.

“Você pode provar o que diz?!” Grita um dos guardas ao apontar sua espada de prata.

“Sim, eu posso. Peço que ainda não atirem ou se mobilizem, do contrário, algo pode acontecer a senhorita Kalinda.” Andando lentamente até a cabine, Klaustro abre a porta sutilmente. Kalinda desfere um fulminante corte em seu rosto que o faz cair para trás, derrubando o antigo livro do sacerdote.

De costas e com poucas forças para se levantar, Klaustro levanta seu rosto e observa a alta dama descer a carruagem. A vampira possuía cerca de 1,90 de altura e parecia estar aguentando a luz matinal.

“É muita ousadia deixar uma mulher dormindo enquanto se diverte, senhor Klaustro Frieden.” – A vampira despeja o pouco sangue retirado do rosto do exilado e o esparrama com força no chão para limpar suas garras; – “Guardas de Tenebre, peço que não o ataquem. Ele é minha propriedade.” Muitos guardas que não sabiam das origens humanas da Semi-Ghoul, se impressionaram pelo fato da vampira estar suportando a luz do dia sem receber qualquer dano aparente.

Do céu, o som do gracejo de um corvo surge em meio a manhã iluminada. Convertendo suas penas negras em sua capa noturna, Allith desfaz sua transformação e fica frente a Superior.

“Kalinda... A Semi-Ghoul mais patética de Héros apareceu!” – Diz em tom de piada. Kalinda fica séria. Klaustro, aos poucos, se esgueira para trás, assim tomando distância de ambos os Superiores; – “A mulher mal chega em Tenebre e já quer fazer os outros de escravo! Klint estaria com inveja de ver sua amada fazendo outros homens de capacho.” O coringa gargalha da situação.

“Allith, não fode... A última coisa que sinto falta em Tenebre é de seu rosto.” A vampira retrai suas garras.

“Então quer dizer que, até certo ponto, você sente falta do meu rosto?! Caramba! Kalinda está tentando me seduzir, senhoras e senhores!” A ironia incomoda Kalinda que contrai suas finas sobrancelhas.

“Você se acha engraçado, não é? Se acha ‘o gostoso da capital’. Por que não vai chamar alguém mais capacitado para lidar com a situação, senhor ‘Superior que não sabe lutar’?! ” A calma e formosura de Kalinda diminuía conforme o tom de sua voz aumentava.

“Ei, você está bem?” – Allith vai até Klaustro, recolhe o livro derrubado pelo exilado e estende sua mão ao vampiro caído; – “Caramba, meu amigo, seu rosto está todo fudido! E não é que a burra da Kalinda sabe acertar um corte?! Vamos lá, deixa eu te ajudar.” Segurando na firme mão do Conselheiro, Klaustro se põe em pé e limpa seu traje. Após uma rápida análise dos manuscritos, Allith o devolve para seu portador.

“Allith, seu merda! Não me ignore!” A mulher libera suas garras novamente e em passos rápidos e impacientes, se dirige até Allith.

“Acalmem-se, senhores. Kalinda está apenas brincando. Ela não é insana o suficiente para me atacar fora dos domínios de sua vila.” Ao término da fala de Allith, Kalinda percebe que o número de guardas havia aumentado desde sua saída da carruagem. Todos estavam prontos para a atacar com flechas, lanças, espadas e garras caso atacasse Allith.

“Foi... Uma longa viagem até aqui. Estou exausta e irei para meu quarto provisório.” Encarando Allith como um lobo encara um coelho, Kalinda deixa a entrada da capital e segue rumo ao castelo de Lavender. A carruagem da Superior é levada pelos guardas.

“Finalmente! Que mulher inconveniente, não?” – Seguindo outro caminho, o Conselheiro adentra a capital juntamente de seu novo acompanhante; – “Você parece acabado. Vamos descansar em um lugar mais reservado.”

“Muito obrigado por tudo isso... Sou Klaustro Frieden. É raro encontrar vampiros gentis, principalmente na capital. Poderia me dizer seu nome?” Diz em voz baixa.

“Me chamo Allith Lazor. Eu já o conheço, senhor Frieden. Seu exílio ocorreu antes de eu assumir como Conselheiro Superior, porém sua história chamou minha atenção desde que tive acesso aos documentos de Lavender. Você queria incitar uma rebelião por discordar do poder da coroa, estou certo?”

“Nossa... Eu nunca pensei que seria reconhecido por isso.” – O comentário vem coberto por decepção; – “Eu era jovem e tolo. Não possuía conhecimento nem de minha própria identidade.”

“E agora você possui?” Pergunta Allith, curioso.

“Como assim?”

“Você hoje possui conhecimento de sua própria identidade?”

“Eu... Acredito que sim.” – Uma breve pausa fez o silêncio perdurar por poucos minutos. Allith não quis interromper o raciocínio do eremita, contudo, ele decide apenas mudar de assunto; – “Você disse que me estudou no passado. Por acaso, apenas me ajudou só por concordar com meus antigos ideais?”

“Mas é claro que não, Klaus. Posso te chamar de Klaus?” – Com um sutil balançar de cabeça, o exilado aceita o apelido; – “Não seja ridículo, Klaus. Eu o ajudei pois não suporto Kalinda.” Allith sorri de orelha a orelha.

O alarde anterior fez muitos dos refugiados e civis de Tenebre inibirem seu descanso durante aquele amanhecer, temendo que os avisos pudessem indicar a presença de outra ameaça como Morenar.

Nas janelas das casas e pelos escuros becos, todo e qualquer civil encarava Klaustro com desgosto, o encarando como um traidor da nação que apenas merecia execução imediata.

“Você é engraçado.” – Ignorando seus arredores ameaçadores, Klaustro continuava a conversa com o Conselheiro Superior; – “Eu duvido muito que este seja seu único motivo em ter

feito tudo aquilo. Com sua facilidade em comunicação e pela malícia em suas palavras, posso deduzir que  
você é um homem de grande lábia.”

“Tudo bem, você me pegou.” – Admite Allith, levantando suas mãos como se fosse um criminoso pego em flagrante; – “A verdade é que me apaixonei por você no momento em que nossos olhares se cruzaram.”

“É, você é realmente um homem engraçado.” Klaustro ri da piada sem graça.

“Sejamos realistas. Se você desejar, pode muito bem invadir minha cabeça e arrancar qualquer resposta, como bem entender.” – Foi a primeira vez que Allith disse algo em tom sério à Klaustro. Os olhos castanhos do Conselheiro Superior encaravam as cicatrizes verticais dos exaustos olhos do exilado; – “Em breve, abrirei o jogo com você.”

Invadir a mente de Allith não era uma má ideia para adquirir informações acerca das últimas décadas de acontecimentos em Tenebre, contudo, apenas ao cogitar fazer isso, Klaustro sentiu um embrulho no estômago.

“Atualmente, a única pergunta que preciso de respostas é: para qual lugar estamos indo?” Pergunta com receio. A última coisa que Klaustro queria no momento era cometer outro assassinato.

“Fico feliz que tenha perguntado, pois é um local que gosto muito e tenho certeza que você, como ex-membro da nobreza, nunca o visitou.” – Levantando suas sobancelhas, o vampiro exibiu ânimo em sua fala; – “Graças ao aprisionamento de Lizha e com a ausência de Radia em Tenebre, a Última Dança está sob supervisão da guarda de Lavender, a qual eu comando. Estamos retirando todos os conteúdos ocultos do subsolo e os armazenando no castelo de Lavender. Após feito isso, qualquer um poderá visitar a catedral e rezar em nome de nossa eterna mãe.”

A enorme catedral já estava próxima da dupla. Nunca imaginando um dia adentrar o solo sagrado, Klaustro estava surpreso com o tamanho do edifício que, em sua memória, era de proporções muito inferiores. Passando abaixo do amplo pórtico da entrada do sacramento, o exilado sentia um forte frio em sua barriga antes de ultrapassar a porta dupla da famosa igreja.

“Eu sinto algo estranho, Allith. Sinto que é errado prosseguir.”

Paralisado e incapaz de seguir adiante, Klaustro estava sério e olhava para seus pés, procurando motivos para tamanha incerteza. Suas mãos tremiam e a ansiedade que passava por seu abdômen agora crescia como um forte aperto em seu peito.

Após um leve suspiro tragado por sua impaciência, Allith segura uma das mãos de Klaustro, que levanta seus olhos pensativos e exaustos.

“Sei que está cansado. Parece ter sido uma longa jornada recheada de incertezas e desafios. Saiba que não tenho a pretensão de mentir a você, portanto fique a vontade para revirar minha mente quando tiver energia suficiente para tal.” – Demonstrando confiança em suas palavras e no rápido ato, Allith gentilmente puxa Klaustro para perto de si, o fazendo atravessar a porta lentamente; –  
“Viu só? Você conseguiu. Só precisava de alguém para terminar seus passos.” Ele sorri.

Percebendo onde estava pisando, as altas paredes de mármore escuro e os harmoniosos vitrais do interior do salão, poucas lágrimas escuras correm pelo rosto de Klaustro antes de desmaiar. Em um simples e delicado apanhar, Allith segura o corpo cansado do homem inconsciente.

“Vamos entrar... Eu cuidarei de você, relíquia de Venut. Dou minha palavra.” Um leve beijo é depositado em uma das cicatrizes verticais das pálpebras do exilado desacordado. Allith o carrega em direção ao altar.

## **Capítulo 17 - Doce Lar**

### **Ano 236 - Tarde ▪ Tenebre Pós Declínio**

A novidade se espalhava por todas as ruas da capital como um incendiário e feroz ataque. Era de conhecimento geral que, em poucos dias, a lendária general Aradia Tenebre iria escolher vampiros a dedo para integrar em um novo e exclusivo grupo de guerreiros que retornariam paz à Héros.

Nem mesmo Albert, agora em seus 11 anos, poderia se dar ao luxo de ser ignorante perante a notícia arrebatadora, uma vez que os guardas iam de porta em porta para relatar a todos os civis que pudessem ter qualquer interesse em ingressar nas tropas que possuíam o nome provisório de ‘Vampiros Superiores’.

Era uma tarde como qualquer outra da cotidiana e monótona vida do pequeno vampiro. Cortinas rasgadas, cama bagunçada, objetos jogados ao chão... Esse era o quarto de um garoto de luto e sem qualquer motivação para prosseguir com sua vida imortal.

Deitado, encarando parte da parede mofada, Albert procurava por forças para se levantar e mudar sua rotina paradoxal. O maior contraste em seu pálido rosto eram suas fundas e escuras olheiras. Em geral, o jovem vampiro não possuía um sono moderado e tendia a ficar acordado até desmaiar por exaustão, o que era acompanhado de uma enorme fome.

Suas noites e dias costumavam ser sempre da mesma forma: Ficar deitado, refletindo e cogitando uma nova tentativa em seu grande piano empoeirado até algum soldado o visitar e entregar o mínimo de carne para sobreviver.

Em sua opinião, a pior parte de suas noites de atividade era o momento em que se sentava em frente ao grande piano, sem saber como prosseguir. Em meio a sua indecisão, encarando as muitas teclas sujas de poeira, o jovem nobre as mentalizava, e, em um exercício de memória, simulava em sua mente a prática de pressionar as teclas na ordem que realizava ao tocar sua incompleta melodia.

Muitas vezes ele conseguia até mesmo ouvir o som das teclas em sua mente concentrada. Porém, nunca, nem mesmo nos dias de maior inspiração, Albert era capaz de finalizar seu autoral noturno. Isso o desmotivava ao ponto de se enfurecer e seguir para sua cama, onde, em meio a reclamações e fortes contrações musculares de raiva, ficava até adormecer.

Certo entardecer, durante um de seus frequentes momentos encarando seu instrumento, Albert ouviu alguém bater em sua porta durante um horário nada



convencional. As fortes batidas cortaram o raciocínio do garoto que, enfurecido pelo distúrbio de seu momento de paz, foi até a porta e a abriu com força. Com sobranças cerradas, mostrando seus caninos e ativando suas garras, o pequeno se surpreendeu com o tamanho do ser em sua frente. Um enorme e robusto homem, possuindo em torno de dois metros de altura, usando uma capa noturna o encarava de cima. Alguns fios negros de cabelo escapavam por seu capuz. Albert congelou sem saber como prosseguir com a interação de olhares.

“Vou ser breve, assim não perderemos nosso tempo.” – O homem possuía uma voz grossa e alta por natureza; – “Você seria Albert Sulkar, filho de Karina Sulkar, correto?”

Por mais que tentasse, nenhuma palavra podia ser produzida em meio ao medo e a falta de prática em se comunicar. O homem permaneceu por severos segundos aguardando uma resposta do pequeno garoto que nada dizia.

“Tenho certeza de que esta é a casa de Karina, a principal registradora de informações do interior de Héros.

Você possui alguma deficiência auditiva ou coisa do tipo?” O homem flexinou seus joelhos para ficar mais próximo do pequeno vampiro que, em resposta ao movimento, desferiu uma rápida arranhada no rosto do homem que cai no chão sentado.

As pequenas e afiadas garras de Albert pingavam sangue negro em suas pontas. No rosto do homem, haviam três cortes que iam de sua testa até o final de sua bochecha. Percebendo seu feito involuntário, Albert lacrimeja e finalmente consegue se pronunciar.

“Perdão, senhor! Eu não queria-” Antes de continuar a se desculpar, o homem mostra a palma de sua mão, em um gesto indicando para o pequenino se calar. O homem termina de se ajoelhar e lambendo o sangue que escorria do corte diagonal em sua face, afirma:

“Você parece ter muito ódio guardado aí dentro, pequeno Albert.” – O comentário é seguido de uma abafada risada interna; – “Resultado da união entre Karina e Madson. Uma nobre e um louco. Um vampiro de cabelos grisalhos. Eu vim aqui por você, garoto.” Dizia exibindo um sorriso ambíguo.

Com o final do curto diálogo, o grande vampiro adentrou a residência de Albert. Uma vez dentro, o homem retirou sua capa noturna e finalmente revelou sua face por completo, a qual já não possuía quaisquer ferimentos.

“É uma bela casa. Você deveria estar cuidando melhor de tudo em homenagem à sua mãe, não acha?” O homem diz enquanto passa o dedo sobre a empoeirada mesa de jantar.

“Eu cuido de minha casa como bem entender, senhor.” Disse o garoto em tom baixo.

“É, você tem toda razão. Mas, sabe de uma coisa que acho que você com certeza deveria ter mais cuidado?” –

O homem revela um grande cutelo em seu cinto de couro; – “Você deveria cuidar para não aceitar qualquer vampiro estranho em sua residência, pequeno Albert.” Ele sacou a arma em uma velocidade incomparável e, com um veloz movimento arqueado, o grande cutelo rapidamente quebraria o crânio da criança.

### **Ano 280 – Tarde 22 ▪ Proximidades de Tenebre**

“E aí, não vai dizer o que aconteceu?” – Perguntava Aradia, com seus olhos bem abertos e muito interessada na história que Albert contava; – “Não adianta tentar fazer suspense com suas pausas dramáticas, pois eu duvido muito que Solumbre tenha realmente rompido sua cabeça em uma tacada só.”

Os estalos da madeira da carruagem ambientavam o cenário do interior da cabine.

“É, você acertou. Ele não me atacou. Aquilo para ele foi só uma piada.” – Admite Albert que, com um pedaço de seu manto nobre, alisava o fio da lâmina de Aradia, assim evitando sua mania;

– “Como pode ver, não tive uma boa base para me apoiar.” Ele ri sem jeito.

“Certo, Solumbre realmente é um dos piores Superiores para se espelhar, de fato. Ser treinado por um homem que adora receber ataques diretos... Creio que tenha sido algo bem difícil para você.” – Aradia acompanha o riso do nobre; – “Mas e então. O que aconteceu após o encontro?”

“Ele se apresentou como Solumbre, um antigo amigo de meus pais. Disse que, agora que me encontrava sozinho, eu teria que aprender a me defender. Por isso, decidiu me ensinar tudo que sabia sobre combate.” – O tom de Albert se torna um pouco mais sério; – “Ele me deixou um livro para estudo e me deu uma faca mediana... Também disse que retornaria após alguns anos para analisar meu progresso.”

“Um livro? Aquele homem sem massa cinzenta o mandou estudar?” – Aradia levanta uma de suas sobancelhas. A Ghoul não tinha conhecimento de que Solumbre havia apreço por qualquer tipo de literatura; – “Pelo visto o Açougueiro está mais próximo de Lavender do que de minha pessoa.” Brinca a vampira.

“Não. Ele realmente não é um homem culto. Na realidade, eu duvido que ele tenha lido aquele livro.” – Albert afirma com convicção, sem tirar seus olhos da janela enquanto lembra daqueles

dias distantes; – “Ele disse que aquele livro pertenceu ao meu pai e que era de nosso mais antigo ancestral. Venut Tenebre.”

O dito por Albert fez Aradia mudar subitamente de postura. A vampira desferiu um forte e poderoso soco que atravessou a mesa que os separava. O susto fez Albert pular da cadeira. Os olhos da Ghoul estavam arregalados e fixados em um ponto aleatório. Após poucos segundos de silêncio, ela recua sua mão e, em uma tentativa de manter a calma, solta:

“Albert... O que você sabe sobre Venut Tenebre?” A mulher diz em um forçado tom gentil.

“Eu...” – Nitidamente desconfortável e confuso pela reação repentina de Aradia, o vampiro pensa muito bem em suas próximas palavras; – “Eu não sei muito sobre ele. Aquele livro foi escrito por ele, mas tudo que lá havia eram apenas dicas sobre como funcionavam seus poderes.” Com o dito, Aradia pareceu menos tensa e permitiu a Albert continuar sua explicação.

“Ele explicava sua metodologia ao hipnotizar suas vítimas e todo o processo de desmaterializar o corpo e seus pertences em névoa. Não é algo fácil de se aprender, então eu demorei para conseguir aplicar seus princípios de forma eficaz.” – Ele coça levemente seu pescoço; – “Mesmo assim, dois anos de estudos não foi o suficiente para satisfazer Solumbre.” Aradia suspira e mantém a compostura.

“Certo... E como foi o reencontro?” Suas pálpebras demonstravam maior relaxamento e calma. Albert prosseguiu com a história.

...

### **Ano 238 - Noite ▪ Tenebre**

Em uma noite seca e abafada, Solumbre batia na porta de Albert. O momento de reencontro dos vampiros foi breve e o Superior logo levou o jovem rapaz consigo até o castelo de Lavender.

Agora com 13 anos, Albert nunca havia visitado o interior do castelo de sua Rainha, tão pouco a visto em sua frente. Ignorando o fato de que estava indo para lá com o propósito de treinamento, a inocente criança finalmente sentiu algo que há tempo não vivenciava. Animação e ansiedade pelo futuro.

Completamente coberto pela longa capa noturna que lhe foi emprestada pelo recém-nomeado vampiro Superior de Elite, Albert andava animado. O capuz caído sobre

sua face dificultava seu andar enquanto as longas mangas escondiam suas mãos. A parte inferior do manto era arrastado pelo chão, levantando poeira por onde passava. Por mais que sua expressão estivesse oculta pelo capuz, Albert exibia um tímido e inocente sorriso. Ao seu lado, Solumbre andava com passos pesados e decididos, e não direcionava seu olhar para Albert, ignorando completamente sua presença.

Ao chegar no portão principal do formoso castelo, Albert se surpreendeu com o tamanho do gigantesco edifício. Olhando para cima, com seu pescoço completamente exposto, o garoto admirava a arquitetura e também observava as estrelas daquela noite. Solumbre prosseguiu adiante, rumo aos dois guardas armados que velavam a entrada. Sem qualquer dito ou introdução, o alto Superior de Elite de cabelos bagunçados e aparência abatida não precisou esperar para que a dupla liberasse os portões. Através dos antigos e surrados elmos, Albert percebia o medo na expressão dos soldados ao abrirem as portas para o grande Açougueiro.

Do outro lado daqueles portões metálicos, estavam poucos nobres organizando cadeiras e outros muitos papéis pelas mesas do salão principal. A noite havia recém-começado e apenas os mais dedicados estavam lá para colocar todos os elementos em ordem. O único elemento contrastante em meio aos nobres e seus elegantes mantos rubros, era aquele que vestia uma jaqueta negra com o símbolo de Héros em suas costas. O vampiro conhecido como Allith Lazor, que carregava o título de Conselheiro Superior, estava sentado no começo da longa escadaria em espiral e fazia anotações em sua prancheta.

“Quem é aquele cara com a jaqueta escura?” Pergunta Albert apontando em direção ao concentrado Conselheiro.

“Ele é só um babaca qualquer. Não confie em uma palavra sequer daquele homem.” A resposta foi direta e Solumbre se dirigiu sem pressa a um dos corredores laterais do salão.

“Eu ouvi isso, senhor Açougueiro. E suas ofensas cortam muito mais fundo do que seu cutelo.” Allith passa a mão levemente sob seu peito, simulando a dor da resposta de Solumbre. Levantando brevemente o olhar, o Conselheiro se depara com Albert.

“Solumbre... Quem seria este jovenzinho de cabelos grisalhos...?” – Estranhando a anômala coloração do curto, porém volumoso cabelo do jovem, Allith se põe em pé. Solumbre lança um sério olhar ao Conselheiro Superior; – “Nem mesmo Semi-Ghouls possuem tantos fios brancos em sua juventude. Me diga, pequenino... Como se chama?” O carismático homem lança um sorriso caloroso ao se aproximar.

Sentindo-se incomodado com a pergunta feita pelo vampiro mais velho, Albert simplesmente o ignorou e seguiu Solumbre rumo ao corredor lateral. Allith acompanha com os olhos o jovem vampiro atravessar de um canto ao outro da sala.

O corredor lateral levaria ao interior do palácio, uma pequena praça interna onde a nobreza se reunia em seus tempos de lazer. Ainda próximo do saguão principal, Allith observava o andar da dupla pelo longo e escuro corredor. O Conselheiro apenas aguardava para ver onde aquela criança diferenciada iria acompanhado de um Superior de Elite.

“Tente não se misturar com aquele homem, Albert. Somente o contato com qualquer membro da família Lazor já é motivo de preocupação. Sempre foram vampiros inteligentes e misteriosos. Vai saber quais são seus truques...” Solumbre sussurra enquanto abre a porta que levaria a dupla ao pátio da nobreza.

“Ele não me parece perigoso.” Admite a criança.

“Exato. Esse é um dos truques dele. A família Lazor é conhecida por ter grandes diplomatas, pensadores e filósofos. Todos com amplo domínio das artes da dialética. Através de suas palavras, eles conseguem transformar mentiras em verdades. Tornar um inocente, criminoso. E assim por diante.” Ambos adentram o pátio.

O ambiente era aberto e ventilado, e seu chão era composto majoritariamente de grama e um piso de pedras escuras que levavam para outras três direções. Alguns bancos de madeira escura e desgastada estavam presentes pelo gramado. Nenhum nobre estava presente.

“Toda esta área é exclusiva da nobreza. Sendo assim, você pode voltar aqui sempre que desejar.” Com ambas as mãos em suas costas, Solumbre andava pelo chão de pedras rumo a uma porta

das três outras entradas da pequena praça. Olhando seus arredores, Albert admirava o ambiente, guardando para si todo e qualquer comentário.

Assim que a dupla se aproxima da porta metálica que os levaria a seu próximo destino, um corvo negro aterrissa ao lado de Albert. Sem qualquer surpresa, Solumbre havia percebido o pássaro que os observava, camuflado na escuridão da noite, desde o momento em que pisaram pela primeira vez na praça. Em contrapartida, muito assustado com a veloz investida da ave negra, Albert já libera suas garras em resposta ao suposto ataque.

“Allith... Você quer tanto assim morrer...?” O Superior de Elite saca o cutelo preso em seu cinto.

Em uma breve transformação, Allith retoma a sua forma humanoide. Alisando seus cabelos castanhos com uma das mãos, o sagaz vampiro não demonstra qualquer sinal de intimidação diante do temido açougueiro.

“Peço perdão por interceptar sua agradável caminhada. A sala à sua frente é restrita apenas para uso de nossa Rainha e portanto, nenhum vampiro Superior possui acesso para adentrar tais domínios. Isto inclui a minha pessoa, é claro” O Conselheiro Superior informa com um leve sorriso sem graça.

“Eu não sou um Superior comum. Apenas os Superiores de Elite possuem a chave para adentrar as salas privadas de Lavender. Nem mesmo as Ghouls possuem tal permissão.” – Suspirando e mostrando o espaço interno de seu largo manto negro, Solumbre exhibe uma chave de pedra do tamanho médio de um palmo; – “Agora saia daqui antes que eu arranque sua cabeça, corvo imundo.”

Sem palavras quanto ao argumento de Solumbre, Allith se cala e pede perdão antes de se transformar novamente em corvo. Encarando Albert em seus últimos segundos de presença na praça, Allith levanta voo em direção a entrada do saguão principal.

“Eu não sei quanto ao que disse sobre o poder desse tal de Allith. Mas ele com toda certeza é irritante.” Diz Albert, mantendo suas garras ativas.

“Sem dúvidas.” – Se certificando de que desta vez estariam completamente sozinhos, Solumbre retira a chave de seu manto e destranca a porta de cobre. O grande homem aguarda Albert prosseguir; – “Tome cuidado e não toque em nada.” Tomando a frente e assentindo à ordem, o jovem corresponde a vontade de seu mentor.

Curioso perante ao que o aguardava no recinto exclusivo, Albert se vê frente a um enorme jardim. Com inúmeras flores e tipos de vegetação de cores

predominantemente próximas ao violeta, o vasto lugar aparentava ser muito maior por dentro do que por fora.

Ao olhar para cima, Albert percebeu que o teto era feito inteiramente de vidro, exatamente como uma estufa, e assim, conseguia ver com clareza as estrelas do céu noturno sob suas cabeças.

Desta vez, levando sua visão pelos seus arredores, era possível para o garoto notar a presença de alguns pequenos canais que atuavam como córregos pelo solo do ambiente secreto. Estes iam de encontro a um restrito lago esverdeado e repleto de plantas circulares que boiavam em seu centro. Boquiaberto com o diferente bioma, Albert se ateu ao silêncio, mantendo sua concentração com o objetivo de aproveitar ao máximo o belo panorama.

Após minutos de caminhada pelo confortável e harmonioso jardim, diversas borboletas de coloração violeta surgiam e sobrevoavam ao redor de Albert. Instintivamente, seu desejo era apenas rasgar as asas daqueles insetos por não saber exatamente do que se tratavam, contudo, algo o dizia para não prosseguir. Uma estranha intuição o fez entender que tais criaturas não iriam o causar qualquer incômodo, sendo assim, o curioso rapaz decide as seguir. Ao longe e de braços cruzados, Solombre observava o garoto explorar o grande lugar.

A marcha rumo ao desconhecido destino ao qual Albert era levado pouco durou. As borboletas o levaram até um arbusto púrpura de fácil transgressão. Forçando sua passagem, o garoto tropeça para frente, atravessando a mata e por pouco evitando sua queda. Do outro lado da frágil mata, uma mulher era revelada regando o mesmo. Tranquila e serena, com vestes casuais, nada requintadas e seu longo cabelo negro completamente solto, Lavender era apresentada cuidando das plantas de seu jardim secreto, juntamente de uma cesta de palha e um regador de cobre. Mantendo o olhar carinhoso que lançava em suas plantas, a Rainha se vira para Albert e lança um breve sorriso.

“Filho de Akarina... É um prazer conhecê-lo!” – Com delicadeza, a Rainha cumprimenta o nobre órfão; – “Seu nome é Albert, correto?”

Mesmo com o contato físico, Albert não teve medo ou qualquer sensação de perigo vindo da mulher à sua frente. Todos os seres naquele jardim pareciam possuir uma energia pacífica e única, totalmente diferente de tudo que o vampiro já havia presenciado. A descrição visual da mulher batia com como Akarina descrevia a vampira Rainha de Héros.

“Sim, eu sou Albert Sulkar. É um prazer estar em tua presença, minha Rainha.” – Descoordenado, ele abaixa a cabeça; – “Minha mãe falou muito sobre sua inteligência imensurável. Ela a via como a maior esperança em Héros.” Lavender esbanja um sorriso carinhoso ao ouvir o dito por Albert.

“Isso significa muito, Albert. Sua mãe era insubstituível. Uma vampira verdadeiramente leal e dedicada.” – Encarando o nada, Lavender parecia estar pensando em seus momentos com sua falecida subordinada; – “Ela também falava muito sobre o quão especial e importante você é. Eu, assim como a maioria das vampiras do nosso mundo, não tenho crias. Porém, não posso dizer que não compreendo uma fração do que Alkarina sentia em relação a sua pessoa.”

“Eu... Não entendi.”

“Este lugar está para mim como você está para Alkarina, pequeno Albert. Toda vida existente nesta sala foi criada a partir de minha energia e meus estudos. Este lugar se chama Jardim de Papuria e será o modelo para a reconstrução de nosso país.” – Com cuidado, Lavender acaricia a folha pertencente a uma de suas plantas; – “Trazer novos seres ao mundo é uma grande responsabilidade, portanto, dediquei muito tempo e energia para proteger este lugar. Na porta existe um selo de magia que permite apenas a poucos o direito de adentrar o interior. O teto de vidro é recoberto por uma magia primordial que esconde completamente o que existe aqui dentro caso alguém tente espiar por cima.”

Se atendo ao silêncio durante a explicação de Lavender, Albert não podia deixar de notar a beleza excêntrica e natural da vampira em relação às outras poucas mulheres que havia visto. A vívida e sutil coloração de sua pele, a suavidade de seus lábios e elegância em suas curvas eram elementos que eram nítidos até para um jovem inocente como ele. Seu desejo era de deixar claro o que estava pensando. Porém, não conseguia imaginar uma maneira de como realizar tal ato.

“Perdão, creio que tenha me empolgado um pouco. Temo que minha presença esteja interrompendo parte do treinamento que Solumbre havia solicitado. Irei deixá-los a sós.” – Ainda segurando seu pequeno regador de cobre, Lavender segue outra trilha, indo de encontro à Solumbre que estava na mesma direção da porta de entrada; – “Foi um bom encontro, pequeno Albert. Espero grandes feitos seus no futuro.” Termina virando-se para o jovem.

...



“Então você ficou interessado por Lavender quando a viu pela primeira vez?” – De braços cruzados, Aradia questionava em tom de brincadeira; – “Por pouco ela não te transformou em um pacifista.”

“Ela é uma vampira diferente. Isso é inegável.” – Aponta Albert, já cansado de alisar a lâmina da espada pertencente à general; – “Interessante você levantar somente este ponto. Achei que ficaria surpresa ao saber sobre o Jardim de Papuria.”

“Eu e Lizha suspeitávamos de que aquele lugar era alguma sala de experimentos de Lavender ou algo do tipo. Poderíamos tentar quebrar as proteções por ela impostas e assim ver com nossos próprios olhos, mas nunca valeu o risco.” Dizia a vampira com desinteresse.

“É, tanto faz...” – Albert imita o desinteresse de sua parceira e vira seu rosto para a janela. Escuras nuvens se distanciavam de Tenebre ao fundo do horizonte; – “Parece que choveu a algumas horas atrás por aqui...” Comenta, sem muito assunto. Aradia o ignora.

“Parem a carruagem!” – O grito vinha de fora da cabine. Aradia permanecia com sua expressão entediada enquanto Albert havia sido pego de surpresa; – “Cétrico Crowley e Albert Sulkar. Vocês não possuem qualquer envolvimento com os crimes realizados pelas irmãs Ghoul, portanto, poderão livremente retornar à Tenebre. Peço que saiam do veículo e não interfiram na apreensão de Aradia, do contrário, serão condenados à mesma pena.” Os cavalos se agitam com a declaração feita pela grande quantidade de guardas próximos a entrada de Tenebre.

“Ardia... E agora?” Pergunta Albert, nervoso e hesitante em usar sua nova arma contra seu próprio povo.

“Pelo visto, você terá que me contar sobre seu treinamento com Solumbre mais tarde.” – Diz a vampira em tom amistoso, enquanto levanta suas mãos em sinal de rendição e vai em direção a porta da cabine; – “Vai ficar tudo bem, Albert. Nós já vencemos.” Ao abrir a porta e sorrir para seu parceiro, uma flecha de prata perfura a garganta da vampira.

## **Capítulo 18 - Milagre**

**Ano 280 - Meio Dia 22 ▪ Tenebre**

“O comportamento de Allith permanece inadmissível, minha Rainha! A maneira como me tratou diante de todos assim que cheguei, me humilhando e colocando seus guardas contra mim... Aquilo foi um ultraje!” No quarto de Lavender, as reclamações de Kalinda eram em voz alta e vinham juntamente de batidas de pé.

Agora com novos livros e documentos espalhados pelo quarto, não levando a sério a queixa de Kalinda, Lavender organizava todo conteúdo que seus soldados conseguiram retirar da Última Dança nos últimos dias.

“Você chegou em uma manhã conturbada, Kalinda. Fazem poucas noites desde que as irmãs Ghoul foram denominadas traidoras de nossa pátria e tivemos apoio popular para confiscar os antigos relatos de Tormenta em sua própria casa. Além disso, estamos com segurança reduzida graças ao incidente em Bankas proporcionado pelo ataque covarde à Morenar. Nosso país nunca esteve tão instável desde a Guerra Final.” – A voz e semblante da Rainha indicava exaustão pelos dias e noites em claro; – “Existem pelo menos um milhão de acontecimentos mais importantes do que seu imaturo desentendimento com Allith. Vocês são ambos Superiores. Ajam como tal.” Dita Lavender enquanto carregava pesados documentos empoeirados.

“Foi exatamente o que eu disse à ela.” – Allith chegava exibindo uma leve risada e carregando poucos pergaminhos, os quais eram pressionados contra seu corpo; – “Bom dia, minha Rainha. Trouxe alguns documentos que peguei em minha rápida passada matinal pela Última Dança.” Ele os entrega na mão de Lavender.

“Só isso? Trouxe meia-dúzia de folhas velhas e acha que está fazendo um favor à Lavender?” – De braços cruzados, Kalinda ria ao ver Allith entregando os poucos pergaminhos enrolados para sua monarca; – “Eu achava que corvos não eram tão fraquinhos ao ponto de passarem tamanha vergonha.” Allith continuava sorrindo, entrando no jogo de Kalinda.

“Estes papéis são os mais importantes da última sala que verifiquei na noite passada, vossa majestade. Em breve os guardas trarão o restante, porém creio que deva dar prioridade de estudo aos que já separei com antecedência. Isso com certeza iria lhe poupar tempo e energia.” Allith mantém a compostura. Refutada, Kalinda dispara olhares furiosos ao Conselheiro.

“Isso será útil. Obrigada, Allith.” – Recolhendo os papéis amassados, Lavender senta-se no meio de sua cama e passa seus olhos pela página rapidamente; – “Darei bastante atenção a isso daqui a alguns minutos. Agora, o mais importante... Onde está o exilado, Allith?” Retirando os olhos dos papéis e os direcionando para seu fiel Conselheiro, a Rainha aguardava a resposta.

“Também já cuidei disso.” – Abusando de sua intimidade e indo contra as regras do quarto de sua Rainha, Allith senta-se ao seu lado; – “O criminoso está completamente inconsciente na-”

“A Última Dança está em chamas!” Batendo a porta do cômodo, um soldado de rosto suado interrompe a fala de Allith. Naquele momento, todos na sala ficaram sem reação.

“Bosta...” Pensou, Allith.

“Parabéns, renomado Conselheiro! Seu amado exilado ateou fogo em nosso santuário!” Levantando os braços e dizendo isso em voz alta, Kalinda riu ao notar a expressão de confusão estampada em Allith.

A primeira a tomar atitude foi Lavender. Voltando-se para a área da varanda de seu cômodo, a vampira abria suas asas.

“Este não é momento para piadas!” – Repreende, Lavender; – “Eu irei cuidar para que o fogo não prospere. Façam o possível para retê-lo!” Ordena a monarca que voa em direção à negra fumaça presente no centro da capital.

Imersa em possibilidades para conter a alarmante situação, Kalinda nada dizia. Percebendo isso, antes de partir, Allith veste sua capa noturna e resolve fazer uma última declaração.

“Há minutos atrás, aquele homem não possuía forças para ficar de pé. Além disso, eu confisquei todos os seus pertences. É muito improvável que ele tenha qualquer meio para fazer um incêndio naquelas condições.” Disse em tom sério antes de se transformar em corvo e partir rumo à catedral.

“Tudo bem, corvo de merda. Esta manhã você permitiu um exilado pisar em Tenebre e minutos depois o lugar ficou em chamas. Vamos fingir que é apenas uma coincidência.” Diz Kalinda, saindo apressada do quarto, onde ficou sozinha, e descia a grande escadaria do castelo, clamando por soldados.

Naquele agitado começo de tarde, o corvo negro se deixou cair do alto do palácio de Lavender. Com suas asas retraídas, usando a gravidade à seu favor, Allith estava preocupado com o estado de Klaustro e também dos documentos que ainda não haviam sido recolhidos. Durante seu voo veloz e turbulento, o analítico vampiro buscava respostas para o início do incêndio.

“Um acidente como este, em um local importante como a Última Dança, é simplesmente conveniente demais... É mais provável que isso seja uma queima em massa de registros.” Pensava o galante.

Retornando à sua forma humanoide, Allith estava próximo à grande catedral. Espantado, o homem forçava sua visão na tentativa de observar o interior do ambiente imerso pela densa fumaça negra. Nenhum sinal de Klaustro foi possível em meio às chamas. Diversos soldados corriam próximos ao Conselheiro Superior e retiravam os civis da área.

Com o fogo refletido em seu olhar, Allith não perdeu mais tempo e decidiu adentrar o solo sagrado. Alguns dos soldados abriram o caminho para Allith, retirando grandes destroços que obstruíam a entrada. Temendo que qualquer fagulha tivesse contato consigo, e assim rapidamente incinerasse inteiramente seu corpo, o vampiro preferiu ser cauteloso e usar sua transformação para sobrevoar o fogo crescente e ter uma visão panorâmica do lugar. O grande teto aberto que dava acesso ao antigo quarto de Tormenta fazia com que a fumaça não ficasse presa apenas no grande salão. Sem isso, seria impossível que Allith se localizasse.

Esquivando das chamas incendiárias e vasculhando o lugar, não demorou muito para Allith perceber que o incêndio era originário do subsolo. Além disso, analisando seus arredores com sua visão aguçada, o agora corvo percebeu muitos detalhes do local enquanto circulava pelas alturas da catedral. Entre as muitas janelas quebradas e panos decorativos consumidos pelo fogo, lá estava Klaustro, inconsciente e completamente estirado no chão do altar.

Um súbito sentimento cobriu Allith. Esperança. Klaustro ainda poderia ser salvo já que o fogo ainda não havia chegado ao elevado piso do altar em que havia deixado o vampiro. Em uma rápida descida, do teto ao piso do altar, Allith repousou ao lado do exilado abatido. Se recompondo em sua forma original, agarrando o vampiro caído e o apoiando em seu ombro, Allith movia sua cabeça de um lado para o outro, buscando por uma saída perante o fogo que já cobria todo o lugar, com exceção dos degraus do altar sagrado.

“Que cheiro é esse...? Fogo?” Disse Klaustro ao despertar ainda parcialmente entorpecido e tossindo pela grande quantia de fumaça inalada.

“Merda... Que merda!” – Grita Allith cada vez mais desesperado; – “Por que caralho de motivo eu vim aqui te salvar?! Onde está você Lavender?! Onde está Aradia?!” Gritava, agarrado à Klaustro e tomando distância do fogo que, gradualmente, se aproximava.

Formando uma enorme fila, os guardas blindados por suas velhas armaduras de cobre adentravam a catedral. Equipados por pelo menos um balde transbordando água, a tropa apaziguava com sucesso boa parte das chamas do começo do grande salão. Também era possível ouvir as ordens que Kalinda exclamava ao lado de fora. Ela parecia estar organizando toda a operação. Allith nunca havia ficado tão feliz em ouvir a voz de sua rival. Contudo, sua fagulha de esperança era incomparável ao epicentro do incêndio. O fogo provindo do subsolo permanecia forte e se espalhando pelas paredes do ambiente.

...

De asas abertas, à certa distância da catedral e analisando-a do lado de fora, Lavender observava todo o ocorrido com olhos tristes. Segurando a palma de sua mão com delicadeza, utilizando uma pequena agulha de prata, a Rainha faz um leve corte na superfície de sua pele. O vívido sangue vermelho da vampira singular escapava devagar pelo tímido corte, até formar pequenas gotículas que evaporavam em contato com o ar.

“Sacerdote de classe 5, Gustav. Criador de inúmeras línguas e responsável pela comunicação entre todos os sábios. Meu maior desejo no momento é entrar em contato com Hérobu, contudo sinto que ele está a ignorar minhas orações. Estamos em um momento crítico... Você poderia atender ao meu desejo?”  
Sussurrava a monarca, agora de olhos fechados.

**“A bela e única Lavender. É sempre bom ouvir o doce som de sua voz.”** – A voz do sacerdote desfigurado ressoa na mente da vampira; – **“Temo que não poderei lhe ajudar com sua requisição. Sinto lhe desapontar com esta notícia, contudo, ao que parece, Hérobu não está mais acessível para mim. Sua energia continua presente neste plano terreno, contudo, sem qualquer consciência. Infelizmente, tudo indica que ele está morto.”** Lavender suspira, abaixa sua cabeça e mantém seus olhos fechados em respeito ao falecido sacerdote.

“É realmente uma pena. Ele sempre foi um homem atencioso... Mas qualquer luto deve ficar para mais tarde.” – Dizia cada vez mais apressada; – “Eu preciso da visão de Hérobu, senhor Gustav. Agora.”

**“Bom... Eu posso solicitar a um sacerdote de primeira classe para transferir parte da energia remanescente de Hérobú até você temporariamente.”** A voz de Gustav parecia cautelosa em revelar a existência de tal opção.

“É bastante trabalho e envolveria um sacerdote muito importante que pode demorar para responder...” – Sussurra Lavender, mudando abruptamente de plano; – “Não temos tempo para isso. Por favor, me conecte imediatamente com Ψugen.” A cada segundo, a voz da mulher exibia-se mais agitada e impaciente.

**“Como desejar... Com licença.”** A presença de Gustav desaparece.

Sem aguardar qualquer cerimônia, Lavender rasga a palma de sua mão utilizando sua fina agulha de prata. Mordendo seus lábios em meio a dor auto-infligida, a vampira inicia suas preces à sacerdotisa enquanto seu sangue é lentamente derramado e evapora antes de tocar o chão.

“Sacerdotisa de classe 7, Ψugen. Mãe das tempestades e controladora do clima. Ofereço meu sangue e suplico por uma tempestade forte o suficiente para apagar qualquer incêndio em meu território.” Em voz alta, agitada e sem gaguejar, Lavender termina sua súplica aos céus e fecha a mão ferida. Devido aos efeitos da prata em sua pele, o corte levaria algumas horas para iniciar o processo de regeneração.

**“Com a quantidade cedida apenas Tenebre será atingida pela minha tempestade, jovem Lavender. Além disso, ela irá durar poucos minutos.”** Assim que a voz feminina e juvenil da sacerdotisa terminou de repercutir na mente da vampira, escuras nuvens negras começaram a se formar por todo céu de Tenebre.

“Está tudo bem, será o suficiente. Eu agradeço a velocidade, sábia Ψugen.” Esforçando-se para manter a calma frente ao incêndio do maior patrimônio de sua raça, Lavender nada podia fazer além de se aproximar da catedral e esperar pela chuva.

...

“Continuem com os baldes! Vamos até a origem do fogo!” Ordenava Kalinda que, do lado de fora da Última Dança, comandava e instruía dezenas de soldados a trabalhar em equipe.

A organização imposta por Kalinda consistia no revezamento dos guardas entre abastecer os baldes nos córregos próximos a catedral e os entregar aos soldados que

estavam dentro do santuário, ocupados restringindo o avanço do incêndio. Seu plano não era o suficiente para apaziguar o fogo, mas sim, contê-lo o máximo possível.

Exausta pela monótona atividade, e vendo que seu plano não iria vencer as chamas incendiárias, a Superior já estava desmotivada, sem mais ideias e esperanças. Porém, tudo mudou ao ouvir o rugir dos trovões. Sua mente estava tão sobrecarregada com a emergência que a vampira não foi capaz de perceber que o sol do meio dia já havia ido embora e dado lugar a colossais nuvens carregadas. Abrindo um sincero sorriso de felicidade e erguendo sua cabeça em direção ao céu, a mulher comemora com gritos de alegria ao sentir os primeiros pingos da chuva.

“É isso aí! Estão vendo?! Tormenta jamais deixaria que sua casa fosse destruída dessa forma! Mais um milagre da nossa eterna mãe!” Exclamava Kalinda com o punho levantado e com sua língua esticada para beber as gotas que a cada segundo eram mais numerosas.

“Bom trabalho.” – Logo atrás de Kalinda, surge Lavender completamente engolida pela tempestade; – “Pode se retirar junto com o restante dos guardas. Por mais que a chuva que acabei de convocar dure por poucos minutos, ela será suficiente para apaziguar o incêndio.”

“Vocês ouviram a Rainha! Bater em retirada!” – Comanda a Superior; – “Mas espera, você acabou de dizer que convocou a chuva?!”

A formosura dos molhados e longos cabelos negros da Rainha era mantida apenas por sua coroa de prata. Antes de seguir rumo ao interior da catedral e encontrar Allith, a séria governadora vira-se uma última vez para Kalinda.

“Todos os ditos milagres se sucederam a partir do sacrifício de alguém. Nós fazemos nossos próprios milagres, Kalinda.” A força da ventania aumentava. Lavender entra na catedral.

Os últimos guardas finalizaram as chamas remanescentes e saíram do lugar. O piso rochoso estava úmido, repleto de fuligem e resquícios dos coloridos vitrais. Também haviam cacos de vidro nas grandes janelas, e era por lá que a chuva e o vento invadiam o recinto. Rodeada pelo resultado da violenta destruição, o único elemento em todo aquele caos que aliviou a pressão no coração da matriarca, era o bem-estar de Allith que ainda estava aflito com a situação e agarrado ao exilado.

“Você disse que seu nome é Allith, estou certo?” – Pergunta o exilado desnorteado; – “Está tudo bem, Allith. Pode me soltar agora, o fogo já passou. Estamos salvos.” Klaustro acariciava o castanho e

rebelde cabelo de Allith na tentativa de o acalmar. Allith o empurra para longe de si em resposta ao ato carinhoso.

“Recomponha-se, Allith.” – Lavender sobe os primeiros degraus em direção ao altar; – “Se Kalinda te ver assim, ela nunca vai parar com as brincadeiras. À propósito, você deveria agradecer mais tarde. Sem sua ajuda, vocês dois provavelmente teriam sido desintegrados.”

“Rainha Lavender... Já faz tanto tempo...” Klaustro abaixa a cabeça em respeito a autoridade.

“Você é um exilado.” – Lavender se aproxima, séria e em tom de autoridade; – “Em nosso país existem regras. Estas regras são os pilares de nosso povo e garantem que sigamos com nossa harmonia.” Discordando completamente da monarca, Allith segura sua risada. Lavender parece não ter notado a atitude do Conselheiro.

“Seu retorno trouxe consigo uma perda inestimável de nossos registros históricos. Não tenho palavras para descrever o quanto meu coração está ferido neste momento...” – Lavender respira fundo e engole um pouco de saliva antes de prosseguir; – “Antes de lhe enviar para execução, eu garanto a você uma última explicação sobre seu regresso indesejado.”

“Rainha Lavender... Eu dou minha palavra de que não sou o responsável por esta tragédia. Allith me deixou aqui e, quando acordei... Estava em seus braços novamente e o mundo estava desabando sobre nossas cabeças.” Klaustro tremia de pavor ao explicar seu ponto. Seus olhos estavam arregalados e suas mãos inquietas. Analisando seu comportamento, Lavender percebia a sincera perturbação e medo do vampiro exilado.

“Klaustro...” A monarca se mostrava indecisa e hesitante em o acusar.

“Ele certamente não tinha os meios necessários para iniciar um incêndio.” Comenta Allith, de mãos para o ar e sem qualquer pista sobre o início do incidente.

“Tudo bem, chega de enrolação... Vamos averiguar isso de uma vez por todas.” – Lavender saca sua agulha e faz um leve corte em seu polegar que rapidamente é evaporado e cedido para entrar em contato com o sacerdote; – “Aquele que de todo passado tem acesso... Sacerdote de terceira classe, Riwass... Ofereço-lhe meu sangue em troca de sua breve visão.”

**“Lavender... Seja breve...”** A estridente voz cansada do senhor ressoava na mente da vampira.



“Quero ver tudo o que aconteceu aqui desde o começo desta manhã.” Diz sem ressalvas.

**“Serei justo... O preço será de dez gotas por hora, contando a partir deste momento. Quanto mais no passado você quiser ver, mais sangue irá me entregar. Após receber meu poder e usá-lo como bem desejar, peço que não demore para me entregar sua parte...”**

“Estou de acordo...” Não contente, porém, não vendo outra opção, Lavender aceita.

“O que ela está fazendo?” Sussurra Klaustro.

“Só... Cale a boca.” – Sentando-se no degrau do altar, Allith responde. Sua aparência não escondia sua exaustão pelo recente momento de estresse; – “Eu quase morri para salvar sua bunda.” Desabafa insatisfeito.

Com o fim do breve período de meditação, Lavender abre seus olhos. A coloração dos olhos de Lavender era predominantemente um tom escuro de violeta, detalhe o qual nenhum outro vampiro exibia. Porém, agora seus olhos pareciam estar completamente ganhando cores mais vívidas de púrpura e roxo. O brilho modular cessou após poucos segundos. Tanto Allith quanto Klaustro estranharam o acontecimento, porém nada disseram em voz alta.

“Então... O sacerdote do passado lhe entregou alguma resposta?” Pondo-se novamente de pé, Allith pergunta curioso e, ao mesmo tempo hesitante.

“Você... Isso foi estranho.” – Disse a vampira com suas sobrelhas retraídas e boquiaberta. Allith deduzia pela postura da grande e precisa estrategista que ela não havia entendido o que acabara de presenciar; – “Por hora, você não será executado. Allith, o encaminhe para a solitária. Quero que faça um amplo interrogatório que traga respostas sobre sua visita inapropriada.”

“Afirmativo.” – Allith se aproxima de Klaustro e gentilmente deposita sua mão nas costas do exilado para o guiar até sua cela. Um trovão ruge mais alto e a chuva parece diminuir gradativamente; – “E o que planeja fazer agora, minha Rainha?”

“Treze averiguar o subsolo, procurar por documentos e ver o que posso salvar.” – Afirma, indisposta; – “Feito isso, devo pagar por mais um dos milagres que realizei hoje...” Termina, nada contente. Allith

aprova com sua cabeça e segue encaminhando Klaustro para fora da igreja, enquanto Lavender se atém a caminhar rumo aos molhados degraus que levariam até o subsolo.

Descendo as escadas, o cheiro de queimado era forte e a escuridão se prolongava quanto mais Lavender avançava pelos corredores desconhecidos. A água da chuva corria pelas paredes do subsolo e limpava parte da impregnada poeira escura deixada pela queimada.

Temendo perder qualquer detalhe em sua primeira visita ao subterrâneo, Lavender tenta gerar uma luz na ponta de seu dedo indicador. Contudo, a tentativa é frustrada e a vampira sente um breve choque na ponta de seu dedo. Com o susto, Lavender olha pelas paredes, procurando pistas do que teria acarretado a interrupção de seu feitiço. Para a sua surpresa e graças a apurada visão noturna vampírica, Lavender notou diversos círculos brancos pelas paredes mais afundo. Pela consistência do traçado, a estudiosa vampira deduziu que os rupestres desenhos haviam sido feitos por alguma espécie de giz. Os símbolos haviam sido quase completamente apagados pelo fogo anterior e pelas gotas que escorriam por sua superfície. Todos com exceção de um.

O último dos círculos estava no teto do corredor subterrâneo. Qualquer ser que não possuísse visão noturna, jamais seria capaz de perceber o desenho no teto, visto que ele havia sido criado a partir de sangue negro e se camuflava perfeitamente com a escuridão do ambiente. Este símbolo em específico era completamente diferente dos outros e sua localização não estava ali por acaso. Aquele era um ponto estratégico e seu propósito era que aqueles que desciam as escadas se encantassem com os outros círculos claros e contrastantes, assim ignorando o escuro símbolo sobre suas cabeças. Lavender reconhece a sagacidade.

Não mais que 10 minutos foram necessários para Lavender analisar e entender completamente o elaborado círculo de sangue negro. Com diversas linhas internas que se interligavam, o símbolo representava o sacrifício parcial de algum vampiro poderoso. Assimilando com seus antigos estudos na biblioteca de Ikarus, Lavender pôde notar que a principal utilidade do símbolo era a de inibir qualquer manifestação de luz, a partir de energia positiva. Ou seja, aquilo era para prevenir que qualquer elfo, ou até mesmo Ikarus e Lavender, utilizassem suas habilidades dentro do santuário.

“Impressionante.” – Lavender acaricia seu longo cabelo úmido; – “Lizha realmente nunca gostou de mim, mas... Nenhum vampiro possui conhecimento acerca de minha energia positiva. Curioso...” A mulher continua a seguir para as diversas salas do corredor, com o objetivo de buscar quaisquer manuscritos remanescentes.

## **Capítulo 19 - Pressão**

**Ano 280 - Tarde 22 ▪ Tenebre**

Era uma cela apertada, escura e sem janelas. O único móvel no sujo e deplorável cômodo era um projeto de cama sem qualquer colchão confortável ou travesseiro. Atrás de grossas grades de ferro escuras e enferrujadas, Klaustro estava sentado, encolhido no canto da sala, sob o olhar cauteloso de Allith provindo do lado de fora. O ar era úmido por estarem próximos à piscina onde os nobres rotineiramente banhavam-se, e o odor que Klaustro sentia era o do mais puro metal e ferrugem.

“Com certeza não parece confortável... Mas é melhor que uma execução.” - O Conselheiro de braços cruzados, rompe sua postura e apanha sua prancheta. Ele escolhe uma nova página para começar suas anotações; - “Lavender não costuma ter prisioneiros nesta cela. Ela é usada raramente e apenas como meio breve de aprisionamento até decidirmos a pena do criminoso. Interessante, não?” Do bolso de sua jaqueta negra, Allith arranca um retangular e afiado fragmento de grafite.

“Existem prisões piores. Prisões em que as grades não se oxidam com tanta facilidade.” - O exilado olha para as ferrugens presentes nas grossas barras; - “E as prisões que me refiro sempre levam seus prisioneiros à execução.” Ele retoma o olhar aos castanhos olhos de Allith.

“Eu não gosto muito de metáforas, senhor Klaustro. Poderia ser mais específico?” Desde o incidente da catedral, Allith não estava com humor ou paciência para jogos.

“A mente.” - Klaustro aponta com seu indicador na lateral de sua testa; - “Depois de décadas tentando descobrir o meu lugar neste mundo, eu posso finalmente admitir que me encontrei. Hoje sinto que minha mente é meu maior santuário e minha mais poderosa arma. Com ela, qualquer porta pode ser facilmente aberta ou eternamente trancada.” O exilado sorri e levanta-se, apenas para sentar-se na base metalizada da cama. Allith o observa sem palavras.

“Os Frieden... É engraçado a ironia nisso tudo.” - Andando de um lado para o outro na frente da cela, Allith parecia pensativo enquanto acariciava seu queixo; - “Seu clã possui a mais poderosa e manipuladora das habilidades. O controle total de mentes. De acordo com as lendas, Venut Frieden, o primeiro de seus ancestrais com tal habilidade, era capaz de controlar vampiros e seres humanos com a ponta de seus dedos, exatamente como marionetes. Ele era um homem cruel que se voltou contra Tormenta... Exatamente como você fez com Lavender.” Allith e Klaustro trocam olhares. Com olhos exibindo confusão e punhos cerrados, o exilado aparentava estar tenso com o breve discurso.

“Como sabe de tudo isso?! Todos os documentos escritos por meus ancestrais já não mais existem!”

Klaustro levanta da cama, impaciente.

“Wow... Acalme-se. Somos amigos Klaus... Eu estou do seu lado.” – Allith se afasta da cela, cautelosamente; – “Eu jamais iria ler os registros de seus ancestrais... Todas as informações que tenho são as que adquiri lendo os manuscritos de nossa eterna mãe, Tormenta, em seu próprio lar.” Ele levanta as mãos em sinal de rendição.

“Tormenta escreveu sobre isso...? Existiam manuscritos sobre minha família naquele subsolo?! Me diga tudo que sabe Allith!” O exilado nunca havia se mostrado tão nervoso.

“Infelizmente, sou eu que faço as perguntas aqui.” – Allith não se deixa abalar pelo estado do interrogado e agarra a barra de ferro com uma mão; – “Eu quero muito te ajudar e fazer você sair vivo dessa situação. Mas devo lembrá-lo que não está em posição de fazer qualquer pergunta.”

Klaustro se aproximou do vampiro cuja expressão era neutra.

“Desde que cheguei em Tenebre, você esteve do meu lado. Me tirou das mãos de Kalinda, me levou até a Última Dança e, mesmo sendo o principal suspeito de Lavender em relação ao incêndio, você pulou no fogo para me ajudar e salvar minha vida. Você me chamou de Klaus. Tudo isso em apenas um dia.” – O exilado e o Superior não desviavam o olhar um do outro. Delicadamente, Klaustro cobre a mão de Allith que permanecia na barra de ferro e os vampiros ficam cara a cara; – “Sem qualquer explicação, você parece saber tudo sobre minha vida e o passado da minha família, enquanto nem lembro seu sobrenome. Está na hora de eu entender o que existe atrás de todas as suas boas intenções.” Através do toque de mãos, Klaustro descarrega sua essência no corpo de Allith na intenção de invadir sua mente.

Sentindo a manifestação do exilado percorrer os nervos de sua mão até sua cabeça, sussurrando negações, Allith tenta resistir. Derrubando todos os seus objetos de escrita, o incômodo era como se um choque tivesse adentrado seu interior e percorrido por suas veias até o centro de seu cérebro. O forte ataque ocupava e dominava seu corpo e tudo que Allith podia fazer era se agarrar em seus próprios ombros, enquanto sufocava-se em contrações.

Para Klaustro, tudo aquilo exigia grande concentração. O vampiro de olhos fechados, sentia a agonia e medo aumentarem por todo ser de sua vítima. Quando finalmente parecia estar próximo de acessar as memórias do Conselheiro Superior, uma voz grossa repercutiu por todo lugar, dizendo:

**“Não!”**

O feito cortou completamente a sincronia mental que Klaustro havia instaurado e fez sua consciência retornar ao seu corpo que jazia caído de costas ao chão da cela. Já recomposto do choque, porém ainda ofegante e sentindo dores de cabeça, Allith apanha os itens derrubados.

“Se quiser ter a mínima chance de continuar vivo, nunca mais se atreva a fazer isso.” O Conselheiro faz breves anotações nas folhas de sua prancheta.

“Como é possível... Alguém possuir mais de uma mente?” Os olhos confusos do recém-acordado exilado se converteram em um olhar assustado, como se estivesse diante de um ser sobrenatural.

“O seu clã... Todos os membros foram mortos por uma poderosa doença crônica que deteriorava o interior de seus crânios. Seu poder, santuário e refúgio podem muito bem se voltar contra você, Klaus.” – Dizia Allith enquanto evitava responder a pergunta de Klaustro e continuava a escrever; – “Veja bem... Eu sou um homem razoável. Você é um dos poucos, se não o último, membro remanescente dos Frieden. Quero que continue vivo Klaus. Eu vou garantir que nossa raça permaneça com tamanho poder em mãos. Por isso e por tudo que fiz hoje, me considere seu aliado e amigo.” Ele termina de escrever e solta um sorriso forçado e sarcástico. Klaustro permanece em silêncio, amedrontado pela outra presença no interior daquele que estava para o interrogar.

“Me dói o peito vê-lo em uma situação destas, mas vamos iniciar o interrogatório sem mais delongas. Quero ir logo tomar um banho...” Allith vira a página.

...

No recém-anoitecer daquele mesmo dia, próximo aos portões da entrada de Tenebre, rodeados por copiosos caules ressecados de árvores mortas, dezenas de guardas estavam reunidos para um possível confronto. Ferida por uma flecha de prata certa em sua garganta, Aradia permanecia de pé, apenas demonstrando incômodo pelo metal ter se alocado em uma área que dificultaria seus meios de negociar com os muitos guardas dali. Exigindo a atenção de todos com sua presença, ainda vestindo sua capa noturna por precaução naquele fim de tarde, Albert sai rapidamente da carruagem e põe-se à frente de Aradia.

“Que porra é essa?! Vocês ficaram loucos?!” – Gritava sem medo contra os muitos guardas; – “Eu exijo uma explicação!” Exclamava brandindo sua espada.

Portando uma balestra pela qual a flecha de prata fora disparada, Kalinda deu passos à frente dos muitos soldados que estavam, mais uma vez, sob seu comando. Uma de suas mãos segurava a base da arma, enquanto o restante estava apoiado em seu ombro, já sua outra mão, permanecia em sua cintura. Com nem um fio de seu castanho cabelo fora do lugar, a preponderante vampira Superior parecia confiante em sua posição.

Evitando qualquer participação no caso, Cétrico desceu de sua carruagem e com a devida permissão dos muitos guardas que cercavam o perímetro, se retirou da área e correu rumo à já próxima capital.

“Saudações, pequeno Albert. Vejo que cresceu... Devo lhe chamar apenas de Albert a partir de agora?” – A confiança de Kalinda aos olhos de Albert não passava de deboche; – “Sempre tive muitas perguntas acerca de sua pessoa. Um nobre de cabelos grisalhos treinado por Solumbre... É no mínimo curioso.” Fazendo força para reposicionar o mecanismo de sua arma e a carregar com outra flecha das muitas que possuía no repositório presente em suas costas, a vampira estava séria e não tinha pressa durante o processo.

“Chega de papo furado, Kalinda. Fale logo. O que significa esse ataque?” A espada de Albert permanecia em posição defensiva e o vampiro encarava cada um dos guardas que escoltavam a Superior.

“É o esperado de um nobre... Impaciente e direto ao ponto.... Como quiser.” – A flecha já havia sido apropriadamente alocada na balestra; – “Documentos recentes encontrados na Última Dança revelaram que sua ‘amiga’ é uma traidora da própria raça. Ela e Lizha conspiraram contra a coroa e guardaram segredos enquanto cometiam crimes contra nosso povo. Elas criaram os Espectros que mataram diversos vampiros inocentes.” Por alguns segundos, Albert se manteve em dúvida quanto às informações apresentadas. Porém, ao se direcionar a Aradia, a mesma já havia retirado a flecha de sua garganta e confirmava com um breve aceno de cabeça que Kalinda estava dizendo a verdade.

“Como assim?” – Dizia ainda olhando para Aradia; – “Por que alguém criaria tais monstros irracionais?! É um absurdo sequer imaginar que algo assim possa ser feito por um vampiro!” Voltava sua espada para Kalinda. Todos os soldados deram um passo à frente, prontos para atacar o nobre em diversas direções.

“Parece que só cresceu em altura...” – Ainda calma, Kalinda dá um passo à frente empunhando sua arma de madeira; – “Não irei repetir, Albert. Venha para nosso lado imediatamente se não quiser ter o mesmo destino do cadáver andante ao seu lado.” A vampira mirava com sua balestra na direção de Albert, que estava na frente de Aradia.

“Vamos todos manter a calma...” Assim que a Ghoul terminou sua primeira frase desde que saiu da carruagem, mais uma flecha veloz, que passou a poucos centímetros de Albert, a impediu de prosseguir. Desta vez preparada, Aradia não teve problemas em se esquivar do projétil.

“O tiro na garganta... Foi de propósito. Sabemos de todos os seus motivos e não queremos ouvir desculpas.” – Agora, a vampira recarregou a arma em poucos segundos e mirou novamente na cabeça da criminosa; – “Uma pena, Albert. Por mais que ainda seja imaturo e inocente, seu valor é precioso para nossa Rainha. Mas tudo bem! Assim que você acordar, será julgado por Lavender e decidiremos juntas o seu destino de acordo com a lei de Tormenta.” Kalinda desloca levemente sua mira, a focando no crânio de Albert.

“Aqueles que não quiserem morrer... Fujam.” Diz Aradia ao, em um instante, liberar suas longas garras afiadas e olhar para sua inimiga com desprezo. Ainda um pouco hesitante, Albert olha para sua parceira, exibindo que sabia o que viria a seguir.

Kalinda dispara um tiro certeiro rumo ao centro da testa do nobre. Por reflexo, o já preparado rapaz, se converte em névoa, assim evitando o crítico ataque. Todos os guardas se mobilizam em meio à grande cortina de fumaça crescente.

No início daquele cenário conflituoso, passando sua mira entre os muitos alvos, não estava claro para a Superior a quem pertencia cada silhueta. Porém, logo após a troca dos primeiros ataques, já era nítido quem naquele meio era Aradia. Para a Ghoul, os soldados e suas furiosas investidas eram exatamente como desengonçadas crianças tentando a acertar de maneiras desesperadas e imprecisas.

O som dos disparos de Kalinda cortando a névoa ecoavam pela floresta morta, porém elas eram de toda forma inúteis devido à enorme presença da grossa cortina opaca criada por Albert. Entre certas punhaladas no coração e degolamentos velozes, a diferença de experiência entre a general e meros soldados era notória ao ponto do combate se encerrar em poucos minutos.

“Observou, Albert? Dessa maneira você não faz uma bagunça por todo o lugar e também não se suja com o sangue do inimigo.” – Com um forte abano, Aradia limpa uma de suas garras; – “Agora traga Kalinda à mim.”

Rodeada pelos corpos de seus subordinados e percebendo-se sozinha com Aradia, Kalinda solta sua balestra e libera suas asas na tentativa de fugir do nevoeiro e voltar à Tenebre para solicitar reforços. Sua tentativa fora frustrada por Albert que, se materializando atrás da Superior, em um único movimento de cima para baixo, corta ambas as suas asas. A mulher grita ao cair de frente no chão de pouca grama amarelada. Por um instante, Albert hesita em apreender sua vítima. Porém, suprimindo sua piedade, o nobre imobiliza a mulher, colocando uma de suas botas no centro das costas da vampira, enquanto sua lâmina de prata mirava na nuca da rendida Superior.

“Bom trabalho... Agora uma pergunta para você, Albert.” – A névoa se reduzia aos poucos ao redor da Ghoul que lentamente deixava a pilha de corpos e caminhava em direção ao nobre; – “Quem carregará a culpa de ter tirado as vidas destes guardas?” Aradia perguntava seriamente.

“Você os matou... Eu a auxiliei...” Ao perceber que mais tarde estaria enfrentando sua própria raça, a insegurança de Albert dominou seus pensamentos e calou sua boca.

“Pobre criança... Você não vê?” – Aradia ri de forma sutil; – “Kalinda me silenciou. Ela não quis o diálogo. Ela incitou a própria carnificina de seus subordinados.”

“Você sacrificou vampiros inocentes... Por que fez isso, Aradia...? Por que nos traiu?” – Lágrimas corriam pelas laterais do sujo rosto suado de Kalinda; – “Lavender tinha tudo sob controle... Você é apenas uma criminosa que nos levará à ruína! Você é a responsável por tudo isso!” Berrava e se debatia no chão barroso. Albert estava nitidamente em dúvida quanto ao que fazer naquela situação.

“A ruína já nos derrubou há muito tempo e levou consigo os melhores de nossa raça. A guerra destruiu a mente dos soldados mais bravos e a rendição de Lavender matou as mulheres que tentavam proteger as suas propriedades.” – Cada palavra de Aradia era proferida com força e rancor; – “Atualmente, temos apenas hipócritas no poder querendo virar a mesa da política inter-racial usando discursos bonitos e implorando por alianças miseráveis!” Termina com nojo e cospe no chão.

“Lavender não está os sacrificando da mesma forma que eu fiz. A diferença? Eu nunca tive a intenção de matar minha própria raça. Enquanto uma Rainha envia soldados atrás da maior vampira viva, eu estava



fazendo diplomacia com a raça maldita que ela tanto defende!” – Aradia fecha seu punho e observa sua pele retornar graças a regeneração acelerada; – “Você parece em dúvida, Albert... Tem algo a dizer...?” Se acalmando por alguns segundos, ela fica a poucos metros do nobre.

“Eu não quero matar minha própria raça, Aradia. Eu não quero ir contra meu país.” – O vampiro segurava firmemente a espada de prata. Aradia sobrepõe as mãos do nobre e, de uma só vez, empurra a lâmina de prata que perfura a garganta de Kalinda; – “Ardia?! O que?!”

Gritava o homem desesperado ao ver que sua arma em poucos minutos mataria a rendida Superior. O sangue negro jorrava freneticamente enquanto Kalinda se debatia contra o chão em protesto.

“Está tudo bem, Albert. Está tudo bem...” – Aradia segurava com muita força a mão de seu parceiro. Os gritos de Kalinda repercutiam alto no local. Albert olhava para os muros de Tenebre, temendo que qualquer reforço chegasse; – “Quem carregará a culpa de ter tirado a vida desses vampiros, Albert?” Ela repete a pergunta.

“Kalinda...?!” O rapaz respondeu em voz alta, tentando fazer sua trêmula voz se sobressair em meio aos gritos da mulher que, a cada segundo, perdia mais sangue.

“Os mesmos seres que tiraram sua mãe deste mundo! Os elfos! A fome causada pelo pós-guerra matou sua mãe! A guerra foi dada por iniciativa dos elfos! Eu estava lá... Eu vi tudo! Lavender assinou o tratado de rendição e ocasionou a falta de suprimentos para nosso povo! Agora você vê?” – Aradia grita. Albert treme enquanto mantém seus olhos fechados com força; – “Hoje, quase cem anos após o fim da guerra, Lavender continua a tentar acordos com aqueles que nos reduziram à merda! Toda miséria que você vê diariamente é culpa de Lavender!” A vampira enterra ainda mais sua lâmina no pescoço de Kalinda que, aos poucos, reduzia o volume de seus lamentos desesperados.

A áspera sensação da prata queimando o interior de seu pescoço e a incapacidade de formular qualquer palavra, desapareciam juntamente da consciência de Kalinda. Cravando suas unhas no solo sem vida, a vampira falha na tentativa de sugar a energia da quase inexistente vegetação do ambiente. Diferente da luz do sol, a prata parecia ser eficaz contra a Semi-Ghoul.

“A morte de Kalinda foi um suicídio a partir do momento em que ela decidiu se aliar com Lavender. Devemos a matar para impedir que mais mães morram como Markina e que nenhum outro líder incompetente surja para comandar nossa nação.” Aradia encosta sua testa na de Albert e fecha seus olhos. O ato ajuda um pouco o nobre a se acalmar.

“O que faremos em Tenebre, Aradia...?” Diz temeroso. Abrindo seus olhos e transpassando pena com o baixar de suas sobrancelhas, Aradia responde sem hesitar.

“Nós honraremos a vida de todos aqueles que se foram. Aqueles mortos nas guerras anteriores contra elfos e lycans, os sacrificados aos Espectros... Até mesmo os que morreram esta noite. Todos servirão para recuperarmos o que um dia foi nosso.” – Os lábios de Albert estavam cerrados e seus punhos se mantinham fortemente travados no cabo de sua espada. Percebendo que Kalinda não mais se movia, Aradia para de pressionar contra seu corpo; – “Vamos tomar o poder de Lavender e usar sua aliança com os elfos a nosso favor. Eles serão massacrados e nossa raça terá terras férteis para viver para sempre em abundância de recursos.” A mulher deixa Albert e o corpo de Kalinda para trás enquanto anda lentamente rumo à capital. Após tomar certa distância, Aradia apenas aguardava Albert retomar seus pertences da carruagem abandonada.

Agora vestindo seu rubro traje da nobreza que, a poucos dias estava impregnado pelo sangue dos vampiros eliminados em Bankas, Albert retira a espada do corpo de Kalinda.

“Ela possuía grande controle sobre os guardas... Isso poderia ser útil para adentrarmos o castelo sem ter que matar mais Tenebrenses...” Diz ao se agachar e analisar os olhos paralisados do cadáver. Este era um método efetivo para averiguar se um vampiro permanecia vivo, uma vez que, seus corações nunca batem. Após isso, mantendo sua cabeça baixa, o nobre se arrastava sem vontade até Aradia.

“Tem razão. Mas eu ainda não aprendi a dialogar com uma flecha alocada em minha garganta.” – A mulher resmunga, massageando a área onde Kalinda havia perfurado; – “Ela e Clint são sujos. Vampiros totalmente conectados com a corrupção de Héros. Eu iria os executar de qualquer maneira eventualmente...” Alega sem remorso.

“Isso soa exatamente como algo que Solumbre diria... E faria...” Sussurra, Albert, cabisbaixo. Aradia ri e concorda.

“Isso é bom. Apesar de ter um estilo de luta muito brutal e arriscado, reconheço que ele é um homem forte e importante. Não é um oponente que eu teria prazer de enfrentar.” – Em um tom um pouco mais animado, Aradia solta a opinião. Albert olha para a lua crescente; – “Acredito que ele será um dos que nos apoiará em nossa causa.” A suposição desferida pela Ghoul, embora otimista, também era acompanhada de receio.

“Eu espero...”

...

A lenha estalava e gerava fagulhas ao esquentar o grande e velho caldeirão de cobre. O fogo usado para aquecer o grande recipiente também era a única luz presente na escura sala fechada. Cercada por móveis de madeira importados há poucos meses de Bankas, os quais serviam de apoio para inúmeros manuscritos e pesquisas de autoria da própria vampira, aquele era outro lugar onde apenas Lavender e os Superiores de Elite tinham qualquer permissão para adentrar.

Trancada e com a palma de sua mão com um corte relativamente profundo, Lavender fazia escorrer seu sangue rubro e vívido no interior do caldeirão. Cada gota derramada era instantaneamente absorvida pelo calor e se transformava em uma breve fumaça.

“Trístanos... Grande Sacerdote Rei de segunda classe... Eu o suplico por um momento de sua atenção.” Sussurrava a Rainha de cabeça baixa e olhos fechados. Com o pingar de uma das gotas de seu sangue, Lavender sente um forte calafrio e percebe pelo ranger dos móveis de madeira, que a pressão da sala havia aumentado com a presença astral do sacerdote.

**“Já fazem décadas desde que ouvi sua voz, garota... Não cometeu erros de invocação desta vez e também não ousou me evocar diretamente... Vejo que envelheceu bem.”** Três vozes ecoavam como uma, dentro da sala que estremecia. Uma das vozes era grossa e forte como de um homem mais velho, porém com forças e vontade suficientes para lutar por seu povo. A segunda era similar a de uma mulher adulta e experiente, ainda em seus dias de fertilidade e com vitalidade de sobra para gerar novas vidas. A última era a mais alegre, a voz fina e ainda em desenvolvimento de uma criança com menos de 10 anos, cujo sexo é impossível de se dizer com certeza.

“Eu aprendi com meus erros e, mesmo apreciando sua sabedoria sem igual, eu não lhe invocaria se não fosse minha última opção...” - Lavender tentava conter sua ansiedade por estar perante a um dos sacerdotes mais importantes dentre todos os 72. De acordo com seus estudos, o poder de tal ser era tanto que até mesmo sua presença era suficiente para distorcer o espaço físico. Por tal razão, a mulher estava se concentrando para manter-se firme em pé; - “Muitas coisas estão acontecendo de uma só vez. A ação de Radia em fazer contato com Keen, a morte de Hérobu, o incêndio na Última Dança... Sinto que tudo isso esteja conectado de alguma forma. Preciso de sua sabedoria para iluminar meus pensamentos.” Ao finalizar, a voz infantil do aclamado sacerdote ri e isso é o suficiente para fazer uma leve rachadura no caldeirão.

**“Garota... Iluminação será a última coisa que terá vindo de qualquer sacerdote, sendo seu mestre, Ikarus, a única exceção.”** – Responde a voz bruta e masculina; – **“Contudo... Temo que posso lhe auxiliar em sua prospecção. Isto é, se este lugar aguentar minha presença e se você tiver sangue o suficiente para manter nossa conexão, é claro.”** Responde desta vez com sua doce voz feminina.

“Eu estou bem... Mais cedo tive de pagar minha parte dos últimos acordos com Yugen e Riwass. Cedi bastante de meu sangue para um dia só, mas creio que possa manter sua presença aqui por pelo menos alguns minutos. Isso já seria mais que suficiente.” – Afirma a vampira cuja pele púrpura estava mais pálida do que o costume; – “Portanto, sejamos breves e diretos, por obséquio.”

**“Conte-me o que deseja...”** O homem aguarda.

“A catedral pegou fogo mais cedo e alguns fatores muito coincidentes foram decisivos para que isso acontecesse. O lugar estava desprotegido devido à ausência de Lizha. Não haviam meios comuns para o início do fogo. O fogo não atingiu o Klaustro, o exilado que estava inconsciente no local.” – Lavender foca o olhar no fundo do seco recipiente; – “Preciso confirmar minhas suspeitas sobre o culpado do caso também levando em conta o que vi usando a predição passada de Riwass.”

**“E o que você viu, Rainha Lavender?”** A voz da criança pergunta curiosa.

“Foi estranho. Eu não entendi de primeira... Klaustro parecia estar fora de si, possuído por algo. Ele desceu as escadas até o subsolo e, com um mero estalar de dedos, ateou fogo usando algum tipo de feitiço similar aos dos sacerdotes. Após isso ele simplesmente andou cambaleando até o altar e atirou-se no chão. Ele não parecia estar atuando para algum telespectador.” – O efeito da prata começava a passar e a mão de Lavender, aos poucos, se regenerava e cobria a ferida. Para evitar que cessasse o gotejar de sangue, a vampira apenas encostou sua agulha de prata no ferimento aberto. Isso fez o mesmo continuar em carne viva; – “Sendo o maior administrador de toda magia provinda dos sacerdotes para outros seres, sua majestade poderia me auxiliar com este estranho caso?” Solicita com uma clara expressão de dor ao manter o corte.

**“Sim, eu posso sanar sua sede por perguntas. Todavia devo lhe lembrar que permaneço imparcial quanto a todos aqueles que buscam pelo poder dos sacerdotes, portanto, não posso lhe informar a origem de qualquer feitiço ou apontar quem detém conhecimento de nossos contratos. O anonimato prevalece.”** – A voz feminina dizia de maneira séria e sem pausas; – **“Sim, o que queimou**

**aquele estabelecimento que por vocês é sagrado, foi fogo provindo de nós sacerdotes e evocado através de outro ser. Porém, posso lhe assegurar de que aquele que recitou os mandos para a manifestação de tal ato, certamente não foi Klaustro.”** O dito ainda pela mesma voz surpreende Lavender.

“Com todo respeito, grande sacerdote Trístanos, mas isso não faz o menor sentido!” – A Rainha olha para os lados, buscando respostas para a afirmação do sábio. A pressão da sala aumentava ao ponto de uma cadeira de madeira se partir. Mesmo cansada pela força realizada para se manter de pé, Lavender ignora a pressão e continua seu raciocínio; – “A energia de um sacerdote não pode se voltar contra aquele que a evoca. Esta é uma regra que explicaria o motivo de Klaustro não ter sido afetado enquanto estava apagado durante o incêndio! Portanto, a única explicação seria a dele ter cometido o atentado.” A resposta parecia óbvia. Lavender começou a sentir suas pálpebras cada vez mais pesadas e seu corpo, que aguentava a pressão com dificuldade, agora parecia desabar a qualquer instante.

**“Você está no seu limite. É uma pena... A única coisa que posso lhe dizer é que o culpado ainda está no castelo e que um grande mal se aproxima de Tenebre.”** – Afirma em tom triste a voz juvenil.

O caldeirão começa a rachar em suas laterais; – **“Adeus, Rainha Lavender. Que seu legado seja tão eterno quanto sua verdadeira magnificência.”**

Um segundo foi o tempo necessário para toda a presença do sacerdote desaparecer subitamente. Desnorteada, cansada e anêmica, Lavender cai para trás tossindo e suando. A mulher arruma seu cabelo e encosta suas costas contra a parede mais próxima.

“Eu não consegui... Faltou perguntar sobre Hérobu... Ele era aquele que mais difamava Ikarus. Agora toda culpa de sua morte vai cair sobre...” Sussurrando e retomando seus pensamentos, Lavender é interrompida pelo destrancar da porta metálica.

“Senhorita Lavender? Está tudo bem?” – Khalid abre temeroso em interromper alguma atividade importante da soberana. Ao vê-la no chão, juntamente de uma cadeira quebrada, o súdito fiel arregala os olhos e entra velozmente na sala privada; – “Lavender! O que aconteceu?! Eu estava vindo lhe trazer um comunicado importante e, por um segundo, senti que havia algo errado com este lugar.” O Superior auxilia a Rainha no processo de pôr-se em pé.

“Eu estou bem, Khalid. Está tudo bem agora. Paguei meus tributos aos sacerdotes que tanto nos ajudaram neste dia conturbado...” – A vampira recuperava o fôlego; – “Por favor, diga-me que este comunicado são boas notícias.” Sua voz cansada é acompanhada de uma leve mão em sua cabeça.

“Radia retornou e quer falar com você. Acredito que ela já esteja próxima à Última Dança. Solombre e Liandre estão a caminho para interceptá-la, mas ela disse que não quer mais nenhum conflito e que, se for atacada, irá convocar inúmeros Espectros para destruir completamente a capital nesta noite.” – Khalid diz em tom trêmulo. O homem engole em seco antes de continuar; – “E, se me permite dizer... Ela não parece estar blefando.”

Olhando para a palma de suas mãos com desânimo, Lavender apenas imagina que não pode fazer muito em seu estado atual. Ela suspira, sem qualquer empolgação e, com a ajuda de seu subordinado, dá seus primeiros passos rumo à porta. Antes de sair, a cansada Rainha aconselha:

“Apanhe sua capa noturna, Khalid. Nós vamos acabar com isso de uma vez por todas. Custe o que custar.”

## **Capítulo 20 - Dissonância**

### **Ano 280 - Noite 22 ▪ Tenebre**

Aradia e Albert andavam pela entrada de Tenebre, a qual estava ocupada por diversas cabanas e lotada de forasteiros. O que antes era apenas a suja rua principal da capital, poluída pelas densas nuvens das muitas lojas de forja, agora parecia um centro de refugiados de uma guerra recente.

“Parece que Lavender fez uma guerra enquanto sua general estava ausente...” Aradia cogita com uma de suas sobrelhas levantadas. Albert andava olhando seus arredores, pensando que estes poderiam vir a ser futuros inimigos.

“De fato... São muitos vampiros.” Comenta o nobre, apreensivo.

Dos becos mais imundos daquela pútrida parte da periférica Tenebre e dos cantos das ruas, diversos civis se amontoavam. Homens e mulheres comuns se juntaram, liberando suas garras e presas para, juntos, atacarem a famosa general. Vendo que não conseguiriam prosseguir, a dupla decide ali parar e responder à situação. Cheia de si como de costume, Aradia é a primeira a tomar qualquer iniciativa.

“Qualquer ataque precipitado à mim ou à Albert e estarão fazendo de mim uma inimiga de Tenebre.” – Dizia Aradia, agora rodeada por dezenas de civis e guardas armados com lanças, espadas e todos os aparatos possíveis de prata ou fogo; – “Tudo que preciso fazer é falar com Lavender e resolver tudo isso. Não precisamos derramar mais sangue em vão.” A Ghoul dizia calmamente, como se todos aqueles possíveis inimigos não fossem de fato a atacar.

Ainda vestindo seu traje surrado da nobreza, com diversas manchas do sangue negro de seus inimigos da batalha em Bankas, Albert também não estava intimidado por estar em desvantagem numérica. Mesmo vendo o povo da cidade onde cresceu o apontando diversas lâminas de prata, o vampiro apenas confiava no potencial intrínseco de sua companheira Ghoul para sua sobrevivência. Por isso, o nobre se mantinha ereto e firme em sua posição de guarda. Mesmo cansado pela longa viagem, Albert estava atento para, a qualquer instante, se transformar em névoa e auxiliar Aradia no abate prioritário dos guardas e Superiores da cidade.

“O que pretende fazer, Aradia?” – Acariciando a parte raspada de seu cabelo, Liandre se destaca da multidão. Bocejando, como se tivesse acabado de despertar, e também com seu manto negro exclusivo dos Superiores de Elite, que aparentava ter sido vestido às

pressas; – “Se não a deixarmos falar com Lavender, o que fará com seu próprio povo que ainda não tenha feito?” Diz limpando as lágrimas do pós bocejo.

“O que está insinuando, Liandre? Por acaso pensa que sou de jogar fora a vida de meu subordinados a troco de nada? Não... Eu não sou tola e inocente como Lavender.” – Perguntava Aradia seriamente. O povo a encarava receoso em atacar a renomada general; – “Vou deixar essa passar, pois creio que você, assim como sua jovem Rainha, não tenham vivido o suficiente para entender sobre a verdadeira natureza vampírica. O que realmente se esconde atrás de nossa pele.” A Ghoul exhibe uma de suas mãos já defloradas e apresentando suas longas garras negras que, de acordo com as histórias de guerra, já mataram mais de mil elfos. Muitos dos civis recuam.

“Uma falácia desse nível vindo de você? Isso é novidade...” – A Superior de Elite mostra rapidamente sua longa língua dividida que estremece por menos de um segundo e retorna para dentro de sua boca. Este era um recurso usado involuntariamente pela vampira para sentir seus arredores com maior precisão, uma vez que era parcialmente cega; – “Falar que você é mais velha que Lavender não é a resposta para qualquer argumento, general Aradia. O que eu estava insinuando anteriormente era o fato de você ter sacrificado civis em prol do direito de usar o poder dos Espectros. O que tem a dizer quanto a esta acusação?” Liandre dizia isso sem olhar diretamente nos olhos da criminosa. Albert estava curioso para ouvir a resposta de sua parceira.

“Garota petulante... Eu irei revelar tudo assim que Lavender se apresentar. Agora me diga tudo o que aconteceu aqui em minha ausência.” Ordena, séria, a general.

“Bankas fora evacuada. O trio de lá tentou emboscar Morenar e acabaram todos mortos.” – A Quimera diz sem remorso ou pesar; – “Isso inclui seu sobrinho, Lestro Tenebre.”

“É... Eu percebi quando passamos por Bankas que aquilo não parecia um incêndio comum.” – Aradia suspira e olha para baixo; – “Ele era afobado e idiota. Não aprendeu nada com os erros do passado... Foi um fim bom demais para alguém como ele.” Albert fica surpreso com a atitude de Aradia perante a morte de um ente querido.

“Você não se sente mal pela perda?” O inocente nobre se atreve a perguntar. Renegando os sentimentos pesados pela morte de Lestro, Aradia encara Albert com olhos simpáticos.

“Nós falamos um pouco sobre isso na noite de nossa despedida, quando iniciamos o trajeto rumo à Artemis... Por ser nobre, você foi proibido de presenciar qualquer cerimônia representativa sobre Tormenta. Eu não lhe



culpo por não entender como nós, vampiros mais antigos, tratamos a morte...” – Aradia brinca, acariciando o maxilar de Albert que dá um leve tapa em sua mão. A Ghoul retorna a postura séria; – “Desde os primórdios de nossa raça, a morte tem sido nossa libertação desse mundo e de nossa vida imortal. Nossa mãe, T tormenta, sempre falava para os muitos vampiros de séculos passados que nós somos diferentes dos humanos e de qualquer outra raça. Nós já estamos mortos e permanecemos vagando eternamente por esta terra com o único intuito de continuar a consumir todos os seres remanescentes.” A mulher abre os braços, recitando uma memória da qual sente imensa nostalgia.

“Então a gente vai matar todo mundo?” – Pergunta Liandre, passando a mão sobre seu rosto para ficar mais desperta; – “Isso me parece apenas a sua interpretação do que T tormenta defendia...”

“Nós temos o direito e a liberdade de matar qualquer ser que esteja vivo. Caçávamos seres humanos como alimento. Este foi o decreto de nossa progenitora original. Não existe motivo para ser diferente com elfos e lycans.” – Aradia segue em direção à Liandre. Albert a acompanha lentamente; – “Agora, se me der licença, estou indo para casa. Pretendo falar com L izha antes de me encontrar com L avender.” Ela passa ao lado da vampira Superior, que continua olhando para o além e usando sua língua para tatear o ar e sentir seus arredores.

“L izha Tenebre foi culpada pelos crimes de traição à coroa após os eventos com M morenar e sua conspiração com os E spectros. Ela foi enviada à T smos já há uns três ou quatro dias.” – Liandre se vira; – “Deixem Aradia prosseguir até a catedral. Acredito que seria bom para ela ter a liberdade de visitar sua casa depois de tudo o que aconteceu.” A Superior dizia aos guardas e civis que permaneciam receosos em atacar a general. Aradia se vira e aprecia o ato de Liandre com um breve aceno de cabeça. Albert se atém em silêncio.

Uma caminhada de alguns minutos fora suficiente para a dupla discutir o recém-ocorrido e atravessar a pequena ponte do rio que dividia a área do subúrbio do então centro de Tenebre. As residências do centro não eram tão pacatas quanto as da periferia, e o comércio agora não era apenas o da forja de metais. Assim, sempre acompanhados da multidão armada de vampiros ao longe, Aradia e Albert finalmente chegaram na Última Dança.

No momento em que se aproximou a poucos passos da entrada coberta da grande igreja, a vampira para. Arregalando os olhos e fungando com seu nariz, mesmo com as portas do recinto fechadas, o cheiro de queimado permanecia impregnado nas paredes internas. Virando-se lentamente para os civis e dirigindo um olhar assassino para Liandre, a Ghoul grita:

“Vocês atearam fogo na casa de minha mãe?!” Por um instante, o grosso rugido dos Espectros ressoou por toda rua. Isso fez muitos vampiros largarem suas armas e se retirarem depressa.

“O culpado já foi preso. Mantenha a calma...” Liandre parecia não ser intimidada pela reação agressiva da Ghoul.

“Os manuscritos... Os diários...!” – Olhando para os lados, a mulher coloca ambas as mãos na cabeça pensando em tudo que fora perdido; – “Séculos de história e estudo registrados... Era para a Lizha...” Ela derrama lágrimas sem mudar sua expressão facial. Albert sente pena, porém não se aproxima da instável mulher.

“Eu sugiro que não desconte sua raiva em ninguém, afinal, conseguimos recuperar quase metade da papelada que estava no subsolo antes do fogo começar.” – O dito vinha de trás da catedral e foi o suficiente para fazer Aradia parar de tremer. Empunhando seu cutelo como prevenção de um combate inusitado, Solumbre chega e se aproxima da dupla. Seu negro cabelo bagunçado tapava boa parte de seus olhos, porém era de fácil reconhecimento para Albert que o Superior de Elite estava a observá-lo; – “Albert...” Ele cumprimenta seu discípulo.

“Solumbre...” - Responde o nobre; – “Precisamos conversar.” Diz Albert indo em direção ao grande vampiro.

“Nada disso, garoto.” – Liandre interrompe o momento; – “Solumbre não irá deixar Aradia até que Lavender esteja aqui. Estas são nossas ordens para caso alguma ameaça se aproxime da capital.” A vampira estava séria.

“Lianne... Tudo indica que é do interesse de Aradia conversar com Lavender. Ela não está aqui para destruir a capital e sacrificar todos aos Espectros. Se fosse este seu objetivo, ela já teria o feito.” – Argumenta o Açougueiro; – “Vou separar Albert de Aradia. Acredito que, assim como foi com Lizha, a grande Quimera seja suficiente para conter uma Ghoul.” O dito fez Aradia voltar seu olhar para Liandre.

“Por mais que eu queira rasgar o seu pescoço, não o farei. Arriscar as vidas de meu povo a troco de um ataque a você seria tudo o que eu menos quero no momento.” – Aradia diz olhando para a Superior de Elite; – “Vá com Solumbre, Albert. Faça o que deve ser feito.”

Concordando com a ordem de Aradia, Albert segue Solumbre em direção ao castelo de Lavender. Solumbre andava na frente e Albert imaginava o que o grande homem estaria pensando naquele momento. O nobre também sentia-se ansioso ao pensar que teria que convencê-lo a ir contra Lavender e todos aqueles que estivessem contra o golpe de Aradia.

Durante quase 10 minutos andando, nenhum dos dois homens se atreveu a fazer qualquer comentário. Já próximos à área nobre de Tenebre, a poucos metros do castelo, alguns civis bem vestidos e redatores dos documentos planejados por Lavender encaravam Albert com desgosto. Desconfortável com aquilo, o rapaz apenas tenta ignorar e seguir seu caminho.

“Você está fedendo... Isso na sua roupa é sangue.” A sólida afirmação de Solumbre dá fim ao período de silêncio.

“Ah, isso... Sim, alguns exilados nos atacaram em Bankas. Eu os eliminei.” Diz Albert de maneira modesta e tentando esconder o orgulho de sua performance em relação àquele evento.

“Eram quantos?” Alguns guardas abrem a passagem para o Superior de Elite adentrar no castelo junto de Albert.

“Uns vinte. Eu acho...” – O nobre guerreiro passa seu polegar em uma das manchas secas de sangue negro em seu tecido rubro; – “Foi tudo tão rápido. Eu agi de maneira brutal, sempre usando a névoa a meu favor. Da maneira que me ensinou.” Ele retoma seu olhar à Solumbre, que permanece seguindo em frente. Solumbre sorri. Albert não percebe o ato por permanecer atrás do grande vampiro.

Virando para o longo corredor após atravessar o salão principal do térreo do castelo, percebendo diversos nobres correndo pelo interior do lugar, Solumbre e Albert andavam sem pressa. Eles chegam na área do pátio nobre. Ninguém além deles estava lá presente. Cercado pelas altas paredes que delimitavam o pátio, Albert olhava para cima e encarava as diversas estrelas daquela noite. Solumbre continua seguindo pela trilha de pedras.

“A gente nunca sabe quando vai ser a última vez que teremos tempo para admirar as estrelas, né?” Diz Albert, calmamente; – “Temos nossa longevidade para podermos apreciá-las por toda eternidade, e com isso em mente nunca damos o devido valor a elas.” Solumbre se vira para o nobre e, lentamente, rotaciona seu rosto para o céu estrelado. O olhar do Superior de Elite parecia cansado. Ele suspira.

“Nosso mundo é bonito, Albert. E eu demorei muito para perceber isso. Sua mãe, Rkarina Sulkar, foi aquela que abriu meus olhos para o real significado de minha existência.” – O Superior dizia ainda encarando o céu. Albert se vira para ele, confuso pela citação de sua mãe. Solumbre fecha os olhos; – “Essa viagem parece ter feito bem à você. Ela estaria orgulhosa de ter trazido um homem como você ao mundo.”

“Do que está falando, Solumbre?” As palavras de carinho chocaram Albert, que não sabia do fato de Solumbre ter tido qualquer contato intimidade profunda com sua mãe. O Superior falha em segurar sua grossa risada gerada pela pergunta do rapaz.

“Há muitas coisas que você não sabe por ser um nobre, Albert. Sua visão é reflexo da educação instruída por Lavender. Todos os livros que tocou, sua escrita e noção de mundo são fruto de nossa atual Rainha. Já que Rradia proibiu que qualquer nobre tivesse acesso a qualquer conteúdo provindo da Última Dança, esta foi a alternativa criada por Lavender para trazer conhecimento aos novos nobres que surgiram.” – Solumbre encara o rapaz; – “Chega a ser engraçado ver você chamar isso de ‘estrelas’. Antes mesmo de você nascer, Rradia contava que, no passado, T tormenta nomeou aqueles pontos de luz na escuridão como ‘esperanças’. A primeira vampira dizia que cada um daqueles pontos era um vampiro que nasceria no futuro.” O homem cruza os braços. Ainda com estranheza em sua face, Albert tentava absorver o conteúdo passado por Solumbre.

“E você acreditava nessas histórias? Como sabia disso tudo mesmo sendo ligado à Lavender?” Albert questiona após alguns segundos digerindo as ideias recém-apresentadas.

“São apenas histórias. E, bom, diferente dos outros Superiores de Elite, na verdade... Diferente de todos os vampiros Superiores... Rradia sempre confiou em mim graças ao seu pai e sua mãe, Albert.” – O dito apenas aumentou a curiosidade e impaciência de Albert. Percebendo isso e achando graça em como aquele homem se assimilava de como era quando criança, o Açougueiro cede um breve e leve, porém sincero, sorriso; – “Aquele general sempre me viu como o menos leal à Lavender dentre todos os Superiores e, exatamente por eu estar sempre ao lado da Rainha, ela via grande valor em me ter como aliado.” Albert anda até Solumbre.

“O que você sabe sobre meus pais e qual é o motivo de sempre ter escondido isso de mim?! Você e Rradia parecem sempre hesitar em revelar qualquer coisa sobre meu pai! Até hoje eu não sei nem mesmo seu nome!” O tom de voz do nobre aumentou. Ainda o encarando de cima, Solumbre repousa sua pesada mão no ombro do garoto.

“Eu precisava saber... Nós precisávamos saber se você estava pronto para entender a verdade. A sua origem.”

- O grande Superior de Elite esfregava uma mão na outra, enquanto as observava e pensava no que dizia. Aos olhos de Albert, esta havia sido a primeira vez que percebia insegurança em Solumbre; - “Essa nunca foi minha vontade.” Admite o homem.

“Entendo... Ainda acham que sou aquela mesma criança que vivia sozinha esperando pelo fantasma de minha mãe abrir aquela porta e voltar, como se nada tivesse acontecido, não é?” - Albert ri olhando para suas botas escuras e desgastadas pela longa viagem; - “Se não vai dizer nada, vamos logo terminar o nosso treinamento. Vamos para o jardim para que eu possa-”

“Seu pai era meu irmão.” - Solumbre diz em tom sério e olhando nos olhos daquele que um dia já considerou seu próprio filho; - “Seu nome era Madson Sulkar, o maior canibal de Héros. O maior monstro criado pela Guerra Final e pelo Declínio.” Ele parecia ter nojo em admitir o fato. Albert fez o favor de se calar, percebendo que nada sabia sobre a situação. Solumbre suspirou pesadamente.

“Meu irmão... Ele se perdeu durante a investida élfica comandada pelo Rei elfo Keen na Guerra Final.” - Albert lentamente arregala seus olhos com o dito; - “Os elfos possuíam armas poderosas que espalhavam partículas de prata pelo ar... Isso, somado com um forte batalhão armado de elfos com magias diversas, foi o suficiente para causar uma grande chacina no campo de batalha. Muito ferido, Madson teve que devorar os corpos de seus companheiros de guerra para sobreviver. E foi nessa hora que ele realmente morreu.” Solumbre parecia mais abalado do que nunca. Dividido por tristeza e raiva, Albert hesitava em fazer qualquer comentário até, finalmente, se soltar.

“Os elfos são realmente os culpados de tudo isso...” - O rapaz diz com seu punho fechado e retirando sua espada da bainha. Solumbre o observava, mantendo a mesma expressão de desesperança; - “Venha comigo, Solumbre. Com sua força e apoio podemos mudar Héros! Una-se a mim e a Aradia e arrancaremos o coração de Keen! O extermínio élfico é o único meio de pôr fim a todo este ciclo!” Fumaça era exalada pela pele de Albert. O nobre vampiro estava, quase instintivamente, se tornando névoa. A expressão de Solumbre não mudou.

“Isto é algo que Aradia diria, com certeza... E você parece estar bastante convicto de seguir ao lado dela.” - Virando-se para o caminho que seguia anteriormente, Solumbre retira um molho de chaves do bolso interno de seu manto negro e anda lentamente em direção ao oculto Jardim de Papuria; - “Antes da Guerra Final, Aradia estava desaparecida e Karina era uma vampira comum. Sua mãe era estudiosa e uma seguidora fiel dos ensinamentos de Lavender, assim como muitas outras.” Usando a circunferência metálica que prendia todas as chaves, o vampiro as gira

usando seu dedo indicador, assim gerando o som estridente do impacto dos objetos.  
Albert ouvia a história com atenção, seguindo o Superior com os olhos.

“Hkarina acabou provando seu valor a Lavender e se tornou uma nobre por seus muitos serviços à coroa. Ela era uma mulher espetacular, com um grande intelecto e infinitas histórias de suas muitas viagens por todas as vilas de Héros. Ela representava a voz ativa de Lavender por todo o país e eu, Madson e muitos outros vampiros éramos fascinados por ela...” – Dizia com um sorriso no rosto. Albert o seguia, encarando as costas do vampiro; – “Por fim, algumas décadas antes da Guerra Final, ela e seu pai formaram uma aliança. Ela tomou nosso nome para si e fez com que todos os seus descendentes se tornassem nobres como ela... É aí que você entra.” Parando em frente a uma porta metálica, o grande vampiro escolhe uma das muitas chaves de formatos diversos presentes no pesado molho.

“Por isso você me protegeu esse tempo todo.” – Já próximo da entrada do jardim secreto, Albert encarava o homem à sua frente como se não o conhecesse. Solumbre não se vira para o mais novo e simplesmente destranca a porta do destino desejado; – “Por isso sempre foi rígido comigo e me ensinou como lutar e como me defender.” A conclusão não era a esperada pelo Superior que, dessa vez, vira o olhar para Albert, surpreso ao cogitar que o garoto teria entendido seus motivos.

“Você é o bem mais precioso de Hkarina e seu maior legado. Tudo o que fiz durante o Declínio. Todos os vampiros criminosos que matei, foi pensando que algum deles poderia o ferir eventualmente... Contudo meu senso de justiça possuía uma falha de lógica óbvia que demorei para perceber.” – Solumbre empurra a porta já destrancada e um forte odor de diversas plantas é sentido por ambos os vampiros; – “A fome de nossa raça é maior do que nosso medo da morte.”

...

Escortada por dezenas de guardas e nobres, com Khalid a seu lado, Lavender se aproximava da catedral. A Rainha estava usando sua coroa de prata e um longo e volumoso vestido branco. A decotada vestimenta revelava que a mulher não possuía nenhuma cota de malha ou qualquer armadura oculta. Subindo as escadas que levavam para o interior do sacramento, Lavender se sentia protegida juntamente de Khalid e Liandre.

Após ultrapassar o grande pórtico rochoso da entrada da catedral, já próxima ao altar, Aradia analisava as manchas e estragos causados pelo fogo no famoso monumento

sagrado que a vampira considerava sua casa. Seu olhar era focado e suas mãos sentiam os danos na textura das paredes da entrada.

“Eu sinto muito por tudo isso.” – Deixando os dois Superiores de Elite para trás, juntamente de todos os guardas e civis, Lavender prossegue pelo corredor e se põe ao lado da general, a poucos metros do altar; – “O culpado já foi identificado e todas as medidas serão aplicadas em breve.” Garante a Rainha. Aradia se vira com seus lábios cerrados e olhos impacientes.

“Eu nunca entendi o motivo de você nunca vestir armadura, Lavender. Desistiu da vida de Rainha?” – A general dá um passo se aproximando de Lavender, que responde com um passo para trás. Todos os soldados e Superiores se dispõem a atacar, porém são impedidos pelo levantar da mão de Lavender; – “Você está pálida...! Essas olheiras, esse cansaço... Deve ter ficado noites sem dormir e se alimentar... Isso tudo é medo?” Aradia ri olhando para o peito da renomada vampira.

“Eu não tenho medo de você, Aradia. Hoje foi um dia exaustivo, só isso. E quanto ao uso de armaduras... Eu nunca escolhi lutar nenhuma guerra. A batalha nunca foi minha opção, mas sim a paz e progresso. Não há necessidade do uso de proteções para ataques que nunca serão desferidos.” – Diz a monarca mantendo uma postura firme. Aradia olha a vampira de cima a baixo; – “E também acredito que, assim como eu, você também quer ver seu povo se desenvolver como nação e ter o respeito de outros povos de Granland. Eu investiguei sua papelada acerca dos Espectros e vi que nada daquilo foi intencional. Você estava testando os limites daquele poder misterioso que adquiriu. Estou certa?” Lavender solta uma leve tossida. Aradia olha para baixo, encarando o piso da igreja que tanto amou.

“Você sempre foi corajosa... Isso é louvável. Tormenta também era uma vampira que nunca ousou vestir qualquer armadura.” – Ainda olhando para o chão, evitando contato visual com a Rainha, Aradia solta um sorriso de canto de boca ao citar Tormenta; – “Talvez você realmente seja como a vampira primordial... Talvez prender eu e Lizha e assim dar o exemplo ao nosso povo seja a melhor opção para nosso desenvolvimento...” A Ghoul suspira.

“Sim. Caso se entregue, podemos a enviar à Rsmos e reabilitá-la. Ficará tudo bem. Eu acompanharei sua apreensão de perto e, quando você sair da cidade-prisão, nosso país estará melhor do que nunca! Você verá os resultados.” – A ideia tinha potencial. Aradia se entregando evitaria um conflito que a Ghoul também não gostaria de fazer parte. Além disso, iria amenizar a crise causada pela instabilidade da ausência de um líder militar. Solumbre poderia assumir como general e, assim, Héros poderia estabilizar após os recentes incidentes; – “Tudo o que você precisa fazer para que conflito algum ocorra é aceitar o veneno de Liandre em seu corpo. Ele é efetivo até

mesmo em Ghoul. Faça isso e não terá que derramar mais sangue do nosso povo.” Liandre se aproxima das duas soberanas. Aradia suspira, olhando para os arredores do santuário destruído.

“Se esse é o melhor para mantermos nossa paz... Eu aceito receber o veneno de Liandre.” – A Ghoul levanta seu olhar carmesim em direção à enorme multidão que a encarava do lado de fora da catedral; – “Mas antes, devo cumprir meu último dever como representante de Héros e os dizer tudo o que aconteceu em minha viagem a Ártemis.” A vampira agora se vira para a Rainha.

“Você pode dizer a mim em particular e eu explicarei a eles da melhor forma possível.” Sugere Lavender.

“Não. Eu mesma tenho que os informar de tudo que sei antes de minha partida.” – Lavender ficou dividida na ação da Ghoul, contudo permitiu que a mesma prosseguisse para o povo. Aradia passa por Liandre e atravessa a porta dupla até chegar à entrada elevada da catedral. Todos os civis e demais súditos que permaneciam no chão antes de subir as escadas, observavam de baixo a Ghoul que parecia iniciar um discurso; – “É bom estar em casa novamente...” A mulher fecha seus olhos e suspira profundamente.

O povo encarava a Ghoul com olhos assustados e furiosos. Temendo a fúria dos imprevisíveis Espectros, muitos queriam apenas correr, enquanto outros, aceitariam de bom grado dar sua vida em uma tentativa de ferir a guerreira lendária. Cortando o momento de tensão, Aradia abre seus braços enquanto olha todos os que estavam abaixo de si graças ao desnível da escadaria.

“Vampiros... Destrói-me o contragosto de cogitar ir contra minha terra natal e meus conterrâneos... Esta jornada a Ártemis fora um ensejo para a maior das prospecções que poderia desejar! Naquele lugar... Ainda existe a mácula da traição e opressão élfica que, para todo o sempre nos assolará...” – A grande maioria do povo encarava Aradia com desentendimento e confusão. Lavender não reconhecia o dito pela Ghoul e estranhava o vocabulário e seu estranho sotaque; – “É estranho falar assim, não é...? Vocês não estão acostumados com este vocabulário denso e ultrapassado. Eu me sinto uma velha falando desse jeito...” A vampira de cabelos pálidos ri e anda de um lado para o outro.

“Era assim que Tormenta falava há mais de 200 anos, quando eu era só uma garotinha e nenhum de vocês pisava neste mundo... O tempo passou... Tormenta morreu e vocês nasceram... Fizha e eu concordamos em estabelecer o termo de ‘Ghoul’ como os vampiros mais antigos que já existiram, e minha irmã sempre fazia esta citação em suas missas e ritos cerimoniais. Mesmo sem saber o quão próximas nós somos de nossa criadora, vocês até mesmo nos apelidaram carinhosamente de ‘filhas de Tormenta’.” – Desta vez, a mulher ri bem mais alto e passa rapidamente a mão por seu rosto, até ficar



completamente séria; – “A verdade é que eu sou a segunda vampira que existiu. Eu sou Aradia Tenebre, a primeira filha de Tormenta.” A Ghoul termina com sua expressão paralisada, encarando todos abaixo de si. Altos berros disruptivos eram iniciados pelos quatro cantos da capital. Os gritos eram similares aos de animais em intenso sofrimento e sua dissonância trouxe caos aos que em Tenebre estavam naquela madrugada.

## Capítulo 21 - Lâmina Quebrada

### **Ano 238 - Jardim de Papuria ▪ Castelo de Lavender**

Após a curta conversa com o pequeno vampiro de cabelos cinzentos, Lavender se recolhe junto a sua cesta de palha e seu regador de cobre. No interior da cesta havia algumas amostras de plantas e raízes recém-arrancadas do solo fértil.

A Rainha, que agora vestia um traje casual e nada requintado, andava em direção a saída, onde também se encontrava Solumbre. O grande e forte homem fez um leve aceno de cabeça para sua Rainha em sinal de respeito. A mesma entendeu, porém não respondeu ao ato.

“Eu não preciso dizer para tomar cuidado com ele. Não queremos outro Madson em Tenebre, não é?” – Ao se aproximar, Lavender sussurra para o homem de altura desnivelada; – “Além disso, ele é o legado de Akarina... Sei o quanto se importava com ela, então apenas tome cuidado com o pobre garoto.”

Termina dando dois leves tapinhas nas rígidas costas do soldado.

“Vai ser só um treinamento. Quero ver o que ele absorveu do livro de Venut.” Murmura, Solumbre. Lavender apenas responde olhando nos olhos do homem e deixando claro que estava preocupada com o jovem filho de sua falecida companheira. A Rainha sai da sala e tranca a porta metálica. O homem suspira e vai em direção a Albert.

Não era difícil para o consagrado militar identificar o odor de Albert em contraste ao de todos os animais e plantas daquele pequeno labirinto natural. Era quase como um caçador seguindo uma trilha de sangue deixada por sua presa. Pensando em como abordar o jovem acerca de seu treinamento, Solumbre andava em passos lentos e refletia sobre como isso poderia afetar o garoto que tanto considerava.

Alguns minutos foram suficientes para chegar até o rapaz. Ele estava sentado na beira de uma fonte rochosa. Em seu centro, havia uma grande lápide de pedra, feita do mesmo material presente em toda Tenebre. Em sua superfície, haviam centenas de nomes esculpidos profundamente, e deles, a água escorria e abastecia a fonte, onde alguns peixes de escamas escuras, olhos vermelhos e dentes afiados nadavam livremente. Um dos nomes era o de sua mãe e ele estava presente próximo a muitos com o mesmo sobrenome. Albert observava o memorial em silêncio.

O coração do grande vampiro doía ao ver seu jovem sobrinho se limitar apenas a contemplar um pequeno monumento em homenagem àqueles que se foram. Por um breve momento, Solumbre refletiu acerca de sua filosofia de eliminação pesada e impiedosa perante a qualquer infrator do bem estar social de Tenebre. Aquilo jamais seria aprovado por Lavender e muito menos por Akarina. Isso o incomodava. Movendo

sua cabeça em negação, o grande Açougueiro se aproxima do garoto que ainda estava vestindo sua longa capa noturna e de uma só vez, discursa:

“Vamos começar o que viemos fazer aqui.” – O robusto guerreiro para de andar a alguns metros da fonte; – “Eu sou Solumbre. Um vampiro com cerca de uns cento e quarenta anos de idade... Que sofre das sequelas do canibalismo. Cujas necessidades de ingerir o sangue de vampiros é crescente... E você é um órfão de treze anos fraco, perdido e sem propósito no mundo. Meu objetivo aqui hoje é averiguar se vale a pena o treinar ou se pelo menos servirá de comida para saciar minha sede... Assim, não precisarei matar ninguém de valor em nossa nação.” Ele continua sério.

“Será apenas um combate. Eu contra você. Sua arma contra a minha. Seu talento e prática contra minha habilidade e experiência.” – Solumbre retira seu cutelo das amarras que o prendiam em seu quadril; – “Trouxe a sua arma...?”

“Sim. Eu afiei minha lâmina apenas pensando neste momento.” – O garoto se levanta e retira uma faca mediana muito afiada de um coldre de couro em sua cintura. Albert joga longe a larga capa noturna que estava usando; – “Eu também treinei muito para ser um Superior... Você verá!” Ele aponta a adaga para a garganta de seu adversário.

“Se você me matar, encontrará no bolso do meu manto um documento embrulhado. Lá está escrito tudo sobre sua origem. O motivo de ser diferente, o passado de seus pais e outros segredos que a maioria dos vampiros não sabe.” – O homem abre o grande manto negro dos Superiores de Elite e mostra um bolso interno com um pequeno papel amarelado sobresaindo; – “Porém, se você em qualquer momento cometer algum erro ou hesitar em me matar, a lâmina do meu cutelo entrará em sua carne e quebrará seus ossos como se fossem galhos. Eu juro que você estará morto se falhar.” Termina em tom sério.

As mãos do jovem começam a tremer com o dito pelo Superior de Elite. Dois anos de árduo treinamento em combate e seguindo o guia de Venut Tenebre faziam Albert se sentir seguro de si. Porém, a estatura, presença e semblante de seu adversário eram de um assassino profissional famoso por ser um exímio executor de criminosos. Dois anos de treinamento comparados a uma vida de 140 anos de guerras e mortes não eram nada.

“Eu já não vejo mais futuro para mim ou para esse lugar desde o começo do Declínio. E além do mais...” – Analisando o cutelo, o garoto não se dá ao trabalho de esconder seu nervosismo; – “...Eu tenho alguma outra opção...?”

“Outra opção...” - O Superior pensa; - “...No momento, não.” O grande homem bufa e parte para cima do garoto que, movido pelo susto, improvisa uma guarda baixa.

Contraindo seu bíceps, Solumbre mira um corte horizontal direto na lateral da testa do jovem. O ataque acerta, porém antes de destruir o crânio de sua vítima, tudo o que Solumbre atingiu foi uma densa cortina de fumaça que se expandia pelo imenso e vívido jardim. Continuando o movimento da inércia de seu próprio ataque ao errar seu alvo, o homem cai no chão. Vendo seu cutelo com algumas gotas de sangue no fio da lâmina, Solumbre deduz que o corte havia rasgado apenas parte da pele de Albert. A grossa risada de Solumbre ecoa pelo nevoeiro. Um vampiro comum nunca teria se esquivado de tal investida.

“Foi quase, Albert... Mas e agora... O que vai fazer?!” - Apoiando um de seus braços em seu joelho para se levantar, o guerreiro olhava seus arredores e procurava por qualquer sinal do garoto de cabelos grisalhos; - “Venut sempre teve a vantagem da surpresa a seu lado. Ele surgia dos ângulos mais inesperados e acabava com a vida de suas vítimas antes dos mesmos perceberem... Mas e você...? De onde você virá?!” O homem lambia as poucas gotas de sangue presentes no cutelo.

Na cabeça do garoto, apenas existia ansiedade. Se transformar em névoa era como prender a respiração. A cada segundo que passava, ele sentia que poderia perder o controle, se materializar e ficar vulnerável. O tempo estava contra o garoto e tudo deveria ser decidido em um único golpe.

Atrás de Solumbre, a névoa começou a se mover de maneira suspeita. O Superior fingiu não perceber e continuou de costas para a silhueta que aos poucos se formava. Após poucos segundos, Solumbre se virou com outro forte corte horizontal que, pelos seus cálculos, cortaria o peito do jovem. Mais uma vez, o homem acertou apenas o vento. De cima do vampiro, Albert surgiu e se prendeu na garupa do alto inimigo. Em uma única apunhalada, cravou sua arma no centro do peito do Superior de Elite. O golpe poderia ter sido mortal se fosse direcionado ao coração e se a faca de Albert não tivesse quebrado ao perfurar o peito do grande vampiro. Soltando seu cutelo e pegando Albert pelo pescoço, Solumbre o arremessa contra o chão. O ferimento causado por Albert parecia não ter abalado o robusto inimigo.

Todo o lugar não estava mais coberto por sua névoa. Agora jogado no chão, ao lado dos fragmentos de sua lâmina, Albert sabia que o que viria a seguir seria o ataque final. Com sua testa suada e em estado ofegante, o jovem já não tinha mais forças para se transformar em névoa. Só lhe restava pensar em qual dos membros viria o golpe de misericórdia.

“A sua arma quebrou... Você provavelmente a afiou demais.” O homem estava próximo do garoto caído.

“Onde logo com isso. Eu perdi, não perdi?” O garoto virou apenas seu rosto encarando os olhos nublados do grande vampiro de cabelos bagunçados.

“Você ainda tem outra arma. O tempo que está aí choramingando poderia ser usado para ativar suas garras e tentar um contra-ataque.” – Com uma de suas botas, Solumbre pisa nas costas de Albert, o impedindo de levantar; – “Você foi muito lento e desistiu muito fácil. Se queria tanto morrer, era melhor ter feito isso em casa. Assim me pouparia esforço e tempo.” Ele ergue o cutelo.

Irritado pela provocação, Albert libera suas garras e, no momento em que se dispõe a tentar cortar a perna de Solumbre usando sua mão direita, o mesmo desce o cutelo e arranca o membro do garoto. Albert grita em desespero ao ver seu pulso decepado ao lado de sua cabeça. O sangue negro respinga banhando a passarela de pedras escuras.

“Muito lento, garoto.” – O homem diz, calmamente, em meio aos gritos da criança; – “Você já desistiu.” Tirando seu pé de cima de Albert, Solumbre se agacha e apanha o membro decepado. Ele bebe o sangue como se estivesse degustando vinho de um cálice. Um pouco do sangue de Albert escorre e molha as laterais de sua boca e do queixo do grande vampiro.

“Seu bosta! Seu merda! Eu vou te matar!” Albert chorava e berrava enquanto literalmente cuspiam as ofensas.

O jovem, agora liberto do peso do Superior, se levanta e corre para cortar o calmo guerreiro com sua mão remanescente. Solumbre não se surpreende ou se mobiliza para esquivar. Aceitando receber todos os danos do garoto, Albert rasga parte do maxilar do Superior, dá diversos chutes, os quais não são nada efetivos, e desfere diversos cortes na parte de seu abdômen. Esta cena perdurou por quase um minuto, até que, caindo sentado no chão, o garoto se esgotou pela perda de sangue.

“Eu não preciso te atacar para você morrer. Nesse ritmo, a perda de sangue causada pelo efeito da prata vai o matar em poucos minutos. Isso já acabou.” – Solumbre passa a mão nos ferimentos que rapidamente se regeneravam enquanto arrumava suas vestimentas danificadas; – “Estou satisfeito por hoje. Você está morto para mim Albert.” Virando-se para a saída, Solumbre deixa o jovem que, pouco a pouco, perdia mais sangue.

## **Ano 280 - Noite 22 ▪ Jardim de Papuria**

O ambiente que cercava a dupla não parecia ter mudado muito. O grande jardim aparentava apenas ter crescido em tamanho e quantidade de sua flora, mas não em variedade de elementos. Seguindo a trilha rochosa e passando por paredes de altos arbustos roxos, os dois vampiros andavam até a fonte que ficava no centro da estufa.

“Depois do nosso último combate, eu fiquei encarregado de visitar as vilas de nosso país e fazer o trabalho de Rkarina. Não entrei aqui desde então.” – Afirma Solumbre, andando calmamente; – “Fiz relatórios de todas as vilas nesses últimos anos. Sem pressa. Tudo que precisava fazer era ir até Rsmos e verificar a veracidade dos fatos da cidade-prisão. Contudo, fui impedido por uma ordem de Lavender sobre ficar aqui enquanto Rradia viajava até a terra dos elfos. Eu nunca adivinharia que você teria sobrevivido e ido juntamente da Ghoul para um lugar tão perigoso.”

“Sobreviver foi a parte fácil... Só precisei comer aqueles peixes da fonte e esperar minha regeneração retornar gradualmente.” – Albert andava polindo a espada de Aradia com a capa de seu manto rubro; – “A viagem com Rradia foi intensa... Elfos, espectros e exilados... Muitos pesadelos para poucas semanas.”

Termina suspirando. O restante do caminho eles passaram em silêncio, ao som ambiente das folhas violetas se movendo e do zumbir de algumas cigarras.

A fonte permanecia da mesma forma desde o último encontro há 42 anos atrás. Nos arredores da estrutura rochosa, ainda havia grandes e antigas manchas negras do sangue de Albert. Os dois encararam as manchas, pensativos, contemplando um sentimento nostálgico e doloroso.

“Bom... Você vai continuar do lado da Rainha que está fazendo negócios com o homem que matou seu irmão, não é?” Albert questiona se mantendo em posição de guarda alta e exalando fumaça de seus ombros.

“Meu irmão morreu por consequência da guerra que nossa general iniciou. Os Espectros atacaram vilas dos lycans, cidades élficas e também algumas províncias de Héros. Ela adquiriu um poder grande demais para suportar e isso matou meu irmão e sua mãe.” – Solumbre, cruza os braços, se recusando a brandir seu cutelo; – “Eu lhe trouxe aqui para dar uma olhada em onde você começou e comparar com o que você se tornou. Não precisamos lutar aqui novamente e fazê-lo pintar esse solo com seu sangue.”

Albert estava se convencendo de que Aradia pudesse não ser a resposta para seu futuro até que Solumbre disse sua última frase. O dito, fez Albert franzir suas sobrancelhas e se enfurecer.

“Espera... Você acha que vai me matar se lutarmos?!” – Ignorando todo o dito sobre Aradia e Lavender, o rapaz fica encabulado ao ser amplamente subestimado; – “Da última vez eu tinha 13 anos e quase acertei seu coração! Hoje eu sou capaz de dizimar exércitos sozinho, Solumbre!”

Abrindo sua guarda, de peito aberto, Albert desafia o vampiro.

“Não precisamos lutar... Você sabe que Aradia não é a resposta para nenhum futuro próspero. As decisões daquela vampira causaram a morte de Karina.” – Mantendo a postura de braços cruzados, Solumbre não perde a calma; – “Você envelheceu, mas continua imaturo e impulsivo. Exatamente como aquela mulher maldita. Se ela assumir a coroa de Héros, ela será a ruína final de nossa nação.”

“Você é uma decepção...” – A muitos metros do Superior, Albert aponta sua lâmina para o rosto de Solumbre; – “Um vampiro tão forte e tão burro... Indo contra seu próprio código de conduta. Você é o açougueiro. Mata criminosos para um bem maior. E os elfos continuam bem vivos pelo que vi...”

Olhando para baixo, Solumbre reflete encarando a palma de suas mãos. Suspirando, ele abaixa suas mãos para o local onde guarda seu cutelo. Retirando o objeto das amarras em seu quadril, o Superior ri.

“Sim, eu sou o Açougueiro. O Superior de Elite responsável por inúmeras chacinas.” – O homem segura firmemente a base da arma, chegando a danificar o punhal de madeira revestido; – “Eu mato criminosos em nome do bem estar do meu país. Eu mato criminosos como você, Albert.”

O nobre responde o espontâneo riso de Solumbre com um de deboche. Sacando sua pedra de amolar, Albert dá uma última afiada na lâmina de sua companheira.

“O verdadeiro crime foi deixar as coisas chegarem a esse ponto.” – Exalando ainda mais fumaça, Albert estava sério; – “Vou fazer você se arrepender de não ter me finalizado naquela noite.” O nobre some ocupando rapidamente todo o ambiente.

“Que assim seja...” Solumbre sussurra, entristecido.

Correndo em uma investida exalando muita fumaça, Albert brande sua arma pelo cabo com ambas as mãos. Solumbre se posiciona para receber o ataque diretamente e rebater a arma do nobre com força total. Contudo, surpreendendo o Superior de Elite, Albert se converte inteiramente em névoa por alguns segundos, assim passando por Solumbre e o enganando.

Já atrás do militar, Albert desferiu um corte diagonal de cima para baixo nas costas do grande alvo. O golpe rasgou o largo manto negro do Açougueiro que responde virando-se rapidamente com um giro que acertaria seu cutelo diretamente no pescoço de Albert. O alvo se transforma em névoa brevemente e se materializa a alguns metros do Superior.

“Ópa...! Está lutando contra um fantasma?!” – Provocou Albert, enquanto ria já longe do guerreiro; – “Você parece muito mais lento... Por acaso engordou?” O nobre girava levemente seu pulso e sua arma, já pensando por onde atacar em seguida. Ele notou que a resistência de Solumbre continuava, como sempre, anormal. Ele parecia não sentir os ataques de Albert e, por isso, conseguia contra-atacar quase instantaneamente. Albert reconhece o perigo em se aproximar de seu adversário.

Não respondendo a provocação, Solumbre bufa e retira seu manto. O grande homem usava por baixo de seu uniforme, uma leve cota de malha. Alguns pingos do sangue de suas costas caem no piso rochoso. Para Solumbre, o garoto estava muito mais rápido e preciso com sua transformação. Ele conseguia usar sua névoa em combate tanto para esquivar de ataques, quanto para tomar distância de seu inimigo. Restringindo em converter sua névoa apenas para momentos específicos, Albert parecia economizar bastante energia se comparado a quando solta completamente seu corpo por uma vasta área. Solumbre sorri diante do desafiador inimigo de potencial indefinido.

“Você é igualzinho ao seu pai...” – Solumbre libera as garras da mão que não estava usando seu cutelo e dessa vez toma iniciativa para ir até Albert; – “Tiveram sorte de nascer com a habilidade mais estúpida de todos os vampiros!” O nobre aguardava o avanço de Solumbre e permanecia exalando pouca fumaça para usá-la apenas quando necessário.

O ataque em carga desferido por Solumbre foi um corte baixo, que acertaria a lateral da cintura de Albert. Atendo-se em esquivar para trás, Albert se surpreende com a postura opressora de seu oponente. Logo após esquivar daquele ataque, outro já havia sido desferido pela garra do Superior, em uma velocidade ainda maior do que o primeiro corte. Sua mão livre era mais rápida que a mão ocupada pelo cutelo. As garras de Solumbre acertam Albert.

De cima para baixo, as afiadas unhas negras do canibal fílgaram o abdômen de Albert. Prendendo o nobre com uma de suas mãos, Solumbre não parou com apenas esse ataque bem sucedido. Em sequência, o próximo golpe seria com a mão que empunhava o pesado cutelo. Sem perder qualquer segundo, se aproximando ainda mais de Albert, que agora estava com sua guarda baixa, Solumbre desceu um golpe crítico e veloz de cima para baixo, como uma guilhotina, na área do ombro do rapaz. Não havia



tempo para qualquer esquiva e nem para transformar as partes de seu corpo em névoa rapidamente. O vampiro foi obrigado a liberar completamente seu nevoeiro.

Antes que pudesse se esquivar desaparecendo em meio a sua própria fumaça, o cutelo que descia rapidamente acabou fazendo um corte na lateral do pescoço de Albert. Nada profundo ou grave, porém aquilo não se regeneraria tão cedo e o faria perder sangue por algumas horas. Por fim, mesmo não tendo eliminado seu oponente naquele momento, o plano de Solumbre funcionou.

A estratégia de Solumbre era a mesma de quando treinava com Madson Sulkar, seu irmão. Como sua resistência e durabilidade sempre foram seu ponto forte, o vampiro abusava disso fazendo seus inimigos se cansarem usando quaisquer habilidades que os desgastassem. Quanto mais o combate durasse, maiores as chances de um fácil abate em um inimigo esgotado. Albert percebeu que não podia contar com o tempo a seu favor.

“Eu sou lento, não sou...?” Solumbre estala seu pescoço, despreocupado. Ele sabia que Albert não iria o atacar tão cedo e usaria seu tempo como névoa para elaborar alguma estratégia. O homem lambe o sangue que obteve de seu último ataque. Suas costas continuavam feridas pelo efeito da espada de prata.

Quase um minuto se passou até Albert se materializar novamente. Com sua regeneração comprometida graças ao primeiro ataque recebido pelo cutelo, seu abdômen continuava ferido. Ele estava sério e um pouco suado mas, ainda exalando fumaça, demonstrava que possuía energia para se esquivar novamente se necessário.

“É... Você certamente está no nível de um Superior.” Admite Solumbre, que caminhava na direção do garoto, pronto para mais uma sequência de ataques para o encurralar. Albert não respondeu.

Antes que Solumbre fosse até o vampiro, Albert saiu em disparada. O Superior de Elite entendeu que Albert não queria ficar na defensiva pois não havia recursos para aguentar os pesados ataques, assim tendo que gastar mais energia com sua névoa. Solumbre também correu em direção ao nobre.

Naquele momento, ambos pensavam na mesma coisa. Ambos queriam ser os primeiros a atacar para acabar aquele combate de uma vez por todas. Porém, seus focos eram completamente distintos.

Solumbre mirou com seu cutelo em mais uma tentativa de cortar o ombro do garoto, assim como fez com Lizha no combate na catedral. Com isso, mesmo que Albert

se esquivasse ou o acertasse com seu ataque, Solumbre teria sua segunda ação com suas garras e, desta vez, rasgaria o rosto do nobre. Era uma vitória certa.

Albert focou completamente em uma troca de armas. Seu foco era acertar o cutelo de Solumbre e desarmar o vampiro, assim, tudo que teria que se preocupar seria com o óbvio ataque de garras consequente. Se ele quebrasse a arma de Solumbre, isso poderia virar a luta.

O momento do encontro aconteceu. Albert foi mais rápido que o pesado Superior de Elite. Seu ataque foi bem sucedido e atingiu o alvo com precisão. O cabo de madeira do cutelo. Isso foi o suficiente para impedir o primeiro ataque, mas as garras de Solumbre continuavam vindo na direção de seu rosto. Porém, sabendo disso, desta vez o garoto já havia começado o processo de transformação com antecedência. Solumbre o atravessa. Solidificando-se em milésimos, o vampiro de cabelos grisalhos desferiu um único ataque, com força suficiente para perfurar o corpo de Solumbre e sua cota de malha, através dos espaços vulneráveis causados pelos danos anteriores desferidos nas costas do grande vampiro. O ato levou Albert à exaustão e não foi suficiente para parar Solumbre que, ainda com força total, virou um corte com suas garras que danificou parte do braço de Albert e atira seu corpo para longe.

Mesmo com uma espada de prata perfurando suas costas e penetrando seus órgãos internos, Solumbre não se curvava ou esboçava qualquer desconforto. Nos olhos do homem ferido, havia apenas a expressão de pena do garoto caído à sua frente. Jogado contra a fonte de água, rodeado por poças de sangue negro, Albert tossia com seu traje ainda mais sujo por seu próprio sangue que escorria de seu pescoço e com a manga rasgada graças ao último ataque de Solumbre. Além disso, o ferimento mais grave e profundo era o de seu abdômen. Sua única arma estava cravada nas costas de seu inimigo, que parecia ser invulnerável a todo e qualquer dano até então recebido.

Andando em passos largos, ainda com suas garras liberadas e com um semblante inabalado, Solumbre se aproximava do corpo de Albert, este, estava tonto e sentia que poderia desabar em breve.

“Seu rosto lembra o de Rkarina... Traços únicos que parecem sempre ter a resposta para qualquer pergunta...”

- Parando em frente à Albert, ele esboça um sorriso; - “Mas possuo a estupidez e o sangue sujo de meu irmão... Isso sem dizer o cabelo.” Ele levanta as sobrancelhas.

Ambos ficaram em silêncio por alguns segundos, se encarando. Um grande estrondo seguido de fortes luzes iluminavam o céu da cúpula. Isso os chamou a atenção. Albert aproveitou a situação para liberar suas garras de uma de suas mãos que estavam escondidas da perspectiva do alto vampiro.

“Dessa vez sua lâmina não quebrou...” – Solumbre olhava para o teto de vidro. Era óbvio que um conflito havia se iniciado. Ignorando os fatores exteriores, ele vira seu olhar para Albert que agora se encontra de olhos fechados; – “...Rdeus, Albert.”

“Rdeus, tio.” Disse Albert abrindo seus olhos e partindo para um último ataque usando toda força e velocidade possíveis para perfurar a garganta do Superior de Elite. Ele não se moveu ou esboçou qualquer reação. Uma lágrima correu pela lateral do rosto do Superior de Elite abatido.

Perfurando o interior do pescoço do Superior, Albert agarrou toda carne que podia e puxou com firmeza. Tentando dizer o que seriam suas últimas palavras, o corpo de Solumbre caiu ao lado da fonte e muito sangue é exalado tanto pelo ferimento causado pela espada quanto pelo dilacerar de sua garganta. Agora em pé, Albert também conseguia ver nitidamente que Solumbre havia deixado uma grande trilha de sangue pelo chão que passou. Ele poderia não sentir dor, mas certamente morreria por uma hemorragia causada pelo efeito da prata.

De cabelos derramados no chão e membros completamente estirados, o corpo de Solumbre permanecia imóvel, em volta de uma poça crescente de seu próprio sangue. A espada continuava cravada em suas costas e Albert não se atreveu a retirá-la.

Relembrando os primeiros momentos com seu mentor e parente enquanto contemplava a derrota daquele que nunca cogitou realmente vencer, Albert, já entorpecido pela perda de sangue causada pelo ataque do cutelo de prata, apenas tinha em mente sair daquele local e se unir a Aradia. Seu estado atual era deplorável, mas ele poderia ser de alguma valia para a Ghou. Pelo menos era o que ele pensava.

Antes de deixar o corpo de seu mentor e seguir para a possível guerra civil que estava ocorrendo fora dali, Albert se dirigiu até o grande sobretudo que Solumbre tirou após receber o primeiro corte em suas costas. Levantando-o e o batendo para tirar a sujeira ao jogá-lo no chão, o nobre o vestiu. Por Solumbre ser desproporcionalmente grande se comparado à maioria dos vampiros homens, o traje ficava largo em Albert e sua capa se arrastava pelo chão, da mesma maneira de quando Albert visitou o jardim pela primeira vez, vestindo a capa noturna de seu tio.

Ignorando o arrastar da capa, o nobre andou até a saída e com olheiras profundas pela batalha desgastante, inseriu sua mão no bolso interno do traje. Lá ainda estava o mesmo pedaço de papel dobrado que Solumbre havia mencionado há tantos anos atrás. Albert o encara por alguns instantes, sem demonstrar felicidade e o devolve ao bolso interno. Ele segue para fora do jardim.

...

O castelo de Lavender nunca esteve tão vazio e tão silencioso. Após trancar a porta do jardim e passar pelo pátio, Albert andava ofegante pelos corredores com uma mão sobre o ferimento em seu abdômen. Seu sangue respingou e criou uma trilha por todo caminho que percorreu. Além da dor, a sensação que o nobre sentia era de um gosto amargo em sua boca, como se sentisse que algo estava muito errado, mas não estivesse consciente o suficiente para saber o que.

Saindo do castelo, Albert via vampiros lutando uns contra os outros pelas ruas. Muitos usavam capas noturnas, mesmo ainda estando de madrugada, enquanto outros estavam usando armaduras e roupas comuns. Um corvo o acompanhava durante o trajeto.

“Que bando de idiotas... Ainda está cedo para vestirem suas capas.” Pensou Albert, enquanto mancava e atravessava a ponte que interligava a área nobre do castelo com a do centro da cidade.

“Hoje o dia de trabalho foi bom... Muito serviço... Eu preciso ir para casa e dormir.” – Continuava a pensar, enquanto caminhava devagar até sua casa. Ele ignorou muitos cadáveres de civis e soldados pelo caminho; – “Sim... Amanhã será uma noite ainda melhor.” Ele tropeça. A leve queda o deixou por lá. Caído e com sua visão turva, o vampiro permanecia com a mão em seus ferimentos, tentando estancar os sangramentos.

“Eu não vou desistir de novo. De novo não.” – Agora sussurrava, lembrando de quando Solumbre quase o matou quando era uma criança; – “Eu vou sobreviver... Eu não vou...” Ele não termina.

## **Capítulo 22 - A Guerra De Uma Noite**

### **Ano 280 - Noite 22 ▪ A Última Dança**

“Não temeis, pois tais Espectros jamais farão mal algum para aqueles que seguem verdadeiramente a vontade de T tormenta...” – Aradia permanecia discursando, olhando para todos abaixo das escadas e sorrindo, esbanjando convicção e confiança; – “...Não fugireis, sabendo que o sangue vampírico derramado para alimentar tais criaturas já fora suficiente...” Os uivos e rugidos guturais se misturavam em meio aos murmúrios de nervosismo dos vampiros daquela noite.

“Você brinca com forças que não conhece, Aradia!” – A pálida e cansada Rainha estava eufórica e fazia grande esforço para se impor. Lavender se aproxima da Ghoul e agarra sua mão, ficando frente a frente com a poderosa e temida general; – “Vamos parar com isso! Ninguém precisa morrer!” A mesma estava nervosa, temendo que as criaturas noturnas pudessem fazer mal a seus súditos. Aradia ri, se afasta de Lavender e continua o seu pronunciamento olhando para o povo.

Se apressando para que nenhum segundo fosse em vão, Khalid vai até a enfraquecida Rainha e sutilmente toca a palma de suas delicadas mãos. O Semi-Ghoul Superior de Elite, muito conhecido por sua lealdade a Lavender, olha a mesma nos olhos e sorri, comportamento atípico de sua índole devido a sua constante falta de carisma.

“Absorva minha vitalidade. Você vai precisar de energia para enfrentar Aradia no pior dos casos.” – Ele estava com o corpo relaxado, esperando que Lavender consumisse sua energia; – “Não temos outra opção no momento e precisamos de você em seu melhor estado, senhorita Lavender.” Khalid reafirma, sabendo que Lavender hesitaria em o ferir propositalmente.

Permanecendo receosa em usar seu subordinado para reabastecer as energias perdidas através do sangue cedido anteriormente, Lavender inicia o processo de dreno vital. Segurando com força as mãos de Khalid, à medida que os segundos se passavam, as falanges do vampiro escureciam e se tornavam cada vez mais podres. Triste em ter que ferir Khalid, Lavender recuperava a sua coloração vívida e suas forças.

O dreno vital é um subterfúgio dos vampiros que os poupa da necessidade de ingerir alimentos e também os faz ter energia suficiente para ficarem acordados por tempo indeterminado. Quando um vampiro absorve a vitalidade de outro, geralmente, são necessários meses para que a vítima recupere sua carne ao estado original. Porém, a reserva energética de Khalid era tanta que, mesmo com Lavender drenando sua essência ao máximo, poucos segundos foram necessários para que o Superior de Elite se recuperasse com sucesso.

“Estou um pouco tonto... Mas isso logo passará.” Afirma afastando-se da Rainha já completamente recuperada.

“Esta mulher assumiu o trono em um momento de instabilidade. Héros passava por uma forte crise e não haviam sucessores em dado momento. Eu estava em busca de poder enquanto minha irmã lutava para permanecer neste mundo após os males da guerra... Assim, com o apoio do mais infame dos sacerdotes, Lavender assumiu o trono e cometeu todos os erros que uma Rainha poderia evitar.” – Lavender se surpreende com a audácia da Ghoul. Aradia sorri em deboche; – “Eu já dominei e compreendi o poder e vontade dos Espectros... O que faz de você a única que brinca com forças que não compreende, queridinha dos sacerdotes.” Liandre se enfurece com a provocação, porém nada faz temendo o início de um conflito maior. Lavender perde a paciência.

“Como ousa mentir para o povo de tal maneira? Eu estudei o poder e as origens dos sacerdotes a minha vida toda! Nunca evoquei qualquer poder que pudesse causar males aos meus semelhantes! Sua busca por vingança incitou uma nova guerra e o poder encontrado foi alimentado pelos corpos de vampiros inocentes! Você é o único inimigo de Héros, Aradia! Não...! Você é o único inimigo de Mayah!” – Dando um passo à frente e se referindo ao povo, agora com iniciativa e vontade de sobra, Lavender continua; – “Após grandes negociações a longo prazo, nossas relações internacionais estão consistentes e, se continuarmos desenvolvendo nosso solo junto com Ikarus e outros sacerdotes, poderemos ter grandes colheitas no futuro. Não precisaremos nos rebaixar a atacar outros seres e criar novas guerras para sobreviver.” Dizia com confiança. Aradia gargalha, como se todo o plano de Lavender fosse uma grande piada.

“Lavender, Lavender... A escolhida para substituir o trono de Tormenta...” – Massageando seus olhos, Aradia ainda ria; – “Seu plano é esperar a aniquilação de nosso povo... Sua estratégia é contar com a piedade de Keen e Morenar...” Aradia andava devagar, descendo os degraus até a multidão.

“Temos medidas para contenção caso um ataque seja feito, mas não iremos dar mais motivos para nossa raça ser alvo de elfos e lycans... O passado já nos ensinou o resultado de irmos contra aqueles que almejam paz.”

Argumenta Lavender.

“Você não viveu o passado primordial... A verdadeira paz instaurada pela primeira vampira...” – Aradia dizia sem olhar para trás, mas sim para a multidão que estava cada vez mais próxima; – “...Já passou da hora de você devolver essa coroa para a verdadeira sucessora.” Sugere, ao descer o último degrau e virar-se para a catedral, onde, na entrada estava Lavender e os dois

Superiores de Elite. A maioria dos vampiros não via mais motivos para apontar suas armas para Aradia.

“Pronto, agora que eu tô cheiroso e pimpão, podemos dar início a mais uma noite de trabalho.” – De cabelos ainda molhados após seu banho demorado, Allith se aproximava da grande multidão que cercava Aradia. Graças ao seu renome, a plateia desviou sua atenção ao Conselheiro para entender seu posicionamento em meio ao impasse; – “Mas, deixa eu ver se eu entendi direito... Então Aradia Tenebre é mesmo a primeira filha de Tormenta?! Isso explicaria o motivo de seu sobrenome ser o nome da capital. Pelo visto Tormenta não era uma mulher muito criativa.” Allith ironiza enquanto bagunçava seus cabelos ainda molhados na tentativa de secá-los.

“Allith, onde está o prisioneiro? Não o deixou sozinho novamente, deixou?” Dizia Lavender no alto da entrada da grande catedral. Atrás da Rainha, Liandre sorria ao perceber que seu primo estava presente e poderia usar sua lábia para apaziguar a emoção que Aradia havia provocado.

“Aquele homem não irá a lugar algum, Lavender. Isso eu garanto.” – Andando e vestindo sua jaqueta mesmo com boa parte do seu corpo ainda molhado, Allith não apresenta medo mesmo sob o olhar intimidador da grande general Ghoul; – “O descendente de Venut não se juntará a nós por enquanto.” Termina vestindo sua jaqueta e, brevemente, se transformando em corvo.

Fazendo o negro tecido de suas calças importadas de lã e de sua jaqueta escura de couro se converterem nas penas de suas asas, Allith sobrevoou o local até se posicionar ao lado de Lavender. Os civis e guardas, admirados pelo dom do popular Conselheiro, observavam a bela transformação. Retornando a sua forma anterior, Allith suspira e põe-se de pé, mais uma vez, cumprimentando Lavender, Khalid e sua prima. Os dois últimos se encontravam a alguns metros da Rainha e de Allith.

Diferente da Rainha e da Superior de Elite, Khalid sempre duvidou de Allith e não o considerou seu aliado. Mesmo após o episódio em que Allith havia invadido a Última Dança e entregado a Lavender as provas contra Aradia acerca dos Espectros, Khalid nunca se convenceu completamente de que aquele homem agia por lealdade ou amor a sua atual Rainha.

Apoiado em um dos portões abertos da catedral, o Superior Imortal e devoto de Lavender se aproxima de Liandre e sussurra:

“Podemos confiar em seu primo?” Pergunta o Semi-Ghoul de olhos sérios e pouco avermelhados.

“Ele sempre foi um babaca, mas não é burro a ponto de seguir uma vampira suicida com delírios de grandeza.” – Liandre cruza os braços e, mais uma vez, estremece sua língua bifurcada; – “Estou mais preocupada com Solumbre. Ele já deveria ter retornado de seu encontro com Albert...” Diz preocupada.

“Onde aquele brutamonte foi parar? Resolveu levar o sobrinho passear em uma hora dessas?!” O Imortal diz agoniado.

“Não precisamos dele. Foi bom ele ter tirado Albert daqui pois, se um combate se iniciasse, sua névoa poderia tornar tudo mais difícil para que eu pudesse me localizar e assim proteger Lavender... Aradia teria a vantagem.” – Admite entristecida a vampira de visão debilitada; – “Se o pior acontecer, vou usar meu veneno contra Aradia e ela cairá em poucos minutos. Quando Solumbre chegar aqui tudo já estará em ordem.” Termina Liandre, retomando uma postura mais rígida e confiante. O momento de cochichos entre os vampiros foi rápido, tendo em vista que Allith estava para se pronunciar. Dependendo de seus argumentos, o posicionamento do Conselheiro poderia mudar completamente o futuro do recém iniciado debate.

“Vamos ser breves... Ninguém aqui está com paciência para ouvir enrolações pacifistas ou longas histórias de guerra e vingança...” – Allith cruzou os braços e o povo concordou. Tudo o que eles queriam era uma resposta única e direta sobre qual era o caminho certo a seguir; – “Para acabar logo com todo esse clima, eu sugiro que vocês duas digam brevemente a razão por trás de suas motivações. Creio que após isso nós, vampiros de Héros, iremos decidir quem será presa, executada ou qualquer outra pena horrível...” Dizia o Conselheiro, como se tal acontecimento fosse a coisa mais natural e sensata a se fazer.

“É claro. Eu aceito o futuro que meu povo decidir.” – Declara Aradia em tom confiante; – “Pode começar, Lavender. Acredito que, como você atualmente ocupa o posto de Rainha, também deva ter prioridade de explicar seus planos e motivos.” Tanto guardas quanto civis admiraram o ato cortês e despreocupado da general Ghoul. Ainda sim, os olhares curiosos estavam direcionados agora ao topo da escadaria. Lá, Lavender se concentrava para começar seu argumento.

“Bom... Creio que minhas intenções já estejam bem claras... Meu plano tem sido desenvolver estrategicamente Héros, para que a terra possa novamente ser fértil. Podemos prosperar como nação e temos todo o apoio dos sacerdotes, elfos e lycans para isso.” – Ao mencionar as outras raças, olhares receosos e sussurros começaram entre a multidão; – “Sei que vocês ainda não superaram as consequências da guerra e queiram vingança... Este desejo não irá trazer qualquer benefício



para nós futuramente. Já perdemos duas guerras no passado e agora estamos começando a recuperar nossas forças para um novo começo. Vocês desejam transformar essa oportunidade em uma terceira derrota?” Lavender termina e olha para Allith, o mesmo levanta suas sobrancelhas e contrai seu lábio inferior.

“Profundo, profundo... É de se pensar... Elfos, lycans e vampiros trabalhando juntos ao invés de guerreando entre si... Eu imagino quais seriam os limites que poderíamos alcançar.” Coçando seu queixo pelado, ainda um pouco pensativo, Allith olha para Aradia e acenta com a cabeça, indicando que poderia dar seu ponto.

“O Rei dos elfos, Keen. Aquele que você por anos trocou cartas, tem um Ghoul preso em seu castelo.” – Aradia solta. Todos, sem exceção, ficam surpresos com a declaração; – “Em minha viagem até Salos, meu informante me revelou que Keen mantém um vampiro trancado em seu subsolo, e lá faz diversos experimentos e o tortura frequentemente. O vampiro em questão é meu irmão. O Ghoul, Nério Tenebre. Um dos cinco filhos diretos de Tormenta.” Lavender estava boquiaberta e nada disse. Aradia, que antes estava confiante e demonstrando uma forte postura ofensiva, agora falava em um tom de voz ameno e quase choroso. Ninguém ousou interromper a general.

“Nério foi o último filho concebido por Tormenta. Ele nasceu com uma mentalidade muito mais lenta que eu, Lizha e os outros... Era um vampiro muito diferente.” – Ela passa a mão em seus ombros ao lembrar do passado; – “Meu irmão herdou as habilidades de manipular emoções e se transformar em qualquer criatura noturna, e tinha um amplo domínio sobre tais habilidades. Pode-se dizer que foi o maior antecessor das famílias Lazor e Kassar.” Naquele momento, Allith se arrepiou e seu olhar se encontrou com o de Liandre.

“Mas não se enganem!” – Em voz alta e retomando sua postura ofensiva, Aradia quebra o momento de silêncio e reflexão; – “Eu não quero que fiquem ao meu lado por pena! Não! Eu sou a inimiga do mundo! Eu sacrifiquei meu povo pela vitória de nosso legado! Eu destruí seu lar, Bankas, usando meus subordinados como peões! Sim, eu sou a filha da vingança!” A mulher lacrimejava e, com suas sobrancelhas cerradas, não escondia sua dor interna ao assumir seus crimes. Sendo assim, sem medir esforços, ela libera suas asas e garras, empurrando para longe todos aqueles que estavam perto de si.

“Aqueles que lutam por Tormenta e rejeitam as esmolas dos elfos e sacerdotes, **rasguem** suas capas noturnas e fiquem ao meu lado! Eu iniciarei uma nova guerra e um novo tempo para Héros! Eu serei a nova Tormenta!” Muitos vampiros gritaram de emoção, outros de medo. Muitos rasgavam suas

capas noturnas, outros as vestiam e fugiam. Porém, todos, sem exceção, sentiam-se intimidados pela lendária guerreira e os estrondos dos Espectros que poderiam surgir a qualquer segundo.

“Bom, conflito resolvido!” – Diz Allith sorrindo desconcertado, sem saber que cara fazer em tal situação; – “Espero que não me odeie por isso, Lavender.” Olhando para a Rainha espantada, o Conselheiro se despede ao rapidamente se transformar em corvo e voar apressadamente para longe.

Assistindo do alto, tanto o corvo negro que voava, quanto a Rainha no topo das escadas, sentiam imenso desconforto ao ver os vampiros se digladiando. Os civis encapuzados usavam suas garras para rasgar o rosto desprotegido dos guardas armadurados, enquanto os mesmos se defendiam com suas espadas e flechas de prata. No meio de todo o caos e tumulto, Aradia parecia coordenar o conflito, indicando para aqueles que estavam ao seu lado o que deveriam fazer e a quem atacar.

Atravessando a rua, uma flecha de prata é disparada por um dos guardas, e esta perfura o ombro de Lavender. Levada pelo impacto, a Rainha dá passos para trás com a mão no ferimento. Khalid e Liandre correm para socorrer a soberana.

“Tudo bem, não é grave.” – A vampira tranquiliza seus aliados; – “Precisamos apaziguar esse conflito... Liandre, vá até o covil em nosso castelo e busque pelo prisioneiro. Aquele exilado pode acalmar as mentes de todos por aqui. Khalid, fique comigo até que Solumbre e Liandre retornem.” As ordens foram rápidas e precisas.

“Mas Rainha Lavender, meu veneno poderia facilmente derrubar Aradia! Nem mesmo ela teria chances contra minha transformação.” Liandre proferiu sem modéstia.

“Não se transforme. Sua forma quimérica é muito grande e causaria muita destruição, além do aumento considerável de mortes. Use isso apenas se Aradia convocar seus Espectros.” – Lavender retirava a flecha de seu próprio ombro com cuidado, enquanto Khalid estancava o sangramento; – “Agora vá! Eu e Khalid iremos segurar Aradia aqui.” Liandre concordou e, liberando suas asas, voou em direção ao castelo.

Correndo com a mão acima de seu ferimento, Lavender adentrava a catedral junto de Khalid. Espalhados pelo ambiente, ainda haviam destroços de madeira e cacos de vidro dos antigos vitrais. O Imortal Superior de Elite parou no meio do caminho e deixou sua Rainha seguir para o altar. Lá, ele arregaçou as mangas de seu manto negro e aguardava Aradia, para a segurar o máximo de tempo possível.

“Sacerdote de classe 5, Gustav. Criador de inúmeras línguas e responsável pela comunicação entre todos os sábios. Eu preciso que crie uma conexão com todos os sacerdotes ainda vivos imediatamente!” – Exige Lavender em voz alta e de olhos fechados. O sangue que escorria de seu ombro começa a evaporar em contato com o ar; – “É possível que eu seja obrigada a usar todo o sangue de meu corpo para manipular os poderes dos sábios e assim deter a ameaça que está a se aproximar!” A firmeza em suas palavras refletia sua determinação.

**“Sei que compreende os riscos de tal ação. Também sei que está ciente de que o sacerdote Héros e a sacerdotisa Vianna estão nas proximidades de Tenebre.”** – A rouca voz do velho sacerdote deformado ressoava pela mente da Rainha; – **“Enfim, como desejar...”** Ao terminar sua fala, Lavender sente uma forte dor de cabeça e gradualmente percebia as conexões entre os sacerdotes sendo realizadas uma a uma. Seriam necessários alguns minutos para que todos os sacerdotes ativos estivessem em sintonia com a vampira.

“Uma falsa Rainha dirigindo suas preces para falsos salvadores... Não me surpreende. Seus ídolos não a salvarão de meu julgamento.” – Aradia caminhava de asas abertas e garras liberadas pela entrada da catedral. Em suas mãos, havia muito sangue vampírico. Ela olhava em volta, ainda decepcionada pelo fim dado à sua casa, enquanto se aproximava de Khalid; – “Somos família, Khalid. Diferente de sua irmã, Kalinda, você é um filho direto de Cassandra, com outro vampiro. Você é um Semi-Ghoul puro com enorme potencial regenerativo... O eliminar não é meu desejo.” A general afirma com olhos calmos enquanto usa o sangue dos inimigos derrotados para hidratar seus lábios e retocar sua maquiagem negra. Os gritos do conflito de fora da catedral ressoavam por todo o ambiente.

“Eu também não desejo a enfrentar, Aradia. Mas quero que entenda que minha devoção por Lavender não é cega.” – Aponta Khalid; – “Deveríamos nos unir por um único objetivo. A união de nossa raça é o único meio de trazer à tona todo nosso poder.” Argumenta o Superior de Elite.

“Eu concordo.” – Aradia sorri; – “Com a minha ascensão, nosso povo estará unido novamente e completamente focado nos inimigos de fora de nosso território.”

“Errado. O golpe que está tentando dar apenas irá enfraquecer a posição absoluta do trono. Além do massacre que já iniciou lá fora.” – Khalid estava sério e preparado para entrar em combate a qualquer segundo; – “Nossa natalidade é a mais lenta de todas as raças. Cada morte é custosa para nosso exército e nossas defesas!”

“Mais vale um exército pequeno com os vampiros certos do que uma vasta legião correndo para um abismo...” Aradia responde, ainda contemplando os destroços de seu lar.

“Em que mundo você acha que um pequeno exército de vampiros poderia subjugar os elfos e os lycans simultaneamente?! Mesmo com os Espectros, eles encontrariam uma maneira de nos atacar durante o dia e, assim, seus monstros de nada serviriam!” – O argumento de Khalid vinha raivoso. Aradia ouvia com atenção, sem mais olhar diretamente para o vampiro; – “É uma guerra impossível. Uma vingança sem propósito e suicida. Você não vê?!”

“O que eu vejo é que, ao tirar a linhagem direta de Tormenta do trono, abrimos margem para atos inadmissíveis contra nossa raça. Meu irmão não foi morto por Keen, mas sim, preso e torturado. E, mesmo assim, Lavender deseja fazer negócios com tal homem.” – A mulher retrai suas asas; – “Seu argumento não está errado. Você possui intenções puras e sensatas para nosso futuro... Você é como Albert. Gostaria de seguir uma liderança que traria esperança e prosperidade à Héros... Porém, diferente daquele nobre, você não está disposto a colocar seu coração nas mãos de uma divindade. Você optou pela razão de uma Rainha mentirosa. Por respeito à sua falecida mãe, vou lhe dar uma última chance para sair da frente e se retirar de todo esse conflito.” A general espera a resposta do militar. Khalid não responde e prepara sua guarda alta.

“É uma pena.” – Aradia suspira fundo e contrai seus músculos; – “E assim se vai o último dos Semi-Ghouls...” Correndo, ela parte para cima do homem.

A velocidade da Ghoul era muito inferior à de sua irmã, porém, era notório para Khalid que nenhum dos movimentos da general eram em vão. Ao ficar corpo a corpo com Aradia, tudo que Khalid pôde fazer foi se defender com seus braços, os quais rapidamente foram decepados pelas garras afiadas da vampira. Na mesma velocidade e eficácia que os músculos e ossos de Khalid eram cortados, os mesmos se regeneravam. Seus ossos eram reconstruídos em segundos, enquanto seu tecido muscular e ligamentos os envolviam. Por fim, uma camada de pele surgia e cobria completamente o novo membro criado dentro de poucas respirações.

“Impressionante... A regeneração e libido de Cassandra sempre foram extremamente anormais. Fico feliz em ver que, pelo menos o primeiro, você herdou com maestria.” Aradia sorri e, mantendo rígida a palma de suas mãos, as enfia no peito de Khalid, como lâminas, sem muita dificuldade.

O Superior de Elite, que empunha o título de ‘O Imortal’, não é nenhum guerreiro. Esta função era cobiçada pela grande maioria dos vampiros que ingressaram no ENH, porém não Khalid. Desde sempre durante conflitos e até mesmo na Guerra

Final, sua vitalidade quase ilimitada serviu de combustível energético para seus parceiros. Quando lutava ao lado de Solumbre e Liandre, o Imortal fazia o canibal ser uma máquina incessante de carnificina e assim ganhavam tempo suficiente para o surgimento da transformação completa de Liandre. Por isso, Khalid sempre optou pelos estudos médicos ao lado de Lavender, sua mentora e grande inspiração.

“Eu lhe dei uma brecha para efetuar um contra-ataque... E ainda sim, você não reagiu.” – Demonstrando decepção em seu tom e seu olhar, Aradia empurra o vampiro com força contra a parede do santuário, e o bate fazendo-a estremecer. Aproximando seus lábios de uma das orelhas do vampiro, Aradia sussurra; – “É condizente que o Semi-Ghoul mais próximo a Lavender também seja o mais fraco.”

Com ambas as mãos tocando o interior do peitoral do vampiro, Aradia sentia a acelerada regeneração selar seus braços ainda dentro de seu inimigo. Os músculos de todo o peitoral do homem estavam completamente contraídos, e todo dano interno era instantaneamente curado. Sem ter como continuar a atacar seu alvo, Aradia percebeu que estava imobilizada e o objetivo de Khalid em ganhar tempo para Lavender estava se concretizando. A Ghoul gargalha alto e seu riso ecoa por toda catedral.

“Bravo! Você me pegou!” – A vampira parecia estar se divertindo com o combate sangrento; – “Só esqueceu de um detalhe, jovem Khalid...” – Aradia para de rir e, expressando seu sadismo em um sorriso largo e fechado, fita os olhos do rosto que estava cara a cara; – “...Assim como Tormenta, eu também trago a morte para todos aqueles que toco.” O vampiro sentiu um forte formigamento percorrendo por seus pulmões.

O toque da putrefação. Uma habilidade única de Tormenta. Diferente do dreno vital, o toque da morte não absorve a energia de seus alvos, mas sim, os empurra grande quantidade de energia negativa que desgasta e apodrece qualquer tipo de matéria.

Mesmo com o dito por Aradia e com o sentido no interior de seu peito, Khalid não estava preocupado. Ele já havia ouvido falar sobre as lendas acerca da épica habilidade de Tormenta, mas possuía convicção de que, mesmo que tal feito pudesse ser eficaz em vampiros, o mesmo não seria mais rápido que sua regeneração. O conhecimento teórico, entretanto, não condizia com a realidade, uma vez que, gradualmente, sentia sua regeneração cessar e seu peito se desgastava. Aradia continuava sorrindo.

“Aradia... Como?!” O homem agora sentia seus órgãos se desmancharem e toda regeneração de seu corpo cessando. Um grande enjoo se alastrou por seu ser e a cada segundo que passava o peito de Khalid apodrecia mais e mais. Aradia já conseguia tirar suas mãos de lá sem problemas, mas não o fez. Percebendo que o vampiro não duraria

mais de um minuto, ela para de sorrir e seu semblante se convertia em seriedade e respeito ao quase morto Semi-Ghoul.

“Eu o parabenizo, Ķhalid. Faz mais de um século desde a última vez que usei isso em um vampiro... Talvez por isso você não saiba que além de ser praticamente uma sentença de morte, o toque também inutiliza qualquer regeneração.” – Ela traz o corpo enfraquecido de seu sobrinho para perto de si. Ela olha para baixo, pensando muito nas últimas palavras que proferiria para seu querido inimigo; – “Mande lembranças a minha mãe e diga que o trono de Héros retornará a sua verdadeira Rainha.” Após a breve despedida, através de suas mãos, Aradia projeta uma grande onda de energia negativa para dentro do Superior de Elite. O ataque fez o corpo de Khalid se converter em ossos e carne pútrida e pestilenta, cobertos unicamente pelas roupas do falecido que caíam sobre seus restos despejados no chão do sacramento.

“A morte é uma libertação... O sofrimento é abominável...” Aradia sussurrou, sem perceber que Lavender rezava em voz baixa.

...

Descendo rapidamente a infinita escadaria, rodeada pela escuridão e pelo aumento da umidade nas paredes rochosas do recinto, Liandre cuidadosamente se esgueirava à procura do precioso exilado. A ausência de luz não era relevante para a vampira de visão limitada, já que a mesma permanecia se localizando com o auxílio dos movimentos de sua língua.

“Klaustro...? Está por aqui?” Embora sua voz não demonstrasse, Liandre estava com pressa. Ninguém respondeu o chamado, contudo, foi possível ouvir o som de água em movimento.

Chegando finalmente na construção subterrânea, a Superior de Elite estava diante de uma grande piscina a poucos metros de uma cela aberta. Na água, um homem emergia de seu mergulho. Ele estava nu, porém a água era turva e escondia os detalhes de seu corpo imerso. Percebendo a presença da mulher, Klaustro tomou um susto e reagiu rindo:

“Caramba, eu não te vi aí!” – O exilado ria mostrando os dentes; – “Você tinha dito algo agora pouco? Eu estava debaixo d’água, então não ouvi nada.” Afirma indo para a beira da piscina.

“Você deve ser Klaustro.” A afirmação, na verdade, era uma suposição. Devido a sua visão, Liandre tinha dificuldades em reconhecer detalhes em traços faciais e, por isso, não tinha certeza se o homem à sua frente, era realmente o prisioneiro indicado por Allith.

“Sim, e eu sei o que vai dizer. Eu deveria estar preso naquele cubículo e não aqui me deliciando na piscina da nobreza. Eu sei, eu sei... É que eu e Allith negociamos e -”

“Eu não ligo.” – A mulher o interrompe, indo na direção do prisioneiro e estendendo sua mão; – “E também não me importo com os crimes que cometeu. Você é um Frieden e pode salvar centenas de vidas hoje. Agora venha!” Ordena esperando a ação do exilado.

...

“Sacerdotisa Fidelitas, detentora da vida e da morte, corte toda vida de Aradia imediatamente!” Grita Lavender com olhos cheios de lágrimas.

Deixando os restos de Khalid próximos à parede lateral da igreja, Aradia andava até o corredor central que a levaria ao altar, onde estava Lavender. Assim que a Rainha púrpura recitou tal mandamento, Aradia parou. Seus olhos se arregalaram e a vampira sentia como se todos os nervos de seu corpo estivessem se contraindo. Cada ligamento parecia mais rígido e, em sua frente, a Ghoul presenciava uma turva silhueta espectral.

Uma estranha figura esfumada e feminina, com mais de dois metros de altura, havia surgido à frente de seu corpo paralisado. Uma das mãos da fantasma era como duas lâminas de uma grande tesoura. Aproximando as lâminas do pescoço de Aradia, a mesma tremia e forçava toda a estrutura de seu corpo, se esforçando para resistir à poderosa energia. Sem resultados em usar a força bruta, a vampira cerra os olhos com força.

As delicadas mãos da sacerdotisa projetada por Lavender encobriam o pescoço de Aradia. De uma só vez, as lâminas se cruzavam e como uma tesoura, fecharam seu corte no pescoço da Ghoul. Um corte limpo. Contudo, nada havia acontecido. As duas lâminas presentes nas mãos da sacerdotisa, tremiam. Mesmo forçando ao máximo, algo impedia a sábia de encerrar a vida de Aradia. A general abre seus olhos, olhando diretamente para Lavender, a qual permanecia pasma com a situação.

“Eu não sou capaz de destruir diretamente a alma de Aradia. No que tudo indica, a mesma parece ter vendido sua essência a um ser superior. Na verdade... Uma entidade superior.” A voz da sacerdotisa ecoava por toda catedral, competindo com os gritos do conflito de fora.

“Então vocês sacerdotes também o conhecem...” Aradia diz com dificuldade. A turva manifestação da sacerdotisa ignora a afirmação.

“Esta entidade que prefiro não nomear detém a posse da alma de Aradia e, portanto, meu poder não é suficiente para causar danos a sua propriedade. É também graças a este ser de enorme poder que Aradia é capaz de convocar aquilo que vocês chamam de ‘Espectros’.” – A sacerdotisa desaparecia aos poucos; – “Não há muito o que eu possa fazer, Lavender. Os outros sacerdotes podem ser mais efetivos que eu para destruir o corpo de Aradia. Boa sorte.” Fidelitas desaparece.

No mesmo instante em que a sacerdotisa deixou a sala, Aradia começa a formar Espectros por todos os cantos da grande catedral. Os monstros grunhiam e gritavam entre tons roucos, graves e agudos, e as sombras de todos os cantos se condensavam em grandes monstruosidades negras, constituídas de fumaça escura e mortal.

Antes que Aradia retomasse controle de seu corpo paralisado, e que os seres compostos de energia negativa pudessem fazer seu primeiro movimento, Lavender grita e conjura uma forte explosão de luz, a qual ilumina completamente a catedral em menos de um segundo e acaba com todas as criaturas sombrias. Aradia berrou em protesto.

Irradiando energia positiva de maneira similar a Ikarus, todo o ambiente permanecia iluminado. A cada segundo que se passava, a pele de Aradia se desgastava mais e, mesmo com sua ampla resistência, a vampira estava muito próxima da origem da luz. Não demorou para a general se ajoelhar enfraquecida. Sabendo que sua essência não seguraria Aradia por muito mais tempo, ainda mantendo sua luz, Lavender decide convocar outro sacerdote para finalizar o confronto.

"Sacerdote Sifus, arquétipo da destruição! Eu sacrifico tudo! Apenas-" O alto chamado de Lavender é interrompido por uma forte dor de cabeça que derruba a Rainha e a faz cair de joelhos vomitando sangue. A forte irradiação solar de positividade provinda de Lavender havia cessado.

**“Nunca me conjure enquanto estiver rodeada de positividade, criança!”** A grossa voz do furioso sacerdote ecoava na cabeça de Lavender. Todo sangue rubro exalado pela vampira havia sido apropriadamente evaporado e cedido aos sacerdotes. Lavender se sentia cada vez mais fraca.

Em um rápido movimento para pôr-se novamente em pé, ainda um pouco desnorteada, Lavender continua sua conjuração:

“Desintegre Ara-” Antes que pudesse finalizar a ordem, Aradia já estava no altar, bem a sua frente, com uma de suas mãos tocando o coração da Rainha. Em respiração ofegante, boa parte do rosto de Aradia estava em carne viva e um de seus olhos havia sido completamente inutilizado pela forte luz. A Ghoul agora ria, sentindo o cheiro do vívido sangue que desde sempre almejou degustar. Lavender continua sua frase; – “...dia.”



**“Seu desejo é uma ordem, Lavender.”** O sacerdote confirma, deixando de lado o evento anterior.

Arrancando o coração do peito de Lavender, enquanto empurrava a Rainha, a filha de Tormenta ria em êxtase percebendo sua vitória. A euforia não durou por muito tempo, tendo em vista que, subitamente, Aradia sentia que todo seu corpo iria se desfazer a qualquer segundo. Andando para trás, com ambas as mãos em seu rosto, a vampira sussurra de maneira concisa:

“Oblívio... Impeça.” Um ar pesado se instala por todo o altar. Aradia sentia-se bem novamente.

Caída no chão, com suas costas apoiadas na parede do altar e com ambas as mãos no grande ferimento aberto causado pela Ghoul, Lavender respirava fundo enquanto olhava para um ponto fixo, tentando fazer sua regeneração a manter viva por mais alguns segundos. Todo sangue exalado em seu peito era rapidamente evaporado ao entrar em contato com o ar.

Já com os ferimentos de seu rosto completamente regenerados, Aradia se aproximou da Rainha caída:

“Você lutou até o final. Com ou sem honra, eu admiro um adversário que deu tudo de si em um combate.” –

Aradia se agacha, ficando cara a cara com a Rainha, que foca seu olhar púrpura nos olhos vermelhos da Ghoul; – “Assim como Tormenta, você não é uma guerreira. Mas lutou como uma. Pelo menos nesse aspecto você honrou a coroa que possui.” Lentamente, a general desce seu rosto até o pescoço de Lavender e, em um único movimento, o abre com seus dentes.

Dilacerando completamente os músculos de Lavender, a Ghoul se deliciava com o doce sangue que não provava desde a existência dos seres humanos. Aradia precisou ser breve, pois, em segundos, cada gota de sangue exalada era evaporada. Isso não impediu a vampira de se deliciar, tendo em vista que sua sede era infinitamente maior que o comprometimento dos sacerdotes em relação ao acordo com Lavender.

Durante o processo do consumo dos órgãos vitais de Lavender, os gritos e estrondos vindos das ruas de fora da catedral cessaram. Em conjunto, civis feridos, guerreiros exaustos, entre outros vampiros, se reuniram no interior da Última Dança, para averiguar o resultado do confronto entre Aradia e Lavender. Bastava apenas um breve vislumbre para entender quem havia sido o vencedor.

Ainda de costas para a multidão, Aradia não apressou sua refeição. Mesmo assim, não foram necessários muitos minutos para a finalização da mesma. Ao fim do ato, Aradia pôs-se em pé, de costas para o grande aglomerado. Pelos vãos em suas costas, suas grandes asas negras foram liberadas e, só então, a vampira virou de frente para o povo. Em seu rosto não havia uma gota sequer de sangue, apenas um largo sorriso de uma mulher completamente satisfeita com seus feitos.

“Minhas filhas e filhos... Este é o início de uma nova era!” – A vampira fecha seu punho; –

“Animem-se! Pois, o próximo passo de nossa nação é a aniquilação total de elfos e lycans!”

O encerrar daquela noite se deu aos gritos e comemorações dos vampiros sobreviventes. Entre prantos de desolação pelo conflito recém-terminado e emoção acerca do que estaria por vir para Héros, o amanhecer se aproximou e deu fim a madrugada que ficou conhecida como ‘A Guerra de Uma Noite’.

—